



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

**CAMILA MONTAGNER FAMA**

**EXPERIÊNCIAS NA SERRA:  
IDEIAS SOBRE DESCENTRALIZAÇÃO NO HACKLAB  
RURAL NUVEM**

**CAMPINAS,  
2018**

**CAMILA MONTAGNER FAMA**

**EXPERIÊNCIAS NA SERRA:  
IDEIAS SOBRE DESCENTRALIZAÇÃO NO HACKLAB RURAL  
NUVEM**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre(a) em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.**

**Orientador (a): Prof. Dr. Rafael de Almeida Evangelista**

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Camila Montagner Fama e orientada pelo Prof. Dr. Rafael de Almeida Evangelista.

**CAMPINAS,  
2018**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

F21e Fama, Camila Montagner, 1990-  
Experiências na serra : ideias sobre descentralização no hacklab rural  
Nuvem / Camila Montagner Fama. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Rafael de Almeida Evangelista.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Software livre. 2. Hackers. 3. Arte e tecnologia - Brasil. I. Evangelista,  
Rafael de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de  
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Experiences in the mountains : ideas about decentralization in the rural hacklab Nuvem

**Palavras-chave em inglês:**

Free computer software

Computer hackers

Art and technology - Brazil

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Marta Mourão Kanashiro

Carolina Cantarino Rodrigues

Diego Jair Vicentin

**Data de defesa:** 30-08-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural



## **BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dra. Marta Mourão Kanashiro - Presidente  
Universidade Estadual de Campinas**

**Prof. Dr. Diego Jair Vicentin – Avaliador titular  
Universidade Estadual de Campinas**

**Prof. Dra. Carolina Cantarino Rodrigues – Avaliadora titular  
Universidade Estadual de Campinas**

**IEL/UNICAMP  
2018**

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros  
encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.**

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço ao orientador dessa dissertação, Rafael de Almeida Evangelista, por não ter se precipitado nenhuma das vezes nas quais minha resposta para a pergunta de pesquisa foi um repetido "não sei". Sem seu aconselhamento dedicado e empolgado essa dissertação seria bem pior. Muito do seu trabalho foi fundamental para que esse estudo fosse feito, mas obrigada principalmente por incentivar a abordagem a partir da relação entre poder, cultura e ideias.

À Cinthia e Bruno, assim como às pessoas todas que encontrei na área rural de Resende (RJ) durante o trabalho de campo e que me deixaram tentar encontrar um jeito de trazê-las nas páginas desse estudo.

À Débora, Raquel, Gabriel, pelo nosso encontro e parceria.

Aos amigos do grupo de pesquisa ICTS, pelas discussões pertinentes e compartilhamento de incômodos.

À Cintia, por ter aguentado firme no esquema de esperar na linha e aguardar o sinal ao longo dos dias de trabalho de campo, mesmo que as coisas estivessem acontecendo demais na minha ausência.

À Isa, por ter sido cuidadosa e me tranquilizado sobre o que acontecia em casa enquanto eu estava longe.

Ao Ubiratan, por ter segurado as pontas na redação do Outra Cidade e lidado sabiamente com as melhores e as piores notícias enquanto estive nas aulas, reuniões e demais compromissos da pesquisa. Bom plantão segue sendo um oxímoro, mas seu esforço é notável.

À Marta Mourão Kanashiro e ao Leonardo Ribeiro da Cruz, por conduzirem debates em sala de aula que foram relevantes na trajetória da pesquisa.

À Bianca Maria Santana de Brito, por ter me incentivado a fazer essa pesquisa de mestrado antes mesmo que eu tivesse cogitado essa possibilidade.

À Eliane, por ter compartilhado comigo as suas referências sobre agroecologia.

À leitura atenta, assim como as sugestões decisivas da banca de qualificação, composta por Diego Jair Vicentin e Carolina Cantarino Rodrigues.

Ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e seus funcionários, especialmente Andressa e Alessandra, pela disposição em me ajudar com qualquer eventual percalço.

Agradeço também ao Sci-Hub e outras plataformas de ativismo pirata.

Dedico esse trabalho a minha família, Lourdes, Acibe e Fernando, por me darem força, mas não só isso.

Obrigada!

## RESUMO

Essa dissertação procura investigar a atuação do hacklab e estação rural de arte, ciência e tecnologia Nuvem e como ela se relaciona com um conjunto de ideias ou ideologia. Ao se destacar questões que envolvem cultura, poder e organização do trabalho social, considera-se que os sujeitos não se envolvem nas atividades da iniciativa exclusivamente como militantes de uma determinada causa nem apenas em caráter necessariamente instrumental tendo em vista um investimento em si mesmos, nos termos de López-Ruiz (2004). Examina-se detidamente as relações entre as utopias de comunicação descentralizada em rede descritas por Barbrook (2009) e Turner (2006) com o modo de organização descentralizada do trabalho coletivo no âmbito do movimento software livre brasileiro abordada por Evangelista (2010), na medida em que essas são ideias de certa forma retomadas pelos indivíduos que fazem parte da Nuvem ao se inserirem em um quadro conflitivo de disputas ideológicas. O método para a realização dessa análise é o relato etnográfico de dois laboratórios realizados pela iniciativa na área rural do município de Resende (RJ) em 2016, quando a Nuvem completou cinco anos de atuação. O estudo se vale do conceito de ideologia do antropólogo Eric Wolf – que a entende como um conjunto de ideias que decantam no meio social a partir de relações que se estabelecem – para acompanhar o modo como linhas de pensamento são carregadas por indivíduos e instituições de forma dinâmica.

**Palavras-chaves:** cultura hacker; hacklab rural; software livre; cultura e poder

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate the activity of a rural hacklab and station of science, art and technology called Nuvem, elaborating a perspective about the relationship of the initiative with a set of ideas or ideology. Through the highlighting of questions about culture, power and organization of the social work, is assumed that people do not engage in Nuvem's activities exclusively as militants of one specific cause nor only instrumentally searching for an investment in oneself, in the terms of López-Ruiz (2004). The relations between the decentralized networked communication's utopia described by Barbrook (2009) and Turner (2006) with the decentralized organization of collective work from the free software movement were analysed in-depth since these are ideas upturned by individuals who take part of Nuvem as they enter a conflicting ideological set. The analysis method is the ethnographical report of two laboratorial activities among the initiative's five years of existence. The study takes the ideology's concept of Eric Wolf – that understands it as a set of ideas that crystallized from the entanglement of social relations – to observe how certain ways of thinking have been brought throughout interpersonal and institutional dynamics.

Keywords: rural hacklab; free software; FOSS; hacker culture; culture and power

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Reconhecendo a inquietação	9
1.2 Trabalho de campo no campo	10
1.3 Formas da abstração	12
1.4 Mapeando o emaranhado	15
1.5 Buscando as intersecções	21
1.6 Encontro com o contraditório	23
2. COOPERATIVA, HACKLAB, ESTAÇÃO RURAL, RESIDÊNCIA	40
2.1 Tramas e espaços	45
2.2 Dimensões e forças	58
2.3 A Nuvem não é um coletivo	68
3. PRODUÇÃO, PERENIDADE E CIRCULAÇÃO	79
3.1 Ritualidade e pertencimento	79
3.2 Demandas comunicacionais e práticas não alardeadas	96
3.3 Arranjos e perspectivas	114
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	165

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Reconhecendo a inquietação

Em 2016, quando iniciei meus estudos de campo, foi lançado o livro *Tecnomagia*, com textos escritos a partir de uma chamada para trabalhos e um evento de mesmo nome realizados pela Nuvem em 2012 e publicados sob a organização de Adriano Belisário. Na terceira página, uma licença de nome “Liberdade ainda que à tardinha” (LATA), versão 0.4, tratava das permissões sobre aquela publicação:

*em relação ao uso comercial, se este uso for incentivar uma economia local e/ou se você estiver na pindaíba e/ou para fins de balbúrdia, ele é permitido. Agora, caso você queira ganhar e acumular muito dinheiro com o objeto aqui licenciado, caso você pertença a algum meio de comunicação corporativo ou qualquer empresa em que os donos e executivos ganhem muito mais dinheiro que os faxineiros, você não poderá fazer uso comercial. Se o fizer, conte com a feitiçaria eterna sobre sua vida, a da sua família e de toda a sua hereditariedade. Que você apodreça no inferno, além de levar um processo nas costas!*

Ainda que essa não seja, obviamente, uma licença padrão – nem mesmo nesse pequeno universo que será abordado aqui – ela dá algumas dicas importantes sobre como a prioridade pela distribuição, circulação, acesso se relaciona com o modelo de ética da contribuição nesse grupo em particular. Sobre como esse modelo lhes é caro o suficiente para “amaldiçoar” seus fraudadores evocando o sincretismo ao juntar inferno e feitiçaria sem deixar de louvar ao caos da “balbúrdia”. A última ameaça, claro, indica ciência e disposição em acionar o respaldo da lei caso essa violação específica seja constatada. A ironia do texto aponta para o fato de que apesar do livro não se identificar com os padrões de valores do meio literário – como o retorno garantido por copyrights, por exemplo –, há o reconhecimento de que não se trata de algo desprovido de valoração. Logo, esse trecho traz dois aspectos fundamentais para esse trabalho: questões de caráter mais geral envolvendo valor e valorização da produção cultural e organização do trabalho pós-informatização, além de expor algumas das características específicas da abordagem que essas questões recebem no Brasil – um país profundamente desigual na periferia do capitalismo global.

Em nenhuma das páginas do livro (nem mesmo na capa, contracapa ou orelhas) há alguma reivindicação ou sinal de que aquela obra específica tem alguma ligação com a Nuvem – uma estação rural de arte, ciência e tecnologia que realiza encontros ativistas, laboratórios e residências artísticas na serra fluminense. Tampouco a Vivo Arte.Mov, que patrocinava as atividades da iniciativa na época da abertura da chamada para os textos da coletânea e para o encontro de Tecnomagia, é referenciada. À Cinthia Mendonça e Bruno Vianna, criadores e

coordenadores da Nuvem, é atribuída a realização da coletânea. A licença experimental, no entanto, indica que os direitos sobre a publicação é algo em disputa. No início do meu trabalho de campo, que coincide com o lançamento do livro, pude presenciar como a publicação foi recebida pelos membros dessa comunidade e ver que discussões desencadeadas por questões relacionadas ao licenciamento da produção intelectual esbarravam em alguns pontos críticos dessa trama que envolve organização do trabalho, reconhecimento, retornos financeiros, acesso, circulação, distribuição e autonomia. Ainda que isto esteja muito mais próximo de um impulso para continuar a minha pesquisa que de uma justificativa para fundamentá-la, fica aqui a tentativa de motivar a leitura que segue.

Nesse capítulo abordarei as perspectivas teóricas que me guiaram entre a minha incursão nesse ambiente em dois momentos – no *Contralab:Reboot* (julho de 2016) e no *Interactivos'16: Água e Autonomia* (outubro-novembro de 2016), em um total de três semanas de permanência. Nesse período, fui colaboradora em três projetos e realizei entrevistas abertas com Cinthia e Bruno, assim como com outras pessoas presentes.

## 1.2 Trabalho de campo no campo

Esse estudo não é a minha primeira investigação que tem a Nuvem como objeto, mas é o primeiro que envolve trabalho de campo. Em 2014, realizei um trabalho monográfico sobre os registros do processo produtivo publicados na wiki<sup>1</sup> da Nuvem durante a primeira edição do laboratório tático antirrepressão, o *Contralab*. Dessa vez, fui a campo como etnógrafa novata para coletar dados, observar, entrevistar e aprender.

Nas conversas com colegas da academia, a primeira reação a minha proposta de pesquisa era de que a escolha metodológica era, de alguma maneira, dada. Havia uma comunidade, um ambiente incomum; ou seja, algo como um típico objeto de estudos antropológicos clássicos. Talvez porque eu seja etnógrafa de primeira viagem, talvez por já ter investigado a Nuvem sob outros parâmetros e assim ter me familiarizado com as práticas e as pessoas, a opção não me pareceu assim tão óbvia. Ouvi falar em “tropicália do mato” e outras tentativas de entendimento que não deixavam de tirar um sarro com a minha cara, mas de imediato não me parecia evidente o que ali confrontava tão pungentemente certas rotinas como as conhecemos.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/P%C3%A1gina\\_principal](http://nuvem.tk/wiki/index.php/P%C3%A1gina_principal)> Acesso em: 27 de junho de 2017.

Enquanto fiz meu trabalho de campo estive entre jornalistas, engenheiros, designers, programadores, professores, revisores, físicos, artistas, biólogos, arquitetos, para mencionar alguns deles. Dois eram agricultores, um deles agricultor urbano. A grande maioria possuía diplomas de graduação de universidades públicas brasileiras, outros estavam prestes a completar o bacharelado, alguns eram estrangeiros com diplomas de seus países, poucos sem diploma ou que ingressaram na pós-graduação. A maioria moradores brancos de regiões metropolitanas ou polos do interior como São Carlos, São José dos Campos e Santos. Mesmo os cocriadores, Cinthia Mendonça e Bruno Vianna, moram no Rio de Janeiro quando não estão coordenando as atividades da Nuvem – ela é doutoranda em Arte e Cultura Contemporânea na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e ele dá aulas de programação na Oi Kabum!<sup>2</sup>. Logo, meus “nativos” não seriam tão diferentes das pessoas com as quais eu poderia esbarrar numa caminhada pelo campus da Unicamp.

Reconheço que ter menos leituras de Viveiros de Castro que alguns deles provavelmente me coloca tão em desvantagem para o desenvolvimento de um estudo etnográfico nesse universo quanto fazer uma observação participante onde eu tento me colocar como observadora e sou instigada como alguém que faz parte. Considerando que em uma das entrevistas ouvi que a Nuvem é um arranjo feito pelas pessoas que participam de cada atividade – arranjo esse que pode levar praticamente uma tarde inteira para ser configurado –, a tarefa de inferir motivações para as escolhas dos outros e simultaneamente precisar tomar parte nelas para realmente participar me parece algo como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Apesar de não ser nada natural estar em dois lugares ao mesmo tempo, na minha primeira visita para o trabalho de campo recebi a recomendação para que me inscrevesse como colaboradora – para o *Contralab*, um evento coordenado por Bruno Vianna no qual os envolvidos eram proponentes de projetos, mentores ou colaboradores – para não ocupar o lugar de alguém que iria colaborar (e não só desenvolver a própria pesquisa) na casa. Ainda hoje me parece um acordo justo. No *Interativos? '16 Água e Autonomia*, coordenado por Cinthia Mendonça, não recebi uma nova recomendação, mas também me inscrevi como colaboradora para manter a coesão da pesquisa. Tratei de me identificar como pesquisadora diretamente no formulário de inscrição, e fui chamada.

Se escolhi a abordagem etnográfica como método, foi mais porque inicialmente vi nela a possibilidade de usar algumas das referências comuns que tenho com o meu objeto de

---

<sup>2</sup> Parceria entre o Oi Futuro e o Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), a Oi Kabum! oferece a adolescentes e jovens de escolas públicas e de baixa renda formação em fotografia, vídeo, design gráfico e computação gráfica.

pesquisa como pontes para acessar outras partes desse imaginário que até então me eram desconhecidas. Logo, estarei ao longo dessas páginas buscando contemplar a parte dessas ideias que já conhecia e também a parte que me foi apresentada, assim como a pequena porção de eventos que participei combinada com aqueles nos quais estive ausente – nesses casos, abordarei os eventos conforme eles estão apresentados em publicações da wiki da Nuvem e de divulgação online, ou ainda, me foram apresentados nas entrevistas e em materiais cedidos pelos informantes da pesquisa especificamente para este trabalho – mas, nem por isso, considero menos significativos para o entendimento traçado com esse estudo. Nesse sentido, a aproximação dos eventos passados se dará não como historiografia, mas como uma história das ideias. Esse esforço analítico que atravessa passado e presença será fundamentado no conceito de ideologia de Wolf (1999), que relaciona agência e imaginário a partir das ideias mobilizadas para dar sentido às ações realizadas e seus efeitos sobre os eventos observados e as perspectivas de futuro. A opção por essa metodologia permitiu uma análise das constantes notadas durante o trabalho etnográfico sem desconsiderar as mudanças que se deram na Nuvem no período de abrangência deste estudo. Antes de abordar a principal referência empregada nesse esforço analítico, no entanto, discutirei brevemente as referências teóricas que guiaram o trabalho de campo.

### 1.3 Formas da abstração

A busca por uma metodologia que não fosse rígida demais a ponto de engessar a perspectiva sobre a qual examinarei o objeto e nem tão indefinida que arriscasse negligenciar a consistência da pesquisa foi uma preocupação constante ao longo do desenvolvimento desse trabalho. Logo, as escolhas aqui apresentadas se deram a partir da expectativa de conduzir a observação sem se limitar àquilo que me foi apresentado como pesquisadora pelo grupo estudado e sem se prender demasiadamente as minhas próprias concepções e às demandas acadêmicas.

Malinowski (1978, p. 23), na introdução do seu livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” – no qual descreve o *kula*, um sistema comercial entre comunidades dos arquipélagos da Nova Guiné melanésia – propõe uma postura ativa do etnógrafo. Tal postura demanda tanto a participação no cotidiano quanto a busca constante por correspondências entre a abordagem teórica e aquilo que observa durante seu trabalho de campo.

Estar treinado e atualizado teoricamente não significa estar carregado de “ideias preconcebidas”. Se alguém empreende uma missão, determinado a comprovar certas hipóteses, e se é incapaz de a qualquer momento alterar as suas perspectivas e de as

abandonar de livre vontade perante as evidências, escusado é dizer que o seu trabalho será inútil. Mas quantos mais problemas ele levar para o campo, quanto mais habituado estiver a moldar as suas teorias aos fatos e a observar estes últimos na sua relação com a teoria, em melhores condições se encontrará para trabalhar. As ideias preconcebidas são prejudiciais em qualquer trabalho científico, mas a prefiguração de problemas é o dom principal do investigador científico, e esses problemas são revelados ao observador, antes de mais, pelos estudos teóricos. (MALINOWSKI, 1978, p. 23)

Fazer com que os procedimentos de análise sejam traçados de forma a acompanhar as dinâmicas dos acontecimentos do modo como eles são conformados pelo grupo pesquisado – podendo ser, por exemplo, algo corriqueiro ou excepcional – implica no desenvolvimento de um trabalho em relação. Logo, parte do procedimento consiste em ir a campo com algumas perguntas, descartá-las ou respondê-las e voltar com outras questões adicionais ou mesmo substitutas. Mesmo as etapas que autor descreve para o recolhimento de evidências materiais – sendo os principais: 1) a documentação concreta estatística da organização social e da anatomia da cultura; 2) observações recolhidas em campo sobre o comportamento e o que ele chama de “imponderabilia da vida real”; 3) reunião de “narrativas características, ocorrências típicas e temas de folclore” através de depoimentos – devem ser voltados para o entendimento da perspectiva do grupo estudado.

Tal descrição, elaborada por um autor fundador que é referência tanto em perspectivas críticas quanto alinhadas, se insere aqui como um ponto de partida. Isso porque as abordagens sobre as quais tais procedimentos estão ancorados – especialmente a noção de que possível delimitar a organizações sociais em torno de uma coerência interna a ponto de haver um “dentro” e um “fora” – pouco se aplicam ao objeto em questão. A observação de condições tão variantes e transitórias como esta que pretendo conduzir contrasta largamente com o traçado de uma fronteira tendo em vista um horizonte fixado.

Levando em consideração essas características do campo que observo, proponho como ponte entre aquilo que é coletado a partir da observação e as induções que serão conduzidas a partir do segundo capítulo, a abordagem de um autor contemporâneo que diz mais a respeito do acompanhamento do desencadear de fluxos: Tim Ingold. Um ponto que pesou na escolha de tal enfoque é o interesse em investigar ao decorrer do presente estudo questões que só podem ser aprofundadas a partir relações que se conectam ali no campo observado, onde as pessoas se organizam com base nos mais diversos repertórios profissionais com fins produtivos para uma convivência ininterrupta durante um período que pode variar de um fim de semana a um mês.

Considerando que essas relações não estão descoladas de seu contexto, mas imersas em um sistema cultural, elas têm um papel na constituição – ou, ainda, na desconstrução – da cultura. Se não cabe aqui estabelecer relações de causa e consequência para a prevalência de alguns elementos desse sistema sobre outros, tampouco há lugar para negar que esse sistema produz efeitos de poder sobre as relações. No entanto, esse estudo não pretende apresentar um registro finalizado de um momento específico, mas sim acompanhar os movimentos que operam determinadas construções, aproximando-se da proposta de Ingold (2011) de um trabalho etnográfico que seja mais próximo do desenho que da pintura.

Yet as we have already seen, ethnographic ‘thick description’, although literary, is also subject to this law. It has the same antecedents as does photography in the traditions of landscape painting, and has its foundations in the same commitments to composition and totalisation. Just as in the visual image, the world is played back to the viewer, so in the literary text it is played back to the reader. Whether of text or image, the surface that it covers stands in for the surface of the lifeworld. Drawing, however, subverts the assumptions that underpin the polarity of text and image. Its lines neither solidify into images nor compose themselves into the static verbal forms of the printed text. They do not capture the world in its totality, and render it back to the viewer or reader. Rather, they are carried forward, in real time, in concert with the movements of the worlding world, in an ever-unfolding relation between observant eyes, gesturing hands and their descriptive trace. (INGOLD, 2011, p. 225)<sup>3</sup>

Essa proposta se desdobra em um paralelo entre o traçado do desenho e a construção de laços sociais que é, ao mesmo tempo, um entendimento metafórico do desenhar em conjunto como um jeito de compreender a vinculação de trajetórias de vida e “o potencial do ato de desenhar como forma de descrever as vidas que observamos, das quais também participamos” (INGOLD, 2011, p. 221). Metodologicamente, entendo que proceder como se estivesse a desenhar dá ao andamento da pesquisa um sentido potencial – apontando para a seleção dos indicadores que guiarão minha investigação no momento que me fosse demandada uma escolha de direção, de maneira a torná-la mais responsiva às observações de campo. Logo, ainda que fosse necessário me questionar constantemente a respeito dessas decisões, ter em vista essa abordagem processual me proporcionou a segurança de que a investigação não estaria girando

---

<sup>3</sup> Mesmo que, como já vimos, a “descrição densa” etnográfica, ainda que literária, é também sujeita a essa lei. Ela tem os mesmos antecedentes como tem a fotografia nas tradições de pintura de paisagem, e tem suas fundações no mesmo compromisso com a totalização e a composição. Ainda que apenas na imagem visual, o mundo é reproduzido de volta para quem vê, assim como o texto literário é reproduzido de volta para quem lê. Mesmo sendo texto ou imagem, a superfície que cobre se coloca como a superfície do mundo da vida. Desenhar, no entanto, subverte as suposições que apoiam a polaridade entre texto e imagem. Suas linhas nem se solidificam em imagens, tampouco compõem elas mesmas as formas verbais estáticas do texto impresso. Elas não capturam o mundo em sua totalidade e o reproduz de volta para quem vê ou lê. Mais propriamente, elas seguem em frente, em tempo real, em consonância com os movimentos do mundanamento do mundo, em um constante desdobramento que se revela entre olhos observantes, mãos em gestos e suas descritivas linhas. (tradução livre)

repetidamente no mesmo eixo nem totalmente à mercê do grupo pesquisado. A libertação proporcionada por esse enfoque vem menos da ilusão de controle que do vislumbre da possibilidade de fazer esse estudo caber dentro do escopo de uma dissertação de mestrado, considerando as limitações de tempo e formato.

Nessa revisão constante de conduta, a pesquisa buscou seu caminho numa trilha improvisada na tentativa de acompanhar 1) os entrelaçamentos que se dão nesse ambiente imersivo; 2) quais sentidos são dados a esses movimentos e às permanências; 3) o que eles nos dizem sobre tanto sobre laços previamente constituídos; 4) quanto sobre os que estão sendo paralelamente construídos; 5) também sobre os desenlaces; 6) e, ainda, o que eles sinalizam sobre o futuro. Essa condução foi realizada puxando apenas alguns fios desse emaranhado, deixando para trás outros tantos com os quais outros arranjos podem ser feitos, tendo em vista o alcance de outros entendimentos em potencial.

#### **1.4 Mapeando o emaranhado**

Uma vez discutido o aparato conceitual que embasou os procedimentos do trabalho de campo, voltemos ao conceito de ideologia que citei no início desse capítulo. A abordagem de Eric R. Wolf interessa a essa pesquisa na medida em que ela oferece uma construção teórica fundamental para o seu desenvolvimento, conectando as práticas sociais e culturais a partir das relações que se dão e se transformam ao longo do tempo. Ao considerar a cultura como algo que não é estático nem pode ser hermeticamente isolado, seu livro *Envisioning Power* aponta para uma investida que abrange os conflitos e dinâmicas dos sistemas culturais:

What comes to be called "culture" covers a vast stock of material inventories, behavioral repertoires, and mental representations, put in motion by many kinds of social actors, who are diversified into genders, generations, occupations, and ritual memberships. Not only do these actors differ in the positions from which they act and speak, but the positions they occupy are likely themselves to be fraught with ambiguity and contradiction. As a result, the persons who occupy them may be required to act and think in ambiguous and contradictory ways. This becomes most obvious when people must confront changes imposed from outside, but it is likely to mark any situation of social and cultural change. (WOLF, 1999, p. 66)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> O que vêm a ser chamado de cultura cobre um vasto estoque de inventários materiais, repertórios e representações mentais, colocados em movimento por muitos tipos de atores sociais, que são diversificados em gêneros, ocupações, e rituais de pertencimento. Não apenas esses atores diferem nas posições das quais eles falam e agem, mas as posições que eles ocupam são em si mesmas tensionadas com ambiguidades e contradições. Como resultado, as pessoas que ocupam essas posições podem ser requisitadas a agir e pensar de formas ambíguas e contraditórias. Isso se torna mais óbvio quando pessoas tem que confrontar mudanças impostas de fora, mas tende a marcar qualquer situação de mudança social e cultural. (tradução livre)

O autor propõe que cultura e ideologia sejam vistos como complementares, ou seja, que costumes são mantidos e a coerência é articulada por meio de significados instrumentais, organizacionais ou ideológicos (WOLF, 1999, p. 66). Sua concepção de ideologia em termos culturais se contrapõe ao jogo de oposições que coloca a ideologia como causa de disputa e cultura como motivadora da união, com o objetivo de explicar conexões entre ideias e poder. A ideologia está ligada a um fim, que é o poder, e tem aqui o sentido de um sistema de ideias, algo que é mobilizado na compreensão da realidade social de forma análoga a qual recorreremos aos mapas para entender a distribuição do território. Ainda que existam níveis de arbitrariedade na zona onde a ideologia opera - entre ordenamentos feitos a partir da realidade social para torna-la inteligível e a realidade em si - os sistemas de ideias são importantes na medida em que produzem efeitos, “tomam parte na produção material e na organização social e, portanto, precisam ser entendidos em tais contextos” (Wolf, 1999, p. 19).

There is the level of practical knowledge and activity - digging, planting, harvesting, cooking, eating - and there is the level of insistent significations bestowed on these activities - relations of gender, patterns of conduct toward the spirits of plot and house, categories of food you may or may not eat - to connote symbolic implications. The activity through which such significations are made to dovetail with the praxis they signify is ideology-making, a distinctive human process. (WOLF, 2001, p. 313)<sup>5</sup>

Para Wolf (1999, p. 6), as ideias decantam no meio social através da comunicação – que pode ser até mesmo não verbal – e, por isso, é preciso contemplar as maneiras como essas ideias são inseridas no processo comunicacional: quem está comunicando para quem e entre quem.

A abordagem que Wolf faz do poder funciona como uma chave de sentido para compreender os modos de organização social, na medida que traça o contexto das relações e é mobilizado através das manifestações de ideias. No entanto, em vez de caracterizar uma relação entre ideias e poder, o autor sugere que tanto “ideias se apresentam em muitos tipos e variáveis, assim como poder” (WOLF, 1999, p. 3). Logo, é possível dizer que não há uma relação de poder onipresente que subscreve tudo, mas relações de poder (ou poderes) que subscrevem e também produzem efeitos de permanência, rompimento, agregação, entre outros.

I am arguing here that in a majority of cases the entities studied by anthropologists owe their development to processes that originate outside them and reach well beyond

---

<sup>5</sup> Há um nível de conhecimento prático e atividade – cavar, plantar, colher, cozinhar, comer – e há um nível de insistentes significações conferidas a essas atividades – relações de gênero, padrões de conduta através de espíritos de terreno e casa, categorias de comida que você deve ou não comer – que conotam implicações simbólicas. A atividade através da qual tais significações são feitas para encaixar nas práxis que elas significam são um fazer ideológico, um processo característico humano. (tradução livre)

them, that they owe their crystallization to these processes, take part in them, and affect them in turn. (WOLF, p. 312, 2001)

Ainda que o presente estudo tenha como foco um grupo que articula e é articulado em arranjos específicos e se pretenda uma etnografia, esse argumento de Wolf (2001) sobre as práticas dos antropólogos é particularmente interessante para o que se almeja com essa pesquisa, pois coloca em perspectiva as relações - tanto entre pesquisador e pesquisado quanto aquelas estabelecidas entre seus participantes e mesmo com outros grupos - de modo que elas estão imersas (constituindo e construindo) em sistemas que os transcendem.

O autor define em seu livro quatro tipos de vínculos entre o poder e as relações sociais, considerando que “diferentes tipos de relações definem o poder de formas diferentes”. Entre essas quatro versões, duas inscrevem o poder mais localmente e duas mais contextualmente – entre essas últimas, uma referenda arena específica onde se passam as ações dos indivíduos e outra que configura pressupostos.

I have found it useful to distinguish among four modalities in how power is thus woven into social relations. One is the power of potency or capability that is seen to inhere in an individual. Power in this Nietzschean sense draws attention to how persons enter into a play of power, but it does not address what that play is about. A second kind of power is manifested in interactions and transactions among people and refers to the ability of an ego to impose its will in social action upon an alter (the Weberian view). Left unspecified is the nature of the arena in which these interactions go forward. A third modality is power that controls the contexts in which people exhibit their capabilities and interact with others. This sense calls attention to the instrumentalities through which individuals or groups direct or circumscribe the actions of others within determinate settings. I refer to this mode as tactical or organizational power. But there is still a fourth modality of power, which I want to focus on in the present inquiry: structural power. By this I mean the power manifest in relationships that not only operates within settings and domains but also organizes and orchestrates the settings themselves, and that specifies the direction and distribution of energy flows. (WOLF, 1999, p. 6)<sup>6</sup>

Ao designar o poder como uma face de diferentes tipos de relações, Wolf (1999) ressalta que ele também incide e se manifesta diferentemente conforme o tipo de relação que

---

<sup>6</sup> Tenho achado útil distinguir entre quatro modalidades as formas como o poder se entrelaça nas relações sociais. Uma é o poder de potência ou capacidade que é visto como inerente a um indivíduo. Poder em seu sentido nietzscheano chama a atenção para o modo pelo qual as pessoas entram em um jogo de forças, mas não endereça sobre o que está em jogo. Uma segunda modalidade de poder é manifesta nas interações e transações entre pessoas e se refere à capacidade de um ego impor sua vontade em atividade social sobre um outro (a visão weberiana). Ainda carece de especificação a natureza da arena na qual essas interações se dão. Uma terceira modalidade é o poder que controla os contextos nos quais pessoas interagem umas com as outras. Esse sentido coloca em foco as instrumentalidades através das quais indivíduos ou grupos direcionam ou circunscrevem as ações dos outros em determinadas configurações. Faço referência a essa modalidade como poder tático ou organizacional. Mas ainda há uma quarta modalidade de poder, para a qual eu me volto no presente estudo: o poder estrutural. Esse é o poder que entendo como aquele manifesto nos relacionamentos que opera não apenas constituindo configurações e domínios mas também organiza as configurações em si, e isso especifica a direção e a distribuição dos fluxos de energia. (tradução livre)

subscorre, configurando a interdependência entre esses vínculos. A principal contribuição de Wolf (1999) se dá no chamado nível estrutural, o pano de fundo que diz respeito mais especificamente à ideologia. Ela é particularmente interessante no sentido em que aponta para identificação de marcas culturais em âmbitos mais localizados, que referenciam um contexto mais amplo. Talvez seja o caso adiantar aqui que esse pano de fundo será abordado mais tarde por esse estudo a partir daquilo que Richard Barbrook identificou como Ideologia da Califórnia em seu texto de 1995 escrito com Andy Cameron, e que posteriormente foi retomado no livro *Futuros Imaginários*. No livro, Barbrook (2009) caracteriza a batalha ideológica entre a Rússia e os Estados Unidos pela hegemonia global durante a Guerra Fria e a forma como ela forjou no Vale do Silício o nascimento de uma ideologia influente, de incidências e manifestações com grande alcance no capitalismo global. A Ideologia da Califórnia será aqui abordada em paralelo com que Fred Turner chama de cibercultura em seu livro *From Counterculture to Cyberculture – Stewart Brand, the Whole Earth Network and the Rise of Digital Utopianism*. Turner recupera o encontro entre a contracultura anti-Guerra Fria e os estudos da tecnologia cibernética financiados com os recursos de fins militares que ela reiteradamente rejeitava para refletir sobre os caminhos pouco presumíveis seguidos nessa formulação ideológica. A escolha desse arranjo teórico se deu principalmente porque os dois autores realizam esforços complementares no que diz respeito ao papel formador da confluência entre contracultura e cibercultura nas utopias digitais contemporâneas.

O propósito dessa abordagem é trabalhar esse sistema de ideias como um lugar de disputa a partir da identificação de tensões presentes na Nuvem que se pautam pelo que Barbrook (2009) chama de Ideologia da Califórnia e Turner (2006) chama de contracultura. Nos interessa aqui referenciar a cultura na medida em que ela contempla divisões que também são políticas e históricas, assim como alianças improváveis e inauguradoras. A partir dessa perspectiva será feita uma leitura do modo como o diálogo com essas determinadas tradições produz novas identificações e reedita choques culturais observados na Nuvem. Longe de apenas reverberar iniciativas estadunidenses, o laboratório rural brasileiro compartilha elementos culturais adicionando novas dimensões políticas e práticas produtivas àquilo que captura do imaginário global.

Considerando que cada atividade realizada na Nuvem possui participantes diferentes (com algumas exceções) que chegaram até ali por meio de laços afetivos, profissionais ou de outra natureza que não possuem necessariamente uma ligação direta com relações que são formuladas ali, nos interessam também as propostas de vínculos de poder que dizem respeito

ao indivíduo e suas interações com outros. Ter em vista esses quatro tipos de vínculo abre caminho para uma análise das expressões e o sentido mobilizados por elas no âmbito do trabalho de campo, sem perder de vista as conexões com um contexto mais amplo.

Interessa aqui particularmente as disputas ideológicas que se dão a partir de mobilizações de tradições como memórias de dois projetos de poder - sendo eles o movimento software livre e a contracultura - que manifestam o desejo de controlar o destino dos produtos do trabalho, impondo limites e condições nas relações com poderes organizacionais. O primeiro atuando na tensão do reconhecimento de sentidos morais nas recusas ou aceitações de que o produto do trabalho seja mais ou menos assimilado pelo mercado. Já o segundo diz respeito à legitimação de determinadas formas de integração com a política institucional - às vezes de maneira mais ampla, fazendo oposição política às instituições em geral - e a rejeição de outras.

Conforme foi dito no início desse capítulo, meu ponto de vista sobre a comunidade para a qual se volta este estudo é de que ela não conforma um típico “objeto” da antropologia clássica. Não por acaso, a abordagem crítica de Wolf (1999, p. 14) a respeito do modo como a antropologia clássica aborda a cultura, “forjando uma representação coletiva comum”, foi decisiva para a escolha do autor como norte teórico da pesquisa. Para conduzir a análise de forma que a mesma aborde a cultura e a sociedade não como algo estático, mas dinâmico, Wolf propõe que o presente etnográfico seja complementado pela história, considerando seu papel como indutora da emergência dos significados provenientes dos discursos. Dessa forma, o discurso não é algo que está tão alheio a materialidade que possa ser tomado como ficção ou outro gênero literário, mas sim dotado de motivações e consequências (WOLF, 1999, p. 283).

Levando em consideração “o papel do poder no modo como a cultura é construída, mantida, modificada, desfeita e destruída”, a investida teórica de Wolf (1999, p. 19) também abrange os processos pelos quais as construções e rompimentos ideológicos estão implicados nas mudanças que se dão nos sistemas culturais. A partir da concepção de ideologia como um sistema de ideias que está envolvido em sistemas culturais, o autor tem como foco as conexões que colocam cultura e ideologia em relação.

Old ideas were rephrased to fit different circumstances, and new ideas were presented as age-old truths. Culture is constructed in such encounters, but these are staged, prosecuted, and resolved through the exercise of power. (WOLF, 1999, p. 275)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Velhas ideias são apresentadas em novos contextos enquanto novas ideias são exibidas como verdades históricas. A cultura é construída nesses encontros, mas eles são encenados, processados e resolvidos através do exercício do poder. (tradução livre)

A complexidade de articulação, manutenção e desarticulação de sistemas de ideias, para Wolf (1999) deriva diretamente da complexidade das relações sociais nas quais eles operam subscrevendo projetos de poder. Fluxos de comunicação, tomadas de decisões, planos traçados são alguns dos processos que denotam a construção de ideologias. Acompanhar a história das ideias implica estar atento ao estabelecimento de diferenças, ao reconhecimento de comuns, às expectativas, às mudanças de rumos, etc.

When we combine the insights from semiotics that point up how priority is accorded to some interpretants over others with an understanding of how differential controls operate in the communicative process, we are led to ask how ideologies can be derived from the general stock of ideas. I earlier defined ideology as a complex of ideas selected to underwrite and represent a particular project of installing, maintaining, and aggrandizing power in social relationships. The selection and management of interpretants and control over verbal communication are strategic operations in ideological construction. (WOLF, 1999, p. 56)<sup>8</sup>

Observar a história das ideias também representa uma possibilidade de colocar na equação os projetos que não se concretizaram. Levando em consideração as bases instáveis - do ponto de vista sociopolítico e econômico: isenções fiscais, diferentes projetos de poder disputando um mesmo governo à revelia do eleitorado, leis de incentivo, crises institucionais - sobre as quais se estruturam a produção cultural, que será abordada por esse estudo, no contexto brasileiro, seria leviano desconsiderar o quanto dos projetos que ficaram pelo caminho há naqueles que vingaram. Não se trata, portanto, de fazer uma indefectível representação dos “vencedores”, mas se permitir olhar também para projetos não concretizados e suas relações com aqueles que estão ainda em curso.

Por meio da abordagem histórica o processo permanentemente em andamento da construção cultural pode, ainda, ser situado em um sistema mais amplo que, para Wolf (2001), é configurado conforme se dão as relações de trabalho. O papel central que o autor confere a essas relações estabelece uma complementariedade entre o materialismo clássico das condições de produção e trabalho com o imaginário socialmente compartilhado em suas expressões concretas, cristalizado simbolicamente na fala, nas imagens, nos textos, nos objetos, na sonoridade, etc.

Cultural construction, reconstruction, and destruction are ongoing processes, but they always take place within larger historical fields or arenas. These arenas are shaped, in

---

<sup>8</sup> Quando combinamos as perspectivas da semiótica que apontam para como a prioridade é acordada entre alguns interpretantes sobre outros e um entendimento de como controles diferenciados operam no processo comunicativo, nós somos levados a pergunta: como ideologias podem ser derivadas do estoque geral de ideias? Defini anteriormente ideologia como um complexo de ideias selecionadas para subscrever e representar um projeto particular de instalação, manutenção e engrandecimento de poder em relações sociais. A seleção e gerenciamento de interpretantes e controle sobre a comunicação verbal são operações estratégicas na construção ideológica.

turn, by the operation of modes of mobilizing social labor and by the conflicts these generate internally and externally, within and between social constellations. In these operations and in the conflicts to which they give rise, ideology-making and ideologic- unmaking play a vital part. Cultural forms and sets of forms are put to play in this process; but to understand their significance we must go beyond the level of their ostensible meanings. We must come to understand them as human constructions built up to embody the forces generated by the underlying mode of mobilizing social labor. They are not static and given for all times; embodying the tensions of the regnant mode, they are subject to a continuous process of social ordering and dismemberment. (WOLF, 2001, p. 318)<sup>9</sup>

Logo, a mobilização social do trabalho é tomada como uma força vetorial que age sobre (pelo menos) duas vias principais: organizando as relações com o ambiente e direcionando a “formação e propagação de ideias” (WOLF, 2001, p. 316). Não por acaso, as questões que levei para o meu trabalho de campo e que conduzirão a minha análise orbitam em torno das relações sociais de produção – especificamente as negociações sobre o destino das produções – e, assim como Wolf, me sinto no dever de pagar meus próprios tributos pelo empréstimo desse quinhão do ideário marxista. Dito isso, a pergunta central que busco responder com o presente estudo é: quais ideologias configuram as negociações sobre o destino das produções e as dimensões políticas dos elementos culturais na Nuvem?

### 1.5 Buscando as intersecções

A essa altura, é possível dizer que o recorte da pesquisa, ao voltar-se para as relações entre ideias e poder no que diz respeito à mobilização social do trabalho, dá suporte a uma série de escolhas ainda por fazer, jogando luz sobre alguns dos aspectos da vida no contexto do trabalho de campo. Ainda assim, acredito que vale detalhar aqui como se desenha a abordagem analítica no que diz respeito às opções por alguns fios condutores para encaminhar essa pesquisa em vez de outros.

Retomando o conceito de ideologia de Wolf (2001, p. 314) em sua abordagem de 1982, dezessete anos antes de seu refinamento no livro *Evisioning Power*, temos uma sugestão

---

<sup>9</sup> Construção, reconstrução e destruição cultural são processos em andamento, mas eles sempre tomam lugar em campos ou arenas históricas mais amplas. Essas arenas são moldadas, por sua vez, pela operação de modos de mobilização do trabalho social e pelos conflitos que esses geram internamente e externamente entre e com constelações sociais. Nessas operações e nos conflitos para os quais eles dão emergência, o fazer e o desfazer ideológico performam um importante papel. Formas culturais e arranjos de formas são colocadas em cena nesse processo; mas para entender sua significação nós devemos ir além do nível dos sentidos ostensivos. Nós devemos vir a entendê-los como construções humanas erguidas para encarnar as forças geradas pelo subjacente modo de mobilização do trabalho social. Eles não são estáticos nem se dão todo o tempo; encarnando as tensões do modo predominante, ele é subjugado a um contínuo processo de ordenação social e desmembramento. (tradução livre)

que serve como guia para a condução dessas escolhas que farei a seguir. Quando ele diz “relações ideológicas – assim como relações ecológicas, econômicas, sociais e políticas – transcendem fronteiras”, aponta para a existência de divisas e cruzamentos que perpassam esses limites criando intersecções.

Minha questão inicial de pesquisa foi investigar a Nuvem a partir de questões que perpassam o movimento software livre, particularmente a reivindicação de uma ética da contribuição em trabalhos colaborativos não remunerados. Ao longo do meu percurso de estudo, no entanto, outras questões éticas que perpassam as formas de trabalho na Nuvem apareceram como mais ou, pelo menos, tão importantes no contexto do trabalho de campo quanto aquelas propostas a princípio. Esse direcionamento desponta principalmente pelo fato de que a comunidade investigada mobiliza em suas escolhas sobre licença – e mesmo a respeito da realização ou não de determinadas ações – sentidos que se relacionam à imaginários que começaram fora e antes dela, e que têm hoje amplo alcance, assim como coloca novas práticas em perspectiva.

As tensões que se fizeram mais evidentes durante o período de observação dizem respeito a própria forma como as fronteiras do campo da produção cultural foram reconfiguradas pelos processos de informatização, renovando as formas de apropriação e expropriação da cultura e do conhecimento. Consideremos como pano de fundo as condições de produção da biopolítica, que estende ao alcance econômico tanto as aquisições cognitivas e o trabalho imaterial quanto aquilo que é substrato da existência humana: as subjetividades, a língua, as relações, o corpo, o tempo de vida, etc. A partir da mobilização de experiências singulares em uma articulação produtiva foi possível identificar na Nuvem momentos nos quais foram reconhecidos valores da produção cultural e também as possíveis ameaças a esses valores, tornando bastante presente o traçado das disputas nesse campo específico. As distintas tradições que são mobilizadas a partir da emergência dessas tensões, por sua vez, inscreve esses embates em um mesmo quadro de disputas ideológicas. Defendo que nesse quadro figuram tanto a ruptura entre open source e free software dentro do movimento software livre quanto da Nova Esquerda e Novos Comunistas. Apesar de serem rupturas construídas a partir de distintos objetos de disputa – enquanto a primeira diz respeito ao produto e organização do trabalho, a outra se volta para a prática política – elas são aparentadas por construírem pares de oposição em tradições que se interpenetram em uma mesma ideologia.

Foi a partir da identificação de sentidos nos quais a questão da ética na contribuição em trabalhos coletivos aparece atrelada com essa conjuntura mais ampla que se abriu um novo

caminho para o percurso analítico. O objetivo dessa revisão da pergunta de pesquisa é menos conformar a abordagem que farei em seguida que comportar o entendimento daquilo que pude observar como mais central no contexto que pretendo analisar. A minha hipótese primária a respeito dessa investigação é de que ainda existe algo nas disputas sobre a organização produtiva que pode servir para engrossar o caldo das discussões sobre a produção cultural pós-informatização. Entretanto, ao me aproximar da comunidade que escolhi como foco da minha pesquisa, não sabia ao certo se essa era uma questão pertinente e quais reverberações dessa questão encontraria ali.

A princípio, experimentarei conduzir a análise a partir do cruzamento entre as tensões descritas por Fred Turner em *From Counterculture to Cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the Rise of Digital Utopianism* e Richard Barbrook em *Futuros Imaginários*. Em seguida, será dirigida uma aproximação análoga a essa primeira investida analítica com a abordagem de Rafael Evangelista em *Traidores do movimento: política, cultura, ideologia e trabalho no software livre*. Em tempo, também darei sequência às devidas apresentações do objeto desse estudo.

## 1.6 Encontro com o contraditório

Nos Estados Unidos, o período pós-guerra foi marcado por um crescimento econômico sem precedentes acompanhado de uma explosão demográfica. A introdução de novas tecnologias – muitas delas desenvolvidas durante os tempos de guerra – inseriu no mercado uma série de novos bens de consumo, e a indústria batia recordes consecutivos de produção em várias áreas (LÓPEZ-RUIZ, 2004, p. 177).

Em última instância, naqueles anos de expansão econômica sem par estava, no entanto, sendo colocado em tensão o ideal ocidental do homem autônomo, aquele que conquista sua liberdade quando chega a se autodeterminar. Não resulta tão estranho, então, que, nesse contexto, Whyte<sup>10</sup> chamasse a “combater à Organização”, a “eliminar do futuro a coletivização desumanizada” para poder “controlar o destino próprio e não ser controlado por ele”. Curiosamente, a mesma “sociedade de empregados” dos anos 1950 na qual os indivíduos pareciam mais e mais perder sua autonomia em função de um coletivo informe, era, ao mesmo tempo, como dizíamos acima, uma sociedade de prosperidade sem precedente; era, como perspicazmente a chamara o

---

<sup>10</sup> William H. Whyte Jr., sociólogo e jornalista norte-americano, um dos autores largamente analisados na pesquisa de López-Ruiz, que aborda especificamente a obra “O homem organização” e o trabalho dele enquanto editor-assistente da revista *Fortune* nos anos 1960. “Se, a partir da descrição de Whyte, tivéssemos que resumir a uma só palavra o tipo de indivíduo que caracteriza essa época provavelmente a escolhida seria: ‘conformidade’. Está bem longe, assim, da ‘iniciativa individual’ ou ‘vontade de inovar’ que eram os traços principais do empreendedor dos tempos épicos do capitalismo – tão bem descritos por Sombart, Weber e Schumpeter, uns cinquenta anos antes.” (2004, p. 41)

economista John Kennet Galbraith, uma “sociedade afluyente”, sociedade na qual se glorificava o consumo e a opulência. (LÓPEZ-RUIZ, 2004, p. 182)

Com a angústia trazida pela Guerra Fria e o acentuado aumento da população, intensificou-se o questionamento desse modelo socioeconômico. A disputa com a União Soviética – ainda longe de uma resolução – era vista como algo que colocava à prova a superioridade econômica desse modelo, algo como um último obstáculo que separava o país da realização da promessa de um crescimento contínuo e ininterrupto trazida por aqueles anos de abundância. No imaginário do período, essa era uma contenda armamentista-espacial que também era científico-tecnológica. A distância entre a ameaça nuclear e o colapso nuclear era colocada pelas estruturas e instituições da Guerra Fria em termos de cálculos realizados por especialistas. Sob a influência desses agentes tecnocratas, propagou-se a ideia da confiança no racional e no protocolar como um imperativo de segurança.

Esse cenário foi decisivo para que nos anos 1960 acontecesse o despontar de um contraponto à racionalidade, à tecnocracia e à cultura de massa, apontadas como principais culpadas pela descaracterização de praticamente tudo que até então era considerado inerente ao humano – particularmente ao “ideal ocidental de homem autônomo” de que fala López-Ruiz (2004). Foi nesse cenário que criou-se a semente da proposta que se apresentava como uma espécie de volta às origens: à espiritualidade, à natureza e à comunidade. O veículo dessa proposta era o *Whole Earth Catalog*, uma publicação impressa que promovia uma troca de bens e serviços com uma seção de fórum onde seus leitores compatibilizavam linguagens, normas e interesses. Em um contexto no qual os movimentos da chamada contracultura organizaram uma pluralidade de oposições ao Estado belicista e burocrático, o catálogo transitava entre mundos sociais esparsos e áreas de saberes diversos. A partir da publicação foi construída uma rede conectando núcleos mais ou menos isolados em um todo que se pretendia cosmopolita.

Em *From Contraculture to Cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Catalog and the Rise of Digital Utopianism*, Fred Turner (2006) acompanha em uma abordagem historiográfica a trajetória do jornalista que influenciou comunidades que tiveram um papel importante na transformação da visão que ligava a tecnologia a tudo aquilo que a contracultura queria recusar, promovendo o seu enredamento com as teorias da cibernética (TURNER, 2006, p. 104). O catálogo foi o primeiro movimento nessa direção, entre uma série de empreitadas que incluem a criação da comunidade virtual WELL<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Sistema BBS conhecido pelo nome de Whole Earth 'Lectronic Link, que funcionava como um fórum online cocriado por Stewart Brand em 1985

A cibernética é um modelo científico usado como base para várias disciplinas, entre elas a comunicação. Traduzir seu modelo para a comunicação implica na vetorização de um código que atua em cadeia – entre emissor, receptor, sinal, decodificador – com o objetivo de efetuar compreensão entre as duas pontas desse sistema. Um dos teóricos mais influentes da cibernética, Norbert Wiener, atuou como matemático do MIT (Massachusetts Institute of Technology) em pesquisas militares. Mais especificamente, Wiener foi responsável por desenvolver o conceito de *feedback* e aplicá-lo na construção artefatos de artilharia antiaérea no contexto da Segunda Guerra Mundial. De maneira simplificada, podemos dizer que o sistema informacional elaborado por ele iniciava um ciclo de coleta de informações sobre a localização do ataque inimigo assim que ele entrava no seu radar (o que em termos cibernéticos, definia um *input*), com o objetivo de atualizar as previsões sobre seu possível paradeiro em um futuro próximo, ou seja, precisamente no momento que ele se encontraria com o contra-ataque. A eliminação do “ruído” – que é toda interferência ou potencial interferência externa ao sistema que incide sobre ele – por meio da seleção da informação que interessa, que é o sinal da presença do inimigo no radar, e eliminação daquilo que não interessa, de maneira a obter a máxima precisão eliminando potenciais dispersores que poderiam comprometer a leitura e a atualização da posição da mira (o que em termos cibernéticos configura a manutenção da entropia sistêmica), que era considerada a chave para o sucesso do ataque. Se no âmbito da utilidade técnica, o mecanismo de defesa que “antevê” a posição do avião inimigo foi a contribuição mais notória do matemático, no campo filosófico o conceito de *feedback* foi um marco dos estudos em Cibernética, que teve um alcance muito mais amplo que a pesquisa militar durante a guerra. O próprio Wiener sustentou, pelo menos em parte, essa extrapolação ao defender que esse sistema permitia corrigir a pontaria do atirador ao unir simbioticamente humano e máquina em nome de uma eficácia que só poderia ser atingida a partir de processos de comunicação.

A divulgação dessas ideias se deu tanto por meio de seus livros quanto nas Conferências Macy, nas quais Wiener despontou como uma figura publicamente proeminente. Entre 1941 e 1960, essas reuniões de intelectuais das ciências sociais e naturais perseguiram o objetivo de unir os campos científicos em investigações a respeito do homem. A busca por uma metateoria capaz de fazer conversar disciplinas distintas era movida pelo desejo de entender, antecipar e até evitar “erros” como aqueles que teriam levado aos horrores da guerra. Seria o ambiente ideal para Wiener defender sua perspectiva, não fosse ele mesmo um pesquisador militar.

No pós-guerra, o matemático rompeu com a cibernética militar voltando-se para o que defendia ser o seu papel social: a solução problemas comunicacionais (inclusive entre coisas de naturezas distintas). As Conferências Macy passaram a abrigar as Conferências da Cibernética (1946-1953) reunindo nomes determinantes para as teorias da Cibernética e também aqueles que introduziram seus conceitos em disciplinas clássicas. Os antropólogos de apelo popular Margaret Mead e Gregory Bateson, o psiquiatra William Ross Ashby, o médico Arturo Rosenblueth; o ciberneticista pai da teoria da informação Claude Shannon; e o matemático fundador da Teoria dos Jogos, John von Neumann; além do próprio Wiener, estiveram entre os intelectuais participantes. Em seu modelo de comunicação, o indivíduo era uma peça fundamental e também um sistema em si.

Uma análise detida da obra de Wiener mostra como seus escritos vão além, chegando a insinuar um novo modelo de sociedade baseada na comunicação – de raízes iluministas – e promovendo um outro modelo de homem. Esse modelo deriva da comparação e simbiose do homem com as máquinas comunicantes. (EVANGELISTA e KANASHIRO, 2013, p. 61)

Ao mesmo tempo que a cibernética era a disciplina da Guerra Fria, também oferecia uma alternativa ao modelo de homem e sociedade que a contracultura recusava. O exame esmiuçado dos conceitos do matemático aponta para ideias fundadoras da sociedade da comunicação. A cibernética é uma narrativa que serviu de inspiração para projetos de poder durante esse período também na Rússia – levando para os círculos internos da elite russa a crença de que tinham “a oportunidade de construir a infraestrutura tecnológica para o sistema econômico mais sofisticado – e democrático – da história humana” (Barbrook, 2009, p. 215). Já o grupo de intelectuais que circularam pelas Conferências Macy e seus trabalhos extremamente influentes estenderam o alcance da disciplina para outros campos científicos, de maneira tal que ainda hoje suas irradiações se estendem pelo imaginário popular. Na grande narrativa sobre um futuro que estaria pré-determinado, tanto as sociedades, quanto os indivíduos e as máquinas seriam sistemas abertos e integrados – que tendem a realizar trocas com o meio ambiente chegando ao ponto de se desintegrarem – travando uma luta em nome do equilíbrio interno munidos dos princípios de gerenciamento de fluxos que a cibernética oferece.

Não por acaso, Wiener foi uma influência importante para o trabalho de Marshall McLuhan, que se tornou popular por suas teorias de mídia nos anos 1960. McLuhan imaginou uma sociedade organizada em tribos, conectada por meios eletrônicos em uma aldeia global. A visão de que a tecnologia de comunicação teria o potencial transformador para tribalizar a sociedade de massa “destribalizada” pela imprensa e promover a mudança social a despeito das

guerras, fronteiras e bloqueios da Guerra Fria é uma convergência de seu interesse tanto na cibernética quanto nas formas de tribais organização social. As ideias de McLuhan, por sua vez, foram uma inspiração para o jornalista Stewart Brand e sua publicação, *The Whole Earth Catalog*, além do movimento contracultural dos Novos Comunalistas (TURNER, 2006, p. 55).

Para Turner (2006), as articulações entre o global e local promovidas pela teoria de McLuhan atraíram os jovens Novos Comunalistas na medida em que ofereciam uma alternativa à sociedade tecnocrata de massa sem renunciar aos prazeres e comodidades criadas por esse arranjo social. A visão tecnocêntrica de união para além das fronteiras operada por núcleos tribais inspirou desde o título do *Whole Earth Catalog* passando pelo lema *We are all one* do coletivo de arte multimídia USCO, do qual Brand fez parte – “algo que ficava entre uma turnê de rock e uma comuna”, segundo Turner (2006, p. 49) –, e também a formação de comunidades intencionais pelo movimento de êxodo urbano chamado Novos Comunalistas, com o qual o jornalista possui algumas ligações. No *Whole Earth Catalog* encontravam-se conectadas a atitude *Do It Yourself* (DIY), a cibernética, a transcendentalidade da mente e a ecologia; que eram algumas das ideias compartilhadas entre os Novos Comunalistas.

Foi a partir dos anos 1960 que a contracultura emergiu como oposição às instituições e estruturas da Guerra Fria. Turner (2006) chama a atenção para algumas diferenças no exercício dessa oposição entre dois grupos políticos que são comumente abarcados pelo termo contracultura indistintamente. A Nova Esquerda, mais próxima das práticas políticas tradicionais – manifestações, instituições, palanques, partidos – estava mais ligada aos intelectuais e ao confronto com o poder estabelecido a partir das diferenças históricas. Suas ações eram pautadas por lutas derivadas do movimento por direitos civis: direito ao aborto, feminismo, direitos sexuais, combate ao racismo e promoção da liberdade de expressão. Os Novos Comunalistas, por sua vez, defendiam uma retirada introspectiva, pois a mudança social se daria menos pela política que pela mente. Estes últimos acreditavam que o caminho para o coletivo passava por experiências internas transformadoras, e se isolavam de um mundo que enxergavam como corrompido para a busca conjunta pela transcendentalidade em experimentos artísticos, psicodélicos, religiosos. No intuito de refazer o mundo a partir do modo como identificavam seus males, os Novos Comunalistas incorporaram a noção cibernética de sistema em equilíbrio em suas comunidades – ali as hierarquias e o poder eram vistos como algo que não só era passível de ser suspenso mas que deveria necessariamente ser neutralizado ao máximo para não intoxicar as relações. Mesmo não cultivando uma relação tão próxima com as instituições acadêmicas,

estavam engajados em formas de vida que encontravam ressonância em certas abordagens teóricas vigentes na época.

The question was, How could that liberation be achieved in daily life? Brand's search for individual freedom led to a decade-long migration among a wide-variety of bohemian, scientific, academic communities. In the course of these travels, Brand encountered both communal ways of living and a series of technocentric, systems oriented theories that served as ideological supports for communalism. Often enough, the theories themselves were not explicitly theories of social organization so much as theories of local social practices, such as how to make art or how to take LSD or how to run a business meeting. As he moved among these communities, however, and later, when his *Whole Earth Catalog* became a forum in which such communities met, Brand began to see how the systems orientation of Paul Ehrlich's population biology, combined with new, countercultural modes of living, might offer an appealingly individualistic lifestyle – not only for him, but also for anyone else who could abandon the halls of bureaucratic America. (TURNER, 2008, p. 45)<sup>12</sup>

No cenário de grande crescimento populacional do pós-guerra, as pesquisas de caráter neomalthusiano<sup>13</sup> de Ehrlich, assim como suas aulas de biologia em Stanford, eram então um reflexo da influência da teoria da informação sobre as ciências naturais. Sua abordagem sistêmica da evolução deslocava o foco das espécies e subespécies voltando-se para as relações constantes de troca que permeiam a trama ecossistêmica, configurando os fluxos de energia que permeiam toda matéria. Sob tal perspectiva, as burocracias hierárquicas da Guerra Fria eram vistas como amarras que limitavam a liberdade e a expressão individual confinando o indivíduo e as características que lhe são próprias no ideal nacionalista de população ou, ainda, nas massas da tecnocracia. Tal confinamento imposto de cima para baixo por autoridades institucionais seriam as barreiras impostas aos processos de diferenciação que fazem os ecossistemas evoluírem. No entanto, diferentemente das outras espécies, o ser humano teria consciência da ameaça destrutiva que estaria implicada nesse regime social e caberia a ele expressar culturalmente a sua individualidade para escapar da potencial aniquilação representada pelas disputas em torno das armas nucleares.

---

<sup>12</sup> A questão era: como essa liberação poderia ser atingida na vida cotidiana? A busca de Brand por liberdade individual levou a uma migração ao longo de dez anos entre uma grande variedade de comunidades boêmias, científicas e acadêmicas. No decorrer dessas viagens, Brand encontrou tanto modos comuns de vida como uma série de teorizações de sistemas tecnocentricamente organizados que serviram como suportes ideológicos do comunalismo. Frequentes eram os casos nos quais as teorias em si não eram especificamente teorias de organização social quanto eram teorias de práticas sociais locais, por exemplo: como tomar LSD ou como conduzir uma reunião de negócios. Na medida em que ele se movia entre essas comunidades, no entanto, e depois, quanto seu *Whole Earth Catalog* se tornou um fórum no qual essas comunidades se encontravam, Brand começou a ver como a orientação de sistemas da biologia populacional de Paul Ehrlich, combinada com novos modos contraculturais de vida, pode oferecer um apelativo estilo de vida individualista – não apenas para ele, mas também para qualquer um que tivesse condições para abandonar os pavilhões da América burocrática. (tradução livre)

<sup>13</sup> Os neomalthusianos recuperavam em suas abordagens teóricas as preocupações sobre a extensão e causa do crescimento populacional levantadas pelo economista Thomas Malthus (1766-1834). Filho de um rico proprietário de terras, ele elaborou sua teoria de controle do aumento populacional a partir da hipótese de que as populações humanas crescem em progressão geométrica.

Aos poucos, uma ordem social utópica foi sendo formulada a partir de um pensamento fora do paradigma dominante das disputas dualistas da Guerra Fria. Em vez de se tornar indistinguível no mar cinzento das populações e massas em nome de um imperativo bélico, o indivíduo poderia então ser considerado um elemento dentro de um sistema e um sistema em si mesmo. Fazer parte daquilo que extrapola o sujeito e, ao mesmo tempo, preservar a complexidade que lhe distingue dos demais passava a ser visto como uma opção dentro do leque de escolhas individuais e, cada vez mais, como um objetivo pessoal para os jovens da contracultura.

For this reader, as for others, the *Catalog* sparked an understanding of tools as means not only to get a job done, but also enter into a process. The process would accomplish tasks, but also would transform the individual into a capable, creative person. Within this process, artifacts such as calculators and books could clearly be of assistance, but so could other people. In addition to providing information on how to order material goods, the *Catalog* and, to an even great extent, the *Supplement*<sup>14</sup>, each told readers how to reach one another. For Brand, the *Catalog* was both a “whole system” and a “tool” for readers, and so were the readers themselves. They could write about their experiences with particular products. Via the *Supplement*, they could learn of ongoing countercultural projects and contact one another to join in. The *Catalog* and the *Supplement* became looking glasses through which to peer down and see a reflection of an emerging world and, at the same time, spot doorways through which they could enter that world. (TURNER, 2006, p. 84)<sup>15</sup>

Fora das estruturas hierarquicamente ordenadas da universidade e da vida militar, despontava um cenário social que se pretendia dissonante e, ao mesmo tempo, estava profundamente conectado com a visão sistêmica de Ehrlich. No âmbito cultural, enquanto o catálogo se consolidava como uma publicação de valor instrumental para moradores de comunidades alternativas com artigos sobre vida autônoma e ecologia propagandeando a atitude “faça você mesmo”, eventos que abrigavam a atuação simultânea de músicos, poetas, atores e dançarinos entre peças de artes plásticas – os chamados *happenings* – eram elaborados como sistemas artísticos que performavam em tempo real.

---

<sup>14</sup> Atualização do *The Whole Earth Catalog* publicada trimestralmente a partir de 1969. Acompanhando as novidades em termos de produtos, Brand também incluiu na primeira edição do *Supplement* artigos e cartas sobre as comunidades que visitara.

<sup>15</sup> Para esse leitor, assim como para outros, o Catálogo irradiou um entendimento de ferramentas como meios não apenas de realizar uma tarefa, mas também de entrar em um processo. O processo iria realizar empreitadas, mas também transformar o indivíduo em uma pessoa capaz e criativa. Nesse processo, artefatos como calculadoras e livros poderiam ser claramente de alguma ajuda, assim como outras pessoas também poderiam oferecer alguma assistência. Somando isso com o provimento de informação sobre como requisitar bens materiais, o Catálogo e, em uma medida ainda maior, o Suplemento, disseram aos leitores como contatar uns aos outros. Para Brand, o Catálogo era tanto um “sistema inteiro” como uma “ferramenta” para seus leitores, e assim também o era considerado pelos próprios leitores. Eles poderiam escrever sobre suas experiências com produtos específicos. Através do Suplemento, eles poderiam aprender sobre os então correntes projetos contraculturais e chamar uns aos outros para fazer parte. O Catálogo e o Suplemento se tornaram lentes através das quais era possível olhar de cima o reflexo de um mundo em emergência e, ao mesmo tempo, visualizar portas pelas quais seria possível adentrar esse mundo. (tradução livre)

Within that world traditional artistic hierarchies were leveled. The artist, the audience, the experience of theater, the experience of daily life—all were equivalent elements in a single complex system of exchange. To Brand, happenings offered a picture of a world where hierarchies had dissolved, where each moment might be as wonderful as the last, and where every person could turn her or his life into art. (TURNER, 2006, p. 48)<sup>16</sup>

Brand, que tinha frequentado as aulas de Ehrlich como estudante em Stanford, levou essas experiências artísticas para as performances multimídia da USCO, que somaram isso à “união mística” proporcionada por drogas como a mescalina, a maconha e – mais tarde – o LSD (TURNER, 2006, p. 49). Uma das principais contribuições da USCO aos *happenings* foi a utilização tanto de materiais da vida cotidiana quanto de novas tecnologias eletrônicas de comunicação. Os participantes eram integrados em um sistema híbrido, tecnossocial, de maneira que se sentissem como se as barreiras – entre os mundos biológico e social; entre as mentes e os corpos; entre pessoas – tivessem sido eliminadas. Tal sistema ecoava as visões de McLuhan de que o corpo humano e as espécies como um todo estariam ligados aos equipamentos eletrônicos como rádios, televisões e computadores por meio de sinais elétricos que partiam dos neurônios em cada indivíduo para circular em um único sistema nervoso, cruzando o mundo. A rede de sinais eletrônicos era então dotada de uma carga mística própria, relacionada às potências desconhecidas de seus efeitos, particularmente a sua incidência sobre a sociabilidade e a subjetividade humana.

Turner (2006, p. 49) retrata esse momento como os primeiros traços do desenho de uma nova síntese entre as teorias da cibernética e as políticas da contracultura. Nesse ponto, as controvérsias entre a contracultura e a cibercultura já não obstruem o caminho entre uma e outra. A partir da rejeição das estruturas rígidas e violentas que modelavam a sociedade de então, ganha corpo a proposta de fugir dos grandes centros do poder estabelecido para um exame interior e intrapessoal em comunidades horizontais. Ao final dos anos 1960, mais de 10 milhões de norte-americanos viviam em comunidades alternativas. A renovação das práticas políticas da esquerda tradicional pelos Novos Comunalistas não se resume a uma fuga da vida urbana em busca de uma vida melhor: eles acreditavam que, em última instância, suas comunidades seriam capazes de salvar a sociedade de si mesma (TURNER, 2006, p. 49). Nem todas as comunidades eram rurais, mas tinham em comum a autossuficiência e a organização não

---

<sup>16</sup> Nesse mundo as tradicionais hierarquias artísticas eram niveladas. O artista, a audiência, a experiência do teatro, a experiência da vida cotidiana – eram todos elementos equivalentes em um único e complexo sistema de troca. Para Brand, os happenings proporcionavam o retrato de um mundo no qual as hierarquias eram dissolvidas, onde cada momento pode ser tão maravilhoso quanto o anterior, e onde cada pessoa poderia transformar a sua vida em arte (tradução livre)

hierárquica de arranjos cooperativos baseados na harmonia interpessoal. Eles imaginaram um terreno fértil, receptivo e aberto no qual poderiam explorar os limites de seus corpos e mentes, assim como as suas próprias possibilidades coletivas. Ainda que se considerassem refugiados da tecnocracia e valorizassem aquilo que entendiam como trabalho manual, os Novos Comunalistas abraçavam a ideia de que tecnologias de pequena escala poderiam transformar a consciência individual e, dessa forma, a natureza da comunidade.

Outro ponto de apoio da base cultural do apelo transformador atribuído às novas tecnologias nesse contexto foi a visão utópica de Buckminster Fuller. Sua perspectiva apontava para uma revolução tecnológica, propondo uma volta ao planeta Terra como ele era antes das intervenções políticas. Apesar de compartilhar com McLuhan a matriz cibernética, suas ideias não atribuíam um papel tão central ao futuro tecnologicamente determinado – embora o papel do ser humano não chegasse a ser decisivo, a plenitude individual tomava parte na equação da estabilização pacífica, harmônica e próspera do ecossistema.

*The earth is a very small spaceship. It's only eight thousand miles in diameter, and the nearest star is ninety-two million miles away, and the next star after that is billions of miles away. This spaceship is so superbly designed that we've had men on board here for about two million years, reproducing themselves, thanks to the ecological balance whereby all the vegetation is respiring all the gases needed by the mammals and the mammals are giving off all the gases needed by the vegetation, even though they may think they're just making hot air. The bees go after the honey, which is all they're interested in, and quite inadvertently their little tails knock off the pollen that fertilizes the vegetation. And so I said that in America we're all bees, and we're all after our honey, and inadvertently our little tails knock off quite a lot of pollen, and inadvertently we've made some contributions.<sup>1718</sup>*

Ao rejeitar a ideia de escassez malthusiana na qual o crescimento população mundial extrapolaria a capacidade global de produção de alimentos de modo que não haveria comida suficiente para todos, Fuller parte de uma leitura retroativa da abundância que evidencia certas barreiras artificiais de acesso aos recursos – mesmo os mais fundamentais, como os alimentos. A ideia de Fuller de um ecossistema autorregulado “naturalmente” equilibrado inspirou muitos

---

<sup>17</sup> Trecho de entrevista de Buckminster Fuller in: TOMKINS, Calvin. In the outlaw area. The New Yorker, 8 de jan. de 1966. Nova York, Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/1966/01/08/in-the-outlaw-area>> (Acesso em 21 de jul. de 2018)

<sup>18</sup> A terra é uma pequenina nave. Com apenas oito mil milhas em diâmetro, a estrela mais próxima está a noventa e dois milhões de milhas de distância. Essa espaçonave é tão soberbamente desenhada que nós temos homens a bordo por aproximadamente dois milhões de anos se reproduzindo, graças ao equilíbrio ecológico em que toda a vegetação está expirando todos os gases que os mamíferos necessitam e os mamíferos estão expelindo todos os gases de que a vegetação precisa, ainda que eles possam achar que estão apenas produzindo ar quente. As abelhas vão atrás do mel pelo qual elas têm interesse e meio inadvertidamente suas pequenas caudas expelem o pólen que fertiliza toda a vegetação. E assim digo que na América somos todos abelhas, e nós vamos atrás do nosso mel, e inadvertidamente nossas pequenas caudas expelem uma quantidade enorme de pólen e inadvertidamente fazemos algumas contribuições. (tradução livre)

modelos utópicos de redes formadas a partir de uma proposta de autogoverno. Uma delas foi a rede de núcleos formadas a partir de comunidades pelos Novos Comunalistas que se afastavam do contexto urbano apontando para uma negação da ambiciosa estrutura macropolítica – que, em contraposição, se organizava a partir de fronteiras geográficas em disputas bélicas – em nome da autonomia de pequenos grupos que teriam poder para estabelecer suas próprias normas de forma horizontal, segundo seus interesses, despretensiosamente. As comunas hippies funcionavam como um ambiente controlado no qual o princípio gerenciador da entropia seria exercido o mais horizontalmente possível sendo que o poder e as hierarquias eram considerados sublimáveis, neutralizáveis, suspendíveis como num laboratório de testes para o novo mundo. Turner (2006, p. 57) também destaca a influência de Fuller referenciada na primeira edição do *Whole Earth Catalog*, na qual Brand escreveu: “foram os insights de Buckminster Fuller que deram início a esse catálogo”.

For Fuller, as for Wiener and the systems analysts of later decades, the material world consisted of information patterns made manifest. The patterns could be modeled and manipulated by information technologies, notably the computer. The computer in turn could suffice as a model for the human being. (TURNER, 2006, p. 58)<sup>19</sup>

Assim como as ideias de Wiener, a visão de equilíbrio ecossistêmico de Fuller também teve origem no contexto militar. Como oficial da marinha, Fuller viveu por um tempo em navios – embarcações que ele considerava como sistemas fechados e às quais ele atribui a origem de suas ideias em seus relatos autobiográficos.

Fuller começou a desenvolver seu ideário no final dos anos 20, depois de ter saído da marinha, trabalhado em um cargo de gerente de exportações, fundado uma empresa de construção e sofrido demissão. A concepção da cúpula geodésica, estrutura pela qual ele se tornou conhecido, é de 1947. A fórmula básica do desenho da cúpula, inspirada pela geometria encontrada nas formas da natureza, foi patenteada<sup>20</sup> pelo então arquiteto, designer e palestrante cosmopolita.

---

<sup>19</sup> Para Fuller, assim como para Wiener e os analistas de sistemas das últimas décadas, o mundo material é constituído de manifestações de padrões informacionais. Os padrões podem ser modelados e manipulados pelas tecnologias da informação, particularmente por computadores. O computador, por sua vez, poderia satisfatoriamente servir como um modelo para o ser humano. (tradução livre)

<sup>20</sup> Primordialmente, as domas geodésicas foram fabricadas pelas duas empresas de Fuller: Geodesics Inc. e Synergetics Inc. Em seus últimos anos de vida, Fuller começou a licenciar outras empresas para fabricar e montar domas geodésicas sob sua patente. Em 1970, aproximadamente 250 empresas pagavam a ele royalties de 5% a cada doma vendida. Mesmo com seu portfólio de patentes, Fuller não estava no controle sobre a proliferação de domas geodésicas. Foi apoiador entusiasmado de algumas delas, como a “pillow dome”, que ampliavam a gama de geometrias e materiais presentes, outras se valeram de formas oblongas pouco funcionais que Fuller repudiava. Ver: KEATS, Jonathon. Buckminster Fuller Designed More Housing Than Any Architect In The World. 26 de Ago de 2016. Revista Forbes. Forbes Media, Nova York. Disponível em:

Só em 1963, no entanto, Fuller elaborou o conceito do “Designer Compreensivo” como aquele que detinha a perspectiva da conjuntura sistêmica em sua totalidade para reunir os ativos mais importantes provenientes do industrialismo e redistribuí-los em conformidade com essa percepção que lhe era própria. Apesar do sucesso de sua missão depender do livre acesso aos espólios das instituições da sociedade industrial, essa figura não deveria jamais se tornar um empregado em período integral de nenhum desses aparelhos (Turner, 2006, p. 56) associados à burocracia estatal, à guerra e à conformação social das massas.

Tanto McLuhan quanto Fuller foram figuras influentes que peregrinaram pelo mundo vivendo uma vida cosmopolita e individualista em aparente conformidade com as ideias que defendiam e em oposição ao modelo de sociedade industrial de massa. Suas trajetórias apontavam para uma possibilidade de existência fora dos moldes corporativos vigentes até então.

Logo, temos um modelo da cibernética que serviu de base para um entendimento da natural, do humano e também foi aplicado aos microcomputadores, equipamentos que só foram existir depois da concepção dessa ideia. Ainda que não se fundasse sobre o protagonismo humano, a visão de que o homem – assim como a máquina – é um processador de informações colocava a humanidade igualmente em um mesmo plano. O entendimento do homem que começou com Weiner e ganhou corpo nas Conferências Macy tinha o apelo de se apresentar como uma alternativa à antipática ideia de que os rumos da modernidade seriam ditados pela elite tecnocrática, rejeitada enfaticamente pela contracultura. A ênfase em alguns aspectos da disciplina da Guerra Fria tanto pelos Novos Comunalistas e pelo *Whole Earth Catalog* – quanto em outros pontos, por parte da Nova Esquerda – indicam uma certa ruptura entre essas duas tradições que, apesar de serem geograficamente e historicamente referenciáveis, foram influenciados por fenômenos globais e também tiveram um alcance em um contexto cultural mais amplo. Suas releituras e sobreposições sobre o panorama tecnológico e intelectual da época deixaram um legado teórico e material que é referenciado culturalmente por diversas movimentações em outros cenários localizados geograficamente nos quais ele incide e se manifesta com ênfases

---

<<https://www.forbes.com/sites/jonathonkeats/2016/08/26/heres-how-one-outsider-designed-more-housing-than-every-starchitect-in-the-known-universe/#679786f46c45>> (Acesso em: 21 de julho de 2018) e KREBS, Albin. Buckminster fuller dead; futurist built geodesic dome. Arquivo do jornal The New York Times. 2 de jul de 1983. The New York Times Company, Nova York. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1983/07/02/obituaries/r-buckminster-fuller-dead-futurist-built-geodesic-dome.html>> (Último acesso em: 21 de julho de 2018)

diferentes, tendo em vista múltiplas construções sociais – ou ainda, projetos de poder – nos anos que se seguem.

Aquilo que viria a ser entendido como ciberespaço a partir da popularização dos computadores pessoais, por exemplo, tem muito da retirada dos Novos Comunalistas rumo à construção de um novo mundo hippie, da projeção de uma válvula de escape do presente material. Barbrook (2009), ao abordar a irradiação das tensões sobre o futuro imaginado como tecnologicamente determinado em um contexto mais amplo, conta a história da corrida para colocar a internet em funcionamento no cenário da Guerra Fria. Objeto de disputa entre russos e estadunidenses, a internet também era, simultaneamente, imaginada como aquilo que dissiparia espontaneamente o poder. Enquanto a contracultura construía seu imaginário sobre as condições locais e incidia no panorama nacional, a propaganda exerceu um papel fundamental na disputa difundindo para a além das fronteiras sua ideia do que seria o caminho para a modernidade. A chegada do futuro se daria via pista rápida do fluxo global de informações e os primeiros a construírem a estrada – fossem eles os russos ou os estadunidenses – liderariam o mundo a partir do gerenciamento e molde de padrões informacionais rumo a uma modernidade fundada na eficiência administrativa, no consenso político e no compromisso econômico. No que diz respeito à incidência dessas experiências sociais sobre os sujeitos, alguns indivíduos e grupos guardam traços mais ou menos fortes dessas tradições em conformidade com as diferentes formas pelas quais são afetados por elas. As filiações e sobreposições culturais reeditam tensões que são incorporadas em novas disputas. Os computadores, por sua vez, servem até hoje como modelo para explicar o humano – uma das mais evidentes expressões da influência da cibercultura. Pense em todas as vezes que a palavra memória no sentido de recordação humana de um evento passado teve seu sentido sobreposto pelo sentido computacional, que diz respeito à capacidade de armazenamento de um disco, por exemplo.

Essas confluências entre a reconstrução da individualidade e as máquinas pensadas como humanos criaram condições para novos modos de expressão individual, que, contraditoriamente ou não, tiveram seu papel na reestruturação de hierarquias.

Nas comunidades formadas pelos Novos Comunalistas, a recusa do poder burocrático não resultou em uma extinção das disputas de poder na vida cotidiana, na qual alguns de seus padrões de assimetria podem ser reconhecidos. Um deles diz respeito ao papel social da

mulher: mesmo que elas perseguissem ao lado dos homens um ideal tribal, essa utopia frequentemente incluía homens tomando as decisões enquanto às mulheres caberia exclusivamente o cuidado com as crianças e a cozinha (TURNER, 2006, p. 76).

Uma de minhas hipóteses secundárias de pesquisa é a de que existem paralelos entre o meu objeto de pesquisa tanto com Nova Esquerda quanto com os Novos Comunistas, ainda que enfatize nesse ponto mais a proximidade com os últimos que com os primeiros. Estão entre esses paralelos a migração dos centros urbanos em direção ao campo, a ideia de uma rede global de trocas baseadas em bens e serviços e a visão do potencial transformador das tecnologias de informação. É seguro dizer que os nomes, os artefatos, as ideias e as trajetórias que acabei de abordar não são estranhas à pelo menos uma parte da comunidade em questão. No entanto, talvez seja necessário ressaltar que, a partir de seu próprio contexto, de seus próprios sentidos, mobilizados em modos particulares, esse ideário ganha uma reconfiguração e, simultaneamente, produz efeitos diversos e toma novas formas ao longo do tempo.

Quando Turner (2006, p. 55) escreve que Fuller “expressava uma mentalidade altamente individualista e uma profunda preocupação com o destino das espécies”, por exemplo, isso não cabe na análise como transposição, mas certamente ajuda a pensar algumas relações sobre como a degradação ambiental é internalizada pelos sujeitos e incide nos relacionamentos dentro da comunidade em questão.

Se nos afastarmos ainda mais no tempo em busca das condições que tornaram possíveis as expectativas depositadas em Fuller pela geração de Stewart Brand poderíamos nos debruçar sobre o trabalho posterior de Turner: o livro *The Democratic Surround* (2013). O autor recupera na história os esforços teóricos e estéticos para estabelecer as bases culturais para a rejeição do autoritarismo fascista por meio da atribuição de características não autoritárias a uma personalidade democrática tipicamente americana: o indivíduo democrático. Turner destaca que, a partir de 1930, os americanos se tornaram mais cosmopolitas, de modo que uma nova concepção de indivíduo se fez necessária – em vez de ser modelado pelas suas responsabilidades para e com os outros indivíduos, seu caráter se encontrava diante da possibilidade de se destacar como algo “mais expressivo, mais único, mais flexível” (TURNER, 2013, p. 37).

In democratic societies, as in democratic psyches, egalitarian relations obtained. And they could be sustained by a mode of communication in which individuals and nations alike contributed to a field of words and images, made their own choices as to whom

to believe and with whom to associate, and in the process acted out a state of freedom. (TURNER, 2013, p. 82)<sup>21</sup>

Tal liberdade de escolha encontrou vazão na WELL, a *Whole Earth 'Lectronic Link*, uma das primeiras comunidades virtuais. Criada com base nas ideias do *Whole Earth Catalog* por Brand com a ajuda de Kevin Kelly, que mais tarde viria a lançar a revista *Wired*<sup>22</sup>, a comunidade colocou em contato figuras proeminentes do Vale do Silício. O catálogo e as memórias dele inspiraram diversos projetos e iniciativas, entre eles a própria *World Wide Web*, que teria sido pensada em um primeiro momento<sup>23</sup> como o abrigo ideal para o tipo de conteúdo alternativo que a publicação continha. Recentemente, Brand foi procurado por Evan Osnos, repórter da revista *New Yorker*, para opinar sobre os preparativos arranjados pelos milionários estadunidenses do Vale do Silício – como a construção de bunkers pessoais e o desenho de planos de fuga – para o caso de um possível (imaginado como provável) colapso social.

Aos 78 anos, morando em um rebocador em Sausalito, Brand se impressiona mais com exemplos de resiliência que com indícios de fragilidade. Na última década, o mundo sobreviveu pacificamente à pior crise financeira desde a Grande Depressão; à epidemia do vírus Ebola, sem cataclismo; e, no Japão, a um tsunami e um acidente nuclear, depois dos quais o país seguiu em frente. Ele vê perigos no escapismo. À medida que os americanos se retraem em círculos cada vez menores de experiência, prejudicamos “o círculo maior da empatia”, ou seja, a busca por soluções para problemas compartilhados. “A pergunta mais fácil é: ‘Como proteger a mim e aos meus?’ A pergunta mais interessante é: ‘E se a civilização de fato conseguir perseverar, assim como ocorreu nos últimos séculos? O que fazemos se ela continuar capengando?’”<sup>24</sup>

A reportagem retrata o grupo muito seletivo dos muito ricos que fizeram suas fortunas a partir da consolidação do Vale do Silício como a poderosa estação principal da locomotiva descomedida das indústrias de alta tecnologia. O que a fala de Brand e a matéria sugerem é que prosperidade e colapso não são um caso de perda total ou vitória incontestável, mas que as pessoas são afetadas diferentemente. Cada membro desse pequeno grupo cultiva suas próprias

<sup>21</sup> Nas sociedades democráticas, assim como nas psiques democráticas, as relações igualitárias são adquiridas. E elas podem ser sustentadas como um modo de comunicação no qual indivíduos e nações contribuem da mesma forma para um campo de imagens e mundos, feitas de suas próprias escolhas sobre em quem acreditar e com quem se associar, e no processo de manifestar uma declaração de liberdade. (tradução livre)

<sup>22</sup> Revista de tecnologia lançada em 1993 no Vale do Silício, é até hoje um importante veículo do que Richard Barbrook e Andy Cameron viriam a chamar de ideologia da Califórnia (1996). Antes disso, seu fundador, Kevin Kelly, organizou ao lado de Brand a primeira Hackers Conference, em 1984, reunindo figuras-chave da cultura hacker, como Lee Felsenstein e Richard Stallman, entre outros.

<sup>23</sup> Desenvolvida por Tim Berners Lee nos anos 1980, que por sua vez foi acusado de roubar a ideia de Ted Nelson. Ativista nos anos 1960, Nelson formulou a concepção do hiperlink, que conecta documentos em redes de computadores, em seu projeto Xanadu. Seu idealizador nunca conseguiu realizar aquilo que tinha desenhado tendo como modelo o *Whole Earth Catalog*.

<sup>24</sup> OSNOS, Evan. É o fim do mundo. Revista **Piauí**, edição 127 (p. 30-37) Tradução Vanessa Bárbara. Editora Alvinegra, Rio de Janeiro. Abril de 2017. Texto originalmente publicado na revista *New Yorker* com o título de *Doomsday Prep for the Super-rich* em janeiro de 2017.

ideias e temores em relação ao apocalipse do modelo atual de civilização e se prepara de acordo com as suas projeções individuais de futuro. Nada disso impediu que um condomínio com doze apartamentos de luxo de diferentes proprietários fosse instalado em um antigo armazém nuclear projetado para a ameaça soviética no estado do Kansas. Ainda que não tenham a intenção de habitar essas unidades imediatamente, eles enxergam a sua edificação como uma preparação para algo esperado.

Tomar conhecimento de que uma parcela bem pequena da população detém o poder de aniquilar a humanidade com bombas nucleares foi um marco da Guerra Fria, fundador de ansiedades políticas e culturais. A matéria parece sugerir que atualmente os poderosos estariam mais interessados em recursos para se proteger em vez de atacar, seja lá o que for aquilo que enxergam como ameaça. Isso parece contrastar bastante as experiências de Brand que circulou entre comunas e a boemia da Costa Leste dos Estados Unidos interessado nos modos de vida que estavam sendo experimentados no período pós-guerra, mais interessadas em refazer o sistema social que em se preparar para o colapso dele.

O que há daquele imaginário que prosperou sobre a possibilidade de um colapso nuclear nesse que considera a eminência de um colapso social, embora tenha sido incorporado ao longo das disputas ideológicas, ainda não foi completamente destituído de seus aspectos conflitivos. A cultura que floresceu a partir da crítica da concentração do poder nas mãos da elite tecnocrática teve alguns de seus aspectos reinterpretados, outros deixados de lado, uns reiterados e entre eles, ainda, os que foram projetados no futuro. Ao se valer de elementos que estavam presentes nesse contexto e descartar algumas partes dessa cultura, novos atores parecem levar adiante a disputa em torno das tecnologias, não se resumindo a enxergá-la como representação de um poder autoritário.

O que a Ideologia da Califórnia ou cibercultura fez a partir da efervescência cultural da contracultura foi desinteressar-se por algumas de suas práticas históricas e posições teóricas, ao mesmo tempo em que investia na repaginação de outras. Aspectos específicos da cultura foram fundidos com ideias sobre livre mercado e empreendedorismo, compondo o ideário que se tornou a força propulsora do Vale do Silício. Nada disso impediu que ativistas de movimentos diversos continuassem bebendo nessa fonte como inspiração para práticas de resistência que buscam conhecer e exercer controle sobre a tecnologia, afinal, são parentes da mesma cibernética que ajudou a criar uma utopia de comunicação descentralizada em rede.

Se Turner (2006) aborda a hibridização da cibernética e da contracultura ao recuperar de maneira quase historiográfica as articulações dos hippies tecnofílicos nos anos 1960, Barbrook (2009) identifica a Ideologia da Califórnia a partir do despontamento do Vale do Silício como a capital mundial do capitalismo informacional nos anos 1990 para descrever uma ideologia em acentuada ascensão. O primeiro aborda as condições particulares que proporcionaram a convergência de intenções individuais imersas no contexto do crescimento econômico sem precedentes dos Estados Unidos durante o pós-guerra em relações culturais que estabeleceram as bases para a cibercultura. Turner (2006) coloca em perspectiva a aproximação da necessidade da boemia artística da Costa Leste de renovar as possibilidades de expressão individual que via como obliteradas pela tecnocracia com o equilíbrio de inspiração cibernética buscado pelos Novos Comunalistas que conectaram a natureza e a tecnologia com um desejo de mudança social que passava por experiências internas transformadoras. Essa ligação se dá primordialmente na medida em que esses movimentos carregam filiações da crença no potencial libertador do progresso tecnológico, ou seja, o legado cultural da corrida armamentista-espacial, que também era científico-tecnológica. Já Barbrook (2009) parte do princípio de que as transformações macroeconômicas que se observavam a partir do Vale do Silício nos anos 1990 são uma confluência do que aconteceu naquele contexto em particular que diz respeito tanto aos vultuosos gastos militares que “empoderaram a emergência do Vale do Silício como o roteador global da economia pós-industrial” (Barbrook, 2009, p. 347) quanto a atração que esse êxito econômico exerceu sobre os intelectuais formuladores da propaganda da Guerra Fria. Os dois autores, no entanto, têm em comum a descrição de movimentações culturais aparentadas que, ao recuperarem elementos da matriz cibernética, manifestam identificações e desidentificações nas páginas da revista *Wired* – considerada por Turner (2006) a grande propagadora do ideário da cibercultura, e como veículo emblemático da Ideologia da Califórnia por Barbrook (2009).

Em vez de constituir a ágora eletrônica a partir da convergência da mídia, da comunicação e da computação formulada por McLuhan, a Ideologia da Califórnia ignorou as liberdades coletivas sonhadas pelos hippies, identificando a internet com um tipo específico de liberdade dos indivíduos dentro de um mercado. Em vez da implantação de uma democracia direta em todas as instituições sociais – a apoteose das utopias wienerianas e mcluhanistas – a rede mundial de computadores serviria aos interesses de “membros individuais de uma nova classe dominante com múltiplos nomes” (BARBROOK, 2009, p. 353). As barreiras que limitavam as possibilidades de expressão individual – os imperativos de segurança dos tecnocratas da Guerra Fria, as instituições corrompidas, a violência do Estado militarista – tal qual eram vistas pela

contracultura, não chegaram nem a ser consideradas como um problema pelos individualistas que consideram a competição como regra. A via rápida da internet já estava livre para que eles extrapolassem as profecias tanto da Nova Esquerda quanto as dos Novos Comunalistas: “a empresa ponto com superou tanto o campus quanto a comuna” (Barbrook, 2009, p. 353).

Esse capítulo foi conduzido no esforço dar um primeiro passo na análise dos modos pelos quais os informantes desse estudo se inserem em um quadro ideológico de disputas bastante conflituoso. Foram realçados os contornos das contendas presentes nesse quadro, particularmente aquelas que pude observar como sendo retomadas, ressignificadas e dotadas de novas expressões na Nuvem. A partir do próximo capítulo, se inicia a abordagem etnográfica de como a Nuvem se relaciona com os poderes organizacionais e organiza seu modo de ver o mundo.

## 2. COOPERATIVA, HACKLAB, ESTAÇÃO RURAL, RESIDÊNCIA

A Nuvem resiste a definições e, ao mesmo tempo, refere-se a si mesma a partir de dois termos: “hacklab” e “estação rural de arte, ciência e tecnologia”. Como essas nomenclaturas têm como fonte o site Nuvem.tk – que exibe o mesmo texto de apresentação desde que o encontrei, ao acaso, em 2013 – esse capítulo abordará algumas questões atuais que incidem sobre a indeterminação do que a iniciativa é e o que ela faz. Isso será feito por meio de algumas referências compartilhadas tanto na internet por pessoas ligadas à rede que articula e é articulada em momentos como o *Interactivos?’16* e o *Contralab:Reboot*, quanto durante o desenrolar desses dois eventos específicos, nos quais conduzi minha observação de campo.

A iniciativa de Bruno Vianna e Cinthia Mendonça, que teve início em 2012, foi patrocinada em seus primeiros anos de vida pela Vivo arte.mov, uma articulação cultural da Vivo Telecomunicações desenvolvida com recursos da empresa via lei estadual de incentivo fiscal. Por dois anos, a Nuvem foi parte do programa Networked Hacklab; um desdobramento do festival internacional de artes em mídias móveis Vivo arte.mov – assim como o Circuito Vivo arte.mov, o Vivo Lab e o Labmóvel –; que estabelecia parcerias com o objetivo de constituir espaços voltados para a abordagem cultural e reflexões sobre tecnologia e arte. Além da Nuvem no Rio de Janeiro, o programa teve desdobramentos em Belém e Santarém (Pará), Cachoeira e Salvador (Bahia) e Belo Horizonte (Minas Gerais). O levantamento *Arranjos Experimentais Criativos em Cultura Digital*, realizado por Felipe Fonseca com colaboração de Luciana Fleischman sob encomenda do Ministério da Cultura, define o conjunto Vivolab, Arte.mov, Circuito Arte.mov, Networked Hacklab e o Labmovel da seguinte maneira:

Trata-se de uma série de iniciativas organizadas por um grupo de artistas, curadores e pesquisadores localizados principalmente entre São Paulo e Belo Horizonte. Não é um laboratório no sentido tradicional, que sugere um espaço físico e infraestrutura dedicados a determinadas atividades, mas de um processo dinâmico de criação e desenvolvimento de ações experimentais nômades, temporárias e profundamente conectadas com discussões correntes nas áreas de contato entre arte, tecnologia e sociedade. Alguns dos nomes centrais neste contexto são os de Lucas Bambozzi e do recentemente falecido Rodrigo Minelli, juntamente a Marcus Bastos, Gisela Domschke, Fernando Velazquez, entre outros. Desenvolveram projetos que orbitavam em torno do projeto Vivo Lab e em seguida propiciariam o surgimento do festival Artemov, do Circuito Artemov e do Networked Hacklab. Posteriormente, criariam o projeto Labmovel.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Arranjos Experimentais Criativos em Cultura Digital. Parte 1: Mapeamento. 2014. Disponível em: <http://redelabs.org/livro/minc-14/1>.> (Acesso em: 20 de setembro de 2017).

A Nuvem está longe de ser o primeiro caso de investimento em manifestações culturais em torno de tecnologias de comunicação e informação por parte empresas de telecomunicação, à exemplo da Vivo. Vale lembrar que uma das primeiras produções dessa natureza e talvez a mais antiga ainda em atividade foi a Campus Party, evento espanhol que teve sua estreia no Brasil patrocinada pela Telefônica, em 2008. Entretanto, a diferença contida na proposta da iniciativa – longe de contar a visibilidade da Campus Party, que é realizada em grandes centros urbanos, enquanto a Nuvem não tem seu endereço exato publicado de forma que seja facilmente acessado –, sugere o caráter particular desse patrocínio. Durante a entrevista que conduzi com Bruno Vianna, foram citados os nomes de Bambozzi, Bastos e Minelli, como pontes que tinham “acesso ao departamento de marketing da Vivo”. Bambozzi, por sua vez, foi entrevistado para o *Arranjos* e falou sobre como o festival Vivo arte.mov – que incluía uma Mostra Competitiva com prêmios e uma premiação especial de mídias locativas<sup>26</sup> – se desdobrou no Networked Hacklab.

Pensamos o Vivolab como uma parte mais educativa. A primeira ação foi o Networked Hacklab. Isso era pensado por nós e proposto para a Vivo. A gente conseguia parceiros para abrir as portas dentro da Vivo. Tínhamos um bom contato, algo privilegiado, mas na instância nacional da Vivo não era tão fácil. Eles seguem uma lógica do marketing, da marca, peças gráficas, visibilidade. Tivemos parceiros que estavam interessados não em marketing, mas nesse tipo de projetos que propusemos. Assim foi que surgiu a Nuvem, e teve outros vários também em Belém, Porto Alegre, Salvador, Goiânia. Eram ações que antecediam o festival e realizavam hacklabs temporários, por meio das leis estaduais de isenção fiscal. (...) Se a gente dependesse somente do Minc [Ministério da Cultura] ou Lei Rouanet, usaria só um tipo de isenção fiscal. E isso é uma coisa crítica do ponto de vista das leis do Brasil. Quem consegue um projeto na Rouanet pode receber verbas vindas de um tipo de imposto, mas tem muita gente querendo. Quando se chegava com uma carta de projeto aprovado pela lei Rouanet precisava disputar com dezenas de projetos que estavam já na fila. Nossa saída foi descentralizar usando as leis estaduais que são menos burocráticas, têm valores menores mas são mais ágeis. Fomos disparando projetos com parceiros no Brasil inteiro. Esse era um interesse expresso do ministro [da cultura do governo Lula, o cantor Gilberto] Gil e do Juca [Ferreira, seu sucessor na pasta], a descentralização.<sup>27</sup>

Chama a atenção o modo como lei de incentivo estadual é significada por Lucas Bambozzi como burocrática, ainda que a burocracia nesse caso seja considerada menor que em sua versão federal. Além falar sobre o traçado do caminho mais curto percorrido pelo seu grupo até os recursos que financiaram as iniciativas que idealizaram, Bambozzi também cita Bruno Vianna na entrevista.

<sup>26</sup> Mídias e processos que envolvem informação e comunicação que estão diretamente associados a uma localidade.

<sup>27</sup> Arranjos Experimentais Criativos em Cultura Digital. Disponível em: <<http://redelabs.org/book/export/html/110/>>. (Acesso em: 20 de setembro de 2017).

Graduado em cinema pela Universidade Federal Fluminense e mestre em mídias digitais pela New York University, Bruno teve seu primeiro longa, *Cafuné*, financiado com o prêmio para filmes de baixo orçamento do Ministério da Cultura. O filme tinha dois finais e ambos foram exibidos em 2006 no circuito comercial. A obra foi licenciada em Creative Commons, de modo que era possível baixar o filme legalmente para sua utilização em fins não comerciais. Em 2009 lançou *Ressaca*, um filme montado ao vivo por ele, que também foi o diretor, diante do público. Entre uma coisa e outra, apresentou seu projeto, *Invisíveis*<sup>28</sup>, no festival *Telemig arte.mov* de 2007. *Invisíveis* cria uma leitura de realidade aumentada no Parque Municipal de Belo Horizonte, acessada via câmera de celular.

Bambozzi fala dessa experiência referindo-se a ela como um “processo laboratorial” dentro do *arte.mov*, que aconteceu apesar do evento não ser um laboratório “de fato”. O trabalho de Bruno, diz Bambozzi, foi “comissionado” e em seguida serviu de modelo para o edital de mídias locativas das edições seguintes do festival. “Ele fez o software, levou lá e desenvolveu”. A constatação que ele faz é de que faltava um laboratório para o desenvolvimento da atividade do artista em conjunto com outros. No que diz respeito às articulações culturais do grupo do qual Bambozzi faz parte e à *Nuvem*, em particular, o *Arranjos* faz a seguinte avaliação:

O grupo particular de eventos, ocupações, residências, intercâmbios e outros eventos acima apresentados representa um dos cenários mais relevantes no que diz respeito à experimentação – não apenas em termos de conteúdo e produção como também em formatos. Eventos como os festivais e circuito *Arte.mov* foram responsáveis por reunir pessoas do Brasil e do mundo trabalhando em questões de suma importância para os tempos atuais. Da mesma forma, o *Networked Hacklab* ajudou a dar massa crítica a formações que até então estavam somente embrionárias, como o desenvolvimento da *Nuvem* na área rural do RJ e o evento que propunha uma cartografia crítica da Amazônia.<sup>29</sup>

A partir de 2014, com a mudança na política de patrocínios da *Vivo* e a dissolução do programa *Vivo Arte.Mov*, o projeto passa dois anos experimentando com outras formas de financiamento, como vaquinhas abertas online e a colaboração pontual dos participantes das atividades para cobrir despesas básicas. Depois de atravessar 2014 e 2015 se mantendo independentemente, a *Nuvem* passou a ter a *Fundação Ford*<sup>30</sup> como principal fonte de recursos em

<sup>28</sup> *Invisíveis*, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZFGi7i0JeOE>> Acesso em: 20 de setembro de 2017.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://redelabs.org/livro/minc-14/1/mapeamento>> Acesso em: 20 de setembro de 2017.

<sup>30</sup> Outras fontes de financiamento para as atividades de 2016 foram o Fundo ELAS e o Sitawi, sendo que a maioria das chamadas para eventos apontava a *Fundação Ford* como apoiadora.

2016. A relação da Nuvem com a fundação, diferentemente de seu relacionamento com a Vivo, dispensa a intermediação via lei estadual de incentivo à cultura. A Fundação Ford patrocina diversas iniciativas voltadas para a tecnologia no Brasil – que abordam as tecnologias desde o ponto de vista da produção de conhecimento, da legislação, da cultura, etc – e se coloca como uma instituição “na linha de frente das mudanças sociais”.

Até 2015, as atividades – residências de inverno e verão, encontros ativistas, laboratórios, mutirões de impacto ambiental, entre outros – se distribuíam em dois espaços. Inicialmente, a Nuvem concentrava suas ações em uma casa alugada no Vale do Pavão, localizada a 43 quilômetros da cidade de Resende (RJ), no distrito de Visconde de Mauá. A casa alugada tem capacidade para receber mais ou menos 12 pessoas, fica em um terreno de 1.200 m<sup>2</sup>, com um galpão e uma sauna externa. O local possuía conexão de 1 mega de velocidade, que até o inverno de 2016 era “puxada” do vizinho – um criador de cabras – e, depois disso, foi configurada uma rede *mesh* a partir da mesma conexão compartilhada entre as duas casas. Apesar de ter uma área externa relativamente grande, o fato de a casa ser alugada era considerado um limitador no que diz respeito a intervenções maiores como trabalhos de bioconstrução<sup>31</sup>, por exemplo. Ainda assim, a casa possui algumas intervenções, como a pintura nas paredes da sauna feita com tintas de terra obtidas a partir do solo local por Luzia de Mendonça na residência de verão de 2012. Nas colunas da varanda estão pendurados tecidos com pinturas de plantas (acompanhadas de seu nome científico), bordados de fórmulas químicas (em um deles lê-se apenas a palavra “dopamina”, nome do neurotransmissor ao qual se atribui funções como foco, motivação e produtividade). Cartazes, como o compilado histórico dos insurgentes latino-americanos com a figura da pachamama ao centro<sup>32</sup> produzido pelos argentinos do “Iconoclastas - Laboratório de Comunicação e Recursos Contra Hegemônicos de Livre Circulação” e o “El Arbolazo: uma genealogia das revoltas populares na argentina” estão pregados ao lado de anúncios de oficinas realizadas pela Nuvem nas paredes ao redor da escada. Há vários adesivos colados nos cômodos, sendo que um deles – do símbolo do GNU – fica também na varanda. Na sala está pregada uma folha com um mapa-múndi desenhado, na qual estão penduradas folhas e flores secas como se fossem marcadores. Fotos dos primeiros anos da Nuvem mostram que havia uma horta ao lado do galpão. A casa é tipicamente serrana: estruturas de madeira,

---

<sup>31</sup> Bioconstrução se refere ao processo de produção de imóveis e móveis que levam em consideração a preocupação ecológica em sua concepção e ocupação. Tem como características o uso de materiais que não agridam o entorno ou mesmo materiais locais e resíduos. Objetiva causar o mínimo impacto ambiental aproveitando os recursos disponíveis.

<sup>32</sup> Entre as figuras do cartaz estão: Che Guevara, Frida Kahlo e Paulo Freire.

sótão, lareira. O local abrigou o *Contralab:Reboot* em julho de 2016. O imóvel foi esvaziado e entregue em fevereiro de 2017.

Até 2013, a Nuvem contava com Luciana Fleischman – que foi posteriormente colaboradora no já citado *Arranjos* –, como profissional contratada para articular a iniciativa. Também em 2013, o sítio Nebulosa, localizado na comunidade de Fumaça (no mesmo distrito de Visconde de Mauá) foi comprado por Bruno e Cinthia com o intuito de ser adaptado para se tornar a futura sede. O local recebe atividades que são classificadas como “mutirões de impacto ambiental” e envolvem desde oficina de sensores ambientais, passando pela bioconstrução, mutirão de rede comunitária e curso-mutirão de agrofloresta. O sítio possui uma casa menor e, por isso, pessoas abrigadas em barracas de camping são uma constante nas atividades realizadas ali. Essa limitação fez com que a casa do Vale do Pavão continuasse a abrigar as atividades de maior lotação, como os laboratórios.

Nos textos das chamadas para esses eventos constava que a Nuvem ofereceria aos participantes durante o período de permanência, entre outras coisas, equipamentos e estrutura de apoio para a execução dos projetos que eles se propusessem a realizar. A ajuda de custo oferecida varia conforme o evento – podendo partir de ajuda nenhuma (como foi o caso da residência de verão de 2015, na qual os participantes se revezavam em pequenas estadias durante um mês dividindo os custos de alimentação e arcavam com o transporte até Visconde de Mauá, onde seriam hospedados gratuitamente); até chegar no oferecimento de bolsas para aqueles que tivessem suas propostas aceitas, cobertura das despesas para passagem e alimentação e contratação de tutores para auxiliar no desenvolvimento dos projetos dos seis proponentes de cada edição da residência de inverno. As tarefas domésticas são divididas entre os presentes forma voluntária, de modo que as pessoas são estimuladas a dizer se sabem fazer café ou esfregar o chão no mesmo momento em que apresentam seus projetos e as habilidades que usam profissionalmente. A maior parte dos participantes, nas ocasiões nas quais estive em atividades realizadas pela iniciativa, era composta por brancos que eram estudantes e/ou tinham concluído o ensino superior. No entanto, entre as exceções sem passagem pela formação universitária estavam um programador e uma agricultora, de modo que é seguro afirmar que tal nível de educação formal não foi um pré-requisito para participação nos eventos ali realizados.

Em alguns aspectos, é possível dizer que essa configuração é particularmente receptiva para jovens estudantes, o que coloca a Nuvem como um local no qual o participante

teria acesso a equipamentos e também, no caso das residências, à participação em uma experiência que poderia abrir outras portas (conforme o residente se torne apto a ser aceito em outros espaços que exigem pelo menos uma residência no currículo). Essa ênfase no acesso a um ambiente de aprendizado onde terá acesso à equipamentos aproxima a iniciativa da ideia de “hacklab rural” presente no seu texto de apresentação. Outro aspecto do projeto que se volta para o acesso é a possibilidade da autorresidência – ou seja, quando o próprio residente propõe uma residência, diferentemente de quando responde a uma chamada – conforme a disponibilidade da casa do Vale do Pavão.

## 2.1 Tramas e espaços

Em sua dissertação de mestrado, Fonseca (2014, p. 40) aborda o hacklab com uma das denominações do que ele chama de laboratórios experimentais ou exploratórios, ou seja, “espaço em branco que, ao mesmo tempo em que funciona como interface entre redes digitais e as dinâmicas particulares dos locais onde se encontram, também situam-se como instâncias de resistência e reinvenção frente ao capitalismo informacional de matriz cibernética”. A minha hipótese é de que a Nuvem busca afetar – ao imprimir seu modo de ler o mundo no exercício do diálogo com perspectivas de artistas, ativistas, universitários – utopias digitais contemporâneas que podem ser explicadas pelas sobreposições e tensões entre cibercultura e contracultura, fortemente baseadas em princípios da cibernética. Nossos entendimentos convergem, no entanto, no ponto em que o autor estabelece como uma das características dos laboratórios exploratórios “avançar em direção a possibilidades e sentidos ainda não estabilizados das novas tecnologias”, na medida em que pude observar ali a presença das tensões que caracterizam as disputas atualmente em curso.

Fonseca (2014) – que também escreveu o *Arranjos* – foi uma espécie de articulador da Meta:fora, a rede de discussões do início dos anos 2000 na qual surgiria o MetaReciclagem<sup>33</sup>; que ele classifica como uma iniciativa do movimento “compensatório”. A vertente compensatória dos laboratórios abordados em sua pesquisa diz respeito à propostas de inclusão de populações naquilo que se entende como era da informação em uma busca por “corrigir distorções históricas”. Tal modalidade é definida em contraste com as iniciativas chamadas “experimentais”. Os labs compensatórios estariam, por sua vez, voltados para “em última instância reduzir

---

<sup>33</sup> O MetaReciclagem realizava reparos em computadores descartados colocando-os de novo em funcionamento usando free e open source software.

as desigualdades criadas historicamente na maneira como as tecnologias são adotadas na sociedade, e com isso oferecer oportunidades de transformação para determinados grupos sociais” (FONSECA, 2014, p. 13). Ele mesmo esteve na Nuvem em diferentes ocasiões e foi um dos responsáveis pela configuração da Nuboteca – o repositório de arquivos digitais da casa no Vale do Pavão –, implantada na edição de 2012 do *Interactivos?*.

Voltando um pouco para a concepção dos hacklabs, o autor situa sua origem como espaços que surgiram na Europa nos anos 1990:

(...) oferecem acesso público gratuito a computadores e à internet. Eles geralmente utilizam-se de máquinas reutilizadas rodando GNU/Linux, e além de oferecer acesso a computadores, a maioria dos hacklabs oferece oficinas em diversos tópicos, desde uso básico de computadores e instalação de GNU/Linux até programação, eletrônica e transmissão de rádio independente (ou pirata). Os primeiros hacklabs se desenvolveram na Europa, frequentemente advindos de tradições de centros sociais ocupados [“squatting”] e labs de mídia comunitários. Na Itália eles estavam conectados com os centros sociais autonomistas; e na Espanha, Alemanha e Holanda com movimentos *squatters* anarquistas. (MAXIGAS, 2012 apud FONSECA, 2014)

Logo, a adoção do termo estaria ligada a um determinado ideário político do qual fazem parte as frentes autonomistas e anarquistas, que por sua vez estão particularmente associadas ao movimento *squatter*<sup>34</sup>. Por não supor a fixação a um determinado espaço físico, Fonseca (2014) afirma que a denominação hacklab – em oposição aos hackspaces – é mais facilmente usada por iniciativas temporárias ou itinerantes. A carga política do nome também faz referência ao seu uso frequente por laboratórios engajados, sendo que os hackspaces podem “soar mais abertos ao empreendedorismo digital”.

Quando conversei com Bruno Vianna sobre as referências que ele tinha quando iniciou as atividades da Nuvem, soube que ele participou do coletivo Universidad Pirata, que atuava na ocupação de um prédio público em Barcelona, realizada pelo Miles de Viviendas. A Universidad Pirata, instalada no bairro de Barceloneta, se concentrava no “saber como conhecimento livre, horizontal, cooperativo”<sup>35</sup>.

A iniciativa madrilena Medialab-Prado também mantém uma conexão de longo prazo com a Nuvem, uma vez que o hacklab organizou no Brasil três edições do *Interactivos?*, um laboratório que funciona como uma “plataforma de pesquisa e produção dos usos educacionais e criativos da tecnologia” formulada na Espanha. Financiado com dinheiro público e

---

<sup>34</sup> Squats são ocupações que funcionam como uma resposta à especulação imobiliária, que pode servir como moradia ou um meio de conservação de construções.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://barcelona.indymedia.org/newswire/display/301730/index.php>> Acesso em: 20 de setembro de 2017.

voltado para o acesso cidadão, o Medialab-Prado está fortemente relacionado com a comunidade local. Por sua vez, esse laboratório também faz parte da rede LABtoLAB de iniciativas que têm em comum (entre outras coisas) o uso e desenvolvimento de software livre. Apesar de sua nomenclatura remeter ao Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que é parte de uma narrativa de colaboração com fins militares entre o governo dos Estados Unidos e as universidades iniciada no contexto da Segunda Guerra Mundial e tem desdobramentos atuais na prestação de serviços à indústria, essa associação é descrita por Fonseca (2014) como problemática. Entretanto, o autor considera impossível afirmar que as iniciativas do LABtoLAB estejam completamente livres da influência dessa vertente laboratorial estadunidense. O MIT, onde Wiener atuou como pesquisador, recebeu em seu Media Lab o criador do Whole Earth Catalog, Stewart Brand, como pesquisador visitante em 1986. Associado à competitividade da pesquisa militar e do mercado por receber recursos de agências governamentais militares e também das indústrias de alta tecnologia, o formato do MIT Media Lab cultivava uma relação tensa com laboratórios que se pretendem espaços colaborativos.

Uma discussão recorrente nos encontros LABtoLAB surgia precisamente do incômodo em, ao identificarem-se como "labs de mídia", associarem automaticamente sua atuação àquela do MIT Media Lab, que viam como problemática. Por vezes, definiam a si próprios como "labs de mídia organizados por artistas", tentando explicitar a singularidade de sua atuação e universo de referências. (FONSECA, 2014, p. 43)

No cenário nacional, o primeiro *Interactivos?* precede a existência da Nuvem – foi organizado em 2010 na capital mineira pelo Marginalia+Lab, “um projeto de experimentação colaborativa com novas tecnologias, interessado nos potenciais estéticos emergentes das tecnologias digitais da informação e da comunicação”<sup>36</sup>. Pessoas que estiveram envolvidas com o Marginalia+Lab viriam a frequentar a Nuvem, principalmente nas edições brasileiras dos *Interactivos?* que se seguiram.

Cynthia Mendonça participou do *Interactivos? '10BH* como proponente do projeto “Um Jardim para Epicuro”<sup>37</sup> desenvolvido a partir da instalação de sensores de umidade, luminosidade e temperatura ligados a plantas. Antes disso, a coordenadora da Nuvem já havia participado de uma edição europeia do *Interactivos?* como colaboradora e chegou a ser chamada também na edição 2016 do Laboratorio Iberoamericano de Innovación Ciudadana (LABIC) –,

<sup>36</sup>Marginália Lab + Gambiologia. In: Fábrica do Futuro: Residência Criativa Audiovisual. Disponível em: <<http://sv2.fabricadofuturo.org.br/sitev1/fabricav4/index.php?pag=32&prog=97&id=309>> (Acesso em: 20 de setembro de 2017).

<sup>37</sup>Um Jardim para Epicuro: atomismo eletricidade poesia jardinagem. Disponível em: <<https://jardimeletronico.wordpress.com/>> (Acesso em: 29 de setembro de 2017).

igualmente baseado na metodologia desenvolvida pelo Medialab-Prado – para atuar como mentora.

Considerando que as duas atividades nas quais conduzi meu trabalho de campo – o *Interactivos? '16: Água e Autonomia* e o *Contralab:Reboot* – foram organizadas com base nessa metodologia, abrirei aqui um breve parêntese para descrevê-la. O *Interactivos?* foi formulado pelo Medialab-Prado em 2006 tendo como foco a criação coletiva, que envolve o uso de “open software e open hardware”<sup>38</sup>. Inicialmente é feita uma chamada aberta internacional – em geral lançada nas versões espanhol e inglês, além do português, no caso da Nuvem – para submissão de propostas. Depois de selecionar as propostas que serão desenvolvidas, os organizadores criam um espaço para acolher o evento – o que geralmente envolve uma mesa de trabalho para cada proposta em uma sala ou um conjunto de salas – que é aberto ao público desde o início até o encerramento. Esse intervalo, no *Contralab*, corresponde a sete dias e no *Interactivos? '16: Água e Autonomia*, a 15 dias. Vale aqui ressaltar que normalmente os participantes não fazem as principais refeições e dormem no mesmo endereço onde se dão as atividades laboratoriais – isso até então acontece exclusivamente nos *Interactivos?* realizados pela Nuvem. Outra especificidade é o tamanho do evento: segundo Cinthia Mendonça, as edições organizadas pela sua iniciativa são as menores existentes em relação ao número de participantes – no *Interactivos? '16* foram 27 pessoas, no *Contralab*, 16, – sendo que a maior já organizada é o já citado *LABIC*. No que diz respeito à dinâmica entre os participantes, a metodologia se coloca como horizontal, significando tal configuração como a não distinção entre aqueles que aprendem e aqueles que ensinam, ou seja, a partir de uma hierarquia que seria sublimada. Entretanto, na Nuvem os participantes que propõem (aqui chamados de proponentes) respondem a uma chamada específica para propostas e, caso passem pela seleção, seus projetos são descritos em uma segunda chamada, essa direcionada aos colaboradores, que normalmente “entram” por ordem de inscrição. Há ainda as figuras dos tutores ou mentores, definidos como “conselheiros técnicos e conceituais” que são responsáveis por selecionar as propostas a serem desenvolvidas em cada edição e dar apoio ao seu andamento. No caso da Nuvem, o fato de que para cada proposta haveria ao menos cinco colaboradores é usado como chamariz para proponentes.<sup>39</sup> Apesar de também receberem outros apoios, como o já mencionado reembolso do transporte, que não são

---

<sup>38</sup> Conforme definição encontrada em <[http://medialab-prado.es/article/que\\_es\\_interactivos](http://medialab-prado.es/article/que_es_interactivos)>. (Acesso em: 29 de setembro de 2017)

<sup>39</sup> “Envie seu projeto e conte com a ajuda de tutores e colaboradores”. Post na página da Nuvem no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nuvemrural/posts/1009113022539343>> (Acesso em: 29 de setembro de 2017).

oferecidos aos colaboradores, aos proponentes e tutores normalmente são destinadas as mesmas acomodações e refeições que recebem os demais. Ainda assim, no *Interactivos? '16* os participantes se dividiram em dois imóveis separados por 200 metros de distância. Apenas um dos tutores passou todas as noites na mesma casa em que foram abrigadas a maior parte dos participantes, pois os restantes dividiram o imóvel vizinho – que era menor e tinha wi-fi – com Cinthia Mendonça. O laboratório se deu em Área de Proteção Ambiental (APA) na Serrinha do Alambari, que também fica no município de Resende. Na casa maior que abrigava as reuniões gerais, as mesas de trabalho, as refeições, os cozinheiros<sup>40</sup> não havia 3G ou wi-fi e os participantes lidaram com dois problemas típicos de imóvel alugado para temporada: pane elétrica e falha no abastecimento de água. Tanto na casa menor quanto na maior havia goteiras. A casa menor, embora estivesse à venda, abrigou a instalação de um “dispositivo de entropia de líquidos” – que tinha a função de realizar a depuração de águas cinzas visando o reuso das mesmas –, proposto por Hernâni Dias, português radicado na Catalunha. Tanto o sistema de saneamento integrado, que inclui o uso de água da chuva e tratamento biológico, quanto o viveiro (uma parte da proposta de sistema agroflorestal) foram abrigados em uma escola pública local. A escola financiou parte da construção do projeto de saneamento e as mudas do viveiro foram doadas por outro ator local. O desenvolvimento do projeto de agroflorestal, por sua vez, tomou lugar em uma propriedade privada de uma moradora local, que manifestou interesse em recebê-lo. O contato com a escola e a moradora foi intermediado por Meire Alves, que mora na região e atuou como mediadora e apoio logístico do *Interactivos? '16* a convite de Cinthia Mendonça. Ela administra um condomínio na Serrinha e foi apresentada aos participantes como alguém que tinha participado da última edição do encontro feminista organizado pela iniciativa, o *EncontrADA*, e tinha interesse em continuar atuando nas atividades da Nuvem, assim como em fazer com que as mesmas continuassem sendo abrigadas na região.

Apesar do Hangar e do Summerlab, realizados pelo LABoral, também terem sido citados como referências em conversas na Nuvem, nenhum deles fica na área rural: o primeiro funciona como uma estrutura de apoio para artistas em uma antiga indústria desativada em Barcelona e o segundo é abrigado em um centro de arte e criação industrial, conta com um

---

<sup>40</sup> O *Interactivos? '16* contou com um casal de cozinheiros contratados que preparavam refeições veganas no almoço e jantar. Trata-se de uma exceção em relação ao modo como normalmente as coisas funcionam: geralmente não são preparadas carnes em respeito aos vegetarianos e veganos (havia pelo menos um vegetariano e/ou vegano em cada um dos laboratórios dos quais participei), mas cozinhar é em geral uma tarefa delegada aos participantes, ou pelo menos, àqueles que se voluntariam para fazê-la.

fablab<sup>41</sup> como fruto de uma parceria com o MIT e se situa em um antigo prédio da Universidade Laboral de Gijón, também na Espanha.

A casa do Vale do Pavão na qual a Nuvem se instalou de início fica em uma região turística da Serra da Mantiqueira, dividida entre pequenas propriedades, sendo que muitas delas são usadas para serviços comerciais como restaurantes, pousadas, camping etc. Nos anos 1970, hippies teriam escolhido o local como base para formar sua comunidade<sup>42</sup>. Com uma temperatura média de 11°C e chuvas constantes no verão, no entorno são encontrados algumas atividades produtivas específicas de regiões frias e úmidas e, portanto, pouco comuns em outras regiões do país, como o plantio de cogumelos, de café, trutários, etc. Quando conversamos sobre o espaço escolhido para as atividades da Nuvem, Cinthia Mendonça mobilizou sua experiência pessoal como “caipira de Minas Gerais”, ressaltando que não deixou o campo como opção, mas como condição, significando sua conexão com a capital do Rio de Janeiro, onde mora, e o rural.

A cocriadora da Nuvem é graduada em direção de cena teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em artes visuais pela mesma instituição, onde também participa do Nano - Núcleo de Arte e Novos Organismos. Já atuou nas áreas de arte performática, dança, teatro, intervenções urbanas e estuda o corpo, subjetividade, máquinas, dispositivos etc. Em duas de suas performances mais recentes, registradas em vídeo, figuram um ventilador de chão e maquinários agrícolas.

Doutoranda em Artes e Cultura Contemporânea pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Cinthia Mendonça publicou um artigo em 2015 abordando relações entre a Nuvem e duas outras iniciativas – o Veracidade, de São Carlos, e o Calafou, de Barcelona –, expondo seu entendimento dessas três referências como Zonas Autônomas Temporárias (ou TAZ, abreviação em inglês de Temporary Autonomous Zones).

No campo a praticidade do consumo imediato é relativa, e então, é preciso “saber fazer”, a sabedoria ancestral e a contemporânea se misturam em técnicas e tecnologias de fabricação e cultivo das coisas. Dito isto, é inevitável que uma pessoa desenvolva domínios práticos mínimos para habitar o rural e então, o consumo passa a não ser fundamental para que se possa acessar o mundo. Muitas vezes, o “fazer” vem a substituir o “comprar”. Isto é, em contraste com a ilusão de solo liso feita para categorias específicas de cidadãos normativos, ou melhor, normatizados, veremos a experiência

---

<sup>41</sup> Segundo Fonseca (2014, p. 53) “Fablabs são uma rede de laboratórios de fabricação digital baseados em um modelo criado dentro do Centro para Bits e Átomos (CBA) no Media Lab do MIT. Os Fablabs - laboratórios de fabricação digital - consistem em espaços nos quais se disponibilizam diversos equipamentos que, mais do que à produção de mídia, prestam-se à criação de objetos a partir de arquivos digitais - fresadoras, cortadoras de vinil e outros materiais, máquinas de bordar, impressoras 3D, por vezes um scanner 3D, entre outros. São em geral tecnologias que já existem há algumas décadas.”

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://visiteviscondedemaui.com.br/visconde-maua>> (Acesso em: 5 de setembro de 2017).

de espaços rurais que operam como uma espécie de contradispositivo de poder, na medida em que nos coloca diante da valorização dos saberes desde outro ponto de vista, dando ao corpo o lugar de criação. Acredito que a lógica periférica, seja no campo ou na cidade, nos traz percepções sobre os processos de rupturas e desterritorialização necessários para a criação e a manutenção das zonas autônomas. (MENDONÇA, 2015, p. 47)

Hakim Bey, autor anarquista estadunidense que escreveu um livro definindo o que é TAZ (traduzido e publicado no Brasil em 2001 pela editora Conrad), se refere a uma forma de resistência que têm a rebelião como ação política primordial – uma tomada da liberdade que se dá sem revolução em oportunidades para ações disruptivas que não confrontam diretamente o Estado. Fonseca (2014, p. 21) nomeia Hakim Bey como uma referência comum aos grupos envolvidos com a construção da cultura digital no Brasil nos anos 2000, que fariam uso das instalações públicas governamentais, tais como os Pontos de Cultura, sem se submeter às suas lógicas internas de poder e delegariam a perduração de seus feitos e relações às possibilidades disponíveis online nas quais “a construção de identidade se daria não mais dentro de instituições burocráticas, mas sim a partir de grupos de afinidade auto-organizados através de ferramentas digitais” (FONSECA, 2014, p. 21). Já no artigo escrito por Cinthia, o desejo de autonomia em relação às instituições é estendido ao consumo imediato por meio de práticas *do it yourself* (faça você mesmo), sendo que a desvinculação é atribuída às maiores dificuldades de acesso a esses produtos no contexto rural.

Embora os portões fiquem abertos durante os eventos, a Nuvem não possui um espaço único de atuação e, salvo períodos de exceção temporária, não há moradores fixos – mesmo na casa que até hoje foi aquela usada com mais frequência para atividades. As barreiras de acesso são significadas como mínimas na maior parte das ocasiões – como nos casos de os colaboradores serem chamados por ordem de inscrição – e mesmo as dificuldades de transporte foram, até o segundo ano, minimizadas com a cobertura total dos custos de mobilidade para quem fosse até lá (seja para os encontros, para desenvolver o seu projeto ou colaborar com a proposta de outra pessoa). Ainda assim, os projetos desenvolvidos na Nuvem são selecionados por uma comissão que varia de acordo com a proposta de cada laboratório ou residência. Os equipamentos também são disponibilizados de acordo com as necessidades de cada atividade.

Nos anos de 2012 e 2013 houve uma aproximação entre a iniciativa e as escolas do Vale do Pavão, que receberam oficinas preparadas por membros da coordenação e também por pessoas que passaram pela Nuvem. A operadora comercial de wi-fi foi apontada como responsável pela configuração da conexão – a partir de um ponto compartilhado com um dos vizinhos de cerca da casa –, por ter imposto dificuldades para a instalação de um ponto exclusivo no

local. Assim como na Serrinha do Alambari, não há cobertura estável de internet ou rede telefônica móveis. Alguns projetos pontuais buscaram aproximação com a vizinhança, como o “Reduzo Lixo” desenvolvido no *Interactivos?* de 2013 com o objetivo de disseminar a prática da compostagem. Essas foram as brechas nas quais se arranjaram alguns encontros entre a comunidade do Vale dos Pavão e os participantes inscritos nas atividades da Nuvem. Durante minha estadia, ao longo do *Contralab:Reeboot*, nenhum projeto contou com envolvimento da população local – que também é altamente variável, devido principalmente ao apelo turístico da região.

Apesar do plano de transferir as atividades da casa do Vale do Pavão para o sítio de Fumaça não ter sido concretizado, algumas atividades com foco em agrofloresta, agroecologia e bioconstrução foram realizadas ali. A relação com a comunidade local parece ser mais próxima e um dos mutirões foi voltado para a implantação de uma rede *mesh*<sup>43</sup>, com o financiamento da Commotion<sup>44</sup>, na vila – onde não há sinal de celular ou mesmo operadoras de telefone fixo atuando – a partir de um ponto de wi-fi público instalado em uma praça. Em decorrência da implantação da rede, o wi-fi foi expandido para outros pontos da cidade, entre eles o próprio sítio. Bruno Vianna, por sua vez, virou uma referência e é chamado quando acontece algum problema com o sinal, como se fosse o técnico de alguma operadora. Atualmente ele está à frente do Coolab<sup>45</sup>, uma proposta que oferece apoio para a criação de redes comunitárias por meio de empréstimo de recursos, capacitação e conexão para comunidades que manifestarem interesse em instalar e manter infraestruturas próprias. A iniciativa foi selecionada para receber um investimento de US\$ 30 mil no Desafio Equal Rating da Mozilla<sup>46</sup> e também conta com mais R\$ 10 mil da Fundação Ford, disponibilizados através da Nuvem. Consequentemente, Bruno participa de discussões públicas e eventos que tratam de redes *mesh* e comunitárias como

---

<sup>43</sup> Permite que dispositivos conectem-se diretamente uns com os outros sem passar por um ponto central. Redes descentralizadas desse tipo são resilientes e podem crescer organicamente.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://commotionwireless.net>> (Acesso em: 30 de maio de 2018).

<sup>45</sup> Laboratório cooperativo de redes livres. Disponível em: <<http://www.coolab.org>> (Acesso em: 15 de junho de 2018).

<sup>46</sup> Organização sem fins lucrativos que mantém o software e projetos Open Source da linha Mozilla, como Firefox, Thunderbird, assim como complementos para os mesmos.

a reunião da Coalizão Direitos na Rede<sup>47</sup> e a CryptoRave<sup>48</sup>. Sua atuação em movimentos em prol da ampliação do acesso às tecnologias da comunicação como, por exemplo, o Movimento Espectro Livre, antecede seu envolvimento na implantação de redes *mesh*.

A Calafou, uma colônia que realiza projetos autônomos em associação com a Cooperativa Integral Catalã (CIC), pode ser a que mais se aproxima de uma referência de iniciativa não urbana da Nuvem. Instalada em uma vila industrial, a comunidade é organizada a partir de um modelo coletivo de vivência e organização da atividade produtiva – que é feito a partir de assembleias semanais de tomada de decisões e distribuição de tarefas. A CIC, por sua vez, teve início em 2010 e procura oferecer aos seus sócios uma alternativa integral ao modelo capitalista cobrindo necessidades de alimentação, moradia, emprego, transporte, saúde, educação e proteção social. Moradores da colônia catalã estiveram em 2013 na Nuvem para o *Interactivos?* e fizeram uma apresentação sobre o funcionamento do Calafou. Em uma conversa sobre as expectativas que tinha em relação à Nuvem, Cinthia Mendonça contou sobre como ela esperava que a iniciativa funcionasse como uma cooperativa.

*No início eu queria que a Nuvem fosse uma cooperativa integral. Um lugar de ocupação rural, que pudesse integrar nessa ocupação todos essas faltas que o campo não consegue acessar por conta dessa situação política e social de isolamento que o meio rural vive. Então ela teria que ser integral no sentido de que existe uma demanda de ser múltiplo os fazeres aqui dentro então é agricultura, é arquitetura, é cultura, é tecnologia, é tudo isso. Não dá para ser uma coisa só. E é desafiador porque parece que é impossível você pensar que consegue articular dentro desse leque gigante de possibilidades mas eu digo que, pra mim, é a única maneira de existir. Porque uma rede só de tudo isso é pouco para você articular a tantos eventos. Se eu fosse só do teatro e tivesse um espaço aqui eu ia ter que fazer peça o ano inteiro, ninguém ia aguentar. É pouco, a comunidade rural ela precisa de muito mais acesso. Ela não tem nada de serviço, não tem quase nada. Então, a ideia inicial, o projeto grande era criar uma cooperativa integral onde você conseguisse não focar, a ideia não era centralizar as coisas, pelo contrário: era conseguir disseminar de maneira organizada muitas atividades com muitos temas diferentes. Quer dizer: que as pessoas se envolvessem com isso e que fizessem elas mesmas, mas que tivesse um aparato ali que sustentasse isso porque a vulnerabilidade dos projetos feitos no rural é muito grande. Um exemplo é: quem quer investir num projeto que não tem público passante, que não tem propaganda? Eu vou botar um banner do meu patrocinador pra quem ver? Pros tucanos verem? Pras vacas verem? Não tem sentido. Então você não tem um retorno nesse nível, então você tem que mudar o paradigma. Se isso não interessa, o que interessa? Então, se você trabalha conjuntamente e tem uma possibilidade de ser sustentável com essa ideia da cooperativa também porque essa coisa do ser lucrativo, ter um lucro que alimentasse o próprio sistema ele me parecia bastante interessante.*

---

<sup>47</sup> Rede independente de organizações em defesa da Internet Livre e aberta no Brasil articulada pela Coding Rights, “think-and-Do tank” promotor dos direitos na rede que também recebe patrocínio da Fundação Ford.

<sup>48</sup> A CryptoRave reúne anualmente mais de 2.500 pessoas em atividades sobre segurança, criptografia, hacking, anonimato e privacidade na rede. A iniciativa é baseada no movimento internacional das Cryptoparties, que busca difundir o uso de ferramentas de segurança digital.

*Ao longo dos anos o projeto foi ganhando outros caminhos, me pareceu que essa história da cooperativa foi se tornando mais distante.<sup>49</sup>*

Ao se colocar como organizadora, Cinthia Mendonça mobiliza a posição a partir da qual ela age e suas expectativas em relação ao que faz, significando a Nuvem como um projeto. Ela fala do modo como entende o rural e sua agência em relação a esse entendimento. Sua principal função é de organizar, uma tarefa que ela considera difícil mas coloca como necessária, mobilizando um sentido de assistência ao listar as carências do rural. Ao mesmo tempo, a coordenadora da iniciativa expõe uma vulnerabilidade no modo como o projeto se sustenta: como não é uma cooperativa e “não tem público”, sustentá-lo se apresenta como um problema. O sentido de sustentável aqui é mobilizado como autossuficiente – uma preocupação comum entre empreendimentos que vão desde startups à ONGs e pequenas empresas – mas sem deixar de aludir ao ecológico. A idealizadora da Nuvem levanta a questão de “como sustentar a Nuvem?”, mas deixa a pergunta sem resposta em segundo plano. Por outro lado, ao considerar o rural como excluído, ela propõe algumas remediações pelas vias da inovação, assistência, empoderamento, atualização, etc. Em outros momentos, como quando ela conta para os participantes que o controle de pragas nos cultivos locais é realizado pelos moradores da Serrinha do Alambari sem agrotóxicos da mesma maneira como era feito antes da introdução dessas substâncias na agricultura, Cinthia também mobiliza outros sentidos de rural que não associa diretamente com a sua atuação como organizadora – manifestando um entendimento sobre práticas sustentáveis (agora, sim, no sentido ecológico do termo) que já eram uma realidade ali na comunidade antes mesmo do estabelecimento das conformações conceituais da agroecologia. Também chama a atenção o fato de que ela caracteriza as dificuldades de acesso como carência de serviços, uma “falta” que poderia ser suprida pela cooperativa, que teria sido seu projeto em um primeiro momento.

No contexto nacional, pelo menos duas iniciativas que buscam operar de forma não competitiva estiveram em contato com a Nuvem por meio de visitas de seus membros, a exemplo do Calafou. A primeira é a Cooperativa de Trabalho em Tecnologias Livres baiana COLIVRE, empresa que atua desde 2006 fornecendo “consultoria e novas soluções para sites, wikis e redes sociais em software livre”. A segunda é a rede Uilikandé de trabalho em cooperação que tem como objetivo “demonstrar a hipótese de que é possível viver bem na roça dedicando-

---

<sup>49</sup> Entrevista com Cinthia Mendonça.

se à agricultura agroecológica”<sup>50</sup> em Ubatuba, no litoral do estado de São Paulo. As duas foram tema de discussão registrada na wiki da Nuvem durante o encontro Economias Subversivas realizado ao final de 2016, sob a coordenação de Bruno Vianna, na casa do Vale do Pavão.

A outra iniciativa associada à Nuvem por Cinthia Mendonça (2015, p. 47) na redação de seu artigo, a Veracidade, também manteve esse intercâmbio de membros que foram até a serra fluminense para participar das atividades em diversas ocasiões. Além disso, a Veracidade desenvolveu projetos que foram definidos como “parceria com a Nuvem”<sup>51</sup>. Formalizada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), a iniciativa realiza cursos e serviços de permacultura em um bairro central da área urbana de São Carlos desde 2012.

Podemos citar ainda três outras iniciativas brasileiras em espaços rurais que possuem alguma relação com a Nuvem. Uma delas é o Rural Scapes, que recebia artistas para seu programa de residência na Fazenda Santa Teresa no município de São José do Barreiro, a 40 km de Resende, desde 2014. O Rural Scapes também chegou a oferecer oficinas abertas na fazenda com transporte gratuito, a partir da rodoviária de São José do Barreiro e também em alguns outros pontos da cidade, como o Clubão, o Projeto Guri e o Sindicato Rural local. Os cocriadores Rachel Rosalen e Rafael Marchetti já estiveram na Nuvem durante uma residência de verão e, por outro lado, tanto Bruno Vianna quanto Luciana Fleischman passaram pela fazenda em momentos diferentes – ela como pesquisadora visitante e ele como jurado participando da seleção dos artistas residentes. O programa de residência, que teve sua última edição em 2016, recebeu incentivo do Programa de Ação Cultural (ProAC) do governo do estado de São Paulo, de forma que os residentes se tornavam bolsistas remunerados para desenvolverem seus projetos por um mês e cediam os direitos autorais para o Rural Scapes por meio de contrato. Como veremos no próximo capítulo, esse regime de propriedade intelectual difere significativamente do compromisso assumido pelos participantes das atividades na Nuvem, que consiste em documentar o que está sendo feito em publicações online. A segunda é a Terra Una, uma ecovila institucionalizada em ONG, utiliza bioconstrução, permacultura e técnicas agroecológicas em sua manutenção. Fundada em 2003 em Liberdade (MG), ela recebe visitantes para atividades educativas a 70 km de Resende.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://cirandas.net/uilikande/os-projetos-produtos-e-pessoas-do-uilikande/quem-somos-o-projeto>> (Acesso em: 25 de maio de 2018).

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://veracidade.eco.br/compostino-monitor-de-composteira-com-arduino/>> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

Por último, o Sítio do Astronauta fica em Monteiro Lobato, no interior de São Paulo, e trabalha com “ciência, tecnologia e permacultura” desde 2015. Os cocriadores do projeto realizam frequentemente oficinas com crianças que envolvem processos de “aprender fazendo” na rede de Serviço Social do Comércio Regional do Estado de São Paulo (Sesc). Hiure Queiroz, cocriador da iniciativa, esteve na Nuvem colaborando com o *Interactivos?* de 2013.

A permacultura, que é um ponto em comum entre o Sítio do Astronauta, a Terra Una e a Veracidade, é uma das correntes que fazem parte do movimento agroecológico – ao qual também se filia a Uilikandé. O movimento, por sua vez, surgiu como resposta ao modelo de agricultura agroquímica e concentradora de capitais da revolução verde, que ganhou força no Brasil a partir dos anos 1950 e 1960. A sua articulação está ligada ao desenvolvimento de pesquisas nas áreas da sociologia rural, da geografia, das ciências agrárias, da biologia e, principalmente, da ecologia, que ampliaram o entendimento sobre o impacto da modernização da agricultura nos agroecossistemas (CURADO e TAVARES, 2017, p. 26). Nesse sentido, a atuação do movimento se contrapõe ao modelo hegemônico conformando um outro estilo de agricultura, que reúne a agricultura ecológica, a agricultura biodinâmica, a agricultura orgânica, além da própria permacultura, entre outros cultivos. Tais correntes divergem entre si em aspectos como a assessoria técnica, a participação do campesinato nas decisões, a experimentação, a troca de conhecimentos e mesmo nas críticas dirigidas à industrialização da agricultura e à exclusão social. Ainda que elas não sejam dissociadas a ponto de impedir que certas convergências e convivências se deem entre elas, algumas especificidades são reivindicadas. No caso da permacultura, um sistema para a concepção de ambientes tendo em vista a permanência do ser humano no planeta, a principal característica é a combinação de princípios éticos com algumas premissas de planejamento baseadas na observação da ecologia e de formas sustentáveis de intercâmbio, de vida e de produção de populações tradicionais em integração com o ambiente. É interessante notar como essa definição se traduz como se as especificidades das tradições locais fossem endereçadas nas preocupações ambientais de apelo macrossistêmico através do conhecimento mobilizado pela permacultura. Em última instância, a permacultura sugere um modo de se lidar com as pressões do capital sobre recursos naturais, que considero importante para entender a perspectiva dos sujeitos que são informantes do presente estudo. Considero que essas preocupações se refletem na convivência imersiva e nos projetos desenvolvidos na medida em que essas coisas se pautam por uma busca por modos de vida que poderiam competir com outros, sem serem destrutivos entre si e degradando menos o meio ambiente.

Durante meu trabalho de campo, pude observar a problematização de algumas das questões em disputa pelas correntes da agroecologia ressonando na Nuvem em alguns momentos, como, por exemplo, quando foi discutida a possibilidade de mapear as nascentes da região da Serrinha durante o *Interactivos?*'16: Água e Autonomia. Lirca López, agricultora da rede Uilikandé que participou como tutora, justificou sua ressalva em relação ao mapeamento dizendo que em Ubatuba há muita água e a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, uma empresa de economia mista e capital aberto com ações negociadas nas bolsas de valores de São Paulo e de Nova York) vai até as nascentes mais escondidas e, não encontrando impedimentos ou tendo que enfrentar complicações mais imediatas, implanta sua captação. Tal prática foi citada como exemplar do modelo de desenvolvimento predatório, que poderia se valer do mapeamento caso ele externalizasse a localização das nascentes, de modo que elas pudessem ser facilmente encontradas.

Na ocasião, o físico Antônio Celso propunha o mapeamento como parte de seu projeto “Sensores - extensões da percepção e interfaces biológica-eletrônica”, inscrito por ele e selecionado pelos tutores, em conjunto com Cinthia Mendonça, para o laboratório. Estavam presentes quase todos os participantes dessa edição do *Interactivos?* então recém-chegados na Serrinha (alguns chegariam apenas no dia seguinte) na companhia de Luís Felipe César, diretor da ONG Crescente Fértil e presidente da Agência do Meio Ambiente de Resende, que foi convidado para fazer parte da comissão que selecionou as propostas e falava sobre as características locais. João Luiz, engenheiro hídrico que possui uma empresa de serviços elétricos e hidráulicos em São José dos Campos (SP), respondeu que há outorgas, mas atualmente esse recurso legal é utilizado apenas por grandes indústrias. A agricultora manifestou sua preocupação se opondo à possibilidade de “fazer algo que pode ser utilizado com esse objetivo do lucro” ao que Luís Felipe César respondeu “Somos insignificantes, o público não cobra”. O proponente disse então que o mapeamento poderia servir como base para que a comunidade fizesse cobranças. Lirca López sugeriu que talvez fosse o caso de estabelecer “uma rede” e Antônio Celso concordou, o que abriu espaço para que se desse sequência às demais apresentações. Nem Lirca López nem Antônio Celso especificaram o que seria essa rede – a meu ver, seria algo como colocar os moradores interessados em contato de forma que eles pudessem avisar uns aos outros sobre eventuais ocorrências que comprometessem o abastecimento na região, e possivelmente articular uma espécie de controle social para questões relacionadas à água. Nessa discussão, diferentes posturas críticas ao modelo hegemônico e questões sobre a troca de conhecimentos tradicionais e participação da população rural foram mobilizadas logo no momento da apresentação

do projeto pelo proponente aos demais participantes no início do *Interactivos? '16*, ou seja, numa das primeiras investidas na significação da proposta. O próprio Luis Felipe César forneceu ao grupo uma série de documentos referentes ao zoneamento da área, mas reforçou que era para uso interno e pediu que os arquivos não fossem publicados. Nenhum desses arquivos ou mesmo o mapa proposto foi colocado em circulação durante o laboratório. Somente foi publicado um registro cartográfico online indicando onde foram recolhidas as amostras e realizados os testes, sendo que nenhuma dessas atividades se deu em local de nascente. Dois dos três locais assinalados no mapa eram foco de exploração comercial local: um se encontra dentro da propriedade onde está instalado um trutário e outro em área de atividade pecuária. Interessante notar que a discordância que foi desencadeada por uma recusa aos recursos de que se valem as “grandes indústrias” terminou em um voto de confiança depositado na comunicação em rede, ainda que com a ressalva de considerar a localização das nascentes como uma informação que deveria circular dentro de limites a serem colocados pela comunidade local.

Em 2016, junto com a proposta de financiamento das atividades da Nuvem junto à Fundação Ford, foi apresentada a proposta de divisão da iniciativa em duas coordenações. “Feminismos e Deslocamentos”, coordenação liderada por Cinthia Mendonça, propõe uma expansão da Nuvem para fora do eixo formado pela Vila de Fumaça e o Vale do Pavão. Bruno Vianna, que ficou responsável pelas “Atividades Territoriais”, se encarregaria de continuar o trabalho em Visconde de Mauá, primeiro e principal abrigo das atividades que vinham sendo desenvolvidas até então.

## **2.2 Dimensões e forças**

Desde que a Vivo Arte.mov deixou de ser a principal fonte de financiamento da Nuvem, algumas mudanças decorrentes da escassez de recursos foram tomando lugar. A mudança mais evidente ocorrida nesses dois anos (2014-2015) é a suspensão definitiva da residência de inverno e a suspensão temporária do laboratório *Interactivos?*, provavelmente as atividades mais custosas realizadas ali devido à contratação de tutores, duração e apoio oferecido aos residentes. Outra é a realização mais frequente de eventos autofinanciados, como as já mencionadas residências de verão e a primeira edição do *Contralab*, em 2014, que também foi a primeira experiência da iniciativa com dinheiro proveniente de financiamento coletivo na modalidade vaquinha, ou seja, sem recompensas. Houve ainda um aporte de recursos provenientes do Commotion para a já mencionada Fumaça Data Springs (mutirão de implantação da rede

*mesh* na vila). O primeiro evento realizado na Nuvem logo que a iniciativa foi criada, o encontro do Movimento dos Sem-Satélite<sup>52</sup>, também teve sua quarta edição realizada nesse período. Foi ainda nessa época que Bruno e Cinthia, que começaram a iniciativa como um casal, entraram em processo de separação.

Segundo Bruno Vianna, a proposta submetida à Fundação Ford por Cinthia Mendonça tinha “muito menos foco na arte”, se comparada aos anos iniciais das atividades da iniciativa. Em retrospectiva, a suspensão da residência de inverno a partir de 2014 parece ser um primeiro passo nesse sentido, considerando que mesmo a residência de verão – um evento que há mais tempo vinha se realizando de forma autofinanciada – foi suspensa em 2017. Nas últimas edições da atividade, os coordenadores da Nuvem se dividiam de modo que cada um ficava responsável por acompanhar o andamento da residência em períodos diferentes ao longo dos 30 dias de duração da mesma.

*Na verdade [na proposta apresentada] só tem uma residência artística, que é a Cinthia que está organizando e deve ser ano que vem. E os outros todos são os encontros mais políticos como o EnconrADA, que é muito político, o Contralab, o encontro de economias subversivas. Quero fazer outra atividade de redes, escolher um lugar para fazer outro projeto piloto. Então, são mutirões no sítio de fazer agroflorestal e mutirões de bioconstrução também. É muito mais para esse lado, assim, do que o lado artístico, que tinha mais. Isso eu não sei se foi uma coisa... Para mim, foi mais natural ser uma coisa menos ligada à arte, mais política, e ter a própria fundação Ford ser mais ligada a esse tipo de ação social que artística.<sup>53</sup>*

No mês de janeiro seguinte, em vez da residência na qual os artistas eram chamados por ordem de inscrição e disponibilidade de espaço na data por eles requisitada, sem que houvesse acompanhamento do desenvolvimento de seus projetos ou ajuda de custo, foi realizada uma residência voltada para a arte performática que oferecia bolsas para os participantes selecionados. A *Resiliência: Residência Artística* foi organizada pela coordenação “Feminismos e Deslocamentos” na Serrinha do Alambari. Ao tirar a centralidade das residências, essa mudança também fornece uma outra perspectiva sobre a Nuvem se colocar como um local de aprendizado e inserção social com poucas barreiras de entrada para jovens, que poderiam enxergar a iniciativa como uma porta de inserção profissional de acesso facilitado, especificamente no caso de artistas que buscavam adicionar experiências como residentes em seus currículos para assim ter acesso a outras oportunidades. Ao se voltar mais para ações sociais e menos para residências

<sup>52</sup> Segundo Bruno Vianna, o “sem” em “Movimento dos Sem-Satélite” tem sentido análogo à “sem” em “Movimento Sem Terra”. Logo, diz respeito à uma reivindicação por satélites ou faixas de satélites por aqueles que não possuem tal coisa. O cocriador da Nuvem explicou essa questão em entrevista gravada em vídeo durante a exposição *Arte em Órbita*, realizada no Equador em 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p3QTWI9KI50>> Acesso em 27 de junho de 2018.

<sup>53</sup> Entrevista com Bruno Vianna realizada em julho de 2016.

artísticas, essa colocação poderia perder o sentido, ou ganhar outros sentidos, fazendo da proposta apresentada para os financiadores algo particularmente significativo para a iniciativa. Como veremos ao final desse capítulo, Cinthia Mendonça também falou sobre ter tirado a centralidade das residências no escopo de atividades da iniciativa, e um dos motivos citados por ela foi justamente descolar a Nuvem desse entendimento no qual ela figura como uma fonte de oportunidades de inserção profissional. Ainda que a Nuvem já tivesse encontros ativistas entre a suas atividades antes dessa proposta ser feita, não se considera, nesse contexto, a atuação em frentes ativistas explicitamente como via de inserção profissional ou uma profissão em si. Em vez de buscar uma resposta definitiva sobre o ativismo ser ou não considerado ali sob essa perspectiva, me parece mais interessante discutir como essa questão configura tensões que foram observadas no trabalho de campo. Essas tensões serão abordadas em relação à uma perspectiva sobre os rumos tomados por uma frente de atuação que não é uma referência acidental para as pessoas que fazem parte da Nuvem, que é o movimento software livre, na medida em que empresas de software passaram a recrutar jovens profissionais a partir de suas bases.

Do ponto de vista analítico, vale ressaltar como a tensão descrita por Turner (2006) oferece chaves para pensar algumas das conexões culturais da Nuvem. Aqui a aproximação da “ação social” descrita por Bruno Vianna remete à ruptura entre a Nova Esquerda, dedicada à práticas tradicionais das disputas políticas, e os Novos Comunalistas, que se afastavam da sociedade que recusavam em busca da sublimação dos poderes e hierarquias que traria consigo a possibilidade de refazer o sistema por meio de experiências subjetivas transformadoras que se estendessem ao mundo físico. Na medida em que boa parte dos encontros ativistas organizados pela Nuvem como o EncontrADA e o Movimento dos Sem-satélite se pautam também pelos modos como as tecnologias afetam ou podem vir a afetar a ordem social, o entendimento de traços sutis de sua abordagem pode se valer de colocá-las em relação com as práticas políticas inauguradas por esses dois grupos da contracultura. Como abordamos no capítulo anterior, os Novos Comunalistas enfatizavam especialmente o modo como as tecnologias poderiam afetar a relação de cada um com seu entorno, assim como as relações interpessoais (Turner, 2006, p. 33). A Nova Esquerda, que derivava muitas das suas lutas dos movimentos pelos direitos civis (combate ao racismo, feminismo, direitos sexuais, etc) e era mais próxima do tom político tradicional, contava com alguns membros que defendiam que só nas mãos das pessoas comuns as tecnologias poderiam ser instrumento de mudança social, e também pessoas que experimentavam com diferentes identidades se valendo dos computadores. Muitos grupos da contracultura,

talvez a maioria, rejeitavam os computadores, por considerarem essas máquinas intrinsecamente associadas ao mundo fechado dos investimentos de guerra, as quais só os governos teriam condições de adquirir das fábricas da IBM. As relações ambíguas com as tecnologias da informação e sua emergência são uma constante na Nuvem, por isso interessa aqui abordar como os valores desses grupos foram sendo revisitados e revisados ao longo de épocas e contextos até serem identificados com modos de vida mais ou menos predatórios no contexto estudado.

Na mesma proposta que delineava a atuação da Nuvem como mais voltada para ações sociais, a divisão das coordenações previa que a frente organizada por Cinthia Mendonça escolheria localidades diferentes para cada evento. Ainda assim, a residência artística realizada em janeiro de 2017 foi o terceiro evento sob a coordenação dela abrigado na região da Serrinha. Na conversa que tivemos durante o *Interactivos? '16*, ela ressaltou que permanência naquele território tinha sido uma resposta ao acolhimento dado pela comunidade à primeira atividade da iniciativa que tomou lugar ali – o encontro feminista *EncontrADA*, realizado alguns meses antes. Segundo Cinthia, a Serrinha foi um dos primeiros locais onde ela e Bruno Vianna foram procurar uma casa para a sede da Nuvem no final de 2011, quando foi alugada a casa no Vale do Pavão.

A Área de Proteção Ambiental da Serrinha do Alambari tem um conselho que se reúne mensalmente desde 1994. O presidente da Agência do Meio Ambiente de Resende (instituição gestora da APA), Luis Felipe Cesar, se mudou para a região em 1983. Ele participou do *Interactivos? '16: Água e autonomia* selecionando os projetos que seriam desenvolvidos na edição e fornecendo as informações sobre a região que interessassem aos proponentes e colaboradores. Ele e Meire Alves, que atuou como “mediadora”, foram os moradores locais que estiveram presentes durante a apresentação dos projetos, logo no início do laboratório, pelos participantes selecionados que tinham acabado de chegar para a experiência de imersão. Em conversa com Cinthia Mendonça, ela me contou que conhece Luis Felipe desde a sua adolescência.

Um dos eventos realizados desde a reorganização da Nuvem em duas coordenações, no entanto, se deu fora dos limites do município de Resende. O *CaipiraTech Lab*, realizado em junho de 2016, tomou lugar em Teresópolis, no Sítio Bicho Solto. A atividade com foco no estímulo das tecnologias de mínimo impacto ambiental teve o tema “Economia das sementes”

e durou um fim de semana. Assim como em Resende, foi oferecido aos participantes hospedagem e alimentação básica gratuitamente. Em vez de estarem divididos entre colaboradores, mentores e proponentes como nos *Interactivos?*, os participantes teriam contato com “uma mesma vivência vamos reunir pensamento e prática por meio de atividades de usam metodologias de sensibilização e técnicas de manejo”<sup>54</sup> a partir de uma programação coordenada por “facilitadores”. Assim, a principal diferença entre esse evento e os já citados seria a programação pré-organizada e diversa (diferente dos mutirões que podem ser pré-organizados, porém com uma monoprogramação) ocupando a maior parte dos dias do evento. Outro ponto que se destaca na convocatória, por diferir das anteriores, é a seleção por afinidade, com prioridade para “moradorxs da região, consumidorxs da feira de agroecologica e agricultorxs”. Foram ofertadas 15 vagas.

O evento mais próximo desse formato que havia sido feito até então, apenas algumas semanas antes do CaipiraTech Lab, foi o EncontrADA. O encontro contou com oficinas dadas por mulheres, e a escolha a respeito de quais atividades fazer e quais não fazer ficava a critério de quem participava, sendo que quatro oficinas e duas conversas foram realizadas em quatro dias. Em conversa com a Cinthia Mendonça, ouvi dela que o formato do EncontrADA foi definido a partir dos encontros anteriores, dado que eles acontecem desde 2012.

*A gente identificou mulheres que já estavam desenvolvendo trabalhos muito interessantes e convidou elas para voltarem dando oficinas, sendo pagas para isso. Então a gente tá fomentando o trabalho de mulheres que já haviam passado por ali. Isso foi muito bacana porque elas fizeram oficinas lindas, muito interessantes, muito bem organizadas porque elas estavam se sentindo valorizadas ali. Era um momento de elas mostrarem o que elas estavam fazendo. E a gente vai seguir com essa metodologia porque foi muito bacana, no próximo ano a gente vai identificar outras e fazer a mesma coisa.*<sup>55</sup>

Como as inscrições se deram via formulário, na chamada era explicitado que no caso das inscrições excederem o número de vagas, “gestoras” e “facilitadoras” – duas funções que remetem ao ideário das ONGs – fariam uma seleção de acordo com o interesse expresso nas respostas dadas ao questionário. Novamente o trabalho de organização é destacado como algo que viabiliza o que acontece entre as participantes também em um nível individual, ou seja, perceber e sentir seriam, ao mesmo tempo, experiências internas e transformadoras. Du-

---

<sup>54</sup> Chamada para o CaipiraTech Lab, disponível em: <[https://docs.google.com/document/d/1zZ748RaCT6UfFqgSJSMPffwJt\\_nValYUOliwFMKws8c/edit?pref=2&pli=1](https://docs.google.com/document/d/1zZ748RaCT6UfFqgSJSMPffwJt_nValYUOliwFMKws8c/edit?pref=2&pli=1)> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>55</sup> Entrevista com Cinthia Mendonça

rante as minhas conversas tanto com Cinthia Mendonça quanto com Bruno Vianna, os questioneei sobre os critérios de seleção que usavam. Ela deixou claro que fazia questão de selecionar algumas mulheres quando recebia muitas inscrições masculinas e que a interessa trabalhar com replicadores devido ao reduzido tamanho da iniciativa que coordena. Quando pedi que me explicasse o que entende por replicadores, ela me disse “gente que faz parte de coletivos, que está articulando, tá muito interessado nisso e diga ‘eu quero ser um replicador’”.

Abro aqui um parêntese aqui para uma referência que estabelece uma base compreensão que ajuda a identificar uma posição para o “fator replicador” dentro do quadro geral de autores que dão suporte a leitura analítica desse estudo. Barbrook (2009, p. 178) identifica no material de propaganda estadunidense da Guerra Fria, tarefa da elite de intelectuais que desembarcaram do marxismo assumiram no final dos anos 1950, uma lição da economia keynesiana que serviria de base para uma justificativa para as políticas reformistas do New Deal que não batesse de frente com as tradições liberais nem se comprometesse com os ideais marxistas de seus adversários russos. A fim de popularizar as medidas do governo, a elite intelectual formulou a ideia de que intervenções estatais poderiam contribuir para o crescimento econômico, desde que fossem certas. A confiança nas ações governamentais foi apoiada nas máquinas, uma vez que elas já habitavam o imaginário popular como neutras e precisas. A partir desses ajustes finos guiados pela máquina, se respondia aos rumos tomados pelos índices econômicos em um sistema retroalimentado e programável tal qual um *mainframe* da IBM. O efeito multiplicador das interferências no ciclo econômico beneficiaria todos os setores da economia – que poderiam ser incluídos na equação devido à alta capacidade de processamento da máquina – levando à confirmação da superioridade dos Estados Unidos em relação aos russos. É interessante notar os ecos que essa tradição na qual os intelectuais estadunidenses foram buscar uma justificativa para medidas de impacto macro ainda reverberam em algumas das articulações que observei no trabalho de campo. As respostas sobre o “fator replicador” fazem entender que elementos à margem da equação das atividades da Nuvem seriam, idealmente, os responsáveis por dar escala às experimentações do laboratório rural, ou seja, um efeito análogo ao fator replicador em sua versão ciberneticamente metaforizada da propaganda estadunidense da Guerra Fria.

O significado e a importância do fator “replicador” também foi reiterado em uma conversa que tive com Bruno Vianna. Para ele, a instituição da documentação como compro-

misso assumido pelos participantes das atividades de documentar o desenvolvimento dos projetos com publicações na wiki da Nuvem<sup>56</sup> – presente em praticamente todas as convocatórias pelo menos até 2016<sup>57</sup> – e a exclusão de projetos comerciais na seleção é o que faz com que as coisas desenvolvidas ali “tenham a obrigação de serem replicáveis”. O que se entende por projeto “comercial” não compreende, por exemplo, projetos que estimulem uma economia local. Durante o *Interactivos? '16*, por exemplo, a proposta do projeto “Sistemas agroflorestais como estratégia para a conservação de matas ciliares e nascentes” se colocava justamente como um estímulo econômico (a produção de alimentos em áreas que poderiam ser consideradas como improdutivas por efeito da preservação obrigatória) para a conservação ou reflorestamento de matas ciliares. Também não há condenação do uso econômico no que Cinthia e Bruno chamam de “replicação”, de modo que se torna possível produzir algo comercial a partir da documentação de uma proposta “não comercial” desenvolvida na Nuvem, como uma fase posterior de desenvolvimento do projeto. O conteúdo da documentação, que é feita pelos participantes durante as atividades e inclui materiais sobre os projetos, está em grande parte publicado na wiki da Nuvem sob a licença Creative Commons (CC), que não autoriza o uso comercial e determina o “Compartilha Igual” – ou seja, possui o efeito que define a reciprocidade no licenciamento, mantendo a licença ao se valer do daquilo que está publicado. Logo, a garantia de reciprocidade que determina a proibição do uso comercial contida na licença CC está atrelada diretamente à documentação do desenvolvimento do projeto feita no tempo de permanência do participante nas atividades da Nuvem, enquanto a existência da proposta propriamente pode ser atualizada de outra forma em uma fase posterior e se desdobrar em um produto que não contém o mesmo efeito da licença da wiki. Como abordarei mais detidamente essa questão no próximo capítulo, nem toda a documentação está na wiki, e mesmo aquilo que está é significado como inacabado, sem necessariamente ter um efeito determinante sobre os desdobramentos ou mesmo dar conta de uma continuidade. A documentação do *Interactivos? '16*, por exemplo, está em um site dedicado apenas ao laboratório. Os projetos seriam, então, passíveis de serem convertidos em “comerciais” pelo próprio proponente ou por outros – por exemplo, em uma fase de desenvolvimento da proposta que se dê posteriormente à sua passagem pelo laboratório. Do ponto de vista do movimento software livre, que aparece em vários momentos como uma referência para

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://nuvem.tk/wiki/>> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>57</sup> Outros depósitos de comunicação também foram usados, por exemplo, nos *Interactivos?*, de forma que cada edição do laboratório tem um site próprio.

a Nuvem, a licença GPL<sup>58</sup> – que estabelece quais normas são socialmente aceitáveis para um sistema de colaboração e compartilhamento de software entre desenvolvedores e é um marco introdutório do *copyleft*<sup>59</sup> – visa justamente barrar a apropriação “indevida”. Aqui indevida tem o sentido de tornar o resultado de um trabalho coletivo, que pode ou não ter sido produzido de forma voluntária, feito para circular socialmente, em propriedade privada de alguém. A GPL faz essa salvaguarda tornando obrigatório que o software derivado – que é aquele que foi modificado por alguém – a carregue a mesma licença. Dentro desse contexto, o modo padrão de garantir que ninguém vai tirar vantagem do trabalho coletivo passa diretamente pela inserção da questão da reciprocidade no licenciamento.

No que diz respeito à documentação, algumas exceções são concedidas, como no caso do laboratório antirrepressão *Contralab* no qual um projeto não foi exposto sob a justificativa de que se tratava de algo estratégico. A chamada para o EncontrADA de 2016, por sua vez, traz essa questão do conflito entre a exigência da documentação e a preservação contra a exposição no seu texto da seguinte forma:

A EncontrADA fará a difusão dos trabalhos em meio online e em ações de comunicação diversas. Se por acaso você não quer sua foto veiculada aos nossos meios, avise com antecedência, podemos guardar seu anonimato. Porém o seu trabalho e o processo dele serão compartilhados. Trabalhamos de maneira aberta, essa será sempre nossa contrapartida.<sup>60</sup>

Os termos dessa “abertura” não foram especificados no documento, mas foram publicadas duas fotos – sem mais detalhes ou texto – de duas das oficinas do evento na wiki da Nuvem. Fora isso, não há registros do que quer que tenha acontecido durante o evento nas contas da iniciativa no Facebook e Twitter nem no site específico do EncontrADA 2016. Ao mesmo tempo legado e retribuição, a “contrapartida” aqui alude à reciprocidade mas não é endereçada, de forma que alimenta a ideia de um fluxo de informação que se acredita sempre

---

<sup>58</sup> GPL, ou Licença Pública Geral, elaborada por Richard Stallman. A GPL foi a principal contribuição de Stallman para o desenvolvimento de software, ainda que ele também seja reconhecido por suas habilidades como programador. A licença subverte a propriedade intelectual e a lei de direitos autorais ao estabelecer as quatro liberdades que definem um software como livre. São elas: 1) liberdade de uso sem discriminação de nenhuma natureza; 2) liberdade de cópia; 3) liberdade estudo e 4) liberdade de modificação. O diferencial da GPL é justamente a obrigatoriedade do licenciamento de software derivado sob a mesma licença. Stallman deixou o MIT em 1984 para se dedicar à construção de um sistema operacional totalmente livre. A GPL foi lançada em 1989.

<sup>59</sup> Copyleft é um jogo de palavras que abrange as traduções “copiar à esquerda” e “deixar copiar”, se configura como uma tentativa colar no esforço colaborativo produzido para o bem comum a obrigatoriedade da retribuição em termos de benefícios para a própria comunidade, evitando que essa modalidade de trabalho se torne um instrumento para a apropriação privada.

<sup>60</sup> Disponível em:

<<https://docs.google.com/document/d/1TP2ufGeITAcsv14ZSA8JA8ZYennSDnDfmOmUysd9QvU/edit>>  
(Acesso em: 27 de junho de 2018).

positivo, ainda que seu destino – e mesmo seu propósito ou a natureza do material a ser compartilhado – não seja especificado.

A produção de conteúdo sobre o desenvolvimento dos projetos e o uso de licenças livres de todo material produzido são algumas das poucas premissas que as atividades na Nuvem têm em comum. Outra delas é o compartilhamento das responsabilidades cotidianas para com o ambiente de convívio: a limpeza, o preparo dos alimentos, a organização do espaço, a gerenciamento do lixo, etc. Essa divisão específica diz respeito tanto a uma preocupação em dar visibilidade aos cuidados com o local de convívio, como também aliviar o acúmulo da carga mental de se pensar o que é necessário para alimentar as pessoas e mantê-lo habitável, quanto a significação da Nuvem como um espaço autogestionado, que aqui também tem um sentido de autossuficiente. A autonomia, no caso, também não exclui a permanência de crianças no laboratório – já que o *Interactivos? '16* contou com a participação de uma mãe, que atuou como mentora, com sua filha de dois anos e oito meses convivendo com os demais de forma imersiva. Quando perguntei sobre as regras que instituem a casa como esse espaço autogestionado, me contaram uma história: com a concretização do financiamento por meio da Vivo Arte.mov, uma das possibilidades consideradas foi preparar a casa Vale do Pavão para receber as atividades que se seguiriam. Diante da sugestão de contratar um jardineiro, Cinthia Mendonça teria reafutado a ideia com base no argumento de que se a Nuvem pretendia ser uma iniciativa que prezava e promovia a autonomia, seria interessante que essas tarefas ficassem a cargo daqueles diretamente envolvidos. A casa no Vale do Pavão tinha um manual, que podia ser lido em sua versão impressa pregada no quadro de avisos, ou digital, no repositório local. No manual há informações úteis como horários e dias da passagem do caminhão da coleta de lixo não reciclável e instruções para o uso da composteira, além de sugerir com que frequência cada parte da casa deve ser limpa.

*Não tenho a resposta clara, mas acho que é essa a ideia que é um espaço horizontal as regras são definidas pelas pessoas que estão aqui. Você pode conviver com 15 pessoas num espaço pequeno durante tanto tempo? Como é que você consegue ter um convívio pacífico? Teve só um evento que rolou uma briga de um stress.<sup>61</sup>*

Ainda que não se coloque declaradamente como organizador, Bruno Vianna reclama a eficácia da organização, à qual é creditada a ausência de brigas. A conformação do consenso por meio de assembleias, como principal fonte de organização das atividades, seria o modelo de tomada de decisão. Há uma preocupação manifestada em dispor o arranjo social de forma que qualquer um se sinta à vontade para intervir – ainda que em alguns momentos, como no

---

<sup>61</sup> Entrevista com Bruno Vianna

caso dos proponentes nos laboratórios, por exemplo, alguns tenham prioridade nas interlocuções durante as reuniões gerais em função de apresentar o desenvolvimento dos projetos, seu andamento, suas necessidades e dificuldades. A possibilidade de suspensão das hierarquias aqui ecoa, mais uma vez, a crença que desencadeou a debandada dos Novos Comunalistas com destino às comunidades que se pretendiam horizontais no Tennessee, no Novo México e no deserto e ao norte da Califórnia. É interessante notar, no entanto, que o sentido mobilizado no discurso por Bruno se aproxima mais da formulação do indivíduo democrático como aquele capaz de agir coletivamente em nome do bem comum (TURNER, 2013, p. 39) se comparado aos experimentos internos transformadores como caminho para o coletivo dos Novos Comunalistas, ainda que as próprias práticas de suas comunidades tragam muito desse ideário que ganhou corpo nos anos 1940 com o Comitê pelo Moral Nacional. Nesse contexto de investimento intelectual e estatal na formulação de um consenso sobre a figura do sujeito antifascista avesso às rígidas hierarquias do regime alemão, foi concebida “uma personalidade democrática que era psicologicamente inteiriça e capaz de fazer escolhas racionais, independentes. Agindo espontaneamente, ela mudava de acordo com as circunstâncias da vida, reconhecia e aceitava diferenças raciais e culturais. Isso também demandava uma forma diferente de governo: não governado a partir de cima, mas com a criação de estruturas com as quais indivíduos poderiam agir independentemente pelo bem comum, de baixo.” O papel que caberia ao Estado, de criar condições estruturais para que os indivíduos compartilhassem responsabilidades e agissem de acordo com suas inteligências criativas (TURNER, 2013, p. 39) parece emulado no papel organizador auto atribuído tanto por Cinthia quanto por Bruno, que articulariam as normas sob as quais se dariam a participação ativa. À exemplo da abordagem de Fonseca (2014) citada no início do capítulo, é possível dizer que os informantes do presente estudo também não deixam de considerar o Estado como uma arena de disputa importante. Eles não se colocam invariavelmente como dispostos a fazer renúncias, como se estivessem passando por um período de preparação para alguma outra realidade, ou seja, uma provação indispensável em nome uma causa imperativa. As decisões, portanto, parecem ser tomadas sem necessariamente mirar em um objetivo que impera estático no horizonte.

Considerando que ouvi falar do “stress” mencionado mais de uma vez por pessoas diferentes em situações que não estavam diretamente relacionadas, o episódio aparentemente faz parte do imaginário sobre a Nuvem. Diz respeito a uma briga durante o *Interactivos?*<sup>13</sup> envolvendo um espanhol, que chegou a voltar para participar de uma outra atividade da iniciativa depois do ocorrido. As histórias divergem em alguns pontos, mas entre os relatos foram

mencionadas traduções arbitrárias, confusões, agressão e sonilóquio. Bruno Vianna conta que houve uma roda de conversa para “tentar resolver”. Perguntei se isso funcionou ou se a pessoa foi embora em seguida. “Ele ficou até o final. Nunca se resolve, mas pode conviver depois”, disse.

Em agosto de 2015, uma iniciativa instalada em uma vila histórico-monumental em um município espanhol, Medinaceli, situado em uma área de baixa densidade populacional na província de Sória, procurou a coordenação da Nuvem para enviar a sua convocatória, que havia sido inspirada pela estação rural de arte, ciência e tecnologia brasileira. No mês de março daquele mesmo ano, Dario Ferraro e Lucía de Soto, que já tinham um projeto focado em agroecologia e educação que fornecia alimentos para um restaurante no município histórico, haviam passado uma temporada na serra fluminense para realizar uma experiência gastronômica, fotografando hortaliças locais que até então não conheciam e elaborando receitas. Dessa vez, recorriam aos criadores da Nuvem, pois estavam abrindo um programa de autorresidências e encaminharam o texto da chamada pública com um pedido de sugestões para Bruno Vianna e Cinthia Mendonça antes que o mesmo fosse divulgado.

*Claro que eu tinha a expectativa de fazer projetos que fossem replicados e tal. Depois de dois ou três anos eu percebi que o projeto que tinha para ser replicado era a Nuvem. Então, fiquei super contente quando ano passado apareceu uma residência na Espanha – tudo o que a gente faz é código aberto, é copyleft – pegaram e falaram ‘ah, a gente quer fazer uma coisa parecida aqui’. Quando a gente foi ver a convocatória era igualzinha (claro que mudaram o local e tudo) mas a gente pensou é um modelo que pode dar certo, pode ser replicado e coisa assim.<sup>62</sup>*

Na conversa que tive com Bruno, não só o texto da chamada, como a iniciativa do Medinaceli em si é significada em termos de replicação da própria Nuvem, quando o assunto se voltou para o texto da chamada enviada no email. Na conversa sobre a iniciativa espanhola, a Nuvem aparece como um “modelo”, algo que já estava subentendido na avaliação feita no *Arranjo* por Felipe Fonseca e Luciana Fleischman.

### **2.3 A Nuvem não é um coletivo**

Definir o que é um projeto que realiza atividades “autogestionadas” sem um núcleo fixo de membros faz parte de um jogo de perseguir o intangível que pode ser inconclusivo, mas não é totalmente despropositado. Tanto a revisão das transformações pelas quais a Nuvem passou ao longo dos anos quanto o futuro da iniciativa são muitas vezes colocados a prêmio nessa

---

<sup>62</sup> Entrevista com Bruno Vianna.

disputa de significado. Longe de chegar a uma definição, até porque não é esse o propósito desse trabalho, irei discutir em seguida dois desses episódios na medida em que eles indicam a capacidade de produzir um discurso mais formal quando há demandas de compromissos de financiamento e de projeção. Nos dois casos foram empregados esforços para explicar o que é a Nuvem para quem nunca participou de uma atividade da iniciativa. A questão a ser respondida aqui é especificamente quais sentidos são mobilizados para significar a Nuvem quando a produção do discurso responde a essas demandas.

Em 2013, a pesquisa que Susana Serrano – pesquisadora especializada em produções artísticas que fazem uso social e criativo da tecnologia – desenvolveu durante sua estadia no Vale do Pavão como residente de inverno foi traduzida em uma exposição no Centro das Artes de Sevilla, na Espanha. A pesquisadora, que trabalhou na instituição, atuou como curadora da exposição. É particularmente interessante observar que essa tensão entre recusar certas práticas e não romper inteiramente com instituições que se fundam nas tradições artísticas convencionais, tais como o Centro de Artes, está presente nos materiais da exposição. Em um esforço de formular um entendimento e ressaltar o que havia de singular nos trabalhos ali expostos – da mesma forma que galerias, museus, e espaços análogos ao Centro tradicionalmente fazem a cada exibição – foi elaborado um catálogo de 45 páginas. O catálogo apresenta uma espécie de glossário feito pela pesquisadora com termos como *mutirão* e *gambiarra*; um texto redigido a quatro mãos por Cinthia Mendonça e Bruno Vianna; outro escrito por Luciana Fleischman; um artigo escrito pelos tutores da residência, Guto Nóbrega e Malú Frago; um texto que apresentava relações entre o rural e o artístico do artista, programador e professor do programa de mestrado da Universidade Pompeu Fabra, Eugenio Tisselli; e apresentações das obras escritas pelos próprios artistas residentes.

Ao se referir ao valor estético do que foi produzido durante a residência de inverno de 2012, Susana Serrano remete aos gabinetes de curiosidades (*wunderkammer*, *kunstkabinett*, *kunstkammer* ou *wonder-rooms*), que reuniam coleções de objetos com função e/ou simbologia indeterminada e chamavam a atenção pela sua estranheza ou raridade. Mesmo não sendo necessariamente instrumentos com finalidade prática, a excepcionalidade desses artefatos é lida, ao mesmo tempo, como um símbolo do rompimento com certas tradições culturais precedentes e também como algo desejável.

*Algunas de las piezas creadas por los artistas (objetos, instalaciones, prototipos, etc.) muchas veces ni siquiera aspiran a un buen funcionamiento, sino a plantear cuestiones o generar una inquietud en aquellos que los miran. Quizá en un intento por romper con las lógicas a las que estamos habituados y sugerir algo que de repente apunta*

*en la dirección más inesperada. En un plano estético, estos objetos también buscan quebrar la idea de aura que sigue rodeando a la obra de arte, pero sin por ello renunciar a cierto fetichismo similar al que llevaría a la creación de las wunderkammer, las cámaras de las maravillas de los siglos XVI y XVII, que llenas de artilugios extraños disparaban la imaginación.*

De forma similar, os textos de Cinthia Mendonça e Bruno Vianna, assim como o de Luciana Fleishman, chamam a atenção para a singularidade das condições oferecidas na casa do Vale do Pavão – um processo de “desprogramar-se das dinâmicas urbanas” a partir do qual “esperamos recuperar ferramentas vitais para a criatividade: a contemplação, a distração, a espera”<sup>63</sup> – ressaltando o modo como elas seriam propícias para o processo de criação artística.

Ao longo do catálogo, algumas características do rural são colocadas lado a lado com as propriedades do ambiente que contribuiriam com o processo criativo, como a conexão lenta com a rede mundial de computadores, o silêncio, a desaceleração, o dilaceramento das distâncias, etc. É constante o esforço por apresentar para os visitantes de uma instituição localizada em uma cidade europeia com aproximadamente 700 mil habitantes a influência do contexto no processo criativo sem dar a entender que o campo foi conservado assim justamente para servir de refúgio para os artistas que desejam sair do caos urbano ou, ainda, que as condições campesinas foram emuladas na casa do Vale do Pavão com o objetivo único de oferecer essa experiência aos visitantes, numa fetichização do rural. O texto se desdobra em torno da afirmação da autenticidade, em um empenho para antecipar críticas em relação à falsificação que coloca de lado as contradições implicadas e manifestadas nas “práticas” que dão título à mostra. Sua formulação faz poucas concessões que remetem à contemporaneidade campesina, seu presente material, sua realidade política, as adaptações ao que se entende como mundo moderno. Nas páginas do catálogo, o texto de Tisselli chega a se aproximar daquilo que chama de uma “preocupação” campesina ao tratar do modo como a formalização da entrada da Tanzânia na União Internacional para a Proteção de Novas Variedades de Plantas (UPOV) afetaria os campesinos locais. Ao associar a preocupação da comunidade local com reivindicação de patentes sobre sementes modificadas de plantas que originalmente não eram protegidas por licenças com a inquietação dos artistas a respeito dos abusos cometidos em nome da propriedade intelectual, no entanto, ele termina por afirmar “Todos somos campesinos. Todos somos artistas.” O fechamento do seu discurso dá a entender que as duas disputas seriam incorporadas por algo maior, que as colocaria num mesmo plano. Chama atenção ao longo do texto a forma

---

<sup>63</sup> MENDONÇA, Cinthia e VIANNA, Bruno. Tiempo, herramienta y materia. Poéticas de laboratorio: sobre prácticas artísticas de código abierto. Editora: Instituto de la Cultura y las Artes de Sevilla. p. 20-22. 2013.

recorrente como ele se refere ao campo, chamado de “laboratório a céu aberto” e como os artistas são convocados a sair de seus “jardins amuralhados”. Os termos dessa convocatória trazem, na suspensão das contradições, a tradição hippie da busca conjunta que têm em vista o experimento de reconstrução do mundo a partir de experiências introspectivas se deslocassem do mundo físico, assim como das estruturas que consideravam irremediavelmente corrompidas, e a sublimação do poder.

Durante as conversas que participei na Nuvem, era constantemente reforçada a ideia de que as condições ali encontradas pelos participantes – que também tomavam parte da gestão do lixo, dos cuidados com a casa, do já citado compromisso com o fator “replicador”, do preparo da comida e a documentação das atividades – poderiam se resumir por uma subjugação da estrutura (mesmo quando se trata da estrutura de produção, por exemplo, os equipamentos) como menos importante que a troca e a busca “dos saberes” durante as atividades promovidas ali. Como já foi dito anteriormente, o fluxo de informações é valorizado quase como um fim em si mesmo e, ainda assim, essas condições são tratadas como parte da micropolítica – algo que é tido como inerente ao projeto criado por Cinthia Mendonça e Bruno Vianna. No entanto, essas conversas aconteceram em 2016, depois que muitas transformações se deram no modo como as atividades são organizadas – com a divisão das coordenações, a suspensão das duas residências que até então eram realizadas regularmente, a saída de Luciana Fleischman, a proposta de multiplicação dos locais onde a Nuvem atua, etc – até a fonte de financiamento das mesmas. Por isso mesmo é interessante olhar para esses primeiros esforços discursivos sobre a Nuvem não para revisá-lo à luz do que hoje é dito sobre ela, mas como um rastro das motivações que inspiraram sua criação e as expectativas que sobre as quais se sustentava o projeto até então: como era visto o futuro da iniciativa, o que se esperava das pessoas que eram recebidas ali, como era avaliado o que havia sido construído até então, entre outras coisas.

Entre as cinco obras que fizeram parte da mostra em Sevilha estão projetos com cunho exploratório das possibilidades técnicas – como o projeto Bicicaramujo, de Filipe Borba, que buscava acrescentar outras funções que não a de meio de transporte a uma bicicleta – uma delas sendo a geração de energia a partir do movimento das pedaladas para o uso do meio de transporte em intervenções artísticas e ativistas, ou seja, algo entre o arte-ativismo e a inovação disruptiva. Outra obra que também vai nessa direção é o Fotosynthétika, de Paula Pin, ao conectar máquinas a plantas – se valendo da inspiração cibernética – por meio de biosensores com o objetivo a curto prazo de obter “*inputs* da natureza” até chegar ao processo de “fotossíntese

sintética”.<sup>64</sup> Já a máquina Reverb, construída por Denise Alves – uma espécie de repetidor que registra, emite e elimina sons do ambiente – tem seus circuitos e engrenagens impulsionadas por energia solar. Se aproximando mais da modalidade artística de instalação, Fernando Visockis montou um sistema que dispara imagens e sons inspirados no que se sucede em um computador pessoal quando a máquina não consegue ler e executar as informações requeridas pelo usuário projetadas sobre plantas a partir do momento no qual alguém aproxima um dispositivo eletroeletrônico do conjunto. Por último, Tiago Rubini também participou da exposição com seu sistema acionado por manivela e composto pelo disco rígido que funcionava analogicamente emitindo sons através de um pré-amplificador.

O catálogo enfatiza o processo criativo - ressaltando o modo como aquilo que está exposto foi criado e as possibilidades que cada trabalho artístico contém - como o que há de singular na exposição, e de comum entre os objetos da mostra. É interessante como os textos remetem àquilo que Turner (2006) escreve sobre o *Whole Earth Catalog*, conforme citamos no primeiro capítulo. O catálogo da mostra, assim como o WEC, se apresenta como um convite: ali seria possível ver a forma das coisas futuras, uma nova realidade emergindo. As etapas do processo ou “práticas de código aberto” são significadas como algo realizável não só pelos artistas expositores, mas também estendida aos demais: “o processo conclui tarefas, mas também transforma indivíduos em pessoas capazes, criativas. Nesses processos, artefatos, como calculadoras e livros, podem claramente oferecer assistência, mas também o podem outras pessoas” (TURNER, 2006, p. 84). No catálogo da mostra, é possível encontrar minibiografias dos autores dos textos, assim como os currículos inteiros dos artistas expositores, de acordo com a tradição das instituições artísticas. A programação da exposição incluiu oficinas e também uma “mesa de apresentação” dos projetos desenvolvidos na residência de inverno. A relação daquilo que foi produzido com o contexto sociopolítico também é colocada na conta das práticas *do it yourself* (faça você mesmo ou DIY, na sigla em inglês) dos artistas. Exercendo uma espécie de política pragmática, essas práticas não teriam em vista a total destruição do sistema do qual elas emergem, e sim substituí-lo pouco a pouco.

*Estos artistas no focalizan tanto su atención en su propia subjetividad como en el mundo que les rodea, y en especial en aquellos temas que afectan directamente a problemáticas de la sociedad actual. Sin embargo, su estrategia no va a ser la de la denuncia de situaciones de malestar social. El carácter político de estas propuestas está más en la manera de llevar a cabo su práctica, en la que generalmente buscan*

---

<sup>64</sup> “O processo de fotossíntese artificial é o último objetivo da investigação, daí surge o desejo de obter energia a partir da catálise de H<sub>2</sub>O ou implementando dispositivos através de bactérias fotossintéticas da cor púrpura”. Pin, Paula. *Fotosynthética*. Em: *Poéticas de laboratório: sobre practicas artísticas de código abierto*. Editora: Instituto de la Cultura y las Artes de Sevilla. p. 43. 2013.

*mejorar las cosas que no funcionan por los medios que están a nuestro alcance, procurando en todo momento el bien común. Al ser conscientes de cierto agotamiento y desactivación de las distintas fórmulas del arte político, recuperan por un lado una de las máximas del movimiento punk de «montárselo por su cuenta» para no intentar combatir el sistema sin o reemplazarlo, en la medida de nuestras posibilidades.<sup>65</sup>*

O texto de Susana Serrano realiza uma concessão às limitações de alcance das experimentações desenvolvidas, de modo que as redime pela via da consideração individual do bem comum. É possível observar nele uma série de sobreposições entre discursos ao mesclar práticas hackers com tradições rurais que remetem ao conceito de sustentabilidade. Um dos exemplos consiste justamente nas práticas DIY, que são referidas aqui tanto como único meio possível de subsistência no campo – onde se entende que não há acesso a fornecedores de serviços – e, por outro lado, a abundância de recursos naturais que favoreceria a permanência do que é referido como “cultura da autonomia”; quanto ao processo de tentativa e erro que daria origem a “protótipos” ou versões não definitivas que têm uma função dentro do processo industrial e foram incorporados pela cultura hacker ou, pelo menos, por alguns de seus desdobramentos mais ligados ao empreendedorismo digital, como apontado por Fonseca (2014)<sup>66</sup>. O autor ressalta que esses processos industriais produzem um sem-número de versões intermediárias com uma função pré-determinada – o que, do ponto de vista criativo, é considerada como limitação – nas quais a premissa do descarte está implicada no próprio ato de fabricação.

Mais do que apontar possíveis contradições como, por exemplo, o fato do protótipo ser a princípio algo descartável e, portanto, a princípio não sustentável; cabe aqui adicionar uma hipótese a respeito dessas sobreposições. Os conflitos que emergem dessa apresentação da concepção de “poéticas de laboratório” a partir de uma iniciativa rural e latino-americana para um público europeu e urbano parecem se desdobrar de uma outra tensão. Essa última, decorrente das dissonâncias entre a situação privilegiada do conhecimento prático-experimental celebrado

---

<sup>65</sup> Gómez-Landero, Susana Serrano. Poéticas de laboratório Sobre prácticas artísticas de código abierto. In: Poéticas de laboratório: sobre prácticas artísticas de código abierto. Editora: Instituto de la Cultura y las Artes de Sevilla. p. 12. 2013.

<sup>66</sup> Amadores que se propõem a fabricar objetos que podem ou não estarem ligados a espaços independentes onde são disponibilizados equipamentos para o desenvolvimento desse tipo de trabalho, os chamados makerspaces. Fonseca (2014) caracteriza esses espaços como mais abertos aos hackers, artesãos e amadores em geral que os fablabs, mais voltados ao público universitário. “As tecnologias de fabricação propriamente ditas têm bastante em comum com outras tendências atualmente em voga, como o hardware livre e a computação física. Tomadas em conjunto e aproximando-se do universo inovador dos hackerspaces, de uma suposta valorização do amadorismo (a partir, por exemplo, de websites sociais para publicação de tutoriais, como o Instructables e a Make Magazine) e do empreendedorismo digital, comporiam a chamada “cultura maker” (que pode ser traduzida como cultura do fazer, ou da fabricação).” (FONSECA, 2014, p. 54)

nas “práticas culturais de código aberto” conceitualizadas também pela própria Suzana no experimento de escrita colaborativa que recebeu o nome de *Decálogo*<sup>67</sup> – que nesse caso se apresenta na forma da experiência intransferível de produção na residência de inverno de 2012 – e o mundo ao redor (no mesmo sentido no qual a expressão é usada no excerto do texto de Susana Serrano que acabamos de ver), ou seja, as referências contemporaneamente familiares mobilizadas para situar o que se passou ali dentro de um contexto que seria comum tanto aos artistas quanto ao público da exposição. Até então, o discurso nos apresenta sentidos de rural, de atitude DIY, de rompimento localizado com a esgotada “arte política”, de um rompimento mais amplo com “o sistema”, da inovação para o bem. No entanto, a reclamação desse rompimento parece ser muito mais dirigida ao “jardim amuralhado” do campo artístico que às relações de poder que o extrapolam. Não me estenderei por essa via analítica, mas darei um último exemplo de como a problemática da dissociação e associação discursiva pode ter implicações no jogo de definição e indefinição do que é a Nuvem. O trecho abaixo foi retirado de uma entrevista para o *Arranjos*<sup>68</sup>, na qual a pesquisadora falou sobre o Decálogo e a exposição.

*O projeto Poéticas de Laboratório sobre práticas artísticas de código aberto representou uma volta ao que eu realmente queria estudar. A arte me interessa e começou a me incomodar que nestes medialabs sempre se fala da sociedade, da tecnologia, mas ninguém quer falar de arte, não há critérios ou valoração. Mas na hora de pedir financiamento a etiqueta da arte era utilizada porque serve. Isso me incomodava porque respeito muito a prática artística, considero que é um método de pesquisa tão válido quando o científico. Não são métodos racionais, as metodologias artísticas muitas vezes chegam a um conhecimento mais profundo que depois pode ser aplicado a diferentes áreas. O código aberto é o paradigma atual que segue qualquer prática engajada. Tive a sorte de ter sido selecionada para a residência artística da Nuvem no Brasil em 2012, foi maravilhoso porque convivi com 5 artistas num lugar onde se desenvolviam uma série de projetos muito diferentes, onde vivi o dia a dia, o processo, o intercâmbio de ideias, como se trabalha neste tipo de medialabs inclusive no meio rural, onde há uma preocupação com a sustentabilidade e a ecologia. Selecionamos 6 categorias para definir estes processos, algumas em português e outras em espanhol. Uma delas era mutirão (fazer tudo coletivamente, algo típico destes projetos); refil (relacionado com a reciclagem e o remix de materiais e ideias); poéticas de laboratório (uma reflexão estética sobre estas práticas agrupadas com a etiqueta “laboratório” por ser experimentais e colaborativas) e software livre como ferramenta básica; janelas - porque dialogava com temas de percepção, por exemplo utilizando as tecnologias para se comunicar com a natureza, e essa janela para outra coisa com o componente de pesquisa científica que tinham a maior parte dos projetos.*

---

<sup>67</sup> O Decálogo de Prácticas Culturales de código abierto v 1.0 foi um livro escrito colaborativamente por 10 espanhóis: Maria Ptqk, Marga Padilla, Txelu Balboa, Sofía Coca, Jose Luis de Vicente, Jaron Rowan, Marta G. Franco, Jara Rocha, Kamen Nedev, Pedro Soler, Susana Serrano, Maite Fernández, Josean Llorente, Eva Calavia e David Orriols. Disponível em: <<https://issuu.com/movs2012/docs/10penkult20>> (Acesso em: 20 de junho de 2018).

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://redelabs.org/book/export/html/107>> (Acesso em: 20 de junho de 2018).

Susana Serrano fala diretamente sobre o papel da arte dentro dos laboratórios, particularmente os medialabs, reivindicando o valor dela enquanto método investigativo e, portanto, sua compatibilidade com os processos experimentais que essas iniciativas se propõem a executar. Quando ela fala em “arte como forma de conhecimento” no material da exposição e no “Decálogo” remete a experimentações que abrem caminho rumo à sustentação do próprio campo artístico a partir de práticas e ideias que provêm de modos de resistência – dialoga com uma ideia que tem bastante permeabilidade nesse meio: a de que a invenção é mais potente onde a vida é mais crua. Ela também se coloca em conflito com a falta de parâmetros de valoração e suas implicações na angariação de financiamento, com um receio em relação a um tipo específico de apropriação da arte pelos medialabs e seus consequentes efeitos de legitimação. Nesse sentido, as licenças livres – apropriadas pelos artistas, mas dessa vez a apropriação é naturalizada – seriam um instrumento que possibilita o aproveitamento do conhecimento produzido anteriormente, fomentando o campo. Além de demonstrar uma preocupação com a dinâmica das relações de poder interna ao campo artístico, destaquei aqui esse trecho pois nos interessa mais que a ideia genérica de “bem comum” apresentada no texto do catálogo citado anteriormente, na medida em que uma dá ênfase e caracteriza enquanto a outra apaga e generaliza as práticas em questão no contexto sociopolítico, ao mesmo tempo em que também alude à ideia de cultura como permacultura, presente na investigação que a pesquisadora conduziu na Nuvem. No *Decálogo*, a pesquisadora propõe uma perspectiva que enxerga o campo da produção cultural como um ecossistema no qual o “seu conhecimento e sua riqueza são a riqueza e o conhecimento da comunidade”. Retomando a permacultura como uma conformação do conhecimento que se vale das relações sustentáveis que as populações tradicionais mantêm, vivendo integradas ao ambiente e atuando no endereçamento de problemas ecológicos macrosistêmicos que ameaçam a existência humana, uma leitura possível dessa perspectiva é de que ela propõe o aproveitamento das tradições artísticas como o substrato da interlocução do campo da arte com outras esferas sociais, delegando à circulação das produções não só sua ligação com um contexto mais amplo, como também sua perpetuação.

As indefinições a respeito da abrangência da área de atuação, das pessoas envolvidas, do modo de funcionamento e até mesmo da delimitação do espaço das atividades que são realizadas podem servir de obstáculos para o entendimento do que é a Nuvem, mas também fazem parte da sua dinâmica de atuação.

Na residência de inverno de 2012, uma proposta de trabalho voltada para a investigação de práticas culturais foi desenvolvida por Susana Serrano<sup>69</sup>. Na época, ela desenvolvia sua pesquisa de doutorado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Sevilla. O marco teórico para o que define como “práticas culturais de código aberto” foi formulado em um booksprint<sup>70</sup> realizado com 10 pessoas ao longo de cinco dias. Interessa-nos aqui destacar o que ela chama de comunidade de código aberto e suas características: são autogovernadas; produzem valor social e para si mesmas; buscam modelos alternativos de financiamento que não dependam da explorações dos direitos de autor; reconhecem a si mesmas e às instituições como agentes culturais mutuamente necessários (mas uma comunidade não pode pertencer a uma instituição); uma vez que suas regras são definidas pelos seus membros, a sobrevivência dos processos de participação comum depende de forma ambígua da sua capacidade de regular o acesso essa mesma comunidade; usa da mediação cultural para o empoderamento de cada participante em um contexto comum para “conservar sua singularidade, ao mesmo tempo que a conforma ao comum”; considera que cada fase da produção tem um valor em si mesmo e não precisa necessariamente de um resultado final para ser validado. No texto, se destaca uma abordagem da produção cultural que não se resume aos produtos propriamente (quadros, livros, imagens, etc), mas também tem um sentido mais amplo de produção de modos de vida.

Um elemento interessante para a análise a partir das “práticas culturais de código aberto” é a manutenção da “singularidade”, que da maneira como é colocada no texto, pode ser traduzida aqui como a busca pelo equilíbrio cibernético. Também é notável como a exploração de direito autoral é rechaçada em nome de uma crença no potencial de autogoverno depositada em um tipo específico de rede, a comunidade de código aberto. Mais que uma preocupação com o acesso aos bens culturais, me parece que o sentido mobilizado aqui é o de um desejo de autonomia para o campo da produção cultural – principalmente em relação às estâncias de legitimação do fazer artístico e às institucionalidades culturais: museus, galerias, críticos, marchands, etc. Se, por um lado, a valorização dos processos descola a arte de um espaço físico (o museu, a galeria) e da consagração via prestígio individual (marchands, críticos) que é pouco compatível com a ideia de “participação comum”, ela também abre margem para uma legitimação com base no argumento de que só entende quem participa – sendo que o acesso à comunidade é regulado. Acesso e participação se tornam, então, interdependentes, o que pode apontar tanto

---

<sup>69</sup> Disponível em: <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/Susana\\_Serrano](http://nuvem.tk/wiki/index.php/Susana_Serrano)>. Acesso em 28 de junho de 2018.

<sup>70</sup> Reunião de oito ou nove pessoas por cinco ou seis dias para escrever um livro

para a abertura do acesso ao campo da produção cultural (todos participam e entendem) quanto para o fechamento de uma comunidade sobre si mesma (aqueles participam estão ali porque entendem e vice-versa). Um ponto que merece atenção e talvez seja o caso de adiantar desde já, é que essa não é a única abordagem na qual autogestão e endogamia aparecem como dois lados da mesma moeda.

Essa formulação que responde a demandas de projeção e financiamento, assim como os trechos que destaquei das entrevistas, parecem deixar em aberto a questão: se nós, que participamos da convivência em imersão na Nuvem, estaríamos produzindo um modo de se viver em laboratório. Uma vez que as condições encontradas ali seriam parcialmente arranjadas pela organização, isso significa também que seriam significativamente diferentes daquelas da vida social? Em um mesmo movimento, é possível levantar outra questão sobre o compromisso da documentação: poderíamos produzir saberes e modos de vida pertinentes para as pessoas – com as quais, embora possamos ter interesses em comum, não compartilhamos necessariamente as mesmas condições sociais – que não estão na imersão, de modo que elas também tenham como se tornar “replicadoras”, se assim desejarem?

Tanto no “Decálogo”, quanto na entrevista e no catálogo da exposição está contida a ideia geral do laboratório como abrigo do experimento artístico que não deixa de ser científico, e a especificação da Nuvem como ponto de confluência entre hippies e hackers. Voltando para a questão do que é a Nuvem que propomos no início do capítulo, a falta de uma resposta definida e definitiva para essa questão também resultou em pelo menos um segundo episódio de conflito no qual o discurso ocupou uma maior centralidade ao tratar de responder às demandas de projeção.

A seleção dos colaboradores a edição 2016 do *Interactivos?* também indicava que compreensão daquilo que se passará nas atividades realizadas pela Nuvem era importante. Novamente, a questão do entendimento aqui aparece como uma preocupação: como estabelecer um acordo que corresponda as expectativas de quem vai com as expectativas de quem recebe? A mobilização do sentido de deturpação, apropriação indevida, alheamento é uma constante, ainda que não se tenha observado, no seu histórico, indícios de que essa possibilidade tenha se concretizado.

Uma das perguntas que tinham que ser respondidas por aqueles que desejavam estar entre os 20 colaboradores era: “Você já teve alguma experiência com labs colaborativos? Se

sim, conte-nos sobre isso.” A questão era seguida por “É integrante de grupo/coletivo/associação?” e “Como você ficou sabendo da convocatória?”. Essa preocupação com o histórico das pessoas que seriam recebidas como colaboradoras também apareceu na conversa que tive com Cinthia Mendonça durante o evento.

*Quando você começa a crescer, você começa a ficar mais famoso, mais conhecido, essa rede ela se expande de uma maneira que ela fica mais aleatória. Então o caráter da residência muda, porque aparece muita gente que está ali sem saber porque está ali. Tá ali porque é uma oportunidade fácil de acessar uma residência e precisa ter isso no currículo, por exemplo. E aí nos relacionar com pessoas assim com tanta intimidade e sem propósito é mais difícil. Então eu acho que a residência de verão por exemplo ela para de funcionar pra mim a partir da terceira edição e eu opto por não fazê-la mais. E aí o que eu faço? Começo a criar outros mecanismos de trabalhar na mesma vertente de abrir o espaço para as pessoas acessarem sem tanta burocracia, mas não dentro desse formato porque esse formato não funciona mais quando você tem uma abrangência muito grande da rede. Antes era: pessoas que eu não conhecia, mas também não eram pessoas muito distantes dessa... sei lá... Por exemplo, os seus amigos, eu não conheço eles, mas eu tenho você como uma referência, você está integrada a isso, você entende, então você cria uma rede qualitativa. Quando isso começa a expandir demais, você perde a essência das coisas, foi isso que aconteceu.*

A coordenadora da Nuvem mobiliza o sentido de rede de confiança, através da qual seria possível exercer algum controle que enderece a preocupação com os desentendidos. Conforme pude observar, a tensão entre o indivíduo criativo e o coletivo que conforma o consenso sobre a possibilidade de horizontalizar ao máximo as relações também se trata de uma relação aparece constantemente nos discursos sobre a Nuvem. A retirada da centralidade das residências da agenda de atividades da Nuvem é significada como uma forma de descolar da iniciativa a ideia de que ela se tratava de um ambiente de inserção para jovens em busca de oportunidades, especialmente aqueles que tinham interesse em incluir a sua participação como residentes em suas experiências curriculares. Como vimos no início do capítulo, Bruno Vianna significa mesma mudança em relação à troca de fonte de financiamento, uma vez que as residências perderam a centralidade justamente dentro da proposta apresentada para os novos financiadores. A inscrição de colaboradores para o *Contralab:Reboot*, organizada na coordenação de Bruno em 2016, se deu igualmente via formulário e praticamente repetia a mesma questão sobre a participação “em grupos, coletivos, associação ou organização”. Ambos pediam que o candidato enviasse uma breve biografia ou currículo resumido.

O próximo capítulo se destina à observação de como as relações interpessoais se entrelaçam na Nuvem com uma certa ligação com as tecnologias. Veremos que essas relações não se encontram completamente desvinculadas de expectativas de projeção das atividades realizadas ali em um contexto mais amplo, mas também configuram outras práticas no dia a dia do convívio em imersão que é característico da iniciativa.

### 3. PRODUÇÃO, PERENIDADE E CIRCULAÇÃO

#### 3.1 Ritualidade e pertencimento

A Nuvem possui seu próprio ritual de entrada, que é o preenchimento dos formulários de inscrição das atividades que realiza. Nos laboratórios, especificamente, cabe a uma comissão formada eminentemente pelos mentores ou tutores de cada edição que podem ou não contar com participantes convidados pelos coordenadores Cinthia Mendonça e Bruno Vianna – também podendo incluir um deles, ou os dois – ler e selecionar os proponentes. Os mentores e mediadores são categorias de participantes que não preenchem formulários, pois são convidados pelos coordenadores. No caso do *Interactivos? '16: Água e Autonomia*, Luis Felipe Cesar, amigo de Cinthia e presidente da Agência do Meio Ambiente de Resende, também fez parte da comissão de seleção de proponentes, ainda que não tenha atuado como tutor durante o laboratório e sim como “mediador”<sup>71</sup>. Uma vez selecionados os proponentes, ainda no caso dos laboratórios, é aberta a chamada para colaboradores – que no caso do *Interactivos? '16*, contou uma descrição do perfil de colaborador almejado pelo proponente. O trecho abaixo, por exemplo, é a descrição do perfil desejado de colaborador para o projeto de uma estudante de engenharia de recursos hídricos e meio ambiente da Universidade Federal Fluminense, o “Sistema Integrado de Saneamento Ecológico”, conforme a chamada para colaboradores do *Interactivos? '16*.<sup>72</sup>

Pessoas interessadas em somar seus conhecimentos ao projeto, sobretudo, que tenham experiência com filtros biológicos, instalações hidrosanitárias, pessoas vindas da engenharia civil, engenharia ambiental ou agronomia, estudantes, professores, pessoas que dominem programas de edição para confecção do manual ilustrado, artistas gráficos, artistas visuais, pessoas que saibam trabalhar com diversas ferramentas (cavadeira, enxada, pá, serras).

As descrições de perfis desejados para colaboradores de todos os projetos dessa edição do *Interactivos?* traziam esse mesmo início: “pessoas interessadas em somar seus conhecimentos”. Os colaboradores também preenchem um formulário, sendo que ser aceito ou não pode depender, ainda, da ordem de inscrição. Vale lembrar, conforme descrevi no capítulo anterior, que tanto colaboradores quanto proponentes dos laboratórios são voluntários. Além

<sup>71</sup> Três tutores, dois “mediadores” e dois “técnicos” estiveram no *Interactivos? '16*.

<sup>72</sup> Chamada para colaboradores do *Interactivos? '16*. Disponível em: <[https://docs.google.com/document/d/1AvOwexc00ZTD5u4stdL\\_f9pKR5WmXn1e5HuhCmx0fkA/edit](https://docs.google.com/document/d/1AvOwexc00ZTD5u4stdL_f9pKR5WmXn1e5HuhCmx0fkA/edit)> (Acesso em 27 de junho de 2018).

disso, os proponentes recebem ajuda de custo para transporte, enquanto os colaboradores passaram a arcar com os custos das suas próprias passagens após o segundo ano de atividades da Nuvem. A chamada também descreve que a seleção de colaboradores seria feita com base nos critérios de “motivação em participar do Laboratório”, “disponibilidade da/o colaboradora/or”, “perfil demandado por cada projeto”.

O formulário do *Interactivos?’16* para colaboradores se destaca entre os normalmente aplicados pela Nuvem pela sua extensão, que pede desde o endereço e número de identificação até questões sobre participação em algum “grupo/coletivo/associação”. Em caso afirmativo, também é requerido que se especifique “qual o facebook/site” dessa iniciativa. O formulário de colaboradores do *Contralab:Reboot*, por outro lado, contava com quatro perguntas de resposta obrigatória: nome, currículo resumido, cidade e estado. Mesmo sem pedir que seja enviado um currículo, os formulários para proponentes desse laboratório contaram também com perguntas sobre participação anterior ou vigente em iniciativas coletivas, e descrição sobre a experiência do proponente dentro do tema da proposta que o mesmo havia formulado para a atividade, além de pedir que o mesmo fale sobre como pretendia realizar o seu projeto.

Além dos formulários dos laboratórios *Contralab:Reboot* e do *Interactivos?’16*, durante os quais realizei o trabalho de campo, também analisei alguns outros formulários e chamadas para observar aspectos desse ritual de entrada. As chamadas para a categoria de atividades, às quais me referirei a partir de agora como encontros ativistas – marcando um certo contraste com os laboratórios, residências e mutirões – normalmente incluem fichas de inscrição mais ou menos do mesmo teor das já mencionadas anteriormente. No caso da “*IV Internacional do ?*”, evento realizado em 2015, foi pedido apenas informações pessoais de contato, endereço do próprio site (não obrigatório) e links para mídias sociais do participante, além de contar com um espaço para a inserção opcional de uma proposta de atividade. O nome do evento é justificado na própria chamada com a frase: “se em lugar de um nome de movimento temos uma interrogação é porque nos abrimos à redefinição permanente, questionando a própria instituição e os limites de um título”<sup>73</sup>.

Já na edição 2014 do EnconrADA, foi preciso responder à pergunta “o que te mobiliza a participar de um encontro feminista” e também indicar a participação em coletivos ou comunidades feministas, se fosse o caso. Ainda assim, no encontro do Movimento dos Sem-

---

<sup>73</sup> Disponível em: <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/IV\\_Internacional\\_do](http://nuvem.tk/wiki/index.php/IV_Internacional_do)> Acesso em: 27 de junho de 2018

satélite (MSST) de 2013, por exemplo, o formulário foi muito semelhante àqueles dos laboratórios, onde era pedido o envio de materiais sobre trabalhos anteriormente realizados e “propostas de laboratórios e projetos colaborativos”. A principal diferença entre os formulários para participar de encontros ativistas e laboratórios, no entanto, é a de que nos primeiros não é requisitado ao participante de forma tão direta o envio de um currículo<sup>74</sup>. Alguns deles continham o pedido de listagem de “links pessoais ou atividades anteriores”, de forma semelhante aos formulários das Residências de Inverno. No caso das inscrições para a “IV Internacional do?”, o preenchimento dos itens “website” e “links para redes sociais” não era obrigatório para o envio do formulário.

Os formulários são eminentemente para preenchimento individual, com algumas exceções para preenchimento por grupos. Chama a atenção que, a partir de 2015, os formulários

---

<sup>74</sup> O formulário para as Residências de Inverno de 2012 e 2013 continha um campo “Links de portfólio, publicações ou trabalhos anteriores” e solicitava redes sociais como uma das formas de contato ao lado de Skype e IM (2012: <[http://nuvem.tk/files/Formulario\\_residencias\\_inverno\\_Nuvem.odt](http://nuvem.tk/files/Formulario_residencias_inverno_Nuvem.odt)>, 2013: <[http://nuvem.tk/files/2013/Formulario\\_residencias\\_inverno\\_Nuvem\\_2013.doc](http://nuvem.tk/files/2013/Formulario_residencias_inverno_Nuvem_2013.doc)>. É interessante notar que nas residências de inverno, assim como a “Resiliência: residência artística”, que teve sua primeira edição em 2017, são oferecidas aos proponentes uma bolsa (ou seja, uma quantia em dinheiro para além de custear o transporte e a comida dos mesmos, que resume o que é oferecido aos proponentes das atividades chamadas aqui de laboratórios) e não recebem “colaboradores”. No que diz respeito à solicitação de portfólio e exemplos de trabalho com pedido de link para redes sociais especificamente como forma de contato, os formulários do Contralab 2014 <<https://nuvem.tk/files/2014/FormularioContralab.odt>>. A primeira edição do Interactivos realizada pela Nuvem em 2012 teve no formulário de colaboradores <[http://nuvem.tk/files/FormularioColaboradoresAutonomias\\_PT.doc](http://nuvem.tk/files/FormularioColaboradoresAutonomias_PT.doc)> um campo “currículo resumido” com a ressalva “Leve em conta que a sugestão do perfil de colaboradorxs mencionada na wiki não é excluyente. Cada participante poderá escolher colaborar nas propostas de seu interesse, independentemente dos seus conhecimentos técnicos”, uma vez que foi publicada uma lista com os perfis desejados para cada projeto inscrito. No formulário de proponentes para o Interactivos?<sup>13</sup> há um campo “Links pessoais ou trabalhos anteriores”. Assim como as fichas para a residência de inverno, continha também um pedido para o interessado descrever um “plano de trabalho” e “perfis de colaboradores” desejados (C). Já no formulário da Residência de Verão de 2014, foi explicitado ao lado do campo “links pessoais ou trabalhos anteriores” que o preenchimento do mesmo era opcional. O formulário de inscrição para o Contralab:Reboot (2016), por exemplo, continha um campo de preenchimento obrigatório para “currículo resumido” <<https://nuvem1.typeform.com/to/V7HV8G>>. Já em 2015, aconteceu a “IV Internacional do?” definida como “a extensão dos encontros do MSST”, na qual houve uma convocatória com campos de preenchimento não obrigatórios para que aqueles que almejavam participar inserissem “websites” e “links para redes sociais”, dando a entender que aquilo que foi publicado individualmente seria levado em consideração. As mesmas informações são pedidas no formulário de inscrições <<https://brunovianna.typeform.com/to/nZOO8F>> para o mutirão *Fumaça Data Springs*. Já na residência de verão de 2016, foi feito um formulário (não disponível para consulta, apenas descrito na chamada <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/Convocat%C3%B3ria\\_Resid%C3%Aancia\\_de\\_Ver%C3%A3o\\_2016](http://nuvem.tk/wiki/index.php/Convocat%C3%B3ria_Resid%C3%Aancia_de_Ver%C3%A3o_2016)> acesso em 06/03/2018) no qual a inscrição poderia ser feita por grupos de até três pessoas, o que configura uma exceção, pois a maior parte dos formulários tinha em vista inscrições individuais. Alguns, como o formulário da residência de Verão de 2014, por exemplo, continha como campo obrigatório RG/Passaporte, e nas outras fosse comum apenas o pedido de identificação com o campo “nome”. No geral, as chamadas para proponentes pedem portfólio e as para colaboradores solicitam currículo quando a atividade é de Laboratório/Residência. A partir de 2015, nota-se que algumas convocatórias pedem links de redes sociais e website dando a entender que o que foi publicado individualmente seria levado em consideração, e não apenas tomando as mídias sociais como forma de contato. Há maior variabilidade nesse quesito nas convocatórias de mutirões e encontros ativistas, a única exceção em que é explicitada a não obrigatoriedade de nenhuma apresentação de produções prévias é nas chamadas para as Residências de Verão. Todos os links listados dos formulários foram acessados em 06 de março de 2018.

tenham passado a pedir, em sua maioria, links de perfis em mídias sociais. Em alguns casos, dá-se a entender que aquilo que consta no perfil publicado pelo candidato pode ser levado em consideração, ou seja, que o pedido não se dá apenas para fins de contato. Isso marca um contraste com, por exemplo, os formulários para proponentes nas residências de Inverno nos primeiros anos de iniciativa, que pedia explicitamente o envio do portfólio e não de um perfil em mídia social e/ou um site próprio.

Uma artista que participou do *Interactivos? '16* havia acabado de implantar um chip debaixo da pele, como os usados em animais silvestres para controle da fauna, com a diferença de funcionar por contato, sem permitir intercâmbio de informações à distância<sup>75</sup>. Implantado em uma das mãos, o dispositivo foi configurado para abrir o perfil da artista na mídia social Instagram, ao se aproximar de um celular com tecnologia compatível. Nas suas postagens, no entanto, ela aparece pouco. Sobre seus perfis tanto no Instagram quanto no Facebook, a artista diz que os mantém para fazer “networking”, pois as pessoas veem nas suas publicações o que ela está fazendo no momento e a chamam para trabalhos parecidos. Ainda que ela tenha sido a única pessoa que conheci na Nuvem com o dispositivo que conduzia para seu perfil profissional no Instagram como implante sob a pele, a análise dos formulários indica que o vislumbre de benefícios concretos no engajamento com mídias sociais é um ponto comum entre as pessoas que a própria iniciativa tem interesse em atrair. Também me parece significativa a sobreposição entre a busca de projeção e contatos profissionais online com a incorporação da tecnologia que transmite informações por contato, de curto alcance. Ela pode ajudar a entender como as fronteiras entre as formalidades e a insistência por sentidos mais definidos presentes nas demandas por financiamento e visibilidade, nesse contexto, estão emaranhadas com a informalidade das rotinas, relações interpessoais e formas de apreender o mundo. Ao mesmo tempo, essas relações não são etéreas, ou seja, estão ligadas ao modo como os corpos existem socialmente.

O preenchimento dos formulários como ritual de entrada é um dos fatores que, em última instância, configuram a comunidade da qual se ocupa o presente estudo. Vale destacar pelo menos outros dois fatores podem ser relacionados ao desenho dessa comunidade: um deles foi a circulação por determinados espaços físicos de encontro, sobre a qual fui informada por Bruno Vianna, e outro foi o próprio sentido de rede de confiança, destacado por Cinthia Mendonça. Nessa comunidade eminentemente formada por pessoas com alguma entrada acadêmica,

---

<sup>75</sup> O chip, no caso, se vale de Near Field Communication (NFC), que media informações sem cabos ou fios entre dispositivos em curto alcance.

me parece um aspecto importante no entendimento das relações que seus membros – desde os que instituíram o formulário como regra, passando pelos que foram convidadas a integrar as comissões e decidir quem entra, até os que responderam essas fichas de inscrição para serem chamadas e, por fim, foram recebidas para as atividades – mantêm com as tecnologias.

Se, por um lado, a mediação tecnológica é vista como viabilizadora do progresso intelectual, por outro, também é considerado que, ao se relacionar com as tecnologias, os indivíduos seriam contemplados com a sensação de poder criativo e controle sobre a própria máquina. Controle aqui não se dá no sentido de mando, mas mais próximo do gerenciamento e da autorreflexão sobre a própria relação com a tecnologia que da imposição de uma ordem. Uma das proponentes do *Interactivos?*<sup>16</sup>, por exemplo, se apresentou dizendo que “uma das razões pelas quais eu parei de organizar um hackspace é porque era um espaço muito seguro para *geeks*<sup>76</sup> mas não havia um pensamento crítico da tecnologia”. Em sua fala, a ausência de dissonância nos hackspaces a respeito das tecnologias é apontada como desestimulante. Nesse sentido, pude observar que é importante para a comunidade em questão abordar a tecnologia por diferentes aspectos e áreas do saber.

A proposta da ex-organizadora de hackspace para o laboratório foi criar um jogo narrativo que se vale de questões de múltipla escolha para que a decisão do jogador determine os rumos da história que está sendo contada. No caso, o jogo “Beba Me” aborda como a presença humana na Serrinha do Alambari “afeta o ecossistema aquático”. A proponente, coreana que vive na Inglaterra<sup>77</sup>, apresentou seu projeto dizendo: “gosto de usar esse tipo de interface para criar as narrativas porque são independentes dos dispositivos digitais” e que tal configuração conferiria mais autonomia para expressar na ficção aquilo que as pessoas sentem quando se relacionam com o entorno. O jogo narrativo poderia ser jogado tanto como história contada quanto se valer de um livro impresso, mas sua realização durante o período do laboratório – na

---

<sup>76</sup> Geek é um termo associado a hobbyistas e aqueles que perseguem uma determinada realização intelectual, normalmente associados com a celebração das tecnologias. Não é clara a diferença entre geeks e hackers. A opção de Christopher M. Kely (2008) pelo termo geek, em seu livro “Two Bits: The Cultural Significance of Free Software” – por exemplo – é feita com base na concepção do autor sobre os hackers como pessoas necessariamente dotadas de certo domínio das tecnologias da informação. Aqui essa associação entre domínio informático e hackers não é tratada como algo inexorável.

<sup>77</sup> Sua apresentação foi feita oralmente em inglês. Assim como as demais apresentações lhe foram traduzidas para o inglês em voz baixa por pessoas que se revezavam sentando ao seu lado, a apresentação da proponente foi traduzida para o português por algumas das pessoas presentes em voz alta para que a maioria pudesse compreender. Além da coreana, também estavam presentes uma colombiana e uma catalã – esta última, fluente em português e inglês, foi uma das voluntárias na tradução.

produção e nas primeiras partidas jogadas – foi mediada por tecnologias digitais. O grupo diretamente envolvido com a sua formulação fez “pesquisas” e “expedições” se valendo de papéis autoadesivos e bloco de cavalete, que são materiais descritos no site do jogo.

Acredito que o seu projeto é especificamente significativo no contexto da presente pesquisa, na medida em que reúne experiência introspectiva com expressão criativa e aquilo que convencionalmente conhecemos por low-tech ou tecnologia de pequena escala, sem ter deixado de se valer de tecnologias digitais<sup>78</sup> para oferecer uma perspectiva ecológica e um sentido de vida autônoma. Além disso, o grupo realizou duas oficinas de “mapeamento narrativo” em uma escola local (a primeira com adolescentes de aproximadamente 16 anos e a segunda com crianças de 10 anos) nas quais foram formulados percursos, personagens e cenários com os alunos. Meire Alves, moradora local que atuou como “mediadora” arranjou a entrada dos participantes do *Interactivos? '16* na escola, que acabou recebendo atividades de outros dois projetos dessa mesma edição. O site do “Beba Me” apresenta o contexto no qual o jogo foi feito com uma declaração da proponente: “estou muito interessada em saber o que os outros pensam do jogo, e todas as pessoas com as quais nós falamos que configuraram a narrativa”<sup>79</sup>.

Um dos projetos inscritos no *Contralab:Reboot* foi outro jogo no qual a formulação da narrativa ocupou um papel central, o “Jogo do Golpe”. O Jogo do Golpe foi feito a partir da premissa de que o impeachment de Dilma Rousseff era ilegítimo – o que não chegou nem a ser discutido durante o laboratório para ser um consenso, pois, pelo menos aparentemente, era um lugar-comum entre nós participantes – e que o escrutínio do sistema político de forma lúdica através do jogo deixaria isso claro também para os jovens, que eram o seu público-alvo. A minha participação como colaboradora foi consideravelmente concentrada no início e na reta final do laboratório, sendo que comecei selecionando notícias que poderiam se tornar cartas e terminei fazendo alguns poucos textos do site do jogo – de seções que acabaram sendo suprimidas quando a página principal foi transformada em um blog.

Durante o laboratório, a primeira reunião do grupo que se envolveu com o Jogo do Golpe começou pela familiarização de seus membros com o jogo de tabuleiro baseado na Guerra Fria, *Twilight Struggle*, como uma referência para pensar a dinâmica de desenvolvimento dessa proposta do projeto inscrita no *Contralab:Reboot*. *Twilight Struggle* foi sugerido

---

<sup>78</sup> É possível jogar no link: <<http://drinkme.textadventuretime.co.uk/process/>>. (Acesso em 22 de julho de 2018).

<sup>79</sup> “I’m really keen to know what the others think of the game, and all the people who we talked to who shaped the story.” (tradução livre)

como inspiração por um proponente de outro projeto durante a primeira reunião de apresentações, logo no início. O jogo de tabuleiro funciona da seguinte maneira: enquanto um jogador (ou jogadores) joga como Estados Unidos e o outro(s) como União Soviética, os adversários pontuam em um placar de influência – sendo que o tabuleiro em questão é um mapa – e quanto maior a diferença entre os oponentes, maior a instabilidade. Cada país possui seu próprio “índice de estabilidade” que é determinado pela sua “força, estabilidade e independência”<sup>80</sup>. A disputa entre os dois países é abordada como se fosse protagonizada por “espiões, políticos, cientistas, intelectuais, artistas e traidores”, e não por militares. Ao final de cada rodada, no entanto, os jogadores precisam ter concluído um certo número de operações militares para não ser penalizado. O jogador pode aplicar um golpe de Estado em determinado país mesmo sem ter nenhuma influência nele, contanto que seu oponente o tenha. As cartas se dividem entre operações e influência, sendo que os pontos de operação podem ser usados para conseguir influência ou dar um golpe de Estado.

Nesse processo desenvolvimento do jogo foi particularmente interessante observar o modo como, a partir desse acordo de que o impeachment em processo era mesmo um golpe, foram estabelecidos os “aliados” e “inimigos” em termos do quanto cada agente poderia ter influência na sua aprovação ou bloqueio. De um lado algumas empresas tradicionais de mídia como a Globo, a Veja, a Folha de S.Paulo e o Estado de S. Paulo foram colocadas em oposição como inimigas monopolistas, enquanto midiativistas como o Mídia Ninja, Jornalistas Livres, etc posicionados no lado oposto, por exemplo. Algumas ações do Superior Tribunal de Justiça, do Supremo Tribunal Federal e do Ministério Público foram definidas como favoráveis ao bloqueio do processo, e outras a favor da aprovação do mesmo. Isso dentro da divisão inicial das cartas do jogo entre judiciário, mídia e movimentos sociais (este último sempre contando pontos contra o impeachment), baseadas exclusivamente em eventos recentemente noticiados. O placar então começava com o resultado da primeira votação no Senado – sendo que os votos a favor do impeachment iam aumentando ou diminuindo conforme as jogadas. Depois de estabelecida a pontuação das cartas, de acordo com o impacto atribuído a cada evento e algumas partidas jogadas, o resultado sempre era a aprovação do impeachment. Em seguida, foi definido a partir de uma discussão que o objetivo do jogo era “pedagógico”, e que os jogadores não mais atuavam necessariamente em conformidade com suas inclinações políticas, mas que seria atribuído

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://devir.com.br/arquivos-downloads/twilight-struggle-manual.pdf>> Acesso em 27 de junho de 2018.

também por carta (ao acaso, a partir do sorteio da chamada “carta objetivo”) quem jogaria contra ou a favor do impeachment. As cartas também foram redistribuídas entre “eventos” e “manobras”, sendo a adição das manobras intencionalmente voltada para atribuir imprevisibilidade ao resultado do jogo, de modo que Dilma não acabasse invariavelmente sendo destituída. Dessa forma, o resultado ficaria mais submetido ao acaso da distribuição das cartas e também passaria a depender mais da estratégia construída pelo jogador.

É interessante notar que parte das cartas de manobra traz a expressão “grande mídia” ou “mídia” de acordo com a pontuação (grande mídia vale mais pontos, mídia vale menos). Por figurarem no grupo de “manobra”, essas cartas estão entre as que têm como função adicionar imprevisibilidade – mas se somarmos a pontuação das que se referem à mídia e estão entre as manobras, tais cartas se anulam mutuamente. Equiparar a influência nas cartas de mídia do grupo “manobra” a favor dos dois lados, portanto, teve também o efeito de diminuir a chance dessas cartas influenciarem o placar final – de modo que sua função mais evidente parece ser enfatizar que cada mídia tem um lado, que não são neutras, mesmo quando entram no jogo como um elemento desestabilizador com notícias inventadas pelos colaboradores e proponentes. Já entre cartas específicas do grupo “mídia”, são citados como fonte de informação UOL, Folha de S.Paulo, Estadão e G1 (o portal de notícias da Globo) e a pontuação das cartas a favor do impeachment é maior que a daquelas que contam pontos contra a destituição da presidente. No entanto, uma das cartas de manobra foi formulada justamente para anular todas as cartas de “mídia” da rodada na qual ela for jogada. O texto da carta é “Desligue a TV”, seguido das instruções sobre o seu efeito de anulação sobre as cartas de mídia da rodada em questão. Logo, o jogo se vale tanto de recursos lúdicos – como séries fictícias de reportagens sobre corrupção tanto no PT, quanto no PSDB quanto no PMDB<sup>81</sup> presentes nas cartas de manobra – quanto de notícias que os veículos de fato publicaram e que fazem parte das cartas do grupo “mídia”, contemplando o que há de mais estável e o que há de mais inconstante na cobertura política para configurar uma certa imprevisibilidade.

Cabe notar aqui que, se recuperarmos a disputa de significado sobre o que é a Nuvem como algo que coloca à prêmio o sentido das transformações pelas quais ela passou e a continuidade daquilo que a iniciativa se propõe a fazer, parece sintomática a importância atribuída aqui à imprevisibilidade como uma força, a ponto de se desdobrar em um esforço para literalmente mudar as regras do jogo. Durante as entrevistas que conduzi com os presentes nas

---

<sup>81</sup>Atual MDB.

duas ocasiões que estive na Nuvem e ao longo das atividades das quais participei ouvi por vezes as palavras “libertário” e “progressista”, por exemplo, entre outros termos que denotam certas inclinações políticas. No entanto, a tensão predominou nos momentos em que as discussões mais coletivas se aproximavam de demandas e propostas que promoviam visões de futuro mais assertivamente – a ênfase em valores considerados caros ou oposição aberta à valores contrários, o direcionamento de ações em função de um desejo específico de mudança social, para não falar no desenvolvimento social – nada disso é ausente ou dissipado, mas dirimido numa zona mais cinza quando se traduz na atitude pública. Logo, o envolvimento dos sujeitos com os projetos não se dá exclusivamente como militantes de uma determinada causa nem apenas em caráter instrumental tendo em vista o esforço aplicado como um investimento em si mesmo, nos termos de López-Ruiz (2004), e o mesmo tipo de relação é colocada no horizonte quando se pensa algum possível desdobramento das propostas. Se ações e grupos claramente posicionados foram, por vezes, recuperados de memória – em alguns casos, por pessoas diretamente envolvidas – foi menos no esforço de formular propostas à sociedade que dar sentido às atividades imediatas que estavam desenvolvendo. Parece importante para os sujeitos nesse contexto perceber que são afetados de maneiras diferentes pelos processos em curso e sentir que suas ações podem, em troca, ter efeitos sobre esses mesmo processos. O efeito da indeterminação produzida nesse esforço, por sua vez, ao mesmo tempo em que preserva algum trânsito com um leque diverso de movimentos ativistas e artísticos, também se coloca como uma característica própria da Nuvem na medida em que permite diferenciá-la de outras frentes de atuação mais pautadas por demandas políticas.

Ainda que o jogo tenha um público-alvo – “Recomendado especialmente para maiores de 16 anos com título de eleitor”, como consta no site do jogo – as instruções indicam mais um entendimento sobre o próprio jogo que um sentido a ser completado pelos jogadores, incorporando a linguagem prescritiva e o visual farmacêutico no jogo que acabou sendo chamado de “Efeito 55”.<sup>82</sup> Se valendo do humor e da própria configuração do jogo, o texto traz pelo menos um esboço da ideia de um jogador ideal, feito presente principalmente no seguinte trecho da “bula” com as instruções para a partida:

“Efeitos colaterais:

Pessoas sob o efeito deste jogo relataram confusão mental, dúvidas morais, raiva de conteúdos da mídia, indignação geral.

---

<sup>82</sup> No dia 25 de agosto de 2016, dia da segunda votação do impeachment no Senado, cada senador recebeu uma versão impressa do “Efeito 55” em um envelope.

Posologia:

Pode-se jogar mais de uma vez ao dia, mantendo-se os níveis toleráveis dos efeitos colaterais relatados. Em caso de brigas entre amigos, reduzir a dosagem gradativamente até as coisas se acalmarem. O Efeito 55 não se responsabiliza pela mistura desse jogo com outras substâncias.”

O texto (e a própria concepção do jogo a partir da ideia de medicamento e dosagem) mimetiza uma bula em exageros facilmente identificáveis para apontar para a ideia de uma mudança introspectiva incerta, ainda que inclua também reservas conciliadoras sobre desentendimentos. No entanto, – se tomarmos como referência o jogo “Beba Me” – aqui não seria propriamente a ficção, mas um certo escrutínio das relações que se estabelecem no Congresso Nacional o ponto de partida para a realização desse jogador ideal. Se retomarmos a divisão política entre Novos Comunalistas e Nova Esquerda, que comecei a descrever no capítulo anterior, para continuar a pensar divergências que considero como parentes dessa diferença entre os grupos dentro da contracultura, parece bastante viável relacionar esse último jogo com a frente contracultural que tinha mais em vista a renovação das estratégias tradicionais de disputa política, e não o seu abandono. Mais próxima da academia, a Nova Esquerda repudiava os intelectuais marxistas que formularam as bases políticas de sustentação do New Deal. Assim como os Novos Comunalistas, a Nova Esquerda também almejava formas de organização tribais, mas se entusiasmaram mais com vislumbre de um sistema de intercâmbio de informações a partir daquele instaurado nas próprias universidades americanas com o investimento militar durante a Guerra Fria, a ARPANET, enquanto as comunas se engajavam em práticas introspectivas e psicodélicas. A ARPANET<sup>83</sup>, uma rede considerada o embrião da internet, tinha como objetivo facilitar colaboração científica de modo a abrir vantagem para os Estados Unidos na corrida científico-tecnológica contra os russos. Defendendo uma prática política que fosse mais franca – e não baseada na censura e em mentiras contadas para justificar as brutalidades da guerra – e arrebatadora, a Nova Esquerda logo viu o fluxo de comunicação que deixava de ser unilateral como algo necessário para o fomento de suas próprias formas de expressão, em oposição ao anacronismo da mídia tradicional, considerada unilateral e repressora (BARBROOK, 2015, p. 329). Visto como o despontamento de uma política mais participativa, o livre fluxo de informações foi incorporado às lutas por livre expressão. A Nova Esquerda despontou a partir dos movimentos por direitos civis e liberdade de expressão (TURNER, 2006, p. 31), sendo que seus

---

<sup>83</sup> A ARPANET foi desenvolvida pela Advanced Research Projects Agency (ARPA) financiada pelo governo estadunidense, especificamente ligada ao Departamento de Defesa. Em 1962, a Arpa contratou Joseph Licklider, que havia sido pesquisador do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Licklider foi o primeiro diretor do Escritório de Técnicas de Processamento da Informação (IPTO, na sigla em inglês), o embrião da Arpanet, a predecessora da internet.

membros derivaram dessas lutas pautas feministas, pelos direitos sexuais e de combate ao racismo. Sem abandonar táticas políticas tradicionais, a Nova Esquerda afastou-se do marxismo, tendo em vista a reconstrução das estruturas sociais como requisito para a superação da ameaça nuclear (que, em última instância, era vista como uma ameaça à noção que cada um tinha de sua própria realidade) e o fim da intolerância (TURNER, 2006, p. 34). Os jovens universitários que formaram a Nova Esquerda se engajaram em práticas como a formação de novos partidos e manifestações contra a guerra do Vietnã. Voltando ao laboratório, o Jogo do Golpe tinha uma premissa que pode ser relacionada à Nova Esquerda, ou seja, propor uma abordagem mais lúdica e menos ortodoxa do cenário político no Brasil, menos carregada de interesses escamoteados que aqueles atribuídos pelos sujeitos às representações políticas da mídia corporativa tradicional, e mais cativante no compromisso com a democracia. Ao mesmo tempo, os proponentes e colaboradores não deixaram de se inserir nos fluxos comunicacionais em busca de projeção ao disponibilizar o jogo online para download e o código para criação de novas cartas, criar uma página de marca nas mídias sociais Twitter e Facebook, assim como virar assunto de matéria em um dos jornais mais antigos a circular no país<sup>84</sup>. Além, claro, de cumprir o compromisso da documentação conforme ele é requisitado nas atividades da Nuvem.

A entrada de computadores em ambientes fora das universidades e dos escritórios das empresas, imaginada a partir do modo como a tecnologia era retratada no *Whole Earth Catalog*, serviu de quadro conceitual e fonte de legitimação para a atuação dos hackers da Califórnia. Ao se valer de computadores para certos usos – como acessar sistemas ponto a ponto em máquinas de uso compartilhado – eles imaginaram novas possibilidades, desde o uso de computadores em sala de aula até sua presença nas vitrines de lojas de departamento, como ligadas ao modo de vida dos Novos Comunalistas. Os hackers californianos forjaram o elo entre as formas de colaboração acadêmica-militar-industrial que deram origem à comunidade entorno da ARPA com novas formas de consciência e vida em comunidade que se valiam de tecnologias atuando em pequena escala. O conceito de sistema ponto a ponto (peer to peer, P2P) já circulava tanto entre a Nova Esquerda e os Novos Comunalistas como aquele capaz de tornar viável para os indivíduos ganho de controle sobre as informações e os sistemas informacionais (TURNER, 2006, p. 115). No entanto, mesmo a ideia de fazer algo assim fora das grandes corporações e universidades ainda era relativamente nova quando o icônico abrigo da microinformática, o

---

<sup>84</sup> BONFIM, Isabela. Senadores ganham jogo de tabuleiro do impeachment de presente. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, 26 de ago. de 2016. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,senadores-ganham-jogo-de-tabuleiro-do-impeachment-de-presente,10000072128>> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

Homebrew Computer Club (HCC), foi fundado em 1975. Seu *ethos* de comunidade reunida para intercâmbio de informações e colaboração entre pares era algo que os hackers tinham em comum tanto com engenheiros que trabalhavam para a XEROX PARC e quanto com aqueles que fizeram parte da ARPA. Nas palavras de um dos fundadores do HCC, Lee Falsenstein, “você não precisa abandonar a sociedade industrial, mas não tem que aceitá-la como ela é” (TURNER, 2006, p. 114). Para Falsenstein, ao conhecer por dentro e instrumentalizar sistemas como o P2P a favor da união de esforços, as pessoas teriam mais condições de se contrapor ao que considerava como uma tendência social ao isolamento e fragmentação. Munidos de controle sobre as informações e se retroalimentando delas em um processo cumulativo, os sujeitos poderiam elaborar racionalmente em um esforço guiado também por suas inclinações e desejos – tudo isso sem se deslocar da sua realidade ou compartimentalizar sua atuação. Ligado aos movimentos por liberdade de expressão, ele também foi um dos fundadores do Community Memory, um mural eletrônico instalado em Berkeley que misturava jornalismo, arte, literatura e também era um mensageiro pessoal. Foi no Community Memory, por sua vez, que a militante dos direitos civis e uma das figuras fundadoras do feminismo hacker, Jude Milhon, experimentou pioneiramente com personalidades online (EVANGELISTA, 2018).<sup>85</sup> Em 1965, Jude também protestou em manifestações públicas como as de Selma. Mais atuantes ao lado da Nova Esquerda que entre as comunas hippies, Lee e Jude se envolveram na popularização de códigos, máquinas e rituais que são reconhecidos como formulação de hackers do outro lado da costa estadunidense, que se concentraram inicialmente no MIT.

Ainda no *Contralab:Reboot*, a promoção de expressões culturais diversas como ação política assumiu uma certa centralidade que se fez bastante evidente no projeto “Hybris\_Latinoamerica”. Sua proposta se insere no âmbito da manifestação política individual, que trabalha entre o fluxo das dinâmicas de poder que incidem sobre o sujeito e o uso do corpo como instrumento de ação política – se valendo de um aparelho smartphone dentro de uma caixa de sapatos, de papelão, na qual se acomoda uma lente para fazer projeções de imagens sobre os corpos em movimento. No mesmo laboratório, entretanto, chama a atenção que uma das propostas refletia justamente sobre arranjos que se dão na mesma chave da Nuvem – espaços de convivência coletiva que têm uma proposta de gestão autônoma. O projeto “Ferramentas coletivas para organização comunitária contra as violências” comportou uma série de discussões sobre formas de violência contra mulheres, pessoas não binárias e corpos não hegemônicos

---

<sup>85</sup> Cópia pessoal de livro de publicação pendente.

em hackspaces, fablabs, hacklabs, casas coletivas, espaços públicos, articulações ativistas, etc em um esforço que tinha em vista principalmente o combate à lesbofobia, homofobia e ao machismo.

O “Ferramentas (...)” foi proposto por uma paraguaia a partir de sua experiência de habitar com outros jovens uma casa na qual um espaço interno foi reservado exclusivamente para a acolhida e convivência de mulheres. O projeto também se destaca na medida em que se propõe a refletir e a produzir entendimento sobre o que é a Nuvem. Ainda que o grupo concentrado em produzir as “ferramentas” propriamente tenha sido composto por mulheres, algumas das discussões e atividades desenvolvidas dentro do escopo do projeto propositalmente envolveram todos os presentes. Uma dessas ocasiões foi a conversa na qual casos de machismo, assédios e violência sexual que aconteceram no contexto de articulações entre ativismo e tecnologia foram o assunto principal, com discussões sobre casos emblemáticos como o de Julian Assange e Jacob Appelbaum.

O primeiro, cofundador do Wikileaks – iniciativa lançada no Fórum Social Mundial de 2007 que se coloca como uma ponte entre documentos vazados e o público, atuando hoje como uma mídia que se envolve num esforço de checagem da documentação vazada – foi investigado entre 2015 e 2017 pela justiça sueca por assédio sexual e estupro. Desde 2012, Assange vive asilado na embaixada equatoriana em Londres, o que resultou no arquivamento das investigações pela dificuldade da justiça sueca em obter esclarecimentos em tal situação, e não por ter sido considerado inocente. As acusações contra o segundo, face pública do projeto Tor – que visa manter um espaço de anonimato e liberdade online e também contou com o envolvimento de Assange –, ganharam corpo em denúncias de assédio sexual e estupro feitas conjuntamente em publicação anônima. Em seguida, mulheres vieram à público para denunciá-lo por violência sexual e humilhação pública. Nessa altura, o conselho do Tor já havia recebido outra denúncia que se seguiu de relatos contra Appelbaum e anunciado que ele tinha saído do projeto, um dia antes do compilado de denúncias anônimas ser publicado. Appelbaum nega as acusações e nenhuma denúncia foi feita formalmente à Justiça, por desconfiança das autoridades e reclamações constantes de vigilância e assédio cometidos por agentes legais. Nessa conversa, especificamente, foi discutida a aplicabilidade da justiça restaurativa em casos como esses, tendo em vista não reduzir a resposta à violência ao ato de punir o abusador. No entanto, o caráter temporário e transitório do arranjo estabelecido ali foi decisivo na manutenção desse debate em termos mais genéricos. A mobilização para fazer “marcas” na própria casa simbolizando violências que foram relatadas ali, mas que se deram em outros contextos – por exemplo

–, foi rapidamente dissipada em face da constatação de que tais relatos não eram incorporáveis na trajetória mais geral da Nuvem, nem teriam seu sentido respaldado pela convivência constante ou mesmo recorrente com as pessoas que seriam as responsáveis por “marcar” a casa do Vale do Pavão.

Conforme se enfatiza o que a Nuvem tem de mais provisório ou recorrente, emergem certas inclinações e direcionamentos de modo mais evidente. Certas formas de lidar com questões que se fazem presentes no cotidiano se manifestam como expressões de um modo de ser que deriva ou existe a partir de um conjunto de ideias. É interessante notar que os sentidos atribuídos às escolhas ao longo do andamento dos projetos. Ao falar sobre as propostas do *Contralab:Reboot*, Bruno Vianna as caracteriza por partirem de atuações políticas.

*a ideia era de não ter um acompanhamento próximo e, principalmente, não interferir. Exatamente por ter um caráter político e ser muito ligado à propostas que são muito atuantes, ativistas e muito autônomas já... são grupos que já têm conhecimento.*<sup>86</sup>

O modo de organização, nesse caso, parece fazer persistir uma tensão durante as reuniões de grupo até que o proponente do projeto coloque ou acate uma proposta de direcionamento. Ainda que não deva satisfações à ninguém “acima” dele, como acontece nas hierarquias tradicionais, o proponente é, em geral, a pessoa que fala sobre o andamento – tanto com quem acompanha sem se envolver diretamente, caso dos mentores e coordenadores da Nuvem, quanto àqueles que estão trabalhando coletivamente no projeto proposto. Nas reuniões de andamento, por exemplo, o proponente normalmente fala primeiro e é mais interpelado. No entanto, a própria convivência praticamente ininterrupta facilita que o acompanhamento, ao qual Bruno se refere, não se dê primordialmente pelos relatos que acontecem nessas ocasiões, ao mesmo tempo que parece contribuir para que os rumos tomados pelos projetos não se encaminhem à revelia dos colaboradores. Se o que é dito nessas reuniões não é novidade para os colaboradores que estiveram reunidos no desenvolvimento, o mesmo parece valer para mentores e coordenadores – esses últimos mais focados em garantir a disponibilidade de materiais e lidar com questões logísticas, além das sugestões em relação as traduções dos projetos para quem não está no laboratório. Por mais temporário que seja o arranjo, a disposição para debater o andamento dos projetos é bastante presente. As reuniões com a presença de todos foram momentos nos quais os mentores se manifestaram mais criticamente e fizeram as propostas de mudanças mais decisivas sobre os rumos dos trabalhos, ainda que as sugestões pontuais sejam

---

<sup>86</sup> Entrevista com Bruno Vianna.

eventualmente discutidas de forma direta com proponentes ou em reuniões de projeto de modo mais pulverizado.

Ao mesmo tempo em que aponta para transformações subjetivas que são imponderáveis e, por isso mesmo, significativas, esses projetos são formulados em um constante esforço de elaboração que inclui deliberação racional, escolhas declaradas e um certo acompanhamento decisório. Aquilo que a Nuvem produz pode ser significado também a partir da ideia de incompletude dos projetos, que é reforçada pela ênfase no processual, imprevisível, degenerado, inútil, desviado, esquecido, aleatório, tecnologicamente precário e obsoleto. Ainda assim, há ali uma dimensão que se vale do planejado, justificado, apropriado, confiável, prolongável, revogável e reaproveitável. As relações com as tecnologias da informação, por exemplo, são ambíguas e consideradas significativas quando se dão a partir do esforço de reinauguração da sua linguagem – seja ela determinada pelo fabricante ou por outros laboratórios de onde ela provém – de formas criativas e estimulantes, que sejam mais compatíveis com modos de vida menos ambientalmente degradantes, mesmo que não precisem necessariamente serem funcionais. Ao longo dos anos, essa ambiguidade foi sendo dotada de contornos mais próprios da Nuvem, dentro daquilo que a iniciativa se propõe a fazer.

Durante o *Interactivos?*'16, Cinthia Mendonça contou para o grupo que estava em contato com uma repórter de um canal de televisão a cabo. A repórter teria insistido em fazer uma matéria sobre o que acreditava ser uma comunidade vivendo em uma ecovila. Em um primeiro momento, Cinthia relata que concordou que a equipe fosse até a Serrinha do Alambari fazer a gravação, mas não sem antes corrigir a repórter, já que a iniciativa não se tratava de uma ecovila. A repórter teria insistido em se referir à Nuvem como uma ecovila, o que delimitou um impasse. Sem um acordo a respeito do que se passava ali, as filmagens acabaram não acontecendo. É importante que mesmo que eu tenha sido recebida – e que, ainda, Cinthia tenha se sentado comigo para uma entrevista que durou aproximadamente noventa minutos ao final de duas semanas de convivência – constatar que minha própria abordagem tampouco é imune a enganos. Voltando para o segundo capítulo, quando destaquei na fala de Cinthia seu desejo de que a Nuvem fosse, de início, uma “cooperativa integral” e suas considerações sobre as “faltas” no contexto rural e como ela mobiliza uma noção de sustentável no sentido de autossuficiente, me parece que aquilo que obtive como resposta foi algo que na verdade não tinha perguntado. Em transcrição completa, minha pergunta foi: “Você falou de um momento inicial no qual as pessoas não expressavam que elas tinham essa crença no futuro da Nuvem, e eu queria saber onde você via a Nuvem chegando, no que você acreditava”. Até 2014, mais ou menos, era possível

ler: “buscamos a autonomia que aponta para a sustentabilidade” em destaque na seção *espaço-conceito* do site da iniciativa, já com sustentabilidade empregada em um sentido de autossuficiência. No entanto, me parece que na hora de me dar a resposta, ela trabalha também com outros referenciais: que já não dizem respeito àquele “hacklab” presente nas definições do segundo capítulo, que já não tinha tanto a ver com a autonomia individual quanto com a autonomia de grupo. Há, ainda, um referencial que não está diretamente endereçado no que ela diz, mas que considero identificável a ponto de conferir consistência para uma interpretação que espero ser mais assertiva: era o fim de duas semanas de laboratório, durante as quais ela mesma tinha se ausentado brevemente da Serrinha para ir até o Rio de Janeiro e, então, acabado de voltar. Relendo a entrevista, é notável que os mentores e mediadores que continuaram lá enquanto Cinthia não estava são tratados em termos de “equipe de trabalho”.

*Cada atividade tem uma equipe sua de trabalho, porque elas são muito diferentes entre si, elas trabalham com linguagens diferentes, interesses diferentes. O Interactivos? é uma metodologia específica, o CaipiraTech Lab que é um mutirão de impacto ambiental também, os encontros feministas, as residências artísticas. As equipes de trabalho elas não se repetem totalmente, elas precisam mudar porque nem todo mundo tem condições de arcar com tanta multiplicidade de temas. As pessoas tendem a se especializar um pouco né. Então, existe muita gente trabalhando na minha coordenação, aqui, por exemplo, no [atual] Interactivos? somos cinco pessoas. Nos outros, foram mais ou menos isso também. Ao menos duas pessoas articulando e produzindo e três pessoas fazendo as pontes, ou seja o que for. Então, se são cinco atividades [CaipiraTech Lab, Interactivos?, EncontrADA, residência artística, etc] você multiplica isso a gente tem aí pelo menos 25 pessoas construindo as atividades da Nuvem dentro da minha coordenação. Isso era um sonho meu, total, durante o processo eu entendi que trabalhar sozinha ou com uma/duas pessoas a mais, era muito difícil.*

Ainda que não esteja falando de um futuro completamente desvinculado do que a Nuvem foi até aqui, Cinthia parece ver uma superação de alguns problemas que ela enxergava no passado da iniciativa concretizados já nesse arranjo do *Interactivos? '16: Água e Autonomia*. Mais de um ano depois da entrevista, o futuro em questão já se mostra diferente e, ao mesmo tempo, muito parecido com esse descrito por ela. Quatro integrantes da “equipe de trabalho” do *Interactivos? '16* se repetem na seção “quem somos” da iniciativa *Silo* – da qual Cinthia é “diretora/idealizadora/fundadora” – que começou suas atividades em 2017 e é composta eminentemente por mulheres. O próprio termo “equipe de trabalho” chama a atenção: vincula trabalho voluntário à esforço produtivo e, ao lado da própria ideia de cooperativa, que também aparece na sua fala, enfatiza uma maior preocupação com aquilo que é produzido, assim como as condições materiais de produção como mais determinantes nas vidas daqueles que produzem. Ao apontar para o esforço de organização das atividades e o modo como ele era exercido por ela e mais algumas poucas pessoas como um dos problemas que ela enxerga na Nuvem – como uma consternação –, Cinthia também mobiliza um sentido de sobrecarga, e dá a entender que sua

expectativa sobre o arranjo que vislumbra enquanto fala comigo é de que ele viria a ser menos concentrado.

Certamente não cabe aqui medir o quanto essa expectativa se realiza no *Silo*, algo além do escopo do presente estudo, mas vem ao caso endereçar o quanto alguns aspectos do arranjo do *Interactivos? '16* – que foi realizado sob a coordenação de Cinthia na Nuvem, a frente “Feminismos e deslocamentos” –, possuía já então correspondências com aquilo que ela aponta na sua resposta para a minha pergunta. Por exemplo, o quadro no qual os presentes se voluntariavam escrevendo seus nomes num cartaz exposto no corredor – com um levantamento dos cuidados com o local de convívio – abaixo de algumas tarefas específicas listadas, como lavar a louça ou fazer o pão, indicando o comprometimento. Há uma certa historicidade, por exemplo, como quando Cinthia Mendonça contou em uma reunião coletiva sobre o momento no qual o quadro de tarefas passou a ser adotado – que foi durante uma edição do encontro feminista EncontrADA. O quadro tem como proposta o alívio do acúmulo de carga mental ao dividir também o esforço de pensar no que teria que ser feito para manter o espaço de convívio habitável e as pessoas alimentadas<sup>87</sup>. Desenhar o quadro foi uma das primeiras atividades do *Interactivos? '16* realizada eminentemente por uma pessoa da “equipe de trabalho” com a ajuda de mais um pequeno grupo, do qual Cinthia fez parte. Quando a ideia de fazer um quadro foi apresentada na primeira reunião com todos os presentes nessa edição do *Interactivos?*, a intenção era que a frequência com a qual algumas atividades precisavam ser feitas fosse decidida ao longo dos dias de laboratório, conforme identificássemos a necessidade. Olhando em retrospectiva, esse parece ser um primeiro passo em direção a inclusão de mais pessoas nas funções de organização. Durante o *Contralab:Reboot* esse quadro não chegou a ser feito, ainda que tal prática tenha sido sugerida na reunião de apresentação. A casa do Vale do Pavão tem um manual<sup>88</sup> que indica com que frequência certas tarefas como a destinação do lixo e a limpeza precisam ser feitas. Na primeira reunião do laboratório, Bruno Vianna deu informes que incluíam

---

<sup>87</sup> O *Interactivos? '16* contou com um casal de cozinheiros contratados que preparavam refeições veganas no almoço e jantar, com exceção do primeiro dia quando as pessoas que chegaram foram se organizando para a primeira refeição juntos e o almoço do dia seguinte no qual a família de Cinthia Mendonça esteve lá e cozinhou para todos os presentes, além dos dois dias de festa (um aniversário e a despedida no último dia) preparados pelos participantes. O café da manhã foi preparado pelos participantes todos os dias. No *Contralab:Reboot* todas as refeições foram preparadas pelos participantes, incluindo Bruno Vianna.

<sup>88</sup>O manual também está disponível online <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/Propostas\\_para\\_uma\\_casa\\_rural\\_sustent%C3%A1vel#Moeda\\_pr.C3.B3pria](http://nuvem.tk/wiki/index.php/Propostas_para_uma_casa_rural_sustent%C3%A1vel#Moeda_pr.C3.B3pria)> Aceso em: 27 de junho de 2017. No local havia uma versão impressa, além da arquivada no repositório da Nuvem.

os horários e dias de passagem do caminhão de lixo, além de indicar o manual que ficava exposto em versão impressa em um quadro de aviso e no repositório local como disponível para consulta em caso de dúvida.

As práticas de autorreflexão sobre as atividades na Nuvem e que se desdobram a partir delas, além de formularem sentidos aos quais os presentes podem recorrer como referência de modos de se viver e estar ali dentro, também coloca questões para as disciplinas da comunicação e da cultura. A cibernética, por exemplo, é uma tradição recuperada, muitas vezes de memória, e que é mobilizada na medida em que se busca entrar em termos com as tecnologias da informação com as quais convivemos atualmente como eletrodomésticos, com as tecnologias produzidas na Nuvem e com as tecnologias que pessoas que fazem parte dessa comunidade desejam produzir. A cibernética não deixa de ser, nesse contexto, uma fonte de conhecimento sobre as relações com as máquinas comunicantes. Textos de autores mais atuais que dialogam com a perspectiva do ramo interdisciplinar da cibernética, como o “Manifesto Ciborgue”, de Donna Haraway (2000), ou do pesquisador italiano Maurizio Lazzarato – que escreveu “Signos, Máquinas e Subjetividades” –, fizeram parte das conversas durante o trabalho de campo. No entanto, discutir as abordagens desses autores e como elas se relacionam a Nuvem vai além do escopo do presente estudo e dos referenciais que me cabem mobilizar.

### 3.2 Demandas comunicacionais e práticas não alardeadas

Em 2014, a Nuvem já não era uma iniciativa financiada pela Vivo Arte.Mov e ainda não contava com o financiamento da Fundação Ford, que teve início em 2016. Enquanto as Residências de Inverno – que ofereciam bolsas e mentoria para aqueles que tivessem suas propostas de projetos aceitas – foram suspensas, a agenda de encontros ativistas, além do EncontraDA e do MSST passou a contar também com o *Contralab*, um evento autofinanciado organizado pela Nuvem<sup>89</sup>. Esse é um trecho do texto que então figurava na seção espaço-conceito do site:

*A Nuvem é uma iniciativa para condensar desejos, pessoas, ações e pensamentos, destinada a acolher insurgências vindas de diversas áreas de interesse. Buscamos a autonomia que aponta para a sustentabilidade. Essa autonomia não é somente técnica – geração de energia, redes de comunicação, etc – ela é relativa a todas instâncias possíveis: ambiente, economia, sociedade, cultura, alimentação, saúde, corpo, território. Num contexto onde as cidades se tornam cada vez mais insustentáveis,*

---

<sup>89</sup>O Contralab foi autofinanciado em sua primeira edição. A segunda foi financiada pela Fundação Ford.

*acreditamos que um espaço rural é o ambiente mais apropriado para essas experiências.*

Até esse ponto, podemos ter alguma ideia das insurgências às quais esse trecho se refere como bandeiras que não são necessariamente conectadas com a esquerda da política institucional partidária, como questões de gênero e a diversidade cultural. Também descrevi algumas investidas que se deram durante as atividades da iniciativa – e por pessoas que fazem parte da Nuvem enquanto comunidade atuando em outros contextos, – no terreno da produção de saberes e modos de vida, ou seja, na cultura em um sentido mais amplo que o dos produtos culturais propriamente. Ainda assim, permanece em aberto uma questão que diz respeito à cultura no sentido mais estrito da produção e circulação de bens culturais dentro desse contexto.

Ainda sob efeito dos protestos de 2013 e em ano de Copa do Mundo no Brasil, o pano de fundo era de emergência dos midiativistas que transmitiam manifestações ao vivo com celulares em punho tornando-se conhecidos nacionalmente pela disseminação de imagens de violência policial contra manifestantes publicadas nas mídias sociais. Também de surgimento da Cryptoparty, evento feito no Brasil seguindo uma tradição semelhante de edições internacionais voltadas para a popularização da criptografia e segurança. Enquanto uns atuavam na atmosfera espetacular dos protestos convertendo imagens em provas para denunciar atentados das forças de segurança pública contra os jovens manifestantes como resposta à um senso de urgência que reverberava a efervescência política do momento, outros buscavam lidar com os problemas do enfrentamento de complexas estruturas de poder que controlam os fluxos de informação perseguindo o alavancamento da privacidade nas comunicações como um requisito para a liberdade de expressão. A máxima cypherpunk “privacidade para os fracos, transparência para os poderosos” aparecia em evidência personalizada na figura de Julian Assange, que despontava na linha de frente da oposição à atores poderosos com essa formulação até então pouco alardeada, produzida a partir de um pequeno grupo.

A CryptoParty em seguida virou CryptoRave e, atualmente em sua quinta edição no Brasil, segue sendo um evento realizado em centros urbanos. O que leva a pensar o contexto rural como um contexto mais apropriado, especificamente nesse trecho destacado acima, parece ter a ver com a contraposição àquilo o urbano tem de “insustentável”. Considerando o sustentável na chave de sentido como autossuficiente e seguindo a linha dos capítulos anteriores, o que o ambiente urbano parece ter de inapropriado pode ser caracterizado como uma dependência “externa” – pode-se pensar grosseiramente em como os alimentos consumidos na cidade são produzidos na área rural e como o lixo produzido nos grandes centros é basicamente levado

para fora do perímetro urbano. Essa diferenciação mais explícita que afasta o rural do urbano se faz presente em um discurso mais formal e direcionado para projeção, como uma apresentação da iniciativa, mas que não necessariamente se isenta de produzir efeitos na convivência – ou seja, nos níveis onde essas fronteiras aparecem de forma menos evidente. Em um mesmo movimento, os sujeitos urbanos estariam mais vulneráveis à aprovação social e competição predatória, enquanto no campo estaria desautorizada a passividade e imperaria a autonomia. O contexto rural, por sua vez, não seria autossuficiente em serviços, configurando as “faltas” das quais Cinthia Mendonça fala no trecho da entrevista destacado no capítulo anterior, que seriam a fonte de demandas múltiplas a configurar as áreas de atuação da Nuvem – passando pela agricultura, arquitetura, cultura, tecnologia. É importante notar que a justificativa e o planejamento que dão coesão para o trecho destacado se respaldam em um sentido atribuído ao deslocamento de pessoas eminentemente moradoras de grandes centros urbanos como algo intelectualmente estimulante. Sua aproximação das tecnologias da informação e comunicação tem a ver com um uso não instrumental, que não tem necessariamente um objetivo pré-determinado. Podendo se valer da própria configuração reduzida do arranjo da Nuvem para práticas não alardeadas, ficaria a cargo dos sujeitos destacarem sentidos que são mais apropriados para a intencionalidade que se deseja implicar na relação com essas máquinas. Essas construções de sentido, no entanto, se dão eminentemente de maneira menos formal, em esforços concentrados principalmente na elaboração da documentação.

O *Contralab – laboratório tático antirrepressão*, em 2014, contou com dois projetos: a “Revolta da Antena” e o “Manual de Comunicação Segura”. A Revolta da Antena teve início em 2013, com uma ação do Tarrafa Hacker Club, um laboratório comunitário com sede no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis, que tinha como objetivo garantir acesso livre à internet sem fio na rua para os manifestantes. Foi lançada uma campanha para que os moradores próximos dos locais de manifestações – que partiram da pauta da oposição ao aumento da tarifa de transporte público, o estopim de protestos por várias metrópoles brasileiras que aconteceram no mesmo ano – disponibilizassem as suas redes sem fio (não condicionando o acesso ao uso de senhas) e colocassem seus roteadores na varanda, enquanto nas ruas os envolvidos se encarregariam de carregar mais roteadores interligados por meio de uma rede mesh. Dessa forma, a área de cobertura acompanharia os manifestantes ao longo do trajeto, contanto que as pessoas que estivessem carregando os roteadores permanecessem em meio ao protesto possibilitando conexões mais estáveis que não dependiam dos planos

de internet móvel, normalmente caros e sujeitos à gargalos mais estreitos de franquias de pacotes de dados pré-definidos pelas operadoras. A conexão mais rápida e estável permitiria aos manifestantes, por exemplo, publicar imagens de violências policiais que ocorressem durante a manifestação não necessariamente para denunciá-las para autoridades, mas principalmente para o público online. O Manual de Comunicação Segura, outro projeto selecionado para o *Contralab*, também é voltado para a comunicação. Elaborado em conjunto com membros brasileiros da rede internacional de produção de mídia e fonte de informação alternativa e crítica<sup>90</sup> que formavam o Centro de Mídia Independente (CMI), o objetivo desse projeto foi oferecer aos manifestantes – que se comunicavam eminentemente online para organizar os protestos – instruções para se proteger. A segunda edição do *Contralab*, o *Contralab:Reboot*, contou com a presença do proponente do “Manual de Comunicação Segura” como um dos responsáveis pela seleção dos projetos, assim como outros remanescentes do CMI.

O laboratório reuniu, portanto, um projeto que tinha como foco a disputa pela atenção online, principalmente nas mídias sociais, e outro que buscava difundir práticas de anonimato e privacidade online para evitar a repressão e controle das comunicações. Uma vez que Edward Snowden tinha tornado pública a atuação conjunta das forças de segurança do Estado nos EUA com as empresas de internet e telecomunicações em 2013, a promoção da comunicação protegida ganhou projeção desde então como uma bandeira não só de quem deseja manter suas informações privadas, mas também daqueles que as veem como algo que é valioso para empresas que se dedicam a capturá-las e podem tirar vantagem de uma massa gigantesca de dados.

Em 2015, pouco mais de um ano depois da primeira edição do *Contralab*, a Nuvem viria a organizar um mutirão para a instalação de uma rede mesh – dessa vez não focada em deslocamentos de manifestantes nas ruas, mas em uma localização específica – na vila de Fumaça, onde fica o sítio para o qual a iniciativa pretendia transferir a sua sede. A atividade foi apresentada num texto de divulgação para a imprensa e documentada na wiki da Nuvem, que citava um abaixo-assinado feito pela população de Fumaça pedindo que as operadoras comerciais oferecessem o serviço de wi-fi e de rede celular no local – pedido para o qual não foi obtido uma resposta das empresas. O press release da instalação da rede local, por sua vez,

---

<sup>90</sup> Rede internacional de produtores de mídia reunidos sob a máxima “Odeia a mídia? Seja a mídia!” que teve início em 1999.

destacava que voluntários de projetos de “redes comunitárias como Guifi.net<sup>91</sup>, Quintana Libre<sup>92</sup> e Delta Libre<sup>93</sup>” estariam presentes. O texto também cita “a título de curiosidade” o coletivo Rhizomatica, do México, e uma rede instalada em “uma tribo isolada na Amazônia brasileira” como exemplos de “uso cidadão do espectro” que seriam operáveis onde as grandes operadoras de telecomunicações não chegam<sup>94</sup>. Além da documentação realizada nos dias de mutirão, a página da wiki sobre a atividade foi atualizada algumas outras vezes desde o *Fumaça Data Springs*, que é como a atividade foi chamada. Uma delas, em outubro de 2016, incluiu um link para um arquivo publicado no perfil de Daniel Daza Prado<sup>95</sup> – um artigo identificado como parte de sua pesquisa de doutorado na Universidad Nacional de San Martín, na Argentina – na plataforma Academia.edu, mídia social voltada para acadêmicos. Em seu trabalho, ele afirma que o objetivo da atividade era instalar “uma rede livre nessa vila e fazer com que os vizinhos se envolvam na sua utilização, manutenção e crescimento”<sup>96</sup>. Chama a atenção as referências que Daniel mobiliza quando chama as redes que aborda em seu texto, a de Fumaça incluída, de “livres”, tomando o software livre como referência para tentar definir que tipos de liberdades e de sentidos observa ao longo de sua pesquisa etnográfica.

---

<sup>91</sup> Ver: <<https://guifi.net/es>> (Acesso em:27 de junho de 2018).

<sup>92</sup> Ver: <<https://www.altermundi.net/>> (Acesso em:27 de junho de 2018).

<sup>93</sup> Ver: <<http://www.unsam.edu.ar/tss/conexion-comunitaria/>> (Acesso em:27 de junho de 2018).

<sup>94</sup> Vicentin (2016) aborda a diferença entre o controle exclusivo do espectro (modelo fechado) e a atuação não licenciada – algo equivalente ao que é tratado pelos meus informantes como uso cidadão do espectro – como uma disputa em curso. Ele destaca uma crítica feita por Yochai Benkler em *Open wireless vs. Licensed Spectrum: evidence from Market adoption (2012)* a partir das perspectivas econômica e regulatória, presente principalmente “no argumento que afirma que o desenvolvimento tecnológico tornou obsoleta a necessidade de controle exclusivo do espectro, sobretudo como meio de evitar interferência. Tal como dissemos, o funcionamento na faixa não-licenciada do espectro supõe que objetos técnicos devem operar de tal modo a aceitar interferência de outros que estejam na mesma faixa. Esse tipo de utilização do espectro tornou-se possível a partir da arquitetura de ‘acesso randômico’ e da técnica de ‘espalhamento espectral’, que estão na origem do próprio WiFi e das redes de computadores. (...) Essa oposição se recoloca muitas vezes através da bibliografia que trata do desenvolvimento da internet. As comparações são quase sempre feitas nesses termos: ‘fechado’ vs. ‘aberto’, ‘centralizada’ vs. ‘descentralizada/distribuída’, ‘velho’ vs. ‘novo’” (VICENTIN, 2016, p. 206)

<sup>95</sup> PRADO, Daniel Daza. Libertades con senderos que se bifurcan en red. 1º Congreso online de Gestión Cultural. 2016. Mesa 1: Experiências y proyectos de cultura y activismo digital. Disponível em: <[https://www.academia.edu/29194535/Libertades con senderos que se bifurcan en red. Fragmentos de una etnograf%C3%ADa de los grupos que crean Redes Libres Abiertas y Comunitarias](https://www.academia.edu/29194535/Libertades_con_senderos_que_se_bifurcan_en_red.Fragmentos_de_una_etnograf%C3%ADa_de_los_grupos_que_crean_Red_Libres_Abiertas_y_Comunitarias)> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>96</sup> Tradução livre

Outro texto, publicado em 2017 no livro “Community networks: the Internet by the people, for the people”, por Bruno Vianna, também aborda as redes mesh implantadas em Fumaça e na favela da Maré, chamando-as de “comunitárias”. Ainda que difiram eminentemente das condições descritas como propriamente rurais e favoráveis ao processo criativo (dilaceração das distâncias, desaceleração, silêncio, etc.) presentes no catálogo da exposição que foi objeto de análise no segundo capítulo, é interessante notar como as condições que são colocadas como próprias da comunidade local aparecem no texto também como uma força criativa.

*(...) that, although CNs [Community Networks] have the potential to stimulate the development of local services, such as instant messaging, VoIP, file sharing, etc., the possibility to access existing services was the most appealing argument to initially mobilise the community. Using the water system as an analogy, it was easy to demonstrate that if Internet connectivity was already available at a neighbour's residence, all one had to do was to lay down the “plumbing” from the neighbour house to the other community members' houses. Since DIY practices are the norm to create infrastructure – spanning from water to electricity to transportation – both in rural areas and in favelas, it is not unthinkable to believe that this culture can be extended to data networking as well.<sup>97</sup>*

Partindo do pressuposto de que a comunidade se valerá da infraestrutura implantada em seus próprios termos – uma vez que é considerado que a favela<sup>98</sup>, por exemplo, é um local onde o “Estado brasileiro tem apenas acesso e controle parciais” –, as suas práticas de auto-construção de infraestrutura aparecem identificadas como indicadoras de prosperidade para o futuro da infraestrutura de rede local. É possível depreender do texto que aquilo que a iniciativa se propõe a fazer é mobilizar a comunidade para a implantação da infraestrutura, enfatizando as expectativas e práticas da própria comunidade em relação à rede como decisivas para sua manutenção e contínua operação, assim como ampliação do número de casas com acesso. Para Bruno Vianna, “a falta de conexões com a internet de boa qualidade representa um impulso considerável para o desenvolvimento das redes comunitárias”. A compatibilidade de interesses entre a iniciativa de instalar uma rede e a comunidade local, portanto, pode tomar como critério tanto a definição da obtenção da conexão como uma prioridade pela própria comunidade;

---

<sup>97</sup> Ainda que as redes comunitárias [RCs] tenham o potencial de estimular o desenvolvimento de serviços locais, como mensageiro instantâneo, VoIP, compartilhamento de arquivos, etc, a possibilidade de acessar os serviços existentes foi o argumento mais apelativo para mobilizar a comunidade inicialmente. Usando o sistema de água como analogia, foi fácil demonstrar que se a conectividade já estava disponível na casa de um vizinho, tudo que o outro precisava fazer era puxar o “cano” do vizinho até a casa de outros membros. Uma vez que práticas DIY são a norma para criar infraestrutura – abrangendo desde a água até a eletricidade e o transporte – tanto em áreas rurais quanto em favelas, não é impensável acreditar que essa cultura pode também se estender para as redes de dados. (tradução livre)

<sup>98</sup> A rede da favela da Maré foi implantada já como atividade do Coolab e aparece no texto em conjunto com o relato sobre a implantação da rede de Fumaça como “redes comunitárias”.

quanto características consideradas próprias dela; além da ausência de grandes operadoras comerciais interessadas em atuar na região.

Interessa aqui principalmente a abordagem de Bruno faz nesse mesmo texto à respeito da rede de Fumaça, que foi implantada em um mutirão realizado pela Nuvem a partir de um ponto de wi-fi gratuito e aberto<sup>99</sup> instalado pelo poder público em uma praça até que a administração municipal parou de pagar pelo link, sem esclarecer o porquê<sup>100</sup> ao final de 2016. Apesar ser visto como um atenuante da situação dos moradores, o ponto de conexão instalado pelo poder público na praça principal de uma região onde não atuam nem operadoras de telefonia móvel ou fixa não é considerado um arranjo prático, porque os moradores tinham que obrigatoriamente que ir até o local para ter acesso e ficariam desabrigados caso chovesse. Também é informado no texto que muitos moradores não sabiam usar a internet ou nem mesmo dispunham de dispositivos para se conectar. No caso, também foi instalada uma rede de telefonia móvel GSM, mas essa última é citada apenas brevemente, pois o foco é a rede mesh. Bruno relata que reuniões foram anunciadas para discutir o que poderia ser feito após o ponto de internet da praça ser desativado, e que numa delas o dono de um pet shop de Resende acabou oferecendo a conexão de sua loja, distante 22 km de Fumaça, onde havia uma conexão que ele estava disposto a compartilhar com os moradores locais sem nenhum custo. Como a rede já funcionava sem cobranças de nenhum tipo, pois se valia do wi-fi implantado pelo poder público e teve financiamento da Commotion<sup>101</sup> para os equipamentos, as condições para o acesso foram mantidas mesmo com a mudança de arranjo. Ainda assim, está presente no texto um certo desconforto com as condições sob as quais a rede de Fumaça foi primeiramente instalada.

*(...) it was made clear that there would be no costs for the users since the equipment was donated and the connection used would be provided by the city, through the connection of the existing hotspot in the main square. It is important to stress that, although it may be seen as a win-win situation, this initial configuration was de facto making the network less self-sufficient. After all, costs could incur when equipment*

---

<sup>99</sup> Aberto aqui tem o sentido de visível para qualquer dispositivo habilitado a se conectar com wi-fi e sem restrição de acesso por senha.

<sup>100</sup> Informações do texto. Ver VIANNA, Bruno. Comparing Two Community Network Experiences in Brazil. **Community networks: the Internet by the people, for the people**. Official outcome of the UN IGF Dynamic Coalition on Community Connectivity. Rio de Janeiro: Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas, 2017.

<sup>101</sup> A Commotion é uma iniciativa do Open Technology Institute, que promove o “acesso equitativo às tecnologias digitais e seus benefícios”. Ela se define como uma ferramenta que se vale de equipamentos wireless para criar redes mesh descentralizadas sem ser uma substituta para a conexão com a internet. Um de seus objetivos que qualquer pessoa independentemente de expertise técnica, possa se valer dessa ferramenta.

*broke down or if the Wi-Fi spot were no longer available, and there was no plan to monetise the network usage.*<sup>102</sup>

Mesmo que a gratuidade tenha se mantido entre as condições para o acesso à rede, Bruno faz uma avaliação positiva sobre o novo arranjo que estendeu a rede até Resende ao considerar que “isso certamente foi uma prova da resiliência da rede”. A autossuficiência, portanto, é referida no trecho destacado como dotada de gradações, e não um caso de tudo ou nada. Em última instância, é retratada no texto a conciliação entre os interesses da comunidade e da iniciativa que, mesmo em atividade organizada pela Nuvem, dividiria a configuração das condições de funcionamento da rede com a comunidade local em um tipo de coprodução. Além disso, como o sítio Nebulosa fica em Fumaça, a própria iniciativa se beneficia da rede e o fato de a Nuvem ter uma base local na comunidade é citado como aquilo que proporcionou uma ligação próxima entre os “desejos e necessidades dos moradores e aquilo que iria ser tecnicamente implementado”. A infraestrutura, por sua vez, tinha sido financiada com recursos da Comotion, obtidos também por meio da Nuvem. Não fica claro no texto se a proposta de fazer com que as condições de acesso mudem chegou a ser apresentada nas reuniões com os moradores ou se há uma estância decisória que funcione de forma não eventual para que propostas como essa sejam feitas e consideradas.

Considero que é principalmente esse relato que indica uma segunda perspectiva em relação à continuidade das atividades realizadas pela Nuvem, de atuação a partir de uma certa conciliação entre as “necessidades” das comunidades locais citadas com os interesses dos próprios coordenadores dessas atividades. As comunidades, no caso, teriam em comum o fato de estarem fora dos polos de concentração e interesse das corporações e fora do radar das instituições sociais tradicionais. Ainda que finalidades possíveis e particularmente interessantes para os moradores locais tenham sido cogitadas durante as reuniões – como “controlar” o volume de leite produzido e entregue individualmente para o reservatório comunitário se valendo de uma aplicação que, por sua vez, funcionaria online – o relato descreve a atividade como bem sucedida destacando o modo como “a reunião aberta incitou a confiança dentro da comunidade, as atividades conjuntas entre moradores e voluntários foram empoderadoras para todos os membros da comunidade”. Dessa forma, os processos mentais como perceber e sentir, são novamente enfatizados como efeitos importantes. A intencionalidade da coordenação da Nuvem em

---

<sup>102</sup> Foi deixado claro que não haveria custos para os usuários uma vez que o equipamento foi doado e a conexão usada provinha da cidade, pelo ponto de conexão existente na praça principal. É importante destacar que, ainda que essa possa ser vista como uma situação sem prejuízos para nenhum dos lados, essa configuração inicial de fato faria a rede menos autossuficiente. Em última instância, custos poderiam incorrer quando o equipamento quebrasse ou o ponto Wi-Fi não estivesse mais disponível, e não havia nenhum plano para monetizar o uso da rede.

organizar a atividade, conforme abordada nesse esforço posterior de produção de sentido sobre o Fumaça Data Springs, não aparece como particularmente incidente sobre a comunidade, na medida em que iniciativas anteriores dos moradores já tinham demonstrado que obter conexão era algo desejado por eles mesmos. Isso é reforçado pelo tratamento dado no texto aos desdobramentos da instalação da rede mesh no âmbito local – como se o que aconteceu depois fosse de responsabilidade exclusiva da comunidade e, ao mesmo tempo, fosse praticamente desconhecido. As propostas de desenvolvimento de aplicações locais teriam sido discutidas no último dia de mutirão, e o texto de Bruno se abstém de dizer se elas chegaram a ser realizadas. Tampouco se fazem no texto menções aos efeitos de enredamento produzidos na comunidade, mesmo que a rede mesh instalada possua interoperabilidade com a internet, não se resumindo a conectar os moradores locais entre si.

Chama a atenção que a analogia com encanamento do abastecimento de água destacado no trecho destacado anteriormente do artigo de Bruno, uma vez que o abastecimento na serra foi uma questão amplamente discutida no *Interactivos? '16: Água e autonomia* – o que coloca sob perspectiva atividades diferentes desenvolvidas pela iniciativa. A implantação da rede mesh é abordada como se não fosse diferente do sistema de abastecimento arranjado localmente entre os moradores, muitas vezes de modo pouco articulado entre si, e autossuficiente no sentido de que tanto as fontes de água quanto as pessoas estariam se arranjando independentemente de governos ou empresas e assim configurando o acesso. Ao mesmo tempo, a conexão é significada como uma das ‘necessidades’ da comunidade local, assim como a água, de modo que a atuação da Nuvem pode ser interpretada como uma ida à região para prestar auxílio para os moradores. Também interessa ao presente estudo a ênfase dada à configuração da infraestrutura (extensível, livre, sem necessidade de cadastro, senha ou pagamento para acesso) da rede local como algo também compatível com os interesses da comunidade estudada. O foco das atividades aqui analisadas parece ser atuar nas bordas das tradicionais formas de implantação, operação e comercialização – levando em consideração que essa é uma atuação que se insere em locais significados como aqueles pelos quais os grandes e convencionais provedores comerciais de conexão não estariam interessados.

A partir do texto de Bruno Vianna, é possível deduzir que o que faz da rede mesh instalada em Fumaça uma rede comunitária não é a gratuidade de acesso, nem a gratuidade da infraestrutura, e tampouco ter o Estado como provedor da conexão ou da operação. A rede seria comunitária no sentido que se espera dos moradores do local onde ela está situada o envolvi-

mento na sua manutenção e até mesmo na instalação de novos pontos a partir daqueles colocados em funcionamento no Fumaça Data Springs. Nesse sentido, ao abordar como se aplica o termo “redes livres”, o texto de Daniel Daza Prado parece dar pistas sobre o que se entende por vínculo entre a comunidade e a rede em questão.

Las tres actividades se llevan a cabo en paralelo. Yo participo de las tres a lo largo de todo un día. Llevo alguna consulta técnica de Carlinhos para Iker. Busco un lugar para colocar la antena en el techo de la casa de Zeo o chequeo con mi celular la señal del router ya flasheado. Subo y bajo calles. Hace calor y no tengo tiempo de anotar algunos detalles técnicos. De alguna manera siento que en cada una de estas actividades, en las conversaciones con los que integramos este grupo, la libertad y la red van dejando de ser conceptos y comienzan a ser vividos, experimentados por estas personas. Aunque la palabra libertad no aparezca en el habla cotidiana y el término red adquiera solo su acepción más técnica, que incluye solo a los dispositivos. Para nombrar a la red humana los participantes utilizan otras palabras como “comunidad”, “vecinos” o “colectivo”.

No trecho destacado, a autodeterminação do grupo aparece no sentido de liberdade, mas não como algo declarado ou deliberado; e sim como algo sentido ou mobilizado. A liberdade, no caso, é vista tanto no sentido tradicional do software livre quando define os requisitos para que seja dessa forma chamado (a partir das liberdades para ler, estudar, modificar e copiar o software – ou, seja, aprender como funciona a rede, implantar seu nó e compartilhar sua conexão) quanto na confiança de que há uma comunidade de apoio para auxiliar no próprio exercício dessa liberdade. Aquilo que se observa e se destaca na experiência em Fumaça é esse “começo” colocado em movimento pela atividade ali organizada como uma emergência significativa na relação entre a comunidade e a infraestrutura tecnológica. Chama a atenção que a implicação de intencionalidade se dê como efeito ou esforço analítico posterior, e não diretamente como expectativa ou perseguição consciente. Ao final, o fato do acesso à rede ter permanecido gratuito em Fumaça é significado como “a rede continua possibilitando acesso irrestrito ao conhecimento e comunicação para toda a comunidade local”, de modo que é importante que as oportunidades de aprendizado e intercâmbios informacionais proporcionados a partir da conexão com a rede tenham sido mantidas intactas. Mesmo que não se saiba exatamente o que aconteceu após a implantação, a comunidade seria afetada de forma mais imediata por um processo mental, que seria o empoderamento. De formas semelhantes, Bruno cita a “confiança” incitada pela atividade dentro da comunidade, enquanto no texto de Daniel o sentido de “rede” como conjunto de pessoas em intercâmbio é obliterado pelos termos que designam mais proximidade física em arranjos propriamente humanos (comunidade, vizinhos, etc), como se o sentido de comunidade fosse reforçado ou destacado pela implantação da malha no local. Ainda

assim, própria forma de se referir à rede local usado por Bruno usa difere do de Daniel, o primeiro chamando-a de “comunitária”, e o segundo de “livre”.

Temos três elementos nesses dois textos que interessam particularmente para análise: essa prática menos explícita que é colocada como comunitária, as formulações que associam o “livre” do software livre com as redes mesh e a centralidade do “conhecimento e comunicação”. Se faz presente nos dois textos uma noção que diz respeito à um usuário ideal dessa rede, que é o que se envolve na sua utilização, manutenção e crescimento. Também se articula o envolvimento de especialistas – no caso diz respeito às pessoas já envolvidas na Guifi.net, Delta Libre e Quintana Libre responsáveis por guiar a implantação, em certa medida. Além disso, uma produção de sentido sobre a atividade que começa ainda nos dias que ela ocupa – principalmente na wiki da Nuvem – e se estende por anos, pelo menos no que diz respeito à escrita, como uma forma de testemunho e esforço reflexivo tanto do ponto de vista do coordenador da iniciativa quanto de uma das pessoas que responderam ao chamado público articulado por ela. Não menos importante, temos a comunidade local que é referenciada geograficamente. A falta de conexão de qualidade no local é referida por Bruno como fonte de um “impulso” considerável para o desenvolvimento da rede comunitária. Para Daniel, a comunidade de Fumaça aparece como endereço de expectativas sobre seus membros que aprenderiam, implantariam e compartilhariam conexões.

Uma vez que essas ações de aprender sobre a rede, implantar nós e compartilhar conexão não são pensadas para serem executadas pelas pessoas que partem rumo ao mutirão em nome das pessoas que residem na comunidade, temos um sentido atribuído às atividades mencionadas nos textos que incorporaram os membros dessa comunidade local – reuniões, saídas para instalação e workshops – como ocasiões de aprendizado, de socialização, de inserção e de construção. Ainda assim, uma parte menos explícita e mais prática daquilo que se pretende com a atividade é referenciada em termos que não chegam a ser diretos. Considero que uma chave de entendimento importante para a produção cultural que pode ser mobilizada a partir da cultura hacker para ajudar na compreensão dessa abordagem diz respeito aos usos não alardeados.

No sistema de distribuição convencional de produtos culturais, os usos não alardeados designam práticas não autorizadas que se valem de produções culturais que são fixadas a um suporte físico, mesmo quando se tratam de cópias feitas em grande escala como impressos, vinis, etc. Proponho recuperar essa noção para pensarmos os sistemas de distribuição de uma

parte importante da produção cultural-tecnológica atual – a partir das práticas e reflexões observadas até aqui no contexto da Nuvem – de modo a não desvinculá-la completamente de seu suporte físico, que são eminentemente as grandes infraestruturas de comunicação.

Dentro do âmbito da produção cultural, a emergência das regras de propriedade intelectual estão identificadas com desenvolvimento das prensas modernas (MACHADO, 2008) e à consolidação das primeiras conglomerações urbanas: para alcançar maior público, o autor não teria opção senão ceder o controle sobre sua obra para editores. Por meio de contratos, os editores passavam a ser titulares de direitos e a ter permissões para agir como donos dessas obras. Ao mesmo tempo, alianças entre editores (gravadoras, editoras de livros, produtoras e distribuidores de filmes) e governos garantiam privilégios no controle e, em última instância, de censura das produções culturais. A aliança entre a realeza inglesa e os editores<sup>103</sup>, por exemplo, acabava por garantir ao governo o controle indireto sobre os canais de circulação de ideias. Como os editores tinham exclusividade sobre os meios de fabricação de livros e relações com governantes, a veiculação de ideias sobre meios tangíveis, como o papel, configurava certas condições para o controle – do ponto de vista social e econômico – sobre a circulação de ideias. Alianças como essa levaram a um aumento gradual das concessões ao interesse privado, a ponto de elevar o período de proteção para a exploração da obra à média global de 100 anos. Esses direitos morais e patrimoniais conexos que permitem a interferência de entidades que não são propriamente tidas como criadoras – como por exemplo os direitos de difusão e fixação, assim como uma série de outros –, são diretamente relacionados ao direito de autor, ou seja, sem a criação do autor não havia a possibilidade de interposição direta de editores, gravadoras, estúdios, etc nas decisões relativas à criação.

A alta concentração de mercado no modelo tradicional de negócios de produção cultural é acompanhada da baixa segmentação – ou seja, da homogeneização das produções – e desponta como uma ameaça à diversidade cultural. Com a criação de suportes digitais, em vez de físicas-analógicas, as barreiras de produção e distribuição de cópias que se interpunham entre o consumo e a gratuidade mostraram-se como algo que era também uma possibilidade técnica, e que haviam outras menos severas e burocráticas. As leis de direitos autorais foram

---

<sup>103</sup> O Estatuto de Anne, considerado primeira lei autoral, foi instituída no século XVIII, articulada por editores que visavam garantir privilégios para exercer monopólios assumindo a prerrogativa de censurar trechos indesejáveis para a realeza inglesa.

então postas de lado pelos consumidores de bens culturais em favor da disponibilização e aquisição gratuita dessas produções.

Não por acaso, estudos como o de Certeau<sup>104</sup> (1994), que analisam as próprias “fabricações” dos consumidores culturais que se valem de produtos culturais colocados em circulação pelo modelo de distribuição convencional em práticas que se dão a partir da recepção desses bens – ainda que não sejam consensualmente permitidas pelos sistemas dominantes de produção televisiva, urbanística, comerciais, etc – recebem uma atenção especial entre atores da produção cultural-tecnológica que se voltam para suportes digitais. Essas práticas em geral não são explicitamente inscritas e difundidas, especialmente por serem empregadas por aqueles que não têm espaço ou meio próprio. Foi a partir das capacidades inventivas e da iniciativa dos consumidores de bens culturais, se valendo de dispositivos de compartilhamento de arquivos e digitalização, que essas produções passaram a ser amplamente disponibilizadas de forma gratuita na internet. Em um país periférico e desigual onde a indústria de bens culturais ganhou corpo nos moldes dos mercados internacionais a partir dos anos 1960, esse momento se deu em um contexto no qual os oligopólios que concentravam espaços e meios próprios no Brasil mantinham o cerceamento da experimentação e a criação sob a lógica do “risco zero”, que era a máxima desde a crise econômica da década de 1980, em uma guinada quase que estritamente comercial ditada por fórmulas de sucesso. Simultaneamente, algumas das tecnologias de produção das quais se valiam aqueles que detinham essa concentração foram barateadas pela reestruturação capitalista que se volta para a esfera da informação, possibilitando a entrada de empresas menores na produção cultural e seguindo a lógica da estrutura organizacional enxuta com ênfase no controle de mercado – não tanto da produção quanto da divulgação e distribuição – se alinhando com tendências internacionalizadas e isentando os detentores de grandes fatias desse mercado dos riscos das atividades de prospecção e atendimento de demandas regionais.

Nesse sentido, a quebra do ciclo de privatização da invenção que garantia alta lucratividade aos detentores de espaços e meios próprios da produção cultural não se deve apenas a introdução de tecnologias novas e mais baratas, mas principalmente a certos usos e práticas da cultura hacker, de um modo geral, e do movimento software livre especificamente em seu

---

<sup>104</sup> Em “Táticas de Artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados”, Claudia Paim (2012), escreve que “Michel de Certeau em seu livro *A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer*, explora o conceito de espaço e de sua prática e serve como referência fundamental para tratar a diversidade das maneiras de fazer coletivas ao inventarem espaços para si próprios – o modo como os imaginaram, praticaram, vivenciaram e narraram.”

trabalho pela liberdade da informação e dos processos computacionais. Ao identificar no *copyright* o dispositivo primordial de imposição da lógica econômica no desenvolvimento técnico e propor o *copyleft*, Richard Stallman designa práticas que se opõem diretamente ao modelo institucionalizado de controle do desenvolvimento tecnológico – a propriedade intelectual –, contrariando o poder institucional. Práticas não evidenciadas (ou alardeadas) dos usuários, a arquitetura da internet e a ênfase no caráter não só ilegítimo mas, principalmente, facilmente ignorável das leis de direito autoral consolidaram a noção de que a transgressão do *copyright* é livre e até mesmo independente de uma ação política estruturada. Entretanto, os mercados de entretenimento e distribuição digital têm conduzido a inserção de gravadoras, editoras e estúdios (entre outros agentes não criadores que se interpõem nas decisões relativas à criação) no modelo hegemônico de novos negócios na internet, que possuem como base a exploração comercial de dados pessoais (CRUZ, 2014). Acredito que esse é um ponto de partida interessante para pensarmos em termos de distribuição de riscos, desoneração de empresas que possuem grandes fatias de mercado e a incidência de mecanismos de controle e gestão de fluxos informacionais dentro do contexto da produção cultural-tecnológica pós-informatização e dos modelos hegemônicos de negócios na internet – que é eminentemente a base sobre a qual essa produção circula –, considerando também a infraestrutura da rede. Considero que entender modo como certos atores entendem e são afetados por esse jogo de poder nas experiências sociais é fundamental para a compreensão de relações que se estabelecem na Nuvem.

Nesse contexto, a Nuvem parece alinhada com problemas de países pobres de maneira ambígua. Considerando que, além da premissa contida no ato de implantar uma rede em uma áreas nas quais as operadoras comerciais não têm interesse em atuar, também ecoam ali premissas de destinação e buscas por novos usos daquilo que é considerado pela indústria de hardware como lixo tecnológico, de alianças entre materiais baratos e tecnologias digitais, de produção de low-tech. Esses esforços se relacionam com os modos de vida não destrutivos que discutíamos a pouco, mas também com uma valorização dos sujeitos a partir dos processos mentais que são vistos como equivalentes àquilo que eles podem realizar informacionalmente. Se considerarmos que ter regiões inteiras sem conexão com a Internet (móvel e local) é um problema e que estamos em um país na periferia do capitalismo global, podemos partir da perspectiva de que a Nuvem foi ao auxílio da comunidade de Fumaça ao criar uma rede comunitária – principalmente por essa ser colocada como uma demanda dos próprios moradores locais. As reuniões teriam então a prerrogativa de transferir o controle sobre a infraestrutura que estava

sendo instalada na região – antenas, roteadores e afins – para os moradores, algo que não aconteceria caso uma operadora comercial estivesse implantando a rede. Logo, atividades como o Fumaça Data Springs diminuem em alguns graus a invisibilidade dessas estruturas, que são ideologicamente significadas – muito em função de sua relação com o capitalismo neoliberal – como incorpóreas ou imateriais, como se os fluxos de informação circulassem organicamente no éter, sublimando a existência de componentes de um sistema de controle ou de gerenciamento. Ao mesmo tempo, como essa rede tem interoperabilidade com a internet, os moradores daquela comunidade passam a se inserir com mais intensidade em um sistema que é controlado a partir das grandes infraestruturas de comunicação e possui seus próprios mecanismos de expropriação, como a exploração comercial de uma massa gigantesca de dados que também passaria a ser acrescida a partir das atividades daquela comunidade online – que desde então podem se dar a qualquer momento e em qualquer ponto da comunidade, não só na praça onde havia o ponto de wi-fi público – e dos dispositivos conectados na rede comunitária. É importante colocar em perspectiva que estamos falando de dois graus de liberdade e controle diferentes quando se trata de uma rede comunitária de alcance limitado que tem como prerrogativa servir e ser controlada em nome de interesses situados em relação à redes que tem parte da infraestrutura local em interoperabilidade com a internet.

É nesse sentido que considero valer a pena retomar o conceito de usos não alardeados, pois a Nuvem se isenta de determinar como a comunidade opera aquela rede, embora tenha sido responsável por trazer os equipamentos, produzir um sentido sobre a implantação da rede nas reuniões com os moradores, e coloca-la em operação. Em nenhum dos relatos feitos por voluntários ou coordenadores é abordado se aquela comunidade está se valendo da rede comunitária para procurar trabalho, estudar, dar vazão à produção local, gerenciar recursos próprios, navegar na *onion web*, fazer campanhas, usar mídias sociais ou o que quer que seja. O sentido de autossuficiente, mobilizado por Bruno Vianna no texto, também deixa subentendida uma outra hipótese que é a de que a comunidade pode dar outros rumos àquela infraestrutura – que podem não ser o da interoperabilidade – ou até mesmo desativá-la.

Ainda assim, considerando que o conceito de autoria confere a noção de que pessoas estão intimamente ligadas com o produto do seu trabalho, a possibilidade de comunicação internacionalizada e canalizada em meios digitais e não fixada em um suporte “concreto” – e, portanto, perfeitamente e facilmente copiável, a despeito atestados de originalidade e de unicidade – emerge no âmbito da produção cultural sob o sentido de uma libertação das ideias. Como se, à revelia de estruturas velhas, inacessíveis e conformadoras, como aquelas dos editores que

atuavam em acordo com o Estado, as ideias pudessem circular então de “forma parecida com os pensamentos puros”, livres de certas barreiras de circulação (BARLOW, 1996 apud MACHADO, 2007). Essa leitura interessa na medida que informa tanto sobre experimentações que tem a “expansão da mente”, a partir do uso de drogas psicoativas características dos Novos Comunalistas, passando pela criação de personalidades online, mais identificada com a Nova Esquerda.

Por muito tempo alimentou-se o mito de que as interações via Internet eram anônimas, como se ela se resumisse aos antigos chats online, em que cada um interpretava o papel que quisesse, num jogo. Mas quem conhece a rede tecnicamente sabe que é justamente ao contrário, as mensagens só podem ser trocadas porque os dispositivos tem endereço certo, um número de IP para cada máquina conectada. (EVANGELISTA, 2018, s/n)

Consideremos que os suportes físicos sobre os quais as produções culturais-tecnológicas eram fixadas mesmo no início do processo de informatização – no qual softwares, músicas, filmes e afins eram produzidos e comercializados como se fossem bens materiais como em uma empresa manufatureira. Como fazer cópias perfeitas de produções culturais-tecnológicas e distribuí-las viraram questões banais, os usos não alardeados são frequentemente significados não apenas como a superação de formas de controle e censura do sistema convencional de distribuição desses produtos. A essas práticas também é atribuído um sentido de eliminação total de barreiras e interferências, como se estivesse estendida universalmente a prerrogativa de reconfigurar a existência das produções culturais-tecnológicas, uma vez que ela é vista como aquela que está livre dos domínios do Estado e do mercado e até dos sujeitos – que à exemplo das produções culturais que deixariam de ter um suporte físico fixo, ou seja, os indivíduos também poderiam se significar socialmente online independentemente da identidade fixada a seus organismos biológicos. Em vez de somente promover um modelo de racionalidade que valoriza os processos de abstração mental, essas experimentações de personalidades também teriam a intenção de tensionar os princípios usados – por exemplo, pelo Estado quando busca responsabilizar os sujeitos por meio de mecanismos de controle e identificação<sup>105</sup> – para reduzir as diversas identidades e expressões subjetivas a um corpo biológico. Nesse sentido, o ciberespaço

---

<sup>105</sup> O poder de se valer de mecanismos de controle e identificação não é algo inerente ou exclusivo ao Estado. Um contraponto interessante se faz presente no trabalho de Rodrigues (2011) que aborda as investidas da ciência em fixar a identidade dos sujeitos a uma essência que só ela mesma seria habilitada a acessar. A sua pesquisa ressalta que os sentidos que a ciência quer fixar vão de encontro à criação de outros que, no embate político, ganham atributos depreciativos de “erro” e “ignorância”. “O importante reconhecimento de direitos pelo Estado não deixa de ser, ao mesmo tempo, uma sobrecodificação de identidades que, até então, mantinham uma territorialidade mais contingente ou sequer existiam, sendo inventadas nessa movimentação com o Estado. Contingência que se vê ainda mais ameaçada quando empresta uma força de implacabilidade trazida pela cientificidade em seu modelo de verdade e sua política da representação da natureza. O dispositivo científico alimenta a tendência à inércia e à redução, recorte das multiplicidades que a luta identitária traz em seu bojo” (RODRIGUES, 2011, p. 118).

ideologicamente significado como o lugar do escape do mundo material em relação com a iniciativa de construção de um novo mundo hippie pode aparecer mais ou menos identificado com o próprio campo da produção cultural-tecnológica, conforme essas áreas são consideradas pelos informantes da pesquisa mais ou menos como territórios próprios da imaginação, liberdade subjetiva e individual.

Duas questões importantes parecem emergir desse imaginário, uma a respeito de quem pode participar da produção cultural-tecnológica e outra sobre quais as formas de controle exercidas na convivência atual entre sistemas de distribuição convencionais com aqueles baseados nas infraestruturas de comunicação online. Nesse sentido, no contexto do presente estudo, as investidas na superação dos “aproveitadores” (editores, grandes estúdios, etc) ou dos suportes não é indiferente às investidas políticas de fazer frente às possibilidades de controle online. No entanto, essas investidas convivem nas contradições em relação às possibilidades de controle, principalmente no que diz respeito à eficiência na realização das mesmas quando a produção circula vinculada irrevogavelmente a seu suporte material em contraposição à quando ela circula online. Como observou Parra (2009, p. 156), a crescente hegemonia do paradigma informacional traz consigo a configuração do ciberespaço como um terreno de intervenção e gestão da criação, imaginação e expressão. Considero que essa configuração produz certas tensões que pude observar no trabalho de campo, nos processos de tomadas de decisão que envolvem considerações sobre como, por exemplo, diferentes graus de liberdade e controle, assim como possibilidades de projeção, estão envolvidos em projetos que têm a internet como base, em convivência com propostas que se valem dela de forma tangencial ou, ainda, estão mais voltadas para condições locais.

No contexto do presente estudo, o fluxo de comunicação como algo imperativo que foi incorporado nas lutas por livre expressão não é tido como algo que se abstém totalmente da dimensão inventiva em nome de uma lógica racionalizada. No que diz respeito a quem pode participar dessa dimensão, a prerrogativa dos usos não alardeados parece continuar a ser útil na medida que pude observar manifestações do desejo de expandir essas possibilidades – a partir de uma interpretação das máquinas informacionais como concretizadoras de uma lógica econômica coberta com um véu de racionalidade. Dentro das práticas e sentidos que pude observar na Nuvem, esse véu de racionalidade pode ser considerado mais ou menos autoritário conforme se simpatiza mais ou menos com a ideia de uma sociedade baseada na comunicação, de raízes iluministas. Nessa sociedade, já insinuada nos escritos de Weiner, os processos mentais seriam mais valorizados que a existência corporal, ainda que os mesmos possam ser influenciados pelo

modo como os corpos existem socialmente. Tal modelo de sociedade baseado na comunicação deriva "da comparação e simbiose do homem com as máquinas comunicantes" (EVANGELISTA e KANASHIRO, 2013, p. 61). As teorias sobre a nascente sociedade da comunicação, que acompanham a emergência do neoliberalismo no pano de fundo das disputas ideológicas das quais se ocupa esse estudo, podem ser lidas ambigualmente nesse contexto tanto como uma hipótese sobre uma sociedade formada por sujeitos que se caracterizam pela sua capacidade de comunicar, quanto como uma leitura social que traz marcas de sua época e pode ser influente sem ser necessariamente universalizante.

Na medida em que são mobilizados com frequência sentidos de reapropriação, por exemplo, para significar relações com celulares, computadores e outras máquinas que fariam frente à dependência tecnológica (que é vista como instrumentalizada autoritariamente a favor de uns poucos), parecem ser reafirmadas as possibilidades de desviar a função original de determinada tecnologia. É interessante notar como a Nuvem atua, às vezes, oferecendo apoio simbólico na defesa dessa capacidade de estender usos não alardeados para além de comunidades técnicas em artigos científicos e encontros ativistas de outras iniciativas. No entanto, significada como individual e não cumulativa, essa capacidade se bastaria em si mesma, dependendo apenas do entusiasmo pessoal em se envolver nesse tipo de relação com os dispositivos. O que parece estar em jogo, no caso da Nuvem, é se seria possível articular que os usos não alardeados pudessem funcionar em um nível coletivo.

Desse modo, um certo véu de racionalidade pode aparecer como problema nas relações com esses dispositivos, considerando que ele acoberta a imposição de uma lógica econômica considerada limitadora e autoritária. Um dos reflexos dessa associação é o direcionamento de uma atenção especial ao que dentro dessa lógica é considerado inútil, aleatório, precário, etc. A importância daquilo que não seria presumível dentro dessa lógica econômica assume no contexto do presente estudo uma dimensão estratégica na defesa da capacidade de imaginar livremente, e encontra vazão também na afirmação do corpo biológico como prerrogativa da existência e da comunicação, na capacidade de apreensão do saber pela experiência, a complexidade da linguagem, entre outras manifestações. Esse sentido incide e se manifesta na comunidade estudada sem necessariamente excluir, por exemplo, a percepção de há benefícios concretos e mesmo expressões afetivas, relacionais e criativas advindas do engajamento pessoal nas redes de informação na medida que eles convivem nas contradições próprias dessa cultura.

### 3.3 Arranjos e perspectivas

As pessoas que participaram dos laboratórios eminentemente pareciam perceber bem que as mídias sociais, por exemplo, seguem o modelo hegemônico de negócios na exploração de uma massa gigantesca de dados pessoais em sistemas de captura, rastreamento e modificação de comportamento<sup>106</sup> que se estendem até territórios mais íntimos da existência. Ao mesmo tempo, às vezes se faz presente a percepção de que o intercâmbio de informações online produz a inteligência de enxame na disputa pela atenção mundial que ocorre predominantemente em terrenos como o Youtube, Facebook e Twitter. O que aparece como menos evidente ou com menos ênfase parece ser sob quais condições de controle e quais jogos econômicos as grandes infraestruturas pelas quais volumes gigantes de dados trafegam globalmente funcionam, algo que é ocultado na interface dos sistemas de vigilância empresarial e estatal apresentada publicamente.

Dito isso, considero que a comunidade estudada se vale do modo de organização característico do software livre – que serviu de base para a criação de licenças livres para trabalhos artísticos, a Creative Commons (CC) – em torno do aprendizado e inserção profissional; socialização; construção de identidade. Isso se dá em um contexto mais geral no qual as instituições tradicionais de ensino e pesquisa convivem com um regime de atores que produzem conhecimento e que emprestam algo da legitimidade acadêmica. No entanto, abarcar essas práticas aqui analisadas partindo somente do ponto de vista institucional, ainda que tenha áreas de sobreposição e contraste com o mesmo, me parece insuficiente na medida em que essas experiências são significadas como passíveis de incorporar a participação de não acadêmicos – uma vez em que a grande maioria dos participantes inscritos e chamados para a imersão era de pessoas com alguma entrada na universidade. Dito isso, o sentido recorrentemente dado ao uso de certas licenças livres aparece na Nuvem como uma investida contra certas vantagens indevidas de uns poucos e, ao mesmo tempo e principalmente, um aceno amigável para o potencial envolvimento de outros muitos, com ênfase na promoção da livre expressão e diversidade cultural.

Considero que essa ênfase se dá primordialmente na implicação de intencionalidade naquilo que é produzido sobre as atividades – seja fazer um jogo, uma rede local, uma área de cultivo, um dispositivo, um texto, etc –, ou seja, principalmente no sentido atribuído a

---

<sup>106</sup> Ver ZUBOFF, Shoshana. (2015) Big other: Surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology*, 30, 75–89. Disponível em <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2594754](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2594754)> Acesso em: 27 de junho de 2018.

essas relações com a tecnologia na documentação. A documentação seria a chave para a imprimir ao processo a possibilidade de desdobramentos a serem realizados mesmo depois de passado esse momento de imersão (que é tido como o momento propriamente coletivo) e incorporação dos saberes que são mobilizados durante a estadia. Ao se documentar o processo, vira-se a chave e passa-se para o domínio do não planejado e/ou não alardeado, dissipando de certa forma a intencionalidade inicial. A partir desse momento, aquilo que foi produzido passa a contar com a possibilidade de ter sua existência reconfigurada por forças além desse entendimento proveniente do arranjo temporário que se articula em cada atividade da iniciativa e se imprime na documentação.

Durante a semana do *Contralab:Reboot*, por exemplo, uma colaboradora fez uma objeção porque não desejava que aquilo que fosse produzido durante o laboratório pudesse ser posteriormente usado por um partido político. Como candidato a uma cadeira na Câmara Municipal de sua cidade, um dos proponentes respondeu que sua intenção seria de que o produto decorrente do trabalho feito ali pudesse ser usado por qualquer pessoa ou organização, pois não seria carimbado nem com o selo da própria legenda à qual ele era filiado. A ressalva feita pela colaboradora em relação aos possíveis usos do projeto também pode ser colocada em perspectiva na medida em que ela entra em conflito com uma das características do software livre, a da não discriminação ou restrição de uso. A lógica de não restringir as possíveis explorações do software corresponde às “noções mais liberais de liberdade e equidade que subscrevem boa parte da cultura legal do software livre” (COLEMAN, 2013, p. 195) que reconhece a produção de código como interdependente de sua circulação social. Vale destacar aqui que o proponente em questão destacou o delineamento do seu projeto como um processo que emerge dentro do escopo de ideias que se colocam mais à esquerda do espectro político (onde se situa, entre outros grupos, o seu próprio partido), mas se opôs explicitamente à pretensão de impor uma restrição prévia em relação aos potenciais usos, distribuições e modificações do que seria produzido. O projeto “Se a Democracia Fosse nossa” tinha como descrição: “o objetivo da presente proposta é estudar, mapear e aprofundar os processos de efetivação dessas campanhas-movimento no ano de 2016, e buscar a conectividade narrativa e metodológica entre elas”. As campanhas-movimento, no caso, se valem de páginas online que surgiram durante a campanha para eleições municipais, então em andamento, com o objetivo de concentrar, divulgar e receber proposições de políticas públicas locais. São elas: “Se São Carlos fosse nossa”, que, no caso, era capitaneada pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); assim como “Se a cidade fosse nossa” (Rio de Janeiro) e “Compartilhe a Mudança” (Porto Alegre). A proposta que foi o foco

dessa discussão acabou sendo fundida com um outro projeto, que também estava entre os selecionados, para o *Contralab:Reboot*.

O software livre contém uma possibilidade inclusiva que diz respeito a viabilidade de que um usuário comum estude um código fonte e possa interagir criativamente, participando do processo de criação de programas em relativa igualdade com qualquer outro esforço empresarial de produção. No entanto, essa também é uma leitura que ganha ênfase, é considerada desinteressante ou ganha contornos diferentes mesmo dentro do movimento software livre. No Brasil, representantes públicos mais evidentes do grupo *free*, por exemplo, “levam o debate interno do movimento [software livre] para além das questões de direito autoral, patentes e desenvolvimento tecnológico, abarcando também as implicações do software livre para a justiça social, igualdade de oportunidades, desenvolvimento econômico local e autonomia nacional” (EVANGELISTA, 2010, p. 119). O acesso igualitário à tecnologia, dada a gratuidade do software, é visto nesse contexto como um vetor para o desenvolvimento de soluções mais adequadas à realidade regional e o fim da dependência tecnológica por parte do Estado tem “influência do grupo *free*, mas também é fruto de uma interpretação específica feita por movimentos sociais de esquerda, funcionários públicos e políticos que lidam com os problemas de países pobres”. É interessante notar como o movimento software livre no Brasil interpreta e coloca em jogo as fronteiras que cerceiam a propriedade intelectual, tornando-as intercambiáveis, ao mesmo tempo que significa sua relação com um outro nível de fronteiras, que são as estatais.

Quando se refere ao grupo *free*, Evangelista (2010) aborda a principal divisão política internacional do movimento software livre, que se estabelece por contraste e áreas de sobreposição na relação dessa primeira frente com o grupo *open*. Na medida que essa divisão ajuda a entender certos aspectos da organização da produção e da circulação daquilo que é produzido na Nuvem, vamos nos deter brevemente em alguns choques entre esses grupos. Além de defenderem as quatro liberdades já citadas, que são repetidas exaustivamente por todos os esforços de definição do movimento, as duas frentes tiveram até o início dos anos 2000 momentos de convergência para uma afinidade bastante evidente: a oposição à Microsoft, vista como a grande corporação monopolista calcificada pela própria acumulação de poder e lucro, representando algo a ser superado. Além de ter um adversário político em comum – as licenças proprietárias – “para fazer parte do software livre é preciso defender certos valores e certas práticas que estão, no limite, identificadas com o que o movimento chama de ‘cultura hacker’, mas que se traduzem, no cotidiano, na defesa das posições políticas do movimento e no uso de

determinados softwares” (EVANGELISTA, 2010). Apesar de se sobreporem em alguns aspectos ou momentos específicos, os dois grupos entendem de forma diferente a razão de existir e o objetivo do software livre, assim como seu modo de produção coletiva.

A origem desse modo de produção coletiva é marcada pela ascensão das poderosas empresas de comunicação e tecnologia. O crescimento acelerado dessas empresas, em meio a mudanças importantes no capitalismo, culminam na transformação do modo principal de produção de software característico da indústria de informática. O setor até então atuava principalmente como licenciador de programas para computadores pessoais. Entre os fatores decisivos para essa mudança estão maior capacidade de processamento das máquinas, maiores velocidades para as conexões e popularização dos dispositivos móveis conectados à Internet – sendo que o software livre teve relevância na implantação dessa infraestrutura, com os últimos dez anos marcados pela expansão do movimento (EVANGELISTA, 2014). A eminência das diferenças políticas entre seus membros ganhou contornos mais destacados a partir da adoção do primeiro sistema operacional completo funcionando apenas com softwares livres por empresas. Como desdobramento, a cultura hacker passou a ser vista cada vez mais pelos seus aspectos positivos e a relação dos hackers com o trabalho ganhava destaque por ser considerada como um modelo a ser seguido. Pouco antes disso, o momento mesmo no qual sistema operacional se torna completo marcou o início da principal divisão política do movimento software livre. Um dos marcadores de maior afinidade entre um grupo ou outro é chamar o sistema operacional em questão de GNU/Linux (*free software*) ou apenas Linux (*open source*).

Na cultura hacker, a luta por liberdade é identificada com o pioneirismo dos hackers “autênticos” ao explorar possibilidades mais inventivas, interativas e lúdicas, quebrando limitações e burlando o acesso restrito aos computadores do MIT que eram dedicados prioritariamente à pesquisa militar e realizavam aplicações comuns como simulações matemáticas e análises estatísticas. Seus questionamentos eram mais em relação à partir de qual base as hierarquias (que se expressavam nesse contexto também pelos funcionários que controlavam o acesso aos computadores, além dos professores) eram construídas – estabelecendo como critérios para essa crítica a virtuosidade, a funcionalidade, o estilo e a inovação. Ao mesmo tempo, eles rejeitavam a acusação de que o dinheiro que financiava as essas máquinas, empregadas majoritariamente em pesquisa militar, era sujo (EVANGELISTA, 2018). Uma vez que a ação do hacker fosse capaz de libertar as máquinas, divindades valiosas, das limitações às quais tinham sido submetidas por aqueles no topo da hierarquia duvidosa, todo seu potencial poderia ser plenamente realizado.

Ao criar a licença GPL, sobre a qual discorremos no capítulo anterior, Richard Stallman – que emerge como maior representante do grupo *free* – usou a lei de propriedade intelectual que protegia os interesses desses atores privados para estabelecer as bases de um movimento contra a apropriação corporativa de códigos de computador. Utilizando as regras do próprio sistema de licenças – o mesmo que permite que o software seja passível de apropriação privada – para instaurar um regime de cooperação e liberdade, Stallman usou a lógica jurídica para abrir espaço para a possibilidade da existência de softwares enquanto algo que não é de propriedade estatal e tampouco é privado, de modo a refletir as práticas produtivas coletivas das quais são resultado. A GPL não abre mão da autoria ou da propriedade, nem abdica do controle sobre o software em nome de seu aprimoramento ou mesmo do reparo de falhas. Uma das características da GPL é o seu efeito *copyleft* ou de reciprocidade, que demanda a obrigatoriedade da retribuição em termos de benefícios para a própria comunidade software livre, evitando que o software produzido coletivamente (muitas vezes por trabalho voluntário) se torne um instrumento para a apropriação privada. É a partir da GPL que o grupo *free* estabelece mais condições e limites na relação com o mercado, enquanto o grupo *open* é mais permissivo nesse ponto, admitindo inclusive a coexistência com o software proprietário.

Esse é um aspecto importante e diferencial do software livre com relação a outros movimentos. O software livre não é um movimento que apenas demanda políticas e/ou busca por uma nova ordem de relações sociais, ao contrário, ele busca, a partir de um sistema jurídico já constituído, usar a lógica desse mesmo sistema para construir alternativas. A força do movimento não está em suas demandas, mas em sua capacidade de arregimentar trabalho voltado à produção popularização de softwares que usam as regras convencionais, de forma inteligente, para garantir certas práticas. É um movimento que produz softwares e esses softwares se tornam produtos distribuídos no mercado de informática e que ocupam posições antes ocupadas, ou que poderiam ser ocupadas, por softwares proprietários. Por isso é especialmente relevante a análise das correntes políticas e ideológicas do software livre, pois elas se fortalecem em suas ligações produtivas com certos projetos de software assim como servem a esses projetos como fatores de atração de trabalho voluntário. (EVANGELISTA, 2010, p. 206)

É importante notar que o grupo *open* surge posteriormente, fundando a divisão política fundamental no contexto mundial do movimento – como uma reação àquilo que considera como uma politização excessiva do grupo *free* – e prefigurando a adesão empresarial ao software livre. Diferentemente dos hackers da Califórnia, que eram mais próximos da Nova Esquerda, Stallman se guiava mais por um racionalismo cartesiano na sua forma de entender o mundo – longe da atmosfera espetacular das práticas políticas tradicionais e também não tão “anti-intelectual” quanto os Novos Comunalistas. Stallman sustenta publicamente uma crítica radical ao uso cotidiano de software não livre, ao mesmo tempo em que tem restrições à interpretações do movimento software livre como algo que é, em alguma medida, anticapitalista –

o que também lhe rende alguma superfície de contato com o grupo *open* (EVANGELISTA, 2010, p. 134). Três anos após a criação da GPL, Linus Torvalds lança a primeira versão do kernel<sup>107</sup> Linux, a peça que faltava para que o sistema operacional livre GNU, projetado pela Free Software Foundation (FSF), se tornasse completo. O Linux, ainda que licenciado em GPL, foi a força propulsora da ascensão da ideia e do grupo político *open*, que tem como marco a fundação da Open Source Initiative (OSI) em 1998. Desde então, o grupo *open* vêm produzindo suas próprias licenças e defendendo que sujeitos em liberdade agindo de maneira individualista gerariam progressos técnicos significativos a ponto de atrair o interesse do mercado (que é almejado), enquanto o *free* continuou reeditando os limites e condições que impõe na relação com o mercado – conforme corporações como Google, por exemplo, avançavam nos modos de apropriação do trabalho – na forma de atualização de licenças como a GPL 3, entre outras coisas. Além disso, o grupo *free* enfatiza que programadores não são diferentes dos usuários, enquanto o grupo *open* é indiferente a isso e considera a obrigatoriedade de reciprocidade contida na licença GPL como um obstáculo para a maior flexibilização da propriedade intelectual, vista como necessária para a produção de software de melhor qualidade.

O crescimento do movimento software livre no Brasil se deu primordialmente a partir da superação dos limites do conhecimento técnico, fundamental para a atração de usuários médios e simpatizantes de algumas ideias gerais do software livre (EVANGELISTA, 2010, p. 80). É notável que “técnicos, muitos ligados ao serviço público, e com passado ligado aos movimentos de esquerda, entenderam o movimento software livre também como uma resposta ao domínio das grandes empresas de informática e ao saque de riquezas promovido pelos países desenvolvidos”. Essa ênfase na autonomia e independência nacional, resistência à globalização corporativa e ao neoliberalismo, entre outras bandeiras de esquerda, são creditadas como uma das características que permitem que diferentes camadas sociais, muitas vezes com interesses conflitantes, encontrassem identificação e descrevessem o movimento com as diferentes matizes que deram a ele sua força inicial. A influência cruzada que se manifesta no interesse de empresas em instrumentalizar o software livre configura tensões na medida em que o conflito *free* e *open* ganha uma nova síntese no atual cenário de incentivo à troca, ao fluxo, à criação coletiva (EVANGELISTA, 2018), no qual essas corporações buscam códigos livres para suas

---

<sup>107</sup> O kernel é uma parte central do sistema, responsável pela configuração e gerenciamento dos dispositivos (mouse, monitor, teclado, etc)

atividades comerciais e eventualmente a aquisição de profissionais a partir das bases do movimento.

É possível dizer que tal confluência de tensões também se aplica à Nuvem, uma vez que a construção de oposições ou adversários e os objetivos da iniciativa tem grande variabilidade dependendo do interlocutor que os descreve e isso se reflete nas condições de produção e circulação do que é produzido ali. Essas divergências que acabo de descrever reverberam dotadas de contornos próprios decorrentes das associações e tensões que ali se estabelecem. Durante a reunião do *Contralab:Reboot* na qual foram divididos os grupos de colaboradores entre os projetos, por exemplo, tomou lugar uma discussão sobre a melhor forma de fazer com que fosse possível que cada colaborador se envolvesse com mais de uma proposta, se assim desejasse. Para que isso funcionasse, as reuniões de todos os grupos não poderiam acontecer simultaneamente, e a discussão tomou como princípio que no máximo dois grupos poderiam se reunir ao mesmo tempo de cada vez. A artista que propôs o *Hybris\_Latinoamerica* sugeriu que “podemos ser mais flexíveis mas com pessoas que se comprometam com tarefas. Gostaria de ter duas pessoas fixas no meu grupo, porque às vezes alguma coisa não dá certo”, dando a entender que os colaboradores do seu grupo não precisariam necessariamente trabalhar juntos no mesmo horário, contanto que ficassem responsáveis por realizar partes do projeto. Ao que o proponente do Jogo do Golpe respondeu: “acho que as pessoas desanimam recebendo ordens como modelo tradicional”. Um dos convidados<sup>108</sup> do laboratório lembrou que aquela era uma situação privilegiada de convivência intensa, no sentido de que deveríamos contar principalmente com a semana de duração do laboratório para desenvolver os projetos juntos. O outro<sup>109</sup> convidado contou sobre sua experiência na edição anterior do *Contralab*, na qual ele foi proponente e atuou também com a colaboração de pessoas que não estavam no laboratório durante e depois de seu período de duração.

É interessante notar que as questões em disputa se colocaram como modos diferentes de mobilizar o trabalho: uma mais convencional, na qual as tarefas são divididas e cada um fica responsável por uma parte do trabalho e outra na qual as pessoas se reúnem para trabalhar juntas. Ainda que as pessoas possam continuar a trabalhar no mesmo ambiente, por exemplo, independentemente de terem dividido as tarefas, as decisões sobre o trabalho tendem ser a

---

<sup>108</sup> O *Contralab:Reboot* não contou com pessoas que se identificavam como “mentores”. Os dois convidados foram chamados por Bruno Vianna, uma vez que o laboratório foi uma atividade realizada pela sua coordenação.

<sup>109</sup> Nomes preservados propositalmente levando em conta possíveis riscos da exposição

se dar unilateralmente de forma pulverizada ou centralizada quando essa divisão de afazeres é feita. Chama a atenção como o pequeno embate – vale dizer que foi essa reunião em particular com todos os participantes do *Contralab:Reboot* a qual me referi no primeiro capítulo como aquela que durou uma tarde inteira – remete à disputa *free e open* do software livre no sentido em que coloca em jogo a capacidade de mobilizar trabalho. O grupo *open* considera que a forma de organização do trabalho do software livre resulta em softwares melhores e é mais eficiente, com foco no resultado enquanto o grupo *free* estaria mais identificado com a coletivização do uso do trabalho, criando laços sociais sem impedir a comercialização (EVANGELISTA, 2018). No contexto do presente estudo, esse modo de organização também é importante na medida em que é significado como uma forma de produção coletiva, voluntária e descentralizada, uma vez que os softwares livres são muitas vezes produzidos voluntariamente entre desenvolvedores que se organizam a despeito de estarem ou não entre as quatro paredes de uma empresa<sup>110</sup>. Embora os dois lados dessa disputa valorizem o estímulo intelectual, um deles considera o resultado e o outro o processo como mais estimulante.

A mobilização de referenciais do software livre acontece de forma mais explícita, no entanto, quando se estabelecem os termos do compromisso que deve ser assumido por aqueles que respondem às chamadas da Nuvem para as imersões – tanto nas que se dão no formato de residências e laboratórios, quanto também em mutirões, como na chamada para o *Fumaça Data Springs*<sup>111</sup>, no encontro de Tecnomagia<sup>112</sup>, até em alguns encontros ativistas como a *IV Internacional do*<sup>113</sup> e o *EncontrADA*<sup>114</sup>. São encontrados nessas chamadas diferentes sentidos

---

<sup>110</sup> Essa é uma ênfase localizada na iniciativa, uma vez que softwares livres também podem ser produzido por empresas que podem ou não ser empresas especificamente voltadas para a produção de software livre, de forma não necessariamente voluntária e entre as quatro paredes de um endereço empresarial. Evangelista (2010) cita exemplos de distribuições feitas por empresas como a Red Hat, a Novell/Suse e a Mandriva (empresa franco-brasileira fruto da fusão da brasileira Conectiva com a francesa Mandrake).

<sup>111</sup> Chamada para o Fumaça Data Springs. Disponível em: <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/Convocat%C3%B3ria - Fuma%C3%A7a Data Springs](http://nuvem.tk/wiki/index.php/Convocat%C3%B3ria_-_Fuma%C3%A7a_Data_Springs)> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>112</sup> Chamada para o encontro de Tecnomagia. Disponível em: <[http://nuvem.tk/files/convocatoria\\_tecnomagias.pdf](http://nuvem.tk/files/convocatoria_tecnomagias.pdf)> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>113</sup> A “IV internacional do” é de certa forma um prolongamento dos encontros anteriores do MSST, que também se traz algum contrastante em relação às “internacionais” que a precederam. Disponível em: <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/Convocat%C3%B3ria IV internacional](http://nuvem.tk/wiki/index.php/Convocat%C3%B3ria_IV_internacional)> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>114</sup> As edições do “Encontrada” depois de 2014 passaram a ser documentadas fora da wiki da Nuvem. Um terceiro formato de documentação foi usado nos encontros feministas, sendo que a documentação das edições de 2014 e 2016 do EncontrADA está reunida em um único site hospedado na plataforma hotglue.me, que tem linguagem visual protegida por copyright e software licenciado em GPL3. Já as últimas edições se encontram em um site de

mobilizados quando se fala em licenças livres. Nos arquivos do encontro de Tecnomagia, por exemplo, se fala em licenças livres no subtítulo “uso de imagem – direitos autorais” da chamada<sup>115</sup> para o encontro, dizendo que “o material produzido durante o encontro, assim como a documentação do evento, será compartilhada gratuitamente utilizando licenças livres”. Vale lembrar que o livro que foi publicado a partir desse encontro é o mesmo que citamos logo no início, destacando um trecho do texto “Liberdade ainda que a tardinha”, que faz as vezes de licença. Já a “IV Internacional do” e o “Fumaça Data Springs” trazem explicitamente a menção do compromisso de documentar as atividades especificamente na wiki da Nuvem sob o item da chamada que leva o subtítulo de “Compartilhamento e difusão do conhecimento” com o seguinte texto:

*Um dos objetivos fundamentais do programa é fomentar o desenvolvimento, a difusão e o livre acesso a novos acerbamentos e redes de colaboração e conhecimento, por isso contamos com a colaboração dos/das participantes para a construção de uma documentação das vivências e a publicação do processo e resultados em nossa wiki, sob licenças livres. Proponente que não quiserem sua imagem veiculada nos nossos meios, deverão nos avisar com antecedência: podemos garantir seu anonimato.*

O compromisso em relação aos laboratórios também é praticamente o mesmo, com uma ressalva para o *Contralab* sobre a possibilidade desse compromisso ser suspenso especificamente “dependendo da avaliação estratégica dos proponentes”<sup>116</sup>. Em relação ao anonimato, uma das pessoas presentes no *Contralab:Reboot* fez uma ressalva que não queria seu nome ao lado do selo da instituição financiadora da atividade, que consta na wiki da Nuvem na página do laboratório. Essa pessoa participou da documentação, portanto, sem estar identificada por nome ou mesmo entre os colaboradores listados por projeto na wiki, sendo que outros aparecem citados nominalmente ao lado de uma pequena descrição biográfica.

A wiki se baseia em MediaWiki software – que, por sua vez, se define como um pacote wiki “software free e open source” –, o mesmo código escrito na linguagem de programação PHP no qual a Wikipédia<sup>117</sup> é executada e para a qual ele foi originalmente concebido.

---

domínio próprio, o encontrada.org, sem referência à licenças livres ou proprietárias. Ainda assim, essa menção às licenças livres aparece na chamada de 2016. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1TP2ufGeITAcsv14ZSA8JA8ZYennSDnDfmQmUysd9QvU/edit>> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>115</sup> No caso dos encontros ativistas a chamada normalmente é uma só, diferentemente dos laboratórios que possui uma chamada para proponentes e outra para colaboradores.

<sup>116</sup> Disponível em: <<http://nuvem.tk/wiki/index.php/CONTRALAB:Reboot:Chamada>> Acesso em: 27 de junho de 2018.

<sup>117</sup> A Wikipedia é um projeto da entidade sem fins lucrativos Wikimedia Foundation. A mesma fundação hospeda “gentilmente” a plataforma wiki, na qual a wiki da Nuvem é baseada. A produção de conteúdo teve início baseada

O código da MediaWiki é licenciado sob a GNU General Public License 2.0 (GPL 2.0), como software livre que prevê a reciprocidade – ou seja, permite redistribuir e/ou modificar conforme os termos definidos para essa versão (2.0) ou alguma posterior da mesma licença publicada pela Free Software Foundation. O conteúdo da wiki usa uma licença também livre, mas voltada para trabalhos artísticos – a Creative Commons, (CC) em sua versão 3.0 Atribuição-Compartilha Igual Não Adaptada (CC BY-SA 3.0), que permite o compartilhamento (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e a adaptação (remixar, transformar, e criar a partir do material) liberado para qualquer fim, inclusive comercial, desde que preserve o princípio de reciprocidade mantendo as condições da licença original. No entanto, o conteúdo publicado na wiki da Nuvem especificamente está licenciado sob a CC em sua versão Atribuição-Não-Comercial-Compartilha-Igual 3.0 Não Adaptada (CC BY-NC-SA 3.0), ou seja, garante as mesmas liberdades exceto para fins comerciais. Uma característica compartilhada por todas as versões das licenças CC é a proibição de uso de medidas tecnológicas como software “gestor de direitos digitais” que poderiam resultar num bloqueio, ou seja, prevê que ao acessar trabalhos sob essa licença as pessoas não podem ser impedidas por esses softwares de exercer as liberdades garantidas no licenciamento. Além disso, é notável a existência de licenças CC que não são livres segundo as definições correntes<sup>118</sup>, ou seja, não garantem as liberdades de estudo, uso, fazer cópias e distribuí-las, introduzir mudanças e/ou melhoramentos.

Até 2015 era comum que as chamadas especificassem que o andamento do trabalho durante as atividades promovidas pela Nuvem não só deveria ser documentado, como deveriam ser documentados necessariamente na wiki<sup>119</sup> da Nuvem. Como citamos anteriormente, Bruno Vianna fala sobre o dever de publicar na wiki da Nuvem como aquilo que faz com que os projetos sejam replicáveis ou não comerciais, ou seja, destaca o fato de que nessa plataforma específica todo o conteúdo é protegido por licença contra a apropriação comercial. Durante o *Contralab:Reboot*, um evento da coordenação de Bruno, “Atividades territoriais”, todos os participantes foram convidados para uma oficina na qual seriam ensinados a usar a plataforma, caso ainda não soubessem como fazê-lo. No *Interactivos? '16*, no entanto, a documentação foi

---

na premissa de que como há muitas pessoas envolvidas, pois em tese qualquer um poderia contribuir, o resultado seria melhor a apuração dos fatos. No entanto, a enciclopédia parece enfrentar dificuldades para imprimir diferentes pontos de vista a respeito dos verbetes sem que isso envolva numerosos e extensos protocolos.

<sup>118</sup> Disponível em: <<http://freedomdefined.org/Definition/Pt>> Acesso em: 27 de junho de 2018.

<sup>119</sup> Disponível em: <<http://nuvem.tk/wiki/>> Acesso em: 27 de junho de 2018.

hospedada em outro site, sob outra licença, e em outra linguagem de programação. Outras atividades, que assim como o *Interactivos? '16* também foram coordenadas por Cinthia Mendonça na frente “Feminismos e deslocamentos”, tiveram suas documentações igualmente publicadas em sites específicos para cada evento. O site do *Interactivos? '16*<sup>120</sup>, por exemplo, usa a linguagem visual Material Design Lite (MDL), de propriedade intelectual do Google sob licença Apache-2 – uma licença de software livre que permite o uso e distribuição do código fonte tanto no software open source como no software proprietário, ou seja, não prevê garantia de reciprocidade. Ainda assim, todos os presentes foram convidados a participar de uma oficina similar à do *Contralab:Reboot*, que ensinava os macetes básicos para a linguagem utilizada na formatação do site.

O software livre já aparecia como referência antes mesmo da divisão da Nuvem nas coordenações “Atividades Territoriais” e “Feminismos e Deslocamentos”, ou seja, em um momento que precede esse no qual as atividades têm a Fundação Ford como principal fonte de recursos e foram significadas por Bruno Vianna como propostas “com muito menos foco na arte” se comparadas ao período de atuação financiado pela Vivo Arte.mov. Destaco um trecho do texto que figurou na seção “Espaço-conceito” do site da Nuvem, que contava com um link direto na página principal e discorria sobre os objetivos da iniciativa:

*Queremos estimular a reflexão, o debate e a experimentação por meio de práticas colaborativas na intersecção entre arte, ciência, tecnologia e a cultura da autonomia. Apostamos na multiplicidade, na colaboração, na construção do conhecimento em rede e no uso de software livre.*<sup>121</sup>

Chama a atenção a ênfase na utilização de softwares livres como “um fim em si mesmo”, e não como movimento ou mesmo como produção, ainda que se fale em autonomia. O texto parece se concentrar na ideia do software livre enquanto recurso prático – ao mesmo tempo que as suas premissas fornecem princípios organizativos para o trabalho coletivo, sua produção de código livre ofereceria uma base sobre a qual as atividades desenvolvidas podem se ancorar – com ênfase no uso próprio. É interessante notar que essa formulação, ao falar de autonomia e software, abarca uma possibilidade contida no software livre que é pouco abordada quando se analisa esse tema – a de que ele pode ser exclusivo sem ser transformado em propri-

<sup>120</sup> O site com a documentação do *Interactivos'16* está disponível em <<https://interactivos16.github.io/doc.interactivos16.info/>> (Acesso em: 09 de dezembro de 2016).

<sup>121</sup> Apesar de não contar mais com um link na home <<http://nuvem.tk>>, a página ainda se encontra disponível para acesso via link direto <<http://nuvem.tk/?espa%C3%A7o-conceito/>>. (Acesso em: 03 de novembro de 2017).

idade privada por meio de licenças fechadas, desde que não circule. De forma ambígua, a produção do conhecimento é colocada como algo interdependente de uma certa circulação “em rede”, sem definir se essa malha seria formada por um grupo específico, ou se trataria de um sinônimo da própria internet ou, ainda, de uma sociedade em rede vislumbrada como hipótese. No entanto, após a divisão das coordenações, o texto que apresentava a mudança na organização interna da Nuvem traz novamente essa referência, mas de maneira reformulada:

*Ambas as coordenações estão comprometidas com a inclusão tecnológica, assim como a valorização de saberes populares e o uso de licenças livres.<sup>122</sup>*

Ainda que o licenciamento dos conteúdos da wiki tenha permanecido o mesmo desde o início, a reformulação pode ser analisada a partir das ligações das pessoas envolvidas com articulações conectadas ao software livre que precedem a Nuvem, mas não só por isso – sendo significativos (1) tanto o sentido atribuído a essa ligação nas entrevistas que consideram o contato e a atuação de Cinthia e Bruno na Europa antes da articulação da iniciativa, (2) quanto pela participação em listas de discussão perenes a essa referência como a do Metareciclagem e do Submidialogia, na qual teria surgido o MSST, que posteriormente se desdobraram em atividades e materiais que refletiam essa conexão (3) passando por reverberações manifestadas na rotina das atividades realizadas em imersão, que se dão tanto pela circulação de membros ativos do movimento software livre e quanto pela presença de seus símbolos (adesivos do GNU, camisetas, livros, etc), (4) assim como manifestações discursivas ocasionais e o eventual uso de softwares livres<sup>123</sup> nas atividades. Considero, portanto, que a proximidade com o movimento software livre não se resume aos sentidos contidos nessas duas formulações dos trechos citados acima, ainda que elas sejam significativas por enfatizarem aspectos diferentes desse grupo. Nesse sentido, é possível dizer que o trecho da formulação mais recente manifesta uma preocupação com imaginações sobre futuro – ou seja, para além do uso próprio imediato – ao mencionar as licenças livres diretamente, que diz respeito mais propriamente ao caráter macropolítico – ou ainda, instituinte – do movimento software livre. Além disso, as duas formulações demonstram que a referência não é algo que se colocou postumamente e nem insere de forma estática na comunidade pesquisada, mas sim uma relação que tem uma história dentro da Nuvem e que se atualiza ao longo do tempo.

---

<sup>122</sup> De maneira semelhante, o link para a página com o texto sobre a divisão de coordenações figurou em 2016 na homepage da Nuvem. Ainda que não tenha mais esse destaque, o texto segue disponível via link direto <<http://nuvem.tk/?coordenacoes/>> (Acesso em: 03 de novembro de 2017).

<sup>123</sup> Desde sistemas operacionais livres instalados em máquinas que foram disponibilizadas para os projetos ao uso pontual de programas de edição de mídia como Inkscape e GIMP.

Se retomarmos as ideias de tecnologia cidadã e *citizen science*, veremos que elas abrangem iniciativas mais e menos formais, com experiências e regras muito distintas e gradações diversas de incorporação de não acadêmicos que podem tanto estar em lugares de tomada de decisão quanto serem informantes de um problema a ser trabalhado por um grupo institucionalmente organizado, etc. Ainda assim, as identificações que se valem propriamente do termo “cidadã” possibilitam a articulação dentro dessa área de interesse que viabiliza também a cooperação internacional. Acredito que a relação da Nuvem com o software livre, e particularmente essa interpretação que identifica o software livre com a produção de conhecimento não presumível e tecnologia social ou cidadã, é decisiva na formulação do que a iniciativa se propõe a fazer tanto quanto a referência à metodologia do MediaLab-Prado, que descrevemos no capítulo anterior.

Os contornos assumidos pela questão da dependência tecnológica se destacam nesse contexto na medida em que se considera as tecnologias de comunicação e informação possuem poder de transformar a produção de conhecimento e que, ao mesmo tempo, as tecnologias possuem um lastro nessa produção – com ênfase no conhecimento acadêmico. O *ethos* acadêmico – que inspirou a busca por conhecimento e exploração intelectual que impulsionou o movimento software livre (EVANGELISTA, 2018) – se vale da noção de que “o financiamento da ciência não poderia em hipótese nenhuma depender da antecipação dos resultados” (DARDOT E LAVAL, 2017, p. 176). Dardot e Laval (2017) destacam que até hoje a comunidade acadêmica contribui para a formulação de práticas de intercâmbio e cooperação, mas não se deve “idealizar abusivamente essa horizontalização” desconsiderando as “modulações e sutileza da submissão do trabalho intelectual é sintoma das novas formas de poder por meio das quais o capital molda o processo do trabalho cognitivo e as subjetividades” (DARDOT E LAVAL, 2017, p. 213). Abordei em um momento anterior do texto o modo como o embrião da internet, a ARPANET, teve início com o objetivo de facilitar a colaboração entre cientistas na Guerra Fria e inspirou a Nova Esquerda, em especial as lutas por livre expressão, que incorporaram o fluxo de informação como algo imperativo. Ainda que não seja um todo coerente e continue inspirando práticas colaborativas de intercâmbio de informação, atualmente a circulação de produções acadêmicas também está inserida em um contexto de intensificação do trabalho. Tanto que sistemas como o Researchgate e o Academia.edu, mídias sociais empresariais voltadas para acadêmicos, exercem uma pressão para o engajamento em práticas de autopromoção em um campo profissional cada vez mais instável – ainda que as barreiras de acesso

continuem notórias – que entram em conflito com o ideal universitário da produção de conhecimento (DUFFY e POOLEY, 2017)<sup>124</sup>. Mesmo funcionando segundo uma lógica obscurecida, essas mídias sociais estabelecem métricas e configuram classificações nas quais os indivíduos se embrenham não necessariamente a partir de um desejo por atenção, mas tendo em vista a construção de legitimidade acadêmica, mostrando-se produtivos por vislumbrarem benefícios concretos ao se engajarem nessas plataformas. Essa relação com as mídias sociais – que é menos de autoexibição que validação de uma assinatura profissional – também foi observada em outras plataformas menos marcadamente voltadas para um setor profissional específico, com expectativas bastante próximas daquelas citadas pela artista com um chip implantado na mão em relação ao perfil que mantinha no Instagram com atualizações sobre seu trabalho. Uma característica mais própria das mídias sociais para acadêmicos é a oferta que elas fazem aos pesquisadores, se apresentando como uma forma cômoda de compartilhamento da produção científica, operada sob uma lógica algorítmica. As transformações que atravessam a produção do conhecimento atualmente, no entanto, não se reduzem ao modo como a maior facilidade de acesso aos resultados ou ao andamento das pesquisas ainda em elaboração pode favorecer a liberdade de circulação e o crescimento do conhecimento acadêmico.

O que podemos interpretar desta trajetória é que estamos diante de uma sincronia histórica entre diferentes forças e domínios sociais (ciência, cultura, economia) que encontram na metafísica da informação um ponto político de convergência. A realização de tal projeto exige, no entanto, a combinação paradoxal do conceito de informação, tratando a ora como um fator estável mecânico passível de formalização, quantificação e estabilização; e ora como fator indeterminado e dinâmico, sobre o qual o capital imaterial pode ser continuamente reinventado. (PARRA, 2009, p. 176)

Nesse sentido, a combinação de algumas constantes como a metodologia do Medialab-Prado, o manual da casa, os formulários e o compromisso da documentação convivem com a reunião de artistas, ativistas, acadêmicos e etc em esforços de impulsos breves e caráter disperso em períodos de imersão. Nesse contexto podemos encontrar defensores enfáticos de que a produção de conhecimento não deve ser antecipável ou capturada imediatamente sob o véu de racionalidade autoritária da lógica econômica que estaria imbricada nessas plataformas, visto como predatório. Logo, não se nega a tecnologia da informação, nem se performa um afastamento dos sistemas de comunicação, ainda que se reafirmem também certas convenções e desconfianças em relação a essas plataformas. Nesse sentido, talvez faça sentido relacionar essa ideia dos laboratórios delegarem a perduração dos seus feitos às possibilidades online

---

<sup>124</sup> Para Brooke Erin Duffy e Jefferson D. Pooley, entre os efeitos deletérios dessas plataformas, principalmente a Academia.edu, estão o potencial de exacerbar brechas de visibilidade – os autores citam especificamente a brecha de gênero – e prejudicar a pressão universitária por um acesso genuinamente aberto (open access) à produção acadêmica.

(FONSECA, 2014, p. 21) com a documentação – o compromisso de publicar online materiais sobre o que acontece na Nuvem de forma mais imediata seja no site próprio da atividade ou na wiki. Ao mesmo tempo, dispositivos e softwares não parecem necessariamente fazer parte do sentido de rede de confiança mobilizado por Cinthia quando fala sobre quem faz parte da Nuvem – ou seja, a definição de responsabilidades e reconhecimentos quando há dispositivos e softwares mediando essa rede pode ser vista como algo que não se dá necessariamente de forma inequívoca de modo a dar abertura para vantagens indevidas. Essa relação ambígua com a tecnologia se fez bastante presente no *Contralab:Reboot*, por exemplo, quando uma colaboradora de outra proposta reagiu ao proponente do projeto “Diretório de ações e coletivos políticos”, que visava criar uma página de convergência para mobilizações sociais, dizendo que “sou autonomista, não usaria algo controlado por alguém”. Sua ressalva se devia principalmente à possibilidade do projeto ser usado para regulação e até repressão de movimentos sociais, pois ela considerava que a organização de mobilizações de forma concentrada, ainda que não necessariamente centralizada, poderia favorecer contrainvestidas desses dois tipos.

O caráter informal das atividades arranjadas pela iniciativa acaba fazendo da imersão um ambiente onde também não há responsabilidades e reconhecimentos definidos de forma inequívoca, algo que parece ser determinante na linguagem informal da documentação que muitas vezes se assemelha a um diário sobre as rotinas dos projetos. No entanto, ao concentrar eminentemente pessoas de diferentes percursos profissionais que possuem alguma entrada na universidade a partir dos rituais de entrada, a Nuvem acaba também configurando linguagens e rotinas que tem a ver com as relações que os sujeitos possuem com o mundo acadêmico e as tecnologias da informação e comunicação.

Os dois laboratórios da Nuvem nos quais estive presente começaram com uma reunião, com todos os participantes, na qual é enfatizada a importância de se “documentar o processo” online e terminaram com outra reunião com as mesmas pessoas apresentando o que fizeram durante o período que passaram ali. A conferência final foi menos formal (sem slides, as pessoas não necessariamente levantavam para falar) durante o *Contralab:Reboot* que no *Interactivos?’16* (todos os grupos levaram slides, ficavam de pé para falar), mas o fato de que as pessoas que estavam presentes eram as mesmas que passaram os últimos dias e as últimas noites dividindo a mesma casa cria uma atmosfera mais despreocupada. Fez parte da programação do *Interactivos?* uma oficina de comunicação para os participantes da imersão – que foi dada por uma das tutoras, uma artista que trabalha com tecnologia e tem um ateliê em São Paulo –, mas

a proposta de Cinthia Mendonça era usar o tempo da oficina para que os colaboradores pudessem se apresentar, uma vez que a reunião inicial tinha sido em boa parte tomada pelas apresentações dos proponentes falando sobre os projetos que pretendiam desenvolver no laboratório. O formato de apresentação dos colaboradores sugerido por Cinthia foi o Pecha Kucha<sup>125</sup>, que tem a prerrogativa de mobilizar um esforço para se comunicar de forma simples a partir do estabelecimento de uma duração máxima para apresentações orais, o que tornaria possível que várias apresentações de pessoas diferentes fossem feitas em sequência em uma mesma tarde, por exemplo, de modo que apresentadores e público se revezassem. Outra questão que seria abordada ali era a apresentação dos projetos à comunidade local, agendada por Meire Alves, que aconteceria na escola durante a feira livre da Serrinha do Alambari ao final do *Interactivos? '16* para os presentes, ou seja, uma parte dos moradores locais. Ao final, a apresentação dos projetos desenvolvidos no *Interactivos? '16* feita para os próprios participantes do laboratório foi, para a maior parte dos grupos de trabalho, um ensaio para a participação na feira, sem grandes diferenças entre as duas apresentações. Logo, o “ensaio” foi quase como uma revisão de pares, que se seguiu a um momento de divulgação.

O único grupo que mudou radicalmente a apresentação foi justamente o grupo do qual participei como colaboradora, mais por sugestão dos outros participantes – o físico Antônio Celso, proponente do “Sensores - extensões da percepção e interfaces biológica-eletrônica”, e o engenheiro hídrico João Luiz – que alguma influência externa. Durante os dias de laboratório nos concentramos em fabricar um espectrofotômetro, instrumento que mede a intensidade de radiação para cada comprimento de onda numa região do espectro eletromagnético, com o objetivo de usá-lo para análise da água a partir das leituras do equipamento por meio da identificação de partículas ou moléculas emissoras de energia legível. O primeiro equipamento fabricado foi de papel, o segundo de papelão e o terceiro de madeira. Fizemos uma coleta de amostras em alguns pontos da Serrinha do Alambari e falamos com moradores, conseguimos permissão para entrar em propriedades privadas. A maleabilidade de alguns dos materiais usados na construção dos dispositivos fizeram com que as leituras não saíssem de acordo com o esperado, o que levou João Luiz e Antônio Celso a realizarem baterias de testes consecutivas enquanto me concentrei na fabricação e montagem das peças dos equipamentos, além de fazer

---

<sup>125</sup> O modelo de apresentações Pecha Kucha formulado em 2003 por Astrid Klein e Mark Dytham, da Tóquio Klein Dytham Architecture (KDa), procurou dar aos jovens designers um local de encontro, de rede e mostrar o seu trabalho e para atrair pessoas para o seu espaço de eventos experimentais em Tóquio.

anotações sobre as leituras e os espectrofotômetros para a documentação. No último dia, instalamos réguas de nível e fizemos estimativas de vazão em testes que foram definidos na documentação como “de fácil aplicação e baratos”. Como chegamos ao final do evento sem planejar a apresentação, improvisamos algo para os participantes da imersão e nos reunimos em seguida para pensar a apresentação para a feira, de modo que as duas ficaram bem diferentes. A mudança foi proposta pelos dois com a justificativa de que eles desejavam compensar o pouco que tinham feito pela documentação do projeto, descumprindo o acordo firmado naquela primeira reunião, na qual documentar tinha sido definido como algo importante. Apenas em um momento aquilo foi abordado por Cinthia Mendonça em uma conversa direta com o grupo. Na ocasião, a coordenadora da Nuvem propôs a formulação de uma narrativa sobre como Antônio “chegou” na sua proposta para ser incluída na documentação. Antônio acabou escrevendo essa história nos últimos dias de laboratório, mas isso não nos foi cobrado depois desse momento.

Vale recuperar aqui a discussão sobre o mapeamento de áreas de nascente na Serriinha do Alambari, que de início era parte desse mesmo projeto para abordar outro momento de encontro com moradores locais. O debate foi encerrado com uma construção de sentido sobre um arranjo, ou uma “rede”, de membros da comunidade local que seriam responsáveis pelo monitoramento das águas. Esse arranjo seria distribuído e, de certa forma, convergente; ampliável mas não disperso. Seu reduzido tamanho (tanto em membros quanto em pontos mapeados, uma vez que seria localizada em uma região específica não muito extensa) foi colocado como condição suficiente para criar um constrangimento que impedisse a captação predatória por grandes empresas. Logo, esse arranjo dos moradores locais em “rede” seria um modo de evitar que empresas de atuação predatória se valessem do mapa das nascentes com o objetivo de conseguir vantagens econômicas. Na ocasião, foi considerada que essa captação predatória observada e citada por uma das pessoas presentes – a mesma participante que de início se manifestou contrária ao mapeamento – como uma prática realizada por grandes empresas em outras localidades, iria na contramão dos interesses dos próprios moradores, que já tinham suas casas abastecidas por captações arranjadas por eles mesmos. Embora essas captações sejam arranjadas de forma pouco articulada em cada propriedade por proprietários e/ou moradores, o presidente da Agência do Meio Ambiente de Resende, Luís Felipe César, estava presente nessa conversa e interveio na discussão ao contar sobre uma iniciativa coletiva de captação que tinha surtido efeitos indesejados.

*Tem uma caixa da água grande e aquela é a maior iniciativa de captação de água coletiva que teve. Foi feita por demanda do dono de uma criação de trutas, antes da criação do plano diretor. Hoje ela não seria permitida, mas na época gerou muito*

*problema de impacto no corpo hídrico e quem instalou foram dois biólogos que queriam fazer da melhor forma possível. Há uma lagoa de decantação no final, bastante coisa mudou... a metodologia de lavagem dos tanques... Lá pelas tantas, como muita gente captava água abaixo da criação [de trutas] concordamos que era um risco em potencial e pressionamos para que ele [o criador de trutas] fizesse esse sistema que existe hoje, que capta de forma independente da criação de trutas.*

Luís Felipe César destaca que, mesmo sendo uma proposta coletiva, colocada em prática por “biólogos” “da melhor forma possível”, os efeitos daquela iniciativa de captação tinham sido problemáticos. É interessante notar como esse também poderia ser um problema encontrado em um projeto de extensão acadêmica no sentido tradicional, dada a transitoriedade da base de sua comunidade – alunos – e de seus arranjos em face da comunidade residente sujeita aos efeitos a longo prazo. No entanto, segundo Luís Felipe César, essa teria sido uma iniciativa dos próprios moradores. Na ocasião, uma reunião geral de apresentação dos projetos, Cinthia Mendonça também participou da discussão. Sua intervenção consistiu em citar uma abordagem que considera apropriada, como uma espécie de exemplo para se pensar o mapeamento e os riscos discutidos que envolvem a captação de água por atores interessados em práticas predatórias e na obtenção de vantagens mais gerais na competição mercadológica.

*Isso me faz pensar no ativismo das sementes crioulas... teve um momento de criar selos creative commons/copyright-copyleft para criar um controle de uso, para que possa ser de uso comum acima de tudo, apesar do uso das empresas. Temos que pensar em como fazer isso para o comum e impedir que isso seja apropriado por Monsanto, etc.*

Como variedades desenvolvidas, produzidas ou adaptadas por pequenos agricultores, as sementes crioulas têm características reconhecidas ou bem determinadas pelas respectivas comunidades nas quais circulam – passadas de geração em geração, elas são preservadas nos bancos de sementes existentes. Nesse sentido, é interessante notar que há um paralelo com outros trabalhos – como por exemplo, a Casa das Sementes Livres, desenvolvido pelo coletivo Escola da Mata Atlântica, um “grupo de universitários em processo de êxodo urbano” (MAYA, 2014, p. 28) com apoio financeiro da Associação Software Livre (ASL), entidade organizadora do Fórum Internacional Software Livre (FISL), sediada no Rio Grande do Sul – na conservação das sementes crioulas por meio do fortalecimento de suas relações com contextos e comunidades de agricultores específicas.

Tanto as sementes quanto os softwares vêm sendo compreendidos como códigos importantes para a manutenção de funções biológicas e culturais da humanidade. Por essa razão materializam o conceito de bens comuns ou commons que, por sua vez, são defendidos por um amplo movimento social dentro de uma mesma bandeira contra a sua privatização. A Escola da Mata Atlântica participava destes debates em espaços como os Fóruns Sociais Mundiais e os Pontos de Cultura e propôs a criação de um banco de sementes que funcionasse junto com um telecentro, em uma aposta na convergência de ambas bandeiras políticas em torno ao mesmo princípio da gestão comunitária de bens comuns. (MAYA, 2014, p. 29)

Chama a atenção a forma como reverbera nessa formulação em particular alguns temas relevantes no contexto da Nuvem, como a combinação de conhecimentos não formais com os formais, a recusa frente à imagens de perfeitas corporações monopolistas – a Microsoft e a Monsanto como dois lados da mesma moeda –, os dilemas da atuação coletiva. Ao mesmo tempo, há uma forte permeabilidade entre essas ideias e as aproximações entre máquinas e organismos biológicos característica da cibernética de Wiener, na relação que se estabelece entre o resgate e diversificação de espécies nativas através da ancestralidade e cultivo das sementes crioulas com o reconhecimento e o fomento da diversidade cultural pela circulação social de códigos livres de computador. Nesse ponto, são oferecidas pistas sobre como intervenções do Estado, a competição econômica, as práticas predatórias, o fluxo das dinâmicas sociopolíticas sobre o indivíduo, as possibilidades de gestão coletiva, o papel da inovação e da criatividade, as questões ambientais e as tradições culturais são colocadas pela comunidade estudada em seus próprios termos a partir da ideia de liberdade, abertura e cultura de compartilhamento que lhes são caras, mas também sob o signo de ideias econômicas e sociais mais gerais que circulam pela sociedade. A própria ideia de saqueamento predatório de recursos que não se encaixam nas categorias tradicionais de “públicos” ou “privados” – chamados de “comuns” – identificada como “privatização” reverbera o discurso das leituras retroativas sobre os “movimentos altermundialistas” conforme colocam Dardot e Laval (2017). É interessante notar que mesmo na formulação de Maya (2014) as convergências entre as bandeiras políticas citadas é referida em termos de uma “aposta” da Escola da Mata Atlântica que motivou a sua participação nos debates fazendo articulações com um “amplo movimento social”.

Voltando ao projeto que desencadeou essa discussão e à questão da relação com não acadêmicos ou pessoas que não estavam convivendo ininterruptamente na imersão – o “Sensores: extensões da percepção e interfaces biológica-eletrônica” –, como colaboradora posso dizer que no início foram por nós priorizados os testes e fabricação de objetos. Ainda assim, articular o discurso é algo colocado como compromisso mesmo antes do período de realização do laboratório, de modo que uma hora ou outra precisaríamos nos dedicar também a essa tarefa. O discurso passa a ocupar uma centralidade nesse momento, que é o da comunicação com quem não está na imersão ou, pelo menos, não está participando tão diretamente.

O projeto, que incluiu a construção de espectrofotômetros, foi significado pelo seu proponente como uma proposta de ciência cidadã. O espectrofotômetro de papel teria precisão suficiente para demonstrar seu funcionamento para um não acadêmico, ou ainda, um acadêmico especialista em áreas mais distantes do conhecimento de físico-química. O espectrofotômetro

de papelão, por sua vez, teria a vantagem de poder ser aberto para observação de cada peça sem que fosse com isso completamente inutilizado – mas quanto mais vezes ele era aberto, mais o material cedia. O espectrofotômetro de madeira teria dois propósitos principais: 1) usar os diferentes entalhes de encaixe das peças para chegar a uma noção de proporção do dispositivo que fosse mais precisa sem necessariamente ser muito maior que sua versão de papelão, 2) chegar às dimensões aproximadas para poder sugerir um desenho a quem tivesse necessidade de mais precisão e condições de imprimir o espectrofotômetro em 3D. Havia uma impressora 3D à disposição na Serrinha, mas a prioridade do projeto foi chegar numa proporção aproximada das dimensões do dispositivo e posições das peças – justamente para não ter que fazer muitas versões de teste com a impressora, que demorariam para ficar prontas e teriam necessariamente que serem feitas de filamento de plástico, do qual também havia uma quantidade limitada, além do desejo de evitar seu uso para dar preferência a materiais que não demorassem tanto para se decompor. Foram reutilizadas peças impressas em 3D a partir de modelos de espectrofotômetros desenhados e disponibilizados sob licenças livres por outro laboratório, que tiveram de ser lixadas para caber dentro do modelo de papelão. Os modelos desenhados pelo outro laboratório, por sua vez, não foram usados para estimar as proporções porque tinham como base as medidas de uma câmera<sup>126</sup> que não batiam com o tamanho das webcams que o proponente recolheu do lixo em sua cidade e levou para serem usadas durante o *Interactivos?*<sup>16</sup>.

Nesse caso, a comunidade local que assistiu à apresentação e os possíveis leitores da wiki, por sua vez, são vistos idealmente como pessoas envolvidas no “aprender fazendo”. Em outras atividades menos frequentes, como o do “Curso-mutirão” de bioconstrução<sup>127</sup> que não envolvem comprometimento com a documentação na wiki, as relações que se estabelecem tanto entre as pessoas participando da imersão-curso-mutirão quanto delas com as pessoas que não estão ali convivendo ininterruptamente parecem ser mais episódicas e circunscritas dentro do período e território do evento ou, pelo menos, menos alardeadas que os demais eventos.

A demanda por fazer projetos “replicáveis”, como viemos discutindo desde o segundo capítulo, também parece ter certas implicações na forma como se dá a relação com a

---

<sup>126</sup> A câmera no caso, tinha a função de captar imagens da rede de difração para serem analisadas pelo software no computador ao qual ela estava conectada durante os testes da água.

<sup>127</sup> Disponível em: <[http://nuvem.tk/wiki/index.php/Bioconstru%C3%A7%C3%A3o\\_2016](http://nuvem.tk/wiki/index.php/Bioconstru%C3%A7%C3%A3o_2016)> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

comunidade local. A proposta do projeto “Sistemas agrofloretais (SAF) como estratégia para a conservação de matas ciliares e nascentes”, por exemplo, tomou lugar em uma propriedade privada de uma moradora local que se dispôs a receber o SAF. Durante o *Interactivos?16*, foi oferecido um curso como parte desse projeto. A chamada que anunciava o curso – disponível no Facebook – anunciava “Você sabia que recuperação de mata ciliar pode gerar renda? Quer saber como? Curso de Sistema Agroflorestal para Recuperação de Mata Ciliar e Geração de Renda”. Além da própria documentação e da implantação do SAF propriamente, o caráter mais processual do projeto aparece destacado nesse curso com foco na ideia de que a área de Mata Ciliar – cuja a proteção é determinada por lei – não precisa necessariamente ser “improdutiva”, pois pode ser agroflorestal, que é voltado mais especificamente para a comunidade da Serrinha do Alambari.

A proprietária do sítio que recebeu o SAF tinha inicialmente ressalvas em relação ao projeto, como ficou documentado: ela “foi multada há alguns anos por ter manilhado<sup>128</sup> um pequeno riacho em sua propriedade sem ter permissão do INEA<sup>129</sup>, portanto, quis se certificar que as ações propostas pelo projeto estariam de acordo com as normas ambientais”. O grupo de proponentes<sup>130</sup> e colaboradores mais diretamente envolvido no projeto deixou documentado que eles se comprometeram a levar uma cópia do projeto até o sítio, para que ela decidisse sobre a viabilidade do mesmo ser realizado em sua propriedade.

A abordagem feita na documentação, no entanto, também acrescenta sentido no que diz respeito ao que se espera dos moradores locais, além de que eles aceitem de bom grado que a implantação do SAF e do viveiro sejam feitos por ali. Além da proprietária – que acaba aceitando que a SAF seja feita em suas terras – aparecem duas pessoas identificadas como “Seu Valter” e “Seu Abraão”. Sobre o primeiro, a documentação revela que ele “ajuda” a proprietária no dia a dia do sítio sem especificar se isso se dá voluntariamente ou como meeiro, assalariado, intermitente, etc. Logo de início, a descrição complementa: “seu Valter é um senhor muito simpático, solícito e com muita vivência em agricultura. Seus conhecimentos seriam de grande valia para o projeto. Poder absorver os saberes desse senhor enriqueceria o conhecimento dos participantes e metodologia do projeto”. Já Seu Abraão é contatado primeiramente por ser portador das chaves do sítio, deixadas com ele pela proprietária, e logo “o grupo o convidou

---

<sup>128</sup> Manilhar equivale a canalizar com manilhas.

<sup>129</sup> Instituto Estadual do Ambiente do governo do Rio de Janeiro.

<sup>130</sup> O projeto em questão teve dois proponentes, um biólogo e uma licencianda em ciências biológicas.

para o preparo do solo e plantio durante o final de semana e seu Abraão disse que iria comparecer”. Ele é apresentado como “antigo morador e agricultor da Serrinha, portanto, possui muita vivência e conhecimento em agricultura e seria de grande importância para o grupo poder contar com sua presença ao longo dos dias de plantio, dessa forma, poderíamos vivenciar e absorver parte dos conhecimentos de seu Abraão”. A expectativa, portanto, era de uma relação com a comunidade local que não se resumiria a receber a apresentação de seus conhecimentos feita pelo grupo do projeto durante o curso ou mesmo abrigar o SAF, mas também se esperava absorver conhecimentos que seriam portados pelos moradores locais que por ventura cruzassem o seu caminho. A valorização dos processos mentais, portanto, também se é significada como uma ponte na relação com a comunidade local, como algo que beneficiaria ambas as partes. Se o pertencimento ao grupo tem como lastro primordial saberes e habilidades – processos mentais que são considerados mais definidores da identidade que a materialidade do corpo e do território, por exemplo –, algo sinalizado nas descrições de perfis de colaboradores desejados, esse ponto de vista também parece se aplicar ao modo como eles enxergam a comunidade local. A ideia que eles fazem desses saberes habilidades não se resume a conhecimento acadêmico, mas tem a intenção de comportar também a “vivência” do Seu Valter e do Seu Abraão em agricultura.

A documentação não menciona seu Valter para além do dia que o conheceram. Seu Abraão aparece de novo na documentação por ter voltado no sábado, como o combinado, e participado de uma conversa no sítio, mencionada de forma genérica. Como a documentação não exige que cada passo seja abordado em detalhes, são os próprios proponentes e colaboradores que decidem com qual profundidade e riqueza de detalhes deve ser feita essa elaboração de sentido sobre os projetos, isso não necessariamente significa que a expectativa sobre o intercâmbio de saberes entre o grupo e moradores locais foi frustrada. Em uma linha de raciocínio análoga às questões sobre o mapeamento das nascentes, não parece absurdo pensar que colaboradores e proponentes tenham decidido, em última instância, que aqueles saberes também poderiam se valer de um lastro territorial local, ou que não caberia ao grupo do projeto tomar a iniciativa de colocá-los em circulação online de forma facilmente encontrável por qualquer um com uma conexão. A participação dos dois moradores locais no projeto é de antemão ressaltada como algo desejável para a realização daquele SAF em particular, ainda que a documentação também destaque que o projeto possui um certo planejamento prévio que se deu antes mesmo do grupo entrar em contato com a proprietária, plano esse que inclui a própria conversa com os

moradores como algo a ser realizado<sup>131</sup>. Logo, é considerado também que o SAF seria melhor incorporado na região se os moradores locais fossem envolvidos, não necessariamente pelo seu envolvimento tornar o projeto mais ou menos “replicável”. O fato de a documentação ser um compromisso já assumido não implica em uma relação isenta de contradições entre as partes que firmaram esse acordo. Envolvidos ou não, não fica claro o quanto os moradores da região estariam cientes da existência desse acordo sobre a documentação online desde o início, mas a parte da comunidade local que esteve presente na apresentação da feira ao final do *Interactivos? '16* foi informada sobre o endereço do site no qual poderia encontrá-la.<sup>132</sup>

Também não há detalhes na documentação sobre o sítio, apenas medidas da área onde a SAF foi implantada e lista de ferramentas disponíveis no local como escavadeiras, enxadadas, etc. Logo no início, está relatado na documentação uma conversa com a proprietária sobre as demandas de manutenção do SAF: poda periódica, verificação do desenvolvimento das mudas, colheita de culturas para consumo. A proprietária teria dito que “gostaria de obter renda com culturas plantadas em sua propriedade” e “mencionou algumas árvores de interesse: gliricídia (que fornece muita matéria orgânica e pode ser utilizada como mourão para cercas), aroeira (pimenta rosa)”. A gliricídia, que fornece substratos conhecidos pela eficiência em engordar animais, não consta na lista de espécies escolhidas pelo grupo de proponentes e colaboradores no horto de onde as mudas foram doadas. Ainda assim, na lista estão presentes cinco unidades de aroeira. Em uma das fotos da documentação aparecem o marido da proprietária, uma proponente e uma das colaboradoras atravessando materiais em um trecho de rio usando uma câmara de ar de pneu de caminhão amarrada numa corda como suporte para a carga. Ao fundo, também aparece a proprietária de pé com um celular em mãos registrando imagens do momento da gambiarra, que teria sido sugerida por seu marido ao grupo que estava ali em função do *Interactivos? '16*. Ainda que não fosse algum conhecimento ancestral congelado no tempo ou a experiência em agricultura que estivesse em jogo naquele momento, a foto retrata

---

<sup>131</sup> Disponível em: <<https://associacaosilo.github.io/doc.interactivos16.info/2016/10/31/dia2/>> (Acesso em: 27 de junho de 2018).

<sup>132</sup> Pelo menos uma parte do território da Serrinha não contava, em 2016, com conexão móvel minimamente estável para navegação. A oferta de instalações residenciais para conexão fixa são limitadas por grandes operadoras segundo critérios pouco claros, além das barreiras de custo dos planos de internet. Como se trata de uma estância turística, é possível conseguir conexão em bares, campings e restaurantes, além de um ponto de acesso sem cobrança fornecido pelo poder público na praça onde está localizada a escola que recebeu o viveiro e o sistema de saneamento integrado. Chove por dias a fio no verão e mesmo as conexões fixas não são muito estáveis nessa época.

os moradores do sítio como dispostos auxiliar o desenvolvimento do projeto de forma improvisada e também se valer da atmosfera inusitada (ou imprevisível) do arranjo para “documentar” a seu modo o que aconteceu ali.

Havia, portanto, a dimensão desse projeto que tenderia a ser mais circunscrita – por estar em uma propriedade rural privada, por ter no horizonte a produção de culturas para consumo, por se tratar de um processo destacado pelos próprios proponentes como passível de “instrumentalização” tendo em vista a renda, etc. No entanto, mesmo aquilo que poderia ser usado para completar o processo no sentido de atingir um resultado – a renda – seria novamente dotado de incompletude ou imprevisibilidade ao ser transformado (pelo menos parcialmente) em um curso, assim como a própria formulação sobre “moradores ideais” que poderia ou não se realizar. Além disso, no planejamento do projeto também consta a escrita e formatação de uma cartilha. O viveiro, no caso, acabou sendo implantado na escola pública local como parte desse mesmo projeto. A diretora da escola também se comprometeu a contribuir financeiramente para o projeto e prover refeições para os participantes. Independentemente da conversão do alimento cultivado em renda ser realizada ou não por aquela proprietária em particular, a produção daquele sentido teria se dado sob as condições de circulação que são identificadas com a Nuvem no requisito “replicável” na medida em que constrói e coloca conhecimentos em circulação. A ideia de “contrapartida” que descrevi no segundo capítulo como identificada com um fluxo sempre positivo – ainda que não necessariamente endereçado – de informação ganha também outros funcionamentos em cartilhas, cursos e incorporação do espaço escolar sem deixar de incluir a documentação como compromisso pré-estabelecido.

Com o encerramento de mais esse capítulo etnográfico, a pesquisa se encaminha para as considerações finais, que retoma alguns pontos do que foi visto até aqui e contém reflexões a respeito da circulação social do conhecimento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da investigação sobre como a Nuvem significa sua atuação, o esforço do presente estudo foi em explicitar disputas sobre o que a iniciativa é, o que ela faz, em meio a mudanças na sua própria organização, num pano de fundo que também se caracteriza como um contexto de transição. Os sentidos atribuídos às decisões, práticas e encaminhamentos, conforme pude observá-los no trabalho de campo, também carregaram certas práticas históricas e posições teóricas que incidem e são ressignificadas no contexto das atividades da iniciativa. Ao longo da pesquisa, de forma geral, foram examinadas detidamente práticas e manifestações que foram consideradas significativas por estarem ligadas a um conjunto de ideias.

Ainda que a pesquisa tenha começado no quinto ano de atuação da Nuvem, seu início coincidiu com mudanças tanto no modo como a iniciativa se financiava – depois de dois anos autofinanciamento, a Fundação Ford passou a ser a principal fonte de recursos – quanto na divisão dela em duas coordenações. Chamadas de “Atividades Territoriais” e “Feminismos e Deslocamentos”, o comando de cada uma ficou a cargo de Bruno Vianna e Cinthia Mendonça, respectivamente. Por outro lado, ainda que essas mudanças tenham colocado demandas diferentes para a iniciativa, a Nuvem continuou se valendo de modelos de organização que já serviam de base para suas atividades desde os primeiros anos da iniciativa – como a do formato do *Interactivos?*, que opera uma divisão dos participantes entre proponentes, colaboradores e mentores horizontalizada pela afirmação que não há distinção entre os que ensinam e aprendem.

Inspiradas no formato do *Interactivos?*, os laboratórios “*Contralab:Reboot*” e o “*Interactivos? 16: Água e autonomia*” contaram com participações que não poderiam ser definidas de forma inequívoca entre colaboração, mentoria e propositura. Considero que isso aconteceu principalmente porque as duas atividades durante as quais realizei o trabalho de campo ensaiaram esforços de aproximação com a comunidade local da Serrinha do Alambari e movimentos sociais, respectivamente. Por mais consolidado que parecesse ser o modo de organização dessas atividades até então, ao se tentar a aproximação com moradores locais e ativistas – em ocasiões separadas e que tiveram diferentes graus de participação -- foram trazidos incômodos e acréscimos a esse formato. Também me parece significativo que essas tensões tenham emergido no momento que a iniciativa tenta se abrir para um universo maior do que aquele de jovens com entrada universitária engajados em práticas colaborativas que ela vinha selecionando para participar de suas atividades. Isso parece ter levado a esforços de compatibilização

desse formato que vão além da validação de uma horizontalização pretendida entre as pessoas que são selecionadas para ir até a serra fluminense passar pela experiência temporária de convívio imersivo. Nesse sentido, a atuação não se resumiu a atrair pessoas para a experiência de imersão, característica da iniciativa, ou estender o alcance de influência da Nuvem como um modelo de laboratório experimental congelado no tempo, pronto para ser seguido por outras iniciativas parecidas. Essa aproximação com ativistas e moradores locais me parece ter sido importante para, por exemplo, levantar questões sobre quem teria condições de se valer do conhecimento que estava sendo produzido e inquietações a respeito da própria premissa do formato do *Interactivos*?

Afinal, se deve sempre partir do princípio que não há diferenças entre quem ensina e quem aprende? Se um morador local me ensinar o caminho para chegar até uma nascente, a partir desse momento cabe também a mim ensinar qualquer um a chegar na mesma nascente, e assim por diante? Ou caberia a mim externalizar esse conhecimento sobre a localidade em publicações online para que ele e, conseqüentemente, a nascente se tornem encontráveis por qualquer um com uma conexão? Decidir que não há diferenças entre quem ensina e quem aprende confere prioridade para a circulação social do conhecimento ou para as pessoas? Todos ensinarem e todos aprenderem de forma igualitária seria um caminho para ou o efeito de uma maior democratização do conhecimento?

Em meio à consolidação dessas mudanças, conduzi o trabalho de campo em 2016 e estive em dois laboratórios, num total de três semanas de observação participante. Desde o início, a intenção era me valer de outros métodos que não aqueles do primeiro esforço analítico que conduzi entre 2013-2014, baseado exclusivamente naquilo que os participantes publicavam online sobre o que estava sendo feito nas atividades da Nuvem. Considerando a importância da afirmação do valor da diversidade e da descentralização informada pelos sujeitos nas atividades da iniciativa, além da centralidade da comunicação, abordei alguns momentos nos quais tais mudanças se manifestam e incidem nas tensões cotidianas. Foram episódios que reuniram pessoas e comunicaram sentidos que carregam, de certa forma, aspectos das linhas de pensamento que tentei brevemente traçar – na medida que fazem parte de uma forma de apreensão da realidade construída pela própria Nuvem.

Recorri ao aporte teórico de Eric Wolf (1999) para **buscar** sua concepção de ideologia como conjunto esquematizado de ideias que se relacionam com manifestações e ênfases de um poder caracterizado por sua capacidade de organizar o trabalho social, direcionando a

vida produtiva. Na análise, recuperei ideias da cultura hacker no quadro de disputas ideológicas que forjou associações improváveis se valendo de algumas de suas partes e deixou para trás outros de seus aspectos. Em função de sua relação com o capitalismo neoliberal, parte desse ideário foi reinterpretado e fundido com ideias sobre empreendedorismo e livre mercado na Ideologia da Califórnia (BARBROOK, 2009) ou cibercultura (TURNER, 2006), se tornando a força propulsora das empresas de tecnologia do Vale do Silício. A valorização econômica do fluxo de informações, tendência liberada com a ascensão dessa ideologia, ocupa hoje um lugar central na concretização de transformações nas formas de trabalho e na produção que vêm sendo conduzida por empresas silicianas. Vistos, até então, predominantemente como violadores de sistemas, os hackers passaram a ter seus aspectos positivos destacados até que sua relação com o trabalho passou a ser considerada exemplar. Ao mesmo tempo, autores da cibernética forneceram as bases para que os “autênticos” hackers MITanos explorassem criativamente os computadores nos laboratórios de pesquisa militar da Guerra Fria. Enquanto os hackers do MIT exploravam outras aplicações para os computadores além de simulações matemáticas e análises estatísticas, na cena hacker californiana Jude Milhon experimentava com a construção de identidades online e Lee Felsenstein se voltava para uma atuação política disciplinada – que acreditava que apenas nas mãos das pessoas comuns as tecnologias poderiam servir à mudança social. Anos antes, não muito longe dali, jovens que não desejavam colaborar com um sistema que era responsável por brutalidades a nível global se juntaram em comunas na busca por refazê-lo. A cibernética também ajudou a criar uma utopia de comunicação descentralizada em rede, e a cultura que floresceu a partir da concentração do poder nas mãos da elite tecnocrática teve alguns de seus aspectos reinterpretados pelos Novos Comunalistas. No entanto, ao se desinteressar de alguns de seus aspectos, inventar novos, reinterpretar e enfatizar outros, as operações ideológicas feitas sobre essa cultura, principalmente em função de sua relação com o capital, acabaram por realizar fusões em processos que muitas vezes foram bastante conflituos, e esses conflitos não deixaram de apresentar novas sínteses ao longo do tempo.

Um desses conflitos incide e se manifesta justamente na divisão internacional do movimento software livre nos grupos *free* e *open*, que possuem diferenças que não são estanques, mas ganham ênfase e reforços nas relações que estabelecem com o Estado, movimentos sociais e empresas. Colocando menos condições e limites na sua relação com o mercado, o grupo *open* prefigurou uma proximidade com empresas ao admitir a coexistência com o software proprietário, enquanto o grupo *free* tratou de produzir licenças que demandassem a obrigatoriedade da reciprocidade evitando que o software produzido coletivamente – muitas vezes

a partir do trabalho voluntário – fosse instrumento para a apropriação privada. Recuperamos a abordagem de Evangelista (2010), no Brasil, sobre o modo como o software livre ampliou e conferiu novas dimensões políticas ao movimento, identificando alguns de seus elementos culturais com justiça social, desenvolvimento econômico local, igualdade de oportunidades, etc. Essa ampliação das pautas foi decisiva para que o software livre ganhasse força inicial no país, a partir da atuação de militantes porto-alegrenses que claramente se aproximavam do grupo *free* e foram responsáveis por organizar as primeiras edições do Fórum Internacional de Software Livre (FISL) (EVANGELISTA, 2010). O próprio FISL passou por transformações nos últimos anos, com a maior entrada das corporações *open* e atraindo jovens em busca de carreiras convencionais nessas empresas para as bases do movimento. Dado que o movimento software livre não é uma referência acidental, nem tangente, mas que permeia o modo como se estruturam os arranjos na Nuvem, considerarei tal divisão do movimento software livre como uma referência que ajuda a entender disputas que acontecem ali.

Ter em mente essas divisões foi uma forma de colocar em perspectiva certas tensões que convivem no contexto estudado e facilitar o entendimento dos sentidos mobilizados pelos sujeitos quando recorrem a essas tradições hackers, assim como elas ajudam a traçar alguns pontos em comum entre o que aproxima e informa as pessoas que se encontram ali. Uma outra divisão, que é a distinção entre dois grupos da contracultura estadunidense, os Novos Comunistas e a Nova Esquerda, presente no trabalho de Turner (2006) contribui para o entendimento do modo como a cultura hacker foi bastante influenciada pelas correntes contraculturais dos anos 1960.

By confusing the New Left with the counterculture, and the New Communalists with both, contemporary theorists of digital media have often gone so far as to echo the utopians of the 1990s and to reimagine its peer-to-peer technologies as the rebirth in hardware and software of a single, “free” culture that once stood outside the mainstream and can do so again. (TURNER, 2006, p. 34)<sup>133</sup>

A abordagem do poder e das hierarquias como passíveis de sublimação testada nas comunas hippies é frequentemente recuperada desse outro esquema social para significar o ideologicamente ciberespaço como uma realidade à parte, para onde é possível fugir. A iniciativa isolamento e construção do novo mundo hippie foi algo levado adiante pelos jovens brancos

---

<sup>133</sup> Ao confundir a Nova Esquerda com a contracultura e os Novos Comunistas com ambas, os teóricos contemporâneos das mídias digitais tem frequentemente acabado por ecoar os utópicos dos 1990 e a reimaginar as tecnologias ponto a ponto (P2P, peer to peer) como o renascimento em hardware e software de uma única cultura ‘livre’ que em algum momento se fincou fora das tendências dominantes e hoje seria capaz de fazer isso de novo. (tradução livre)

com alguma entrada universitária da contracultura estadunidense, mais particularmente a vertente cultural dos Novos Comunalistas. Nessas comunas, era considerado que as hierarquias deveriam ser horizontalizadas ao máximo para não contaminar as relações interpessoais. A valorização de processos mentais de cunho psicodélico e religioso se deu nessas comunidades como uma busca por experiências internas transformadoras pelas quais passava o caminho para se alcançar o coletivo. Vimos como essa perspectiva contrapõe virtudes de grupos ou pessoas a vícios anteriores a eles, que tendem a retornar. Ainda que homens e mulheres perseguissem lado a lado o ideal tribal, se recusando a colaborar com as guerras e sistemas burocráticos que sustentavam práticas de governos e empresas contra as populações, esse ideal frequentemente incluía as mulheres tomando conta das crianças e da cozinha enquanto os homens tomavam as decisões (TURNER, 2006, p. 76), reforçando as relações de poder que produziam e produzem injustiças sociais. Além de renovar práticas políticas da esquerda nos Estados Unidos, essas imaginações a respeito do desaparecimento do poder e destruição de hierarquias viajaram o mundo em produções simbólicas e artísticas.

Com uma postura mais avessa a essas ações menos racionalizadas dos Novos Comunalistas, a Nova Esquerda também faz parte de uma movimentação cultural mais ampla (EVANGELISTA, 2018) que se traduz no modo como essas duas frentes foram alavancadas ou reativadas com a popularização da internet. Comunidades online como a pioneira WELL, foram descritas inicialmente (TURNER, 2006, p. 89) como lugares onde as pessoas poderiam interagir livres de formas de preconceito dirigidas ao modo como seus corpos existem socialmente. Esse vislumbre de um corpo que se significa e é significado socialmente foi um dos principais pontos de confluência entre a Nova Esquerda e a cibernética de Wiener. Sua concepção do homem é de um ser informacional com uma mente esvaziada, à qual caberia ressignificar o corpo a partir de padrões informacionais que circulam socialmente, o sujeito sendo “apenas redemoinho num rio de águas que estão sempre a fluir” (WIENER apud TURNER, 2006, p. 192).

Em sua leitura retroativa, Barbrook e Cameron (1995) afirmam que, ao acreditar profundamente que o ideal de se expressar livremente seria atingido pelo progresso tecnológico, os aficionados da tecnologia da informação e comunicação estavam se apoiando largamente em uma visão utópica da Califórnia que só é possível a partir da cegueira para uma série de problemas da costa oeste dos EUA: racismo, pobreza e degradação ambiental. Eles apontam a ironia no modo como o desgarramento da boemia artística da região foi combinado na Ideologia da Califórnia com o zelo dos yuppies, a despeito do fato de que ela costumava se atentar para esses

problemas. Para a dupla, essa ironia se deve à existência de dois tipos de hippies: os que buscavam na natureza alguma essência ancestral rejeitando a tecnologia e aqueles que viam nas tecnologias a possibilidade de realização de seus ideais de liberdade. Considero essa relação entre liberdade e tecnologia é bastante importante para entender os contornos com os quais algumas ideias são sublinhadas na Nuvem. Vimos que os sujeitos, nesse contexto, podem identificar a utopia da comunicação descentralizada em rede como mais ou menos realizada na internet. Ao mesmo tempo, atividades da iniciativa, como o Fumaça Data Springs, envolvem um esforço para tornar pelo menos parte das infraestruturas de comunicação mais situadas, uma vez que essas últimas são componentes de um sistema que serve à captura de dados, invisibilizado na significação ideológica da internet como válvula de escape e do ciberespaço como associado às tentativas de fuga e construção de um novo mundo hippie. Ainda que se dedique de forma mais aprofundada aos hippies que vislumbravam novas formas de inserção social, aprendizado e produção cultural associadas às tecnologias; é possível considerar que as duas categorias de hippies de Barbrook e Cameron (1995) se inserem na frente contracultural dos Novos Comunalistas da abordagem de Turner (2006).

Novas combinações inusitadas de aspectos dessas tradições contraculturais, como aqueles fundidos a partir da contracultura e da cibernética para forjar a cibercultura, continuam a ser operadas nesse quadro ideológico. Em uma associação simbólica, grandes plataformas como Uber e AirBnb buscaram identificar suas atividades comerciais – respectivamente a comercialização de corridas em carros particulares e estadias em imóveis residenciais contratadas online – com as práticas contraculturais típicas dos Novos Comunalistas. Em vez de vender carros do ano ou casas próprias na planta, essas empresas ofertam o uso compartilhado desses bens via microtransações econômicas, como se alugar o sofá de estranhos por algumas noites e ir de um lado para outro em automóveis de motoristas não assalariados fosse a versão atualizada das práticas hippies de oferta solidária de abrigo e transporte entre amigos que vagavam rumo a um afastamento introspectivo. Além de se concentrar nessas grandes plataformas, o fluxo de dados online se tornou cada vez mais instrumental para atores poderosos com acesso às grandes infraestruturas tecnológicas, que a despeito disso se valem largamente da noção contestável e pervasiva de que elas são produto de uma realidade científico-tecnológica neutra e transparente, fundamentada na cooperação despretensiosa entre pares agindo de forma independente do Estado e do mercado. Ao mesmo tempo, a extensão do controle que esses atores exercem sobre essas estruturas concentra poder decisivo sobre mercados, pessoas e nações.

Dentro desse contexto, longe de negar as tecnologias, as atividades da Nuvem não se isentam de lidar com pressões coletivas relacionadas com a popularização de dispositivos pessoais conectados. Pudemos ver que a iniciativa seleciona projetos que trabalham tanto na produção de conhecimento que carrega perspectivas sobre como as relações com as tecnologias da informação e comunicação podem mudar a vida das pessoas, quanto sobre a produção de outros tipos de tecnologia de pequena escala, além dos usos não alardeados de dispositivos produzidos em outros contextos. Nesse sentido, o fato de ferramentas tecnológicas importantes estarem sob controle de atores poderosos não é ignorado nem significado como algo que rende os sujeitos impotentes. A Nuvem compartilha essa perspectiva com outras iniciativas com as quais possui alguma margem de contato. Essas iniciativas advogam uma legislação que ofereça para as pessoas garantias e salvaguardas mais robustas no intercâmbio de informações online, organizam produção de software livre, se envolvem em coberturas online voluntárias de manifestações e outras ações de movimentos sociais, etc.

Por meio da reunião de representantes, frequentadores, e articuladores de várias dessas iniciativas – que atuam primordialmente online – são reforçados sentidos que é possível a existência ou o estabelecimento de condições para a criação de arranjos alternativos para uma produção cultural-tecnológica mais diversa. Na Nuvem, a convivência entre essas pessoas se soma à presença de permacultores urbanos, agricultores agroecológicos, artistas, pesquisadores etc. Vários aspectos desse arranjo sugerem também que a iniciativa concentra esforços na produção cultural no sentido estrito dos produtos culturais-tecnológicos e sem deixar de disputar o conceito mais amplo de cultura que é a produção de saberes e modos de vida. Entre esses aspectos podemos citar a reutilização de materiais, a organização dos encontros ativistas, a documentação, a divisão das responsabilidades de manter as pessoas alimentadas e o ambiente habitável entre os presentes de forma voluntária, e a destinação de resíduos para compostagem, etc.

Mesmo que a iniciativa seja bastante influenciada pela cultura hacker – que foi em boa parte construída sobre o princípio de que um programa de computador não pode ter sua distribuição restringida geograficamente, que a informação tem que ser livre – foi em uma atividade organizada por ela que se levantou uma objeção sobre a circulação online de um mapeamento das nascentes locais feito em laboratório poder virar instrumento da apropriação privada e predatória de grandes empresas que gerenciam o abastecimento de água. Além de colocar questões importantes para a cultura hacker e acabar por influenciar a retirada do mapeamento online das nascentes de dentro do escopo de um projeto, essa objeção também suscitou uma

discussão que foi pautada pelo quanto as pessoas consideravam que a comunicação em rede e descentralizada já é ou que ainda deve vir a ser o espaço da diversidade e livre circulação de ideias. Logo, o ideal da comunicação descentralizada em rede é algo a ser perseguido, mas pode incluir redes locais onde a distribuição de informação se vale de um lastro territorial. É interessante notar o modo como o sentido de rede é mobilizado para significar a própria Nuvem, por exemplo, pelos seus coordenadores. Nas entrevistas que conduzi com os dois, ouvi que arranjos como esse dos laboratórios que são configurados pela iniciativa têm um sentido que dependeria de um modo de atuação despreziosa, de pequena escala e dispersa, como se essa “rede” não fosse equivalente à própria internet, mas a pequenas redes mesh. Considero que essas relações ambíguas entre perspectivas mais informais e situadas que convivem com formulações mais formais de apelo mais geral voltadas para demandas de projeção e financiamento também se encontram reverberadas na própria importância que a tecnologia ou ciência cidadã tem na iniciativa. Isso porque, ao mesmo tempo que essa abordagem da produção técnico-científica não considera o desenvolvimento tecnológico estritamente como um progresso linear (sendo a tecnologia “de ponta” não necessariamente a mais desejada), o uso desse termo pelos meus informantes insere a Nuvem em um cenário amplo que abrange iniciativas ao redor do mundo que divergem significativamente entre si, por exemplo, no que diz respeito aos graus de participação de não acadêmicos.

Além disso, a Nuvem pode ser também considerada um lugar de aprendizado e inserção social por outros fatores, alguns tão evidentes quanto a presença de “mentores” e “mediadores” nos laboratórios. Os mentores selecionam os voluntários que submetem propostas através dos rituais de entrada, que se dão primordialmente pelos formulários de inscrição. As propostas normalmente passam pelo crivo dessa comissão de mentores que determinam quem serão os proponentes de cada edição do laboratório, enquanto os colaboradores respondem a uma chamada mais específica que contém a descrição dos perfis desejados para colaborar em cada projeto selecionado. As descrições de perfis de colaboradores em todos os cinco projetos selecionados para o *Interactivos?*<sup>16</sup> continham os termos “somar conhecimentos”, o que aponta para uma valorização dos sujeitos pelo que eles podem fazer a partir do que sabem. Já no *Contralab:Reboot* a chamada para colaboradores afirmava que “as primeiras 15 pessoas inscritas terão sua vaga garantida”. Seja por ordem de chamada ou seleção, a Nuvem reúne eminentemente jovens brancos com alguma entrada universitária, sendo que os dois laboratórios contaram com negros em uma proporção talvez comparável à existente nas universidades,

não correspondendo à divisão populacional. Conforme pude observar, a maioria dos participantes que foram chamados nos dois laboratórios eram mulheres, sendo que o *Interactivos? '16* contou com mulheres como maioria também entre os mentores<sup>134</sup>. Além disso, esse último laboratório contou com a participação de uma criança de dois anos acompanhando sua mãe, que atuou como mentora, convivendo com os demais<sup>135</sup>. É notável que uma iniciativa tão influenciada pela cultura hacker, uma cultura de grupo eminentemente masculina e com alguma frequência machista, tenha se configurado como um espaço ocupado majoritariamente por mulheres e com abertura para a convivência com crianças. Ainda que não seja a única iniciativa com essa abertura, parece significativo que em um ambiente de convivência imersiva que se estende por dias e até semanas – algo que é característico da Nuvem –, a imbricação do trabalho convencionalmente classificado como produtivo (assim considerado por ter valor de troca) no reprodutivo (de cuidado com a casa, das pessoas) se encaminhe nessa direção. Essa é uma configuração que não deixa de ser, por isso mesmo, menos individualista, um traço também fortemente presente no âmbito da cultura hacker.

Significado por Bruno Vianna como uma mudança em relação aos primeiros anos, quando a Nuvem era financiada pelo Vivo Arte.Mov, a retirada da centralidade das residências da agenda de atividades programadas representaria uma transição na qual a iniciativa passaria a “ser uma coisa menos ligada à arte, mais política”<sup>136</sup>. Nesse sentido, vimos como um projeto selecionado para o *Contralab:Reboot* concentrou esforços em imprimir uma perspectiva mais à esquerda do espectro político em um jogo que tinha adolescentes como público-alvo, e foi abrangendo aos poucos novas dinâmicas que foram justificadas como mudanças necessárias para que o jogo não fosse sumariamente rejeitado por jovens que consideravam que o impeachment da presidente Dilma Rousseff não foi um golpe. Uma vez que considerar o impeachment como golpe não foi nem objeto de discussão por ser um consenso entre os presentes, a idealização sobre como aquilo que estava sendo feito no laboratório seria recebido por aqueles que não participaram da experiência imersiva na serra fluminense foi importante no sentido que influenciou mudanças no projeto do jogo.

---

<sup>134</sup> No *Contralab:Reboot* a coordenação de Bruno Vianna chamou dois “convidados” que não se identificaram como mentores.

<sup>135</sup> O laboratório durou duas semanas e o pai da criança, que tem a guarda compartilhada, também esteve presente por alguns dias.

<sup>136</sup> Entrevista com Bruno Vianna.

Foram abordadas, ao longo desse trabalho, ideias que dizem respeito ao laboratório (ou hacklab) como ponto de convergência entre o experimento hippie de reconstrução do mundo, o lugar da criação artística e produção do novo, além da realização de experiências metodológicas próprias da realidade científica. Também vimos a capacidade de produção de discursos diferentes: que quando se trata de responder a uma demanda material de financiadores ou busca de projeção o discurso é produzido com mais formalidade e esforço para apresentar os arranjos como produtivos e autênticos; já as discursividades mais informais são formuladas com o objetivo de cumprir o compromisso da documentação, assumido por aqueles que se inscrevem para participar das atividades da Nuvem. Nos discursos mais formais aparecem mais nitidamente linhas de pensamento muito influentes, que emprestam dessas referências um tanto da sua legitimidade. A oposição aos poderes considerados centralizadores e autoritários, por exemplo, ganha contornos mais destacados quando se fala no modelo de atuação das grandes empresas de telecomunicações que atendem os conglomerados urbanos – tanto por imporem uma certa configuração de rede que limitaria o acesso das pessoas à suas infraestruturas, assim como aos seus softwares; quanto por se ausentarem de outros locais de menor concentração populacional nos quais seria menos lucrativo oferecer os serviços. Esse posicionamento tem a ver com movimentos pelo uso cidadão do espectro ou, ainda, pelo espectro livre – com o qual Bruno Vianna, por exemplo, tem uma margem de contato. Um movimento análogo de marcação de posição é direcionado à vida nas grandes cidades, à certas tradições artísticas consideradas esgotadas, espaços formais de experimentação, etc.

Na documentação, por outro lado, há uma aposta em uma vontade construtiva que tem como foco uma comunidade imaginada como aquela que mesmo dispersa estaria disposta a aprender fazendo. Ao mesmo tempo, se vislumbra a redução de desigualdades de acesso ao conhecimento ao delegar para as publicações online da documentação a possibilidade de que os projetos desenvolvidos ali sejam replicados em outros contextos que não necessariamente são correspondentes às condições nas quais se deram a experiência de imersão do laboratório. Por se dirigir a essa comunidade envolvida em “aprender fazendo” ou DIY, a documentação também é realizada na expectativa de que outras iniciativas parecidas – hacklabs, hackspaces, ateliês, medialabs, etc – possam eventualmente se valer daquilo que é publicado online sobre os projetos. O discurso da documentação, em geral mais improvisado, inclui relatos de esforços – de baixo custo e que se valem de reutilização, têm um viés ecológico e fazem adaptações às condições de acesso aos recursos locais (como fazer um dispositivo de entropia de líquidos usando bambu, por exemplo) – que são eminentemente produtivos. Tais esforços aparecem na

documentação significados como a condução investigações que endereçam problemas tanto do ponto de vista técnico quanto de formas de convivência em contextos que se parecem ou mesmo tem relação tangencial com a experiência imersiva proposta pela Nuvem, além de projetos que são abordados predominantemente como processos criativos e até receitas de pratos preparados durante suas atividades. Os esforços concentrados na Nuvem se direcionariam, portanto, para o vislumbre de formas alternativas de produção tecnológica-cultural e modos de vida.

Em um exercício interessante para se pensar a relação entre laboratórios como a Nuvem e o mercado, Evangelista e Fonseca (2016) se valem da equiparação entre seres vivos e máquinas imaginada pela cibernética para entender tanto o software livre quanto os “laboratórios digitais” (que podem atuar tanto na inclusão, quanto fabricação e experimentação) como iniciativas de criação coletiva com baixo controle central que seriam capazes de realizar o imprevisível. Em comum, essas iniciativas “geram os ciclos de extração de valor operados por aqueles que controlam os processos e os mercados” e também poderiam eventualmente romper com esses ciclos de valorização econômica do fluxo de informações do qual se esperaria apenas mais do mesmo. Isso porque há uma expectativa, que vem dessa cadeia de valoração, de que a própria cultura funcione como um processo computacional aberto, produzindo apenas recombinações planejadas. O texto se vale dessa perspectiva mecanicista da informação na tentativa de estabelecer uma linguagem comum, com o objetivo de ressaltar a importância e defender a existência dessas iniciativas. Para tanto, é recuperada uma racionalidade própria da cibernética, que permite simular em máquinas o mecanismo da vida e serve de base para a ideia de computação biológica conforme ela é trabalhada por Tiziana Terranova (2004). Grosseiramente, a computação biológica seria a simulação computacional de processos orgânicos que agem como o intercâmbio entre células vizinhas de igual capacidade, sem um comando central. Nas redes descentralizadas de produção – como o software livre e os laboratórios digitais – cada ser humano enredado seria análogo a uma dessas células como se o processo orgânico, no caso, fosse equivalente a um esforço coletivo auto-organizado. O caminho para esse rompimento almejado com os fluxos comunicacionais – vistos como ciclos viciosos, conforme eles são operados nas cadeias de valoração atuais – seria justamente a investigação dos processos de computação biológica, ou seja, dos intercâmbios informacionais, para torna-los menos socialmente distanciados. A discussão chama a atenção principalmente por fazer uma proposta de relação dúbia com as discursividades, formulada nesse trecho:

Ainda que necessitem se utilizar da linguagem institucional e de seus mecanismos retóricos para levar a cabo suas aspirações, devem ao mesmo tempo sabotar conscientemente – mesmo que em silêncio – esses mecanismos e linguagem. Ao mesmo

tempo, precisam se reconhecer e serem reconhecidos como as jazidas que produzem o movimento criador que, mesmo involuntariamente, gera os ciclos de extração de valor operados por aqueles que controlam os processos e os mercados. (EVANGELISTA E FONSECA, 2016, p. 37)

É interessante notar como essa abordagem sugere a produção de certos discursos para atender a demandas pontuais de reconhecimento e pretensões de projeção, muito próxima das diferentes capacidades discursivas – tanto as mais formais, como no exemplo do catálogo da exposição abordado no segundo capítulo, quanto as informais, com um caráter mais imediato, na documentação – observadas na Nuvem ao longo da pesquisa. Parece fazer sentido pensar que essa oscilação entre as duas abordagens é algo que faz com que, ao atender às demandas de financiadores e ter em vista aspirações de projeção, seja produzido um discurso mais formal sobre a Nuvem no qual esse universo de referências aparece mais explícito e adaptado à leitura das relações com a atualidade, o ativismo, a criação e o rural construída ao longo dos anos pelas pessoas que estão no comando da iniciativa. O artigo interessa ao presente estudo na medida em que se propõe a investigar os intercâmbios informacionais, e não se ausentar deles ou até mesmo negá-los. Logo, o texto sugere uma forma de se inserir nas disputas, inclusive as mercadológicas, que tem como ponto de partida a ênfase nos laboratórios digitais como estâncias criativas. As escolhas por abordagens mais ou menos mecânicas (com ênfase no fluxo de informação como transmissão de sinais eletrônicos, como no exemplo da computação biológica) ou mais metafísicas da informação (por ex.: como circulação de ideias) também nos dizem algo sobre o modo como são guardados traços de uma outra tradição nas escolhas de abordagens discursivas formuladas mais ou menos formalmente. A análise dessas iniciativas a partir da computação biológica é justificada pelos autores como uma opção de se valer desse discurso mais mecanicista para enfatizar a criatividade como um interesse em comum entre essas iniciativas e o capital, uma vez que “sistemas vivos despertam a cobiça do capital como máquina produtiva, motor de criatividade” (EVANGELISTA e FONSECA, 2016, p. 38). No entanto, a própria definição da Nuvem como um “laboratório digital” pode ser colocado como algo em disputa, uma vez que a iniciativa também trabalha com as tecnologias de forma mais ampla, de modo que seu significado pode incluir a linguagem, os dispositivos analógicos, os instrumentos de trabalho no campo, etc.

Considero que essa oscilação entre discursos formais para busca de financiamento e projeção e informais para produzir sentidos sobre o que acontece na rotina das atividades da Nuvem nas publicações de documentação também pode ajudar a entender, por exemplo, as disputas em torno do livro “Tecnomagia”, citado no início da dissertação. Esse foi um episódio

no qual um produto das atividades da Nuvem ocupou o centro de uma disputa, o que pode observar como algo incomum. A publicação não necessariamente atendia a uma demanda mais formal de discurso tendo em vista financiamentos e projeção, mas se valia de um suporte tradicional – o livro impresso – que tem uma fruição, um usufruto e agrega um tipo de valor diferentes daqueles dos formatos digitais. De forma análoga, os discursos formais – artigos, catálogos, apresentações, etc – que encontrei na Nuvem podem ser considerados como algo que tem uma fruição, um usufruto e agrega valores diferentes à iniciativa se comparados aos discursos informais encontrados primordialmente na documentação. Diante do acirramento das disputas sobre propriedade intelectual de produções culturais que circulam na internet, é interessante observar como os embates sobre as possibilidades de circulação social e projeção online convivem com as tensões em torno dos produtos culturais que circulam fixados a suportes físicos. O livro, que abriga o texto “Liberdade ainda que à tardinha” escrito como uma licença, foi objeto de disputa entre aqueles que davam falta de uma menção ou selo que indicasse a ligação do livro com a Nuvem – algo que àquela altura não poderia ser modificado na primeira edição impressa já publicada pela editora – enquanto entre outros isso nem chegava a ser percebido. A proposta de alternar abordagens se valendo eventualmente de linguagens mais formais, no entanto, é o ponto que considero mais próximo entre a Nuvem e a formulação sobre arranjos de criação coletiva de Evangelista e Fonseca (2016), sendo o mais afastado justamente a ênfase dada aos produtos provenientes do intercâmbio entre as células, chamando-os de “algo único”. Essas noções de unicidade e originalidade, por sua vez, são mobilizadas de forma coerente com o intento dos autores ao optar por uma abordagem mais mecânica da informação para enfatizar a necessidade de que sistemas de computação biológica “vivam em plenitude criativa”.

Entretanto, no presente estudo, fiz a opção de partir de noções mais dinâmicas que os próprios sujeitos mobilizam para definir o que se faz em um laboratório, particularmente o hacklab e estação rural de arte, ciência e tecnologia Nuvem. Um bom exemplo entre essas noções mais dinâmicas é o trecho da entrevista no qual Cinthia Mendonça fala sobre cooperativa, uma forma de produção relativamente descentralizada, e “equipe de trabalho”, se referindo aos modos de organização do grupo composto pelos mentores e mediadores do *Interactivos? '16*. Ela significa as mudanças na Nuvem como se planejasse um redirecionamento da iniciativa para um futuro no qual talvez poderia ser atribuída uma importância maior aos produtos dos esforços que se concentram ali, associando a organização do *Interactivos? '16* com modos de organização produtiva coletivos e descentralizados. Isso porque, em comparação, o modo de organiza-

ção do trabalho nas cooperativas parece atribuir mais importância ao produto e menos ao processo produtivo, que, por sua vez, ocupa um lugar mais central na organização da produção de software livre – na qual os sujeitos envolvidos são valorizados pelo que podem fazer informacionalmente.

Durante o trabalho de campo pude observar, no entanto, que a comunicação assume uma centralidade nesse contexto – que faz com que os produtos, propriamente ditos, ocupem um segundo nível de importância. Considero que isso se dá principalmente porque a iniciativa pede que os participantes assumam o compromisso da documentação, contido logo nas chamadas que anunciam as condições para participação nos encontros ativistas, os laboratórios e as residências. A documentação se estabelece, então, como algo constante na atuação da Nuvem, um protocolo. Seu conteúdo é composto primordialmente de discursos informais e imediatos sobre a rotina dos projetos que são publicados online. Por ser o compromisso entre aqueles que são recebidos ali e os coordenadores da Nuvem, a documentação faz com que a iniciativa possa ser definida pelo que tem de exterioridade – ou seja, pelas publicações sobre o que acontece ali feitas para circular socialmente.

Considero que o próprio fato da documentação ser um compromisso confere à iniciativa uma característica de transparência, independentemente do conteúdo dela ser ou não particularmente revelador. Para efeito comparativo, empresas que têm como maior preocupação os produtos e efeitos daquilo que é produzido – ganhos dentro de uma determinada cadeia de valorização – muitas vezes se valem de mecanismos que impeçam seus funcionários de falar sobre aquilo que produzem e até mesmo sobre as normas internas que regem o trabalho. Empresas que operam a valorização dos fluxos de comunicação, por exemplo, se valem largamente de mecanismos de regulação e responsabilização para segmentar o mercado, que podem incluir exigir o silêncio dos envolvidos em processos produtivos. A exigência do silêncio, o non-disclosure agreement (acordo de não divulgação ou NDA), é formalizada em contrato – normalmente firmado entre trabalhadores e empresa assim que começam no emprego. Mecanismos como o NDA se tornam centrais na medida em que as grandes empresas de tecnologia da comunicação e informação reivindicam que suas operações devem ser mantidas em segredo pelo bem da concorrência entre elas. Mesmo quando a produção se dá em sistemas distribuídos, que não se restringem às paredes de uma empresa, esses mecanismos têm a capacidade de reger a troca de informações entre pessoas autorizadas para que elas aconteçam de forma controlada. O texto de um NDA determina, por exemplo, quais materiais ou conhecimentos devem ser mantidos em sigilo no formato de um contrato com valor legal. Em alguns países, como no

Reino Unido, um signatário de NDA não pode ser acusado de quebra de contrato no caso da informação “vazada” se tratar da denúncia de um crime.

Um caso de rompimento desse tipo de contrato amplamente noticiado teve como personagem principal um funcionário da Cambridge Analytica – empresa que traçava perfis emocionais, psicológicos, comportamentais a partir de dados de usuários de mídias sociais para direcionar publicidade de acordo com as vulnerabilidades dos mesmos. Christopher Wylie revelou que a firma na qual trabalhava e com a qual tinha assinado um NDA possuía acesso amplo e intrusivo a dados pessoais de milhões de usuários do Facebook obtidos em negociações por baixo dos panos, sem que titulares dos perfis expropriados pudessem se dar conta.

Esse tipo de postura empresarial contrasta diretamente com o compromisso da documentação na Nuvem, que é significada pelos informantes desse estudo como aquilo que faz os projetos da Nuvem serem “replicáveis” e “não comerciais”. A documentação se insere nesse contexto como um mecanismo de non-disclosure agreement ao contrário: no qual o compromisso é colocar informações sobre o processo de produção para circular socialmente. Nesse sentido, a própria determinação desse compromisso da documentação como uma constante nas atividades da iniciativa indica que a maior preocupação não são propriamente os produtos ou efeitos dos produtos, mas a comunicação.

O NDA, à exemplo do caso da Cambridge Analytica, mascara tensões e conexões entre diferentes pontos de vista imbricados naquilo que realiza e a forma como eles são equacionados na organização de suas atividades, que acabam se apresentando como um todo coerente na face pública que promovem para aumentar seus raios de influência. As informações Wylie trouxe à público, por exemplo, revelam que a empresa na qual ele trabalhava se valeu de um teste que em um primeiro momento foi feito para fins acadêmicos, primordialmente científicos, com o consentimento das pessoas – de 270 mil pessoas titulares de perfis no Facebook. Entretanto, esse teste foi a porta de entrada para o acesso aos dados de 83 milhões de outros perfis usados pela CA para fins eleitorais. Logo, essa máscara ajuda a blindá-las contra a desconstrução dessa face pública que faz da controversa precisão de funcionamento dessa lógica econômica algo coberto de um véu racional e difícil de avaliar. Essa postura pública da indústria da informação também reativa imaginações a respeito de uma força conservadora formalista, piramidal e burocrática identificada pelas frentes contraculturais com os tecnocratas da Guerra Fria. Se recuperei linhas de pensamento importantes nessa história foi para aludir à capacidade

desses atores de operarem sobre ideias ligadas à algum tipo de resistência, o que inclui a inauguração de alianças tão inusitadas quanto aquela operada entre a contracultura e as tecnologias de matriz cibernética que ela queria recusar. Embora possa ser interessante politicamente mobilizar esses sentidos de severidade racional e deserto criativo para buscar uma linguagem comum para as disputas nas quais se entra, também considero importante conhecer como operam as forças com as quais se antagoniza no esforço de entender como certas pontes ainda podem ser construídas. Isso porque iniciativas como a Nuvem agem nas fronteiras do sistema de valoração que as empresas de tecnologia alavancadas pela Ideologia da Califórnia operam, sendo que essas operações também podem se dar de forma dinâmica.

No capítulo três vimos os modos pelos quais o compromisso da documentação se faz presente nas chamadas para as atividades da Nuvem. Ainda que mencionada de diferentes maneiras conforme a ocasião, a documentação é sempre uma responsabilidade assumida de antemão por aqueles que respondem a essas chamadas, se inscrevendo para participar daquilo que a iniciativa organiza. A maior parte das atividades encontram-se documentadas na wiki da Nuvem, com o conteúdo licenciado em Creative Commons na versão que permite o compartilhamento (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e a adaptação (remixar, transformar, e criar a partir do material) liberado para qualquer fim, exceto fins comerciais. Além disso, a wiki tem como base o código no qual a Wikipédia é executada, licenciado em GPL – a licença formulada por Richard Stallman, maior representante do grupo *free*, que prevê o princípio da reciprocidade ou *copyleft* no exercício das quatro liberdades que definem um software como livre (liberdade de ler, estudar, modificar e copiar). O *copyleft*, por sua vez, designa práticas que se opõem diretamente ao modelo institucionalizado de controle do desenvolvimento tecnológico – a propriedade intelectual –, contrariando o poder institucional. São essas as condições sob as quais a maior parte da documentação está disponível ainda hoje se valendo de discursos menos formais elaborados a partir das atividades de um espaço de experimentação.

Essas referências são mobilizadas e ressignificadas pelos sujeitos, como no caso da atribuição do sentido de “replicável” e “não comercial” aos projetos ali desenvolvidos a partir do licenciamento do conteúdo da wiki da Nuvem que barra o uso comercial e prevê a reciprocidade por estar sob uma licença Creative Commons que também contém o princípio “compartilha igual”, ou seja, do *copyleft*. Além disso, considero que certas ressignificações do software livre no Brasil servem de base para o modo como os sujeitos atribuem sentido àquilo que foi feito na Nuvem. Ainda no capítulo três foram analisadas ressignificações importantes nesse

contexto, com destaque para a associação do movimento software livre com tecnologia cidadã que incide e se manifesta na iniciativa, em uma releitura que pode até ser anti-institucional sem necessariamente ser anti-intelectual. A informalidade dos arranjos e discursos que dizem respeito mais imediatamente às práticas desenvolvidas ali, por exemplo, foi considerada nessa chave como decisiva na construção da iniciativa como um espaço de produção de conhecimento não acadêmico – uma definição que está presente em formulações empregadas pelos sujeitos para falar sobre aquilo que fazem tais como uso cidadão, tecnologia cidadã, laboratório cidadão, ciência cidadã. Vale lembrar de uma outra iniciativa de ciência cidadã que está presente nas conversas, é ponto de encontro, aprendizado e referência para boa parte das pessoas que passaram pela Nuvem: o Laboratorio iberoamericano de Innovación Ciudadana (LABIC), que também segue a metodologia do *Interactivos?* formulada pelo Medialab-Prado. Essa interpretação do software livre como produção de tecnologia cidadã é importante na medida em que traz essa ressignificação – que não deixa de ser uma ligação entre o software livre e as pessoas que fazem parte da Nuvem, além de estabelecer essa relação de recusa da ciência tradicional sem rejeitar a ciência como um todo.

Chama a atenção também o modo particular como outros aspectos decorrentes de conexões e ressignificações próprias do contexto latino-americano operadas sobre tendências globais aparecem no contexto do presente estudo. Esse parece ser o caso da identificação entre as lutas latino-americanas, que ocorreram principalmente entre o fim dos anos 1990 e o início dos 2000, contra o saqueamento das propriedades públicas pelo capital operados por uma agenda neoliberal imposta por países ricos, com o combate por parte dos militantes do software livre contra a apropriação privada de códigos livres. Considero que a forma como a relação com o Estado é colocada no contexto do presente estudo, na qual ele aparece como instância de apelação nas disputas entre o interesse social e o mercado que possui alguma entrada eventual para formas menos convencionais de produção do conhecimento, tem matizes sutis desse ideário. Vimos também que a extrapolação das pautas do movimento software livre na agenda ampla do Fórum Internacional organizado pelos militantes brasileiros ainda se desdobrou em iniciativas que, de certa forma, informaram a Nuvem, como foi o caso da Casa das Sementes Livres. Em paralelo com o software livre e sua atuação para evitar que o software produzido coletivamente vire instrumento de apropriação privada, a Casa das Sementes Livres atua no sentido de desnaturalizar relações sociais capitalistas que se baseiam na propriedade privada de recursos naturais, ao promover alternativas. Essas iniciativas diversas, que têm localizações

singulares, possuem como característica comum a atuação em cenários de disputa internacionais nos quais se espera que o Estado atue como uma espécie de abalizador.

Ainda no terceiro capítulo, também tratei do modo como os compromissos firmados entre a Nuvem e aqueles que são chamados para ir até a serra participar das suas atividades afetam a relação desses últimos com “não acadêmicos” – mais especificamente, com a comunidade local. Isso, em parte, porque a composição dos participantes credenciados por formulários de inscrição que vêm de outros lugares para participar de suas atividades é eminentemente de pessoas que possuem alguma entrada na universidade. No caso dos laboratórios, os projetos a serem trabalhados durante a estadia na Nuvem são propostos e selecionados de antemão, de forma que os participantes chegam lá depois de já terem se identificado como alguém que deseja propor ou se envolver no desenvolvimento de um ou mais projetos, além de ter o compromisso de fazer a documentação. Logo, mesmo os projetos que têm em vista ir ao auxílio da comunidade são propostos por jovens eminentemente moradores de grandes cidades que não necessariamente possuem alguma relação prévia com a comunidade local. Seguindo uma metodologia desenvolvida pelo Medialab-Prado, da Espanha, os participantes chegam até a serra na condição de proponentes, colabores, mentores, coordenadores. Enquanto as chamadas voltadas para proponentes mencionam a presença de colaboradores para os projetos propostos como atrativo, as chamadas para colaboradores destacam suporte técnico e teórico provido pelos mentores como chamariz.

Durante o *Contralab:Reboot*, no qual desenvolvi parte do meu trabalho de campo, os projetos (selecionados por participantes de atividades anteriores da Nuvem) foram voltados idealmente para envolvidos em iniciativas coletivas e/ou ativistas, manifestantes etc. A exceção foi o Jogo do Golpe, que almejava envolver adolescentes em uma atividade lúdica e didática sobre o jogo político. Logo, além de algumas participações remotas que foram arranjadas online, o desenvolvimento dos projetos durante o laboratório foi feito por aqueles que tinham se credenciado e deslocado até o Vale do Pavão para participar da atividade. Já no *Interactivos?16*: “Água e Autonomia” havia um esforço para envolver a comunidade da Serrinha do Alambari concentrado principalmente na “mediadora” Meire Alves, que vive na Serrinha e também foi responsável por gerenciar o fornecimento de provisões para o laboratório. Além disso, um dos participantes da comissão de seleção de projetos foi Luís Felipe César, diretor da ONG Crescente Fértil e presidente da Agência do Meio Ambiente de Resende, município que abrange a Serrinha. Luís Felipe César participou da primeira reunião geral do laboratório, forneceu mapas e folhetos explicativos, tirou dúvidas sobre a localização dos rios e o abastecimento de água na

região. Meire Alves fez pontes entre os participantes credenciados e a escola pública local, onde algumas atividades foram desenvolvidas, incluindo a construção de um viveiro e um sistema de saneamento integrado.

No *Contralab:Reboot* eram realizadas quase que simulações, por exemplo, quando disputávamos partidas do Jogo do Golpe, que era voltado para adolescentes. Esse público, que não estava presente nem representado, idealmente encontraria o jogo online para fazer download e até se valeria do código disponível no GitHub<sup>137</sup> para fazer cartas novas de acordo com os últimos acontecimentos.

Acompanhar essa investida em outras formas de conhecer, que têm esse caráter de simulação, foi fundamental para a identificação dessa relação que se estabelece, na qual é mais importante o modo como os esforços ali se concentram mais no desencadeamento de um processo – ou, ainda, na comunicação – do que na produção daquela realidade material onde a iniciativa é sediada. Também pareceu um sinal de que não estávamos produzindo para aquela realidade, mas uma outra, a constatação que se fossem feitas “marcas” na casa do Vale do Pavão simbolizando violências que foram relatadas ali, mas que se deram em outros contextos, tais sinais ficariam deslocados. Os relatos e as “marcas” foram pensados como parte do projeto “Ferramentas coletivas para organização comunitária contra as violências”. Esse deslocamento, no caso, se daria porque faltariam as pessoas que estavam convivendo ali temporariamente para respaldar o sentido que estaria por tempo indeterminado marcado nos ambientes da casa, que por sua vez acomoda grupos apenas temporariamente e com bastante rotatividade. Além disso, faltaria um lugar na própria narrativa mais geral na Nuvem, que também estava sendo construída naquele momento, para acomodar a bagagem de violências vividas em outras iniciativas coletivas. Afinal, seriam essas mesmas iniciativas que formariam a comunidade ideal ou o público-alvo para a recepção das “ferramentas”, extensamente documentadas na wiki. Em última instância, fazer “marcas” na casa não seria uma atividade comportada dentro do escopo de produção de conhecimento reproduzível, que a iniciativa tem como foco.

Mesmo quando há um esforço de envolvimento com a comunidade local, as rotinas do laboratório ainda parecem ter como prioridade entregar sentido em outros endereços, mais especificamente para essa comunidade que chamo aqui de ideal, que se conectaria com a iniciativa através da documentação disponibilizada online. Vimos também o modo como o grupo

---

<sup>137</sup> Empresa detentora de uma plataforma online que reúne 23 milhões de usuários ofertando funcionalidades como armazenar códigos de computador, acompanhar atualizações e discussões. Foi comprada pela Microsoft em 2018.

que conduziu o projeto “Sistemas agroflorestais (SAF) como estratégia para a conservação de matas ciliares e nascentes”, no *Interactivos?* 16 tinha expectativas sobre a sua relação com a comunidade que iam além de obter o aval para que o SAF fosse implantado em uma propriedade privada. Na documentação do projeto, os proponentes e colaboradores também escreveram sobre como esperavam que os moradores locais, com os quais se depararam ao longo dos dias nos quais estavam sendo levados a cabo a implantação do SAF, tivessem conhecimentos que pudessem ser incorporados ao projeto em desenvolvimento. É interessante notar que aquilo que se espera desses moradores é colocado nos mesmos termos do que se espera dos colaboradores que são credenciados para participar do laboratório, uma vez que “somar conhecimentos” foi uma expressão presente em todos perfis que descrevem na chamada do evento o tipo de colaboradores desejados para cada um dos cinco projetos desenvolvidos no *Interactivos?* 16.

Dentro do escopo do mesmo projeto foi anunciado um curso, “Sistema Agroflorestal para Recuperação de Mata Ciliar e Geração de Renda”, que tinha como objetivo disseminar um entendimento de que a área do entorno dos rios – que têm sua proteção determinada por lei – não precisa ser necessariamente “improdutiva” porque poderia ser agroflorestal. É notável que há uma preocupação ambiental e social, ou seja, que o projeto não é redutível a um interesse dos membros do grupo em investir em si mesmos enquanto profissionais. Ainda assim, esse também esse projeto precisaria atender à demanda de ser “replicável”, ou seja, estar disponível ou documentado de modo que possa ser retomado a partir de qualquer ponto e ter sua existência reconfigurada, num processo contínuo que não tem necessariamente uma conclusão em vista. Em última instância, a produção do sentido de que uma atividade rentável não precisa necessariamente ser predatória a ponto de deteriorar as matas ciliares e rios parece trazer para um segundo plano a produção da realidade material que o próprio projeto anuncia, que teria a ver com as condições para o comércio local de produtos provenientes do SAF. Por fim, o próprio compromisso da documentação – que também é significada como processual, incompleta, passível de retomada e reconfiguração – é colocado como uma contrapartida a ser dada pelas pessoas que se deslocam até a serra fluminense para participar das atividades da Nuvem, em retribuição pela acolhida temporária. A relação com a localidade onde são recebidos os participantes das atividades parece, portanto, mais pautada por um sistema de compensação no sentido do

próprio termo empregado, “contrapartida”<sup>138</sup>, que por laços de reciprocidade com a comunidade local.

Considero essas características como aquilo que define a comunicação como prioridade na Nuvem. Essa prioridade é configurada a partir do estabelecimento da documentação como um *non-disclosure agreement* ao contrário, que faz com que os participantes credenciados já cheguem nas atividades com o compromisso de disponibilizar online detalhes sobre o que se está fazendo e assim tornar os projetos “replicáveis” e “não comerciais”, conforme as condições estabelecidas nas licenças sob a qual se encontra o conteúdo da documentação. Ao se voltar para uma comunidade ideal, que também estaria envolvida no “aprender fazendo”, o compromisso da documentação endereça a produção de uma realidade que já não é aquela do laboratório. Além disso, a documentação atribui sentidos e também tem efeitos sobre o próprio modo como os projetos são conduzidos durante as atividades – uma vez que dizer algo sobre o que se faz (seja em imagem, vídeo, texto, etc) em geral envolve justificar e planejar tanto escolhas que foram feitas quanto as que ainda estão por fazer. Esse discurso mais informal de formulação mais imediata que aparece eminentemente na documentação, mas não exclusivamente nela, também reforçam sentidos de descentralização, incompletude, perenidade atribuídos aos projetos.

Ao mesmo tempo em que as expectativas em relação a essa comunidade ideal que aprende fazendo estão presentes na documentação e em outras manifestações, o que os moradores da região rural de Resende de fato fazem a partir daquilo que lhes é proposto e realizado pelos proponentes e colabores dos laboratórios não está determinado nem explícito nos discursos. É possível dizer que o próprio caráter temporário dos arranjos organizados pela Nuvem favorece esse efeito de indeterminação sobre o alcance das consequências de cada projeto. No entanto, essa indeterminação sobre qual será a finalidade daquilo que é realizado durante a estadia não se resume a uma característica acidental ou efeito secundário dos formatos desses arranjos. Não pré-determinar também aparece como uma premissa das atividades que a iniciativa organiza. Vale a pena retomar o aqui software livre como referência para entender essa significação, e mais especificamente uma das liberdades que são mencionadas exaustivamente por quem tenta defini-lo: a liberdade de uso sem discriminação. Um militante do software livre – seja mais identificado ou guarde mais características tanto do grupo *free* quanto do grupo

---

<sup>138</sup> Conforme citação na página 65, a chamada do EncontrADA afirma que “Trabalhamos de maneira aberta, essa será sempre nossa contrapartida.”

*open* – não se responsabiliza pelos usos que serão feitos daquilo que foi produzido e tampouco determina o que pode ou não ser feito a partir do código produzido. Isso porque o software livre é feito para circular socialmente, de modo que combater o bloqueio dessa circulação (ou, no caso do grupo *free*, a apropriação privada dessa produção) é uma premissa de seus militantes. No caso da Nuvem, a recusa da pré-determinação acaba configurando um apagamento dos efeitos daquilo que é realizado nas atividades que organiza – seja para responsabilizar ou para reclamar reconhecimento, o que torna suas consequências quase que não atribuíveis à iniciativa.

Entretanto, não estamos falando de investidas totalmente ingênuas na comunicação, considerando que, assim como há uma mobilização do sentido de “rede de confiança”, também vimos que certas desconfianças contra atores e instituições sociais que são considerados formalistas, piramidais e autoritários reverberam no contexto do presente estudo. Essas desconfianças também são particularmente direcionadas às grandes empresas de informação e comunicação, que se valem do sigilo de operações que mencionamos anteriormente, além daquelas que são consideradas perfeitas imagens de corporações monopolistas, como a Rede Globo. Em última instância, identifiquei ocasiões em que houveram exceções nas quais a documentação ser opcional ou protegida – seja por questões estratégicas ou para preservar o anonimato do participante que assim deseje. Entretanto, a documentação, que é produzida em caráter mais imediato e informal, não deixa de alimentar também a ideia de um fluxo de comunicação que ainda se acredita eminentemente positivo.

É notável a força de algumas ideias, como essa do fluxo sempre positivo de comunicação, e o modo como elas são reativadas. A proposta da cibernética de tornar comparáveis mecanismos e sistemas de comunicação, controle automático e regulação nos organismos biológicos e nas máquinas é a base dessa realidade científica e tecnológica na qual vivemos. A cultura hacker, que ganhou consistência no caldo da crítica ao poder concentrado e tomou a cibernética como base científica para a sua exploração lúdica das máquinas, acabou ajudando a criar tecnologias de dominação e controle ainda mais poderosas do que aquelas que criticava, um controle que é exercido eminentemente via comunicação imediata. Esse pano de fundo, que foi determinante na escolha por fazer a análise a partir da Ideologia da Califórnia ou cibercultura, também diz respeito à importância que essas ideias tiveram no alavancamento da exploração comercial de uma massa de dados gigantesca – que não se resumem à dados de navegação, mas de mensurações diversas como aquelas obtidas por câmeras de vigilância, sensores, monitores cardíacos etc – com implicações ainda pouco exploradas, assim como seu potencial de informar sobre grupos, pessoas e sociedade (EVANGELISTA, 2018). Hoje os poderosos não

se valem apenas da possibilidade de lucrar explorando essa massa de dados, mas também de ter condições de se proteger melhor dos efeitos dessa exploração em suas vidas – o que reforça barreiras sociais.

Ao longo do trabalho de campo, pude observar aproximações bastante pertinentes operadas pela Nuvem como a ponte entre a cultura hacker e questões de gênero, assim como importância dada nesse contexto à afirmação da diversidade cultural. Considerando que essa é uma cultura forjada eminentemente por homens, me parece importante que nesse espaço tenha acontecido a discussão abordada no segundo capítulo sobre machismo, assédio moral e abuso sexual. Também há outras partes dessa cultura, como a que considera a relação dos hackers com o trabalho como exemplar – sendo para o hacker o principal atrativo para um trabalho o estímulo intelectual que ele proporciona – que foram distorcidas em pressão para que os trabalhadores não se fiem na quantia que recebem pelas horas trabalhadas e busquem compensação na realização da atividade profissional em si. Logo, a exploração exercida pela indústria da informação não se reduz à operações comerciais que se valem de dados pessoais expropriados massivamente – as próprias empresas do capitalismo informacional concentram lucros e controle das infraestruturas de comunicação nas mãos de uns poucos enquanto colecionam histórias de jornadas de trabalho estafantes e longas. Considero como um incômodo esse rebaixamento do cansaço e da rotina repetitiva ao nível de problemas menores se comparados às imaginações sobre o futuro, comodidades e abundância que essas empresas exportam. A valorização dos sujeitos a partir dos processos mentais, algo bastante presente na cultura hacker que ganha outras matizes na Nuvem, parece estar ideologicamente significada pela indústria da informação como capaz de delegar à mente a função de exercer controle sobre o corpo a ponto de blindá-lo contra a exaustão. Talvez por isso faça algum sentido pensar em pontes ainda a serem feitas, possivelmente com a abordagem crítica dessa relação entre compensação, trabalho, corpo e processos mentais, uma vez que o esforço produtivo é parte importante dos arranjos feitos ali.

Conforme também pude observar, a Nuvem foi abrigo de questionamentos e organizou atividades que trouxeram elementos significativos a respeito dessa perspectiva que insiste em enfatizar a importância dos processos mentais em detrimento dos corpos, as localidades e as infraestruturas. Outras formas de rompimento com estruturas de pensamento como essas descritas nesse trabalho podem se valer também da incorporação de identidades mais diversas, de forma a ampliar os saberes e as vozes na construção das relações com as tecnologias.

Por fim, as escolhas que fiz ao longo do percurso da pesquisa produzem agora mesmo efeitos, alguns deles mais, outros menos intencionais. Considerando a inserção do presente estudo no campo da divulgação científica e cultural e as limitadas referências que me cabem mobilizar dentro de minha especialidade, que é a comunicação, trouxe para esse estudo questões que acreditava que me pertenciam. A importância que a comunicação tem nesse contexto acabou sendo uma coincidência observada no decorrer do estudo, uma vez que esse trajeto começou informado por manifestações de preocupações dos próprios sujeitos envolvidos em discussões sobre apropriação indevida daquilo que é produzido nos laboratórios, algo que durante o trabalho de campo se mostrou sobreposto por questões mais centrais que aquelas que enfatizei no momento de formulação inicial da pesquisa. A escolha dos meus informantes a partir da organização da própria Nuvem acabou por produzir uma ausência, que é a ausência da comunidade local no texto da dissertação. Como as atividades são propostas por pessoas que não vivem ali, a participação dessa comunidade acaba conformada à disposição de coordenadores, proponentes e colaboradores que vêm de outros lugares em envolvê-los nos arranjos temporários das atividades da Nuvem. No relacionamento dessas pessoas com a comunidade local – que se dava em função de demandas como tirar dúvidas, fazer pontes, conseguir autorizações – foi frequente a predominância de sentidos que tinham mais a ver com a leitura que os participantes credenciados tinham da comunidade local em vez de sentidos que a própria comunidade constrói sobre si mesma.

Depois da recuperação de versões anteriores de textos de apresentação da própria Nuvem, que contém a ideia de que o deslocamento de moradores de grandes centros urbanos para áreas rurais seria intelectualmente estimulante, a comunidade local aparece brevemente em episódios do segundo capítulo, com destaque para a expectativa dos próprios proponentes e colaboradores de que os moradores da Serrinha “somassem” seus conhecimentos ao projeto de implantação do sistema agroflorestal. Também morador da Serrinha, Luís Felipe César, presidente da Agência do Meio Ambiente de Resende, expressou reticência sobre uma iniciativa coletiva anterior da própria comunidade local que envolveu “dois biólogos que queriam fazer da melhor forma possível” a captação para um sistema de abastecimento de água. Ainda que sejam momentos referenciados e a comunidade apareça de relance, esses vislumbres informam coisas importantes sobre os limites das intenções nessas relações que se estabelecem tendo em vista a produção de conhecimento, por melhores que essas intenções sejam. O apagamento da comunidade local, no caso da dissertação, é consequência de uma escolha, mas pode ajudar a pensar de que forma nós – que temos alguma entrada na universidade – teríamos condições de

concentrar esforços em articulações menos compensatórias e mais recíprocas quando atuamos, por exemplo, em pesquisa de campo.

Considerando que as barreiras de acesso ao ensino universitário são notáveis – e que os participantes credenciados das atividades da Nuvem são eminentemente pessoas que têm alguma entrada na universidade –, essa questão da aproximação poderia ser ela mesma o foco da pesquisa. Essa questão ganhou uma relevância própria na relação entre acadêmicos e não acadêmicos na medida em que a ciência vem sendo desfinanciada pelo Estado brasileiro, levando os cientistas a uma maior preocupação com as possibilidades de intercâmbio e inserção da ciência na sociedade.

Uma outra abordagem possível seria observar a inserção da Nuvem na região a partir da textura das relações que se dão entre os membros da própria comunidade local, situar tradições e a produção daquela realidade material para traçar a forma como eles se constroem como comunidade e como enxergam a entrada da iniciativa que traz a perspectiva da comunicação descentralizada em rede e jovens urbanos para estadias temporárias na região. Mesmo durante o laboratório na Serrinha, também recebemos a visita de uma professora universitária do campus de Resende que sugeriu transformações que estariam sendo operadas na realidade local, ao falar sobre os planos de construção de um tecnoparque com financiadores privados da região e foco na tecnologia sustentável. Entretanto, reconheço que o fato de ter pisado pela primeira vez em Resende já com o objetivo de realizar o trabalho de campo com um projeto de pesquisa pautado por preocupações que foram manifestadas por pessoas envolvidas em organizar laboratórios – ainda que essas preocupações tenham sido sobrescritas por outras questões ao longo da pesquisa – foi decisivo na produção desse efeito de ausência dos moradores locais, que poderiam ter sido meus informantes.

A opção de percurso de pesquisa foi, portanto, por recuperar práticas e tradições herdadas do passado na medida em que elas são influentes na concentração de esforços para produzir a realidade cultural e tecnológica – que no processo de digitalização passaram a ser uma coisa só – e ajudam entender o modo como se definem socialmente as práticas e os sujeitos nas atividades da Nuvem, a partir dos participantes que se deslocam até a região para lá permanecerem temporariamente. Essas definições acabaram ressignificando, acrescentando outros sentidos, recombinao e deixando de lado partes dessas práticas e tradições. Num mesmo movimento, também são guardados traços de alguns dos vícios da cultura hacker, que seguem

informando outras práticas e sendo escalada em disputas no mesmo quadro ideológico que descrevemos até aqui.

Essas escolhas foram feitas em função de um desejo de dar ênfase às principais formas circulação e a distribuição de conhecimento vigentes, que funcionam como fio condutor do presente estudo, por considera-las como construções que foram elaboradas e ideologicamente significadas em disputas até assumirem os contornos que têm hoje ao incidir e se manifestar em mobilizações que acrescentam, modificam e esquecem partes dessa ideologia. É inegável que a cultura hacker se desdobrou em iniciativas, como o software livre, que se valeram de partes dessa realidade tecnológica e cultural que começava a despontar para operar uma espécie de desvio nos rumos planejados para a infraestrutura comunicacional – algo que parecia já traçado e bem distante da maior parte das pessoas. Enquanto a exploração comercial dos códigos que colocava em circulação era bastante dificultada, o conhecimento se tornava mais democrático para milhões de pessoas (EVANGELISTA e FONSECA, 2016, p. 37).

A Nuvem reativou a seu modo ideias como a da utopia da comunicação descentralizada em rede, ressignificando a cultura hacker a partir da ideia de laboratório como lugar do experimento artístico, que não deixa de ser científico, atribuindo um sentido ao próprio deslocamento com origem nos grandes centros urbanos e destino rural como algo criativamente e intelectualmente estimulante. Na prática, a iniciativa primordialmente organizou encontros entre hippies e hackers promovendo aprendizado, construção e inserção social. A importância da produção de sentidos sobre o que estava sendo realizado se mostrou mais central que produzir aquela realidade material, mirando em receptores ideais dispersos que levariam a cabo a realização do caráter replicável dos projetos que a Nuvem seleciona para serem realizados ali.

Sua capacidade em concentrar esforços eminentemente de voluntários parece ter estabelecido um modelo de autogestão, ao mesmo tempo que o papel da própria iniciativa se mostra ambíguo entre continuar a selecionar assim como oferecer condições para certos projetos serem realizados e construir sua reputação de modelo a ser seguido. Parece sensato pensar que essa tensão entre se projetar para uma escala maior que o espaço de convivência e colocar a própria Nuvem no quadro de projetos passíveis de serem eventualmente “replicados” por outras iniciativas vem da coexistência entre as intenções de se levar em conta tanto as barreiras de acesso à tecnologia quanto a concentração de poder no controle das infraestruturas informacionais e de comunicação. Logo, as experimentações da Nuvem tem um sentido de se fazer per-

ceber e sentir que é possível ocupar de modo mais coletivo um lugar nas relações com as tecnologias, que não é o da impotência ou da dependência. Ao mesmo tempo que prezam por reinaugurar a linguagem tecnológica de forma criativa e estimulante, suas atividades também não deixam de render produtos culturais-tecnológicos.

Em certos momentos, a Nuvem parece configurar um terreno de conflitos no qual se decide entre aderir ou se opor a certas tendências liberadas de operações sobre a cultura hacker, os padrões da vida urbana, a apreensão do mundo a partir de uma racionalidade cartesiana, entre outras coisas, em arranjos breves que emergem de interesses convergentes sem que se possa enxergar de imediato alguma continuidade. Nem por isso, no entanto, sua atuação é redutível à gestão de pessoas e à mediação da incidência de tendências internacionalizadas. Também se encontraram ali vislumbres de uma produção de sentido mais situada, principalmente na recuperação de uma certa historicidade que diz respeito à própria iniciativa – como no caso do quadro de cuidados com a casa, uma prática que foi adotada primeiramente como uma proposta a partir do encontro feminista *EncontrADA* –, na aproximação com ativismos no *Contralab:Reboot* e com a comunidade local no *Interactivos?’16*. A partir de uma agenda que coloca em relação ecologia, arte, tecnologia e ciência também vimos que a iniciativa acabou fazendo pontes interessantes no sentido de pensar a realidade tecnológica e cultural para além da difusão do uso das tecnologias digitais.

A residência artística *Resiliência* foi a última atividade organizada como parte da Nuvem. Talvez seja razoável afirmar que a combinação do esmero do experimento científico com o desgarramento hippie têm sido abraçada desde então com outras ênfases, novos significados e reforços que forjam novas imaginações sobre o futuro. É difícil dizer que benefícios serão tirados de qualquer diferenciação, mas talvez faça sentido explicitar as operações feitas sobre essa cultura caso consideremos como necessário encarar as suas contradições.

## REFERÊNCIAS

BARBROOK, Richard. The high-tech gift economy. *First Monday*, v. 3, n. 12, 7 Dec. 1998. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/631/552>> Último acesso em: 28 out. 2017.

\_\_\_\_\_, Richard. *Futuros Imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo: Petrópolis, 2009.

\_\_\_\_\_, Richard e CAMERON, Andy. Californian Ideology. 1995. Disponível em: <[http://www.alamut.com/subj/ideologies/pessimism/califIdeo\\_I.html](http://www.alamut.com/subj/ideologies/pessimism/califIdeo_I.html)> Último acesso em: 20 de junho de 2017.

BRUNO, F. Tecnologias cognitivas e espaços do pensamento. In: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv. (Org.). **Livro da XI Compós 2002: Estudos de Comunicação**. Sulina, 2003, v. 1, p. 193–217. Disponível em <<http://files.grupo-limiar.web-node.com/200000020-25fdc26f6d/Tecnologias%20cognitivas%20e%20espa%C3%A7os%20do%20pensamento.pdf>> Último acesso: 27 de junho de 2018.

COLEMAN, E. Gabriella. *Coding Freedom: The Ethics and Aesthetics of Hacking*. Princeton University Press, 2013.

CRUZ, Leonardo Ribeiro da. *Internet e arquiteturas de controle: as estratégias de repressão e inserção do mercado fonográfico digital*. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2014 Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000941869>>. Último acesso em: 2 de abril 2017.

CURADO, Fernando F. e TAVARES, Edson D. Agroecologia: abordagens na busca da autonomia do campesinato brasileiro. In: *Ciência & Cultura/Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. P. 26-28. Unicamp/SP. 2017.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DUFFY, Brooke Erin e POOLEY Jefferson D. ‘Facebook for Academics’: The Convergence of Self-Branding and Social Media Logic on Academia.edu. **Social Media + Society**, março de 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/2056305117696523>> Último acesso em: 19 de abril de 2017.

EVANGELISTA, Rafael. *Traidores do movimento: política, cultura, ideologia e trabalho no software livre*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_, Rafael. “O movimento software livre do Brasil: política, trabalho e hacking”. *Horiz. antropol.* [online]. 2014, vol.20, n.41, Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832014000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000100007&lng=en&nrm=iso)> Último acesso: 22 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_, Rafael. *Para além das máquinas de adorável graça: cultura hacker, cibernética e democracia*. Edições Sesc SP. São Paulo. 2018.

\_\_\_\_\_, Rafael e FONSECA, Felipe S. “Reconhecimento e superação da exploração capitalista em redes criativas de colaboração e produção”. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 25-39, maio 2016, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v12i1.861>> Último acesso: 28 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_, Rafael e KANASHIRO, Marta. Cibernética, Internet e a nova política dos sistemas informacionais. In: **GABINETE DIGITAL - Análise de uma experiência** (p. 57-72), 2013.

FONSECA, Felipe S. *Redelabs: Laboratórios Experimentais Em Rede*. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna et al. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tradução e organização: Tomaz Tadeu 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-118]

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Nova York: Routledge, 2011.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Campinas, Campinas. SP. 2004.

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007

MACHADO, Jorge. Desconstruindo “Propriedade Intelectual”. *Observatorio (OBS\*)*, v. 2, n. 1, p. 245–275, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural. 1978.

MAYA, Tadzia de Oliva. “Casa das Sementes Livres”. *Revista Agriculturas*, v. 11 - n. 1, (p. 28- 32). abril de 2014.

MENDONÇA, Cinthia. Espaços periféricos ou rurais que possuem instâncias efêmeras, móveis, projetadas sobre a terra. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, SP, Brasil, p. 45 - 55, 04 dez. 2015.

MOROZOV, Evgeny. *The Net delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. New York: PublicAffairs, 2011.

PAIM, Claudia T. *Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea*. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

PARRA, Henrique Zoqui Martins. *O Leviatã e a rede: mutações e persistências político-estéticas*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2009 Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000448289>>. Último acesso em: 30 de março 2017.

RODRIGUES, C. C. *Entre Corpos, Tempos e Sujeitos: Ciências, Políticas e Artes improvisando Identidades*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2011.

ROUVROY, Antoinette; BERNIS, Thomas. “Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação?” *Revista Eco-Pos*, vol 18, n. 2, 2015.

TERRANOVA, Tiziana. *Network Culture: Politics for the Information Age*. London and Ann Arbor, MI: Pluto Press, 2004.

TURNER, Fred. *From Counterculture to Cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the Rise of Digital Utopianism*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2006.

\_\_\_\_\_, Fred. *The Democratic Surround: Multimedia & American Liberalism from World War II to the Psychedelic Sixties*. Chicago: U of Chicago P, 2013.

\_\_\_\_\_, Fred. *Where the Counterculture Met the New Economy. The WELL and the Origins of Virtual Community*. **Technology and Culture**. Julho de 2005. Disponível em: <<http://fredturner.stanford.edu/wp-content/uploads/turner-tc-counterculture-new-economy.pdf>> Último acesso: 27 de julho de 2018.

VICENTIN, Diego. *A reticulação da banda larga móvel: definindo padrões, informando a rede*. Tese (doutorado em Sociologia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000973421>> Último acesso em: 3 de abril de 2017.

WOLF, Eric. *Culture: Panacea or Problem?, Pathways of Power: Building an Anthropology of the Modern World*, Berkeley, University of California Press, 307-319. 2001 [1984]. (edição original: *American Antiquity*, 49, 393-400)

\_\_\_\_\_, Eric. *Envisioning Power*. University of California Press, 1999.